O TÃO AGUARDADO DESFECHO DA SÉRIE
TRÊS COROAS NEGRAS



CINCO DESTINOS SOMBRIOS

KENDARE BLAKE

Alt



Cinco Destinos Sombrios

Five Dark Fates

KENDARE BLAKE

Tradução
Isadora Sinay





Foto: Shawn H. Nichols

Kendare Blake é autora da série best-seller *Três coroas negras*. Seus livros já foram traduzidos para mais de vinte idiomas, figuraram em listas de melhores do ano e receberam diversos prêmios literários. Kendare mora e escreve em Gig Harbor, Washington. Saiba mais sobre ela em www.kendareblake.com.

Sumário

Pular sumário [»»]

Lista de personagens
- Sunpool
- Indrid Down
- Greavesdrake Manor
- O Volroy
- Sunpool
- O Volroy
- Sunpool
- Indrid Down
- Sunpool

As quatro rainhas
- O Volroy
- Sunpool
- Templo de Indrid Down
- Greavesdrake Manor
- Sunpool
- O Volroy
- Sunpool
- O Volroy

Indrid Down
O Volroy
Indrid Down
O Volroy
O desfile
Indrid Down
O Volroy
Indrid Down
O Volroy
O Volroy
Sunpool
Greavesdrake Manor

Os dois prisioneiros

Sunpool
O Volroy
Sunpool
O Volroy
Sunpool
Bastian City
O primeiro templo
Sunpool
Indrid Down
Sunpool

A Guerra das Rainhas

Templo de Indrid Down
Sunpool
Indrid Down
Monte Horn
O acampamento rebelde
Indrid Down
O acampamento rebelde
O campo de batalha

Indrid Down
O campo de batalha
O Volroy
O campo de batalha
O Volroy
O campo de batalha
A rainha da legião

Epílogo
Agradecimentos
Créditos

Lista de personagens

As rainhas

Rainha Mirabella, a grande elemental Rainha Arsinoe, a Rainha Urso
Rainha Katharine, a Morta-viva, a Rainha Coroada **A Coroa O Conselho Negro** Genevieve Arron, *envenenadora*
Pietyr Renard, *envenenador*
Antonin Arron, *envenenador*
Lucian Arron, *envenenador*
Paola Vend, *envenenadora*
Renata Hargrove, *sem dádiva*
Bree Westwood, *elemental*
Rho Murtra, *sacerdotisa*
Alta Sacerdotisa Luca
Elizabeth, *sacerdotisa*

A Rebelião

Jules Milone, a Rainha da Legião
Emilia Vatros, *guerreira*
Mathilde, *oráculo*
Billy Chatworth, *continetal*
Caragh Milone, *parteira do Chalé Negro*
Cait Milone, *naturalista*
Ellis Milone, *naturalista*
Luke Gillespie, *naturalista*

Matthew Sandrin, *sem dádiva*
Gilbert Lermont, *oráculo*
Camden, *uma Familiar*
Braddock, *um urso*


Fennbirn e Continente
CENTRA
BEVELLET
FENNBIRN
VALOSTRA
SALKADES
N
O
L
S

Sunpool

Arsinoe, rainha fugitiva da Ilha de Fennbirn, está sentada com o rosto impassível diante da escrivaninha, cercada por bolas amassadas de pergaminho. Ela só dormiu por algumas horas e a luz que entra pela janela de pedra machuca seus olhos; mostra as olheiras escuras abaixo deles e o tom cinzento do seu rosto. Não que tenha alguém lá para ver. Sua única companhia é uma gata-da-montanha marrom com uma cauda de ponta preta, acorrentada à parede. E o eventual estrondo atrás da porta fechada da câmara interna, quando o tônico que ela deu a Jules para mantê-la em um estupor começa a perder o efeito.

Arsinoe vira a cabeça e encara a madeira. Jules Milone, a Rainha da Legião de Sunpool, está atrás daquela porta. Suas mãos e pés estão amarrados. Os vasos sanguíneos que se romperam em seus olhos com a força da maldição da legião sendo desatada começaram a cicatrizar. Mas Arsinoe nunca vai se esquecer da aparência da amiga quando Emilia a trouxe da batalha para casa. Jules com os dentes arreganhados e olhos injetados de sangue sempre estará lá, espreitando por trás das pálpebras de Arsinoe quando ela vai dormir.

— Mas ela vai melhorar — sussurra, uma promessa para a gata-da-montanha. A única resposta de Camden para essa promessa é um rugido baixo e profundo. — Ela vai — Arsinoe diz de novo e esfrega o rosto com as mãos, tentando juntar o que restou de sua energia. — Não rápido o suficiente para você, eu sei. Mas ela vai.

Enquanto isso, há a questão da carta. O motivo para ela ter arrastado a pequena escrivaninha para a torre isolada, para começar. Ela toca a caneta no papel e observa a tinta se acumulando. Como ela pode contar a eles que sua filha havia sido feita refém e então foi assassinada por Katharine, a Morta-viva? Como contaria isso para qualquer pessoa, ainda mais para Cait e Ellis Milone, que são como avós para ela?

Passos soam na escada e Arsinoe geme. Ela quase atira o tinteiro quando vê que é Billy, esperto o suficiente para entrar primeiro com uma bandeja de comida e só depois enfiar o rosto pela porta.

— Eu trouxe bolinhos de aveia e mel. Alguns ovos cozidos. E chá.

— Chá forte?

— Tão forte que poderia ser uísque. — Ele entra e coloca a bandeja no canto da escrivaninha, molhando a pequena pilha de pergaminhos amassados. Então ele passa a mão pelo cabelo dela e beija a pele suave de sua têmpora. — Você está com uma aparência péssima. Talvez eu devesse ter trazido uísque de verdade.

— Como eu escrevo essa carta? — ela pergunta. — Como eu conto a Cait e Ellis que Madrigal está morta? Como eu conto a eles que Jules está fora de si?

— Deixe de fora os detalhes sobre a condição de Jules. — Ele serve o chá e pinga mel sobre os bolinhos de aveia. — Isso é melhor fazer pessoalmente. Mas você vai precisar escrever para eles, e logo. Eles vão querer estar aqui para a cremação da filha.

Quando o sol nasceu, ela tinha andado para perto da janela para olhar a praia. As pedras cinzas e chatas do litoral rochoso de Sunpool não se parecem com a areia da Enseada de Sealhead, mas vão ter de servir.

— Emilia ainda está reclamando por causa do local? — A guerreira havia sugerido que fizessem o funeral na praça. Arsinoe insistiu para que Madrigal fosse queimada perto da água. Uma naturalista deveria ser queimada na natureza.

— Não. Ela é teimosa, mas confia que você sabe o que é melhor nesse caso. O que Jules iria querer, se pudesse nos dizer.

Arsinoe desdenha.

— Ela é teimosa. Mas o que mais a incomoda é que foi minha sugestão. Uma ordem, de uma rainha.

— Só que não foi isso — diz Billy, com um pouco de cuidado demais. Ele, tanto quanto Emilia, não quer ver Arsinoe de volta nesse papel.

— Não. Não foi isso. — Ela coloca sua mão na dele e então suspira e pega sua xícara de chá. — Mas até que Jules esteja bem de novo, quais as opções além de Mira e eu? Falando em Mira, eu deveria ir até ela. Nós vamos precisar da dádiva dela na praia, para acalmar os ventos e aumentar as chamas. — Ela se levanta rápido demais e vira a bandeja, derrubando chá no pergaminho em branco. — Dane-se tudo!

— Xingando como uma continental, veja só — diz Billy enquanto a ajuda a secar.

Ela sorri.

— Vocês têm xingamentos muito melhores. Nós nunca deveríamos ter voltado. Deveríamos ter ficado lá.

— Não. Daphne e aqueles sonhos estavam certos. Você e Mira são necessárias aqui. O que estaria acontecendo com Jules sem você e suas poções de envenenadora? O que a névoa teria feito se não fosse o vento e a tempestade de Mira? Você é necessária. Só que não para sempre.

— Não para sempre — ela repete e pega a mão dele, seu toque como uma promessa. Eles se viram com o som de passos apressados subindo as escadas e se separam quando Emilia entra, com o rosto corado e longas mechas de cabelo escuro descendo pelos ombros.

— Jules ainda está descansando — diz Arsinoe. — E eu quase acabei de escrever as cartas.

— Esqueça as cartas. — Emilia dá passos largos pelo cômodo e bate com um pedaço de pergaminho na mesa. — Nós temos um problema muito maior.

Arsinoe pega o papel e lê.

É uma letra elegante e apressada, escrita por uma mão desconhecida.

Nós falamos com a rainha e também acreditamos que ela está sendo sincera. Partimos para Indrid Down. A decisão é sua, estaremos aqui se precisar de nós.

- B&E

— Isso foi achado no quarto de Mirabella hoje de manhã.

— B e E? — pergunta Billy, lendo por cima do ombro de Arsinoe.

Arsinoe engole em seco.

— Bree e Elizabeth. — Ela ergue os olhos.

A expressão de Emilia é tão triunfante quanto raivosa, a vitória escrita em cada linha de seu rosto. A guerreira aperta os lábios e cospe as palavras quando o bilhete cai dos dedos de Arsinoe.

— Mirabella desertou.

Indrid Down

Mirabella acorda com a batida da cocheira no topo da carruagem. Ela não sabe por quanto tempo dormiu. A julgar pela luz, acredita que é perto do meio-dia, embora seja difícil dizer por conta das nuvens baixas e cinza.

— Chegando na capital — grita a cocheira e Mirabella esfrega os olhos. Ela vai até a janela e a abre. Em frente, as torres gêmeas do Volroy se erguem para o céu.

Ela já viu o Volroy antes. Quando menina, ela o viu centenas de vezes em tapeçarias e pinturas, em livros e na sua própria imaginação, quando achava que reinaria ali um dia. Ela o viu pessoalmente quando chegou a Indrid Down para o Duelo das Rainhas. Mas desta vez era diferente. A Rainha Katharine reina nele agora e, embora Mirabella esteja vindo sob uma trégua, ela pode não ser real. Ela pode chegar e encontrar um bloco pronto para sua decapitação. Ela pode ter que lutar para sair da capital mais uma vez.

Em seu capuz, o pequeno pica-pau preto e branco e topetudo cantarola. Ele está animado, sentindo que está perto de Elizabeth, e Mirabella acaricia as penas de sua cabeça. Katharine disse que ela estaria em segurança. Bree e Elizabeth acharam que ela falava a verdade.

Em Sunpool, eles já devem ter notado que ela se foi e dói pensar em Arsinoe e Billy, quando eles compreenderem o que ela fez. De início eles não vão acreditar. Eles irão defendê-la. Talvez até mandem uma equipe de busca, ou de resgate, pensando que ela foi levada contra a sua vontade.

Depois disso… Bem, há tempo suficiente para se preocupar com o que ela vai dizer da próxima vez que precisar encarar Arsinoe. Por enquanto, sua mente está focada em Katharine. Uma irmã de cada vez.

Quando a carruagem parou para descansar os cavalos pela última vez, a cocheira perguntou para Mirabella aonde ela queria ir. Seria bastante fácil ir para o Templo de Indrid Down, onde ela poderia procurar por Luca. Ou para a casa de Bree, onde ela teria certeza de que estaria segura. Em vez disso, ela pede para ser levada para os portões do Volroy.

— O grande portão, então — disse a cocheira e pela primeira vez olhou com atenção para o rosto de Mirabella. Depois disso, ela não falou muito mais e começou a tratá-la por "madame" em vez de "senhorita". Ela não ousava dizer "rainha" tão perto do castelo.

Na parte de trás da carruagem, Mirabella ouve as ferraduras dos cavalos estalando pela estrada e observa o Volroy aumentando. A visão do castelo que se aproxima afastou qualquer ideia de sono, e ela mexe nervosa nas dobras da sua capa e na saia de seu vestido azul-claro. A borda de renda se desfez e ficou escura de sujeira depois de ser arrastada no chão, e ela considera arrancá-la fora. Em vez disso, ela dobra as mãos trêmulas sobre o colo. Ela precisa manter a calma. Katharine é sua irmã menor e não pode vê-la tremer.

Duas guardas param a carruagem em frente ao portão principal e se aproximam para questionar a cocheira e espiar dentro do veículo. Todos os outros passageiros foram deixados em outros lugares. Apenas Mirabella e a carga estão lá, baús e caixas amarrados no topo e presos na parte de trás.

— Que negócios a senhora tem no Volroy?

— Nenhum meu. Eu trago uma passageira. E acho que você verá que ela tem vários. — Com as palavras da cocheira, as guardas se afastam para olhar pelas janelas. Mirabella as olha com firmeza. Leva mais tempo do que esperava para que elas entendam quem é, mas finalmente abrem o portão e gritam para que mais guardas acompanhem a carruagem.

— Nossa vinda deve ser um segredo, Pepper — ela sussurra para o passarinho, que observa com a cabeça inclinada. — Mas claro que sim. Katharine não iria querer passar vergonha se eu recusasse sua oferta.

A carruagem para, e Mirabella sai em direção à sombra da fortaleza. No momento em que ela é liberada, Pepper sai voando de seu capuz, correndo para encontrar sua Elizabeth. Mirabella tenta não se sentir abandonada. Mas quando as guardas a olham desconfiada, ela deseja que Pepper tivesse ficado.

— Você vai ficar bem, madame? — pergunta a cocheira, e Mirabella se vira com um sorriso grato.

— Vou ficar bem. Obrigada. Foi um prazer.

A mulher faz um gesto de reverência e dá o comando para os cavalos. Mirabella se volta para a guarda real e é recebida pelas lâminas de suas lanças.

— Não apontem essas coisas para mim — diz. Ela causa um relâmpago seco no céu, e as lâminas baixam. — Me levem para dentro. Para a rainha.

Greavesdrake Manor

Katharine está sentada ao lado da cama, cercada de sussurros. Sua antiga cama em seu antigo quarto, só que desta vez não é ela que está deitada ali, mas Pietyr, enquanto as três curandeiras que ela chamou da capital e a quarta de Prynn murmuram perto da porta aberta.

Elas são as melhores curandeiras que conseguiu achar. Todas envenenadoras. Mas nenhuma delas consegue ajudar Pietyr. Nenhuma é capaz sequer de dizer o que há de errado com ele.

Claro, talvez elas conseguissem se soubessem o que realmente aconteceu. Mas Katharine nunca contará.

— Por favor, acorde — ela murmura pelo que parece ser a milésima vez. Katharine toca a face dele, e então seu peito. Ambos estão quentes e seu coração forte está batendo. O sangramento lento nos olhos e no nariz finalmente diminuiu e seu rosto e pescoço foram limpos, o travesseiro e a roupa de cama, trocados. Apenas uma sobra de vermelho escorre de dentro do ouvido.

— Façam com que ele acorde — ela ordena em um rosnado, mas as rainhas mortas não respondem. Ela consegue senti-las encarando-o através dos seus olhos. Talvez até consiga sentir algum remorso.

Não. Arrependimento, talvez, mas não remorso. Elas fizeram o que precisaram para impedir que Pietyr as mandasse de volta para a Fenda de Mármore. Com seu feitiço de magia baixa falho e malfeito, que causou nelas tanta dor, ele não deixou escolha. E todo dia e noite desde então elas lembram isso a Katharine, fazendo subir sua podridão para marcar a superfície da pele, murmurando pelo sangue e mente dela em tons macios e reconfortantes. Elas são parte dela agora, e não serão expulsas.

Ele teria nos machucado. Nos enfraquecido. Nós vamos nos proteger. Proteger você.

— Fiquem quietas — sussurra Katharine. — Fiquem quietas!

— Nossas desculpas, Rainha Katharine — uma das curandeiras diz e baixa a cabeça.

— Nós vamos levar nossa discussão para o corredor para não a atrapalhar — diz a outra, a de Prynn, e faz um sinal para as colegas.

— Não — Katharine se levanta. — Me perdoem. Esse acidente, a doença dele, eu não consigo pensar. — E parece que Greavesdrake está sempre cheia de sussurros. No fim de todo corredor. Atrás de cada porta fechada. — Falem francamente e me digam o que pensam. O que há de errado com ele? Quando ele vai se recuperar?

Nervosas, elas se endireitam, se agrupando e farfalhando como uma revoada de pássaros.

— Eu sei que as notícias não são boas — diz ela, lendo seus rostos. — Mas quero a opinião de vocês.

A curandeira de Prynn dá um passo para trás, na direção da cama. Foi ela quem examinou Pietyr da forma mais agressiva, cutucando as gengivas, puxando os dedos das mãos e dos pés. Foi difícil para Katharine ficar ali e observá-lo ser cutucado sem reagir enquanto uma estranha virava sua cabeça para a frente e para trás e olhava dentro dos seus ouvidos. Quando elas espiaram embaixo do curativo em volta da mão, Katharine prendeu a respiração. Foi um momento feio quando ela o cortou por cima da runa, deformando-a para evitar que fosse descoberta. Ela tinha feito tantos cortes que a palma dele parecia que podia ter sido arrancada. Mas o doce Pietyr não estava acordado nessa hora. Ele não sentiu.

— A ferida na mão dele segue cicatrizando. Embora ainda seja impossível dizer o que a causou. E não parece ser a fonte da doença. Não há linhas escuras saindo dos cortes, nenhum odor ruim…

— Sim, sim — diz Katharine. — Você disse isso antes.

— Nós acreditamos que o provável é que seja um trauma dentro do crânio. Um vaso azarado que estourou ou ficou obstruído. Isso não deixaria sinal do lado de fora, não exigiria um impacto externo. A senhora disse que o encontrou deitado no chão. É provável que, quando o vaso estourou, ele simplesmente caiu. Provavelmente não houve dor, ou se houve ela foi breve.

Katharine encara o rosto adormecido dele. Ele ainda é bonito quando dorme. Mas não é ele mesmo. O que torna Pietyr, Pietyr, é o brilho em seus olhos, a curva incisiva e sábia de sua boca. E sua voz. Já faz muitos dias desde a última vez em que ela ouviu sua voz. Quase semanas.

— Quando ele vai acordar?

— Eu não sei, Rainha Katharine. É um bom sinal que ele continue a respirar. Mas ele não responde a estímulos.

— Tanto sangue…

Quando Katharine recobrou a consciência depois do feitiço falho e encontrou Pietyr deitado ao lado no chão, seu rosto era uma máscara vermelha.

— Não há como dizer a extensão do dano — diz a curandeira. — Nós só podemos esperar. Ele vai precisar ser monitorado o tempo todo… cuidado e alimentado…

— Deixem-nos — Katharine ordena e ouve passos indo para o corredor. Ela pega a mão dele e a beija suavemente. Ela devia ter banido as rainhas mortas quando ele lhe deu a chance. Se ao menos ela não tivesse sido tão covarde. As rainhas mortas sabem que ela não pode expulsá-las agora, não com seu reinado sendo atacado por todos os lados: a névoa, a Rainha da Legião, o retorno das suas irmãs. Ela costumava achar que as rainhas mortas a deixavam forte. Agora, tarde demais, ela sabe a verdade: a força era delas e apenas delas. E elas preferem vê-la fraca para sempre, para mantê-la como uma marionete.

— Eu não sabia — ela sussurra encostada no rosto de Pietyr. — Eu não sabia que era isso o que elas fariam.

Quando Katharine sai do quarto de Pietyr uma hora depois, cansada e tonta, topa direto com Edmund, o antigo mordomo de Natalia, carregando uma bandeja de chá.

— Eu achei que seria bem-vindo — diz ele suavemente.

— E é — diz Katharine. — Mas eu já passei tempo demais naquele quarto. Talvez a sala de estar, ou o solário. — Ela se distrai e põe as mãos sobre os olhos.

— Talvez bem aqui, no chão. Ainda é sua casa, se você quiser. Um chá no carpete.

— Como nunca fazíamos — diz Katharine. Mas ela sorri para ele e eles dão um passo para o lado quando uma criada entra no quarto de Pietyr. — Onde estão as curandeiras?

— Elas se reuniram na biblioteca — responde Edmund. — E estão pedindo almoço.

— Eu suponho que elas precisem comer. — Katharine e o mordomo andam um ao lado do outro pelo corredor. — Pobre Edmund. Eu virei sua casa de ponta-cabeça.

— Nada disso, minha rainha. É bom ter vida em Greavesdrake de novo. Até mesmo de novos empregados e de estranhos. Desde que Natalia foi assassinada, não parece mais uma mansão, mas um memorial.

E como ele está certo. Enquanto eles sobem as escadas, o som das pessoas nos cantos mais distantes, o movimento e risadas ocasionais dos empregados fazem com que Greavesdrake pareça viva de novo. Ainda úmida e escura, é claro. Mas viva, e não mais assombrada.

Ela vai parecer assombrada para sempre se Pietyr morrer no andar de cima.

Na sala de jantar do térreo, eles encontram Genevieve lendo um livro por cima de uma tigela de sopa pela metade.

— Como ele está? — ela pergunta e baixa o livro.

— Igual. — Katharine se senta na frente dela enquanto Edmund prepara o chá.

— Igual — Genevieve responde e suspira.

Katharine a observa com cuidado. Foi Katharine quem "encontrou" Pietyr inconsciente e coberto de sangue, assim como ela estava com Nicolas no dia em que seu corpo envenenado o matou. Dois amantes, um morto e o outro incapaz de acordar. Embora Katharine tenha tomado cuidado para se livrar de todas as evidências de magia baixa, Genevieve ainda deve ter suspeitas.

— Ele vai acordar — Genevieve diz e tenta animar Katharine com um sorriso. — Ele é intrometido demais para não.

Katharine concorda. Ela está prestes a morder um dos biscoitos amanteigados crocantes deliciosos de Edmund quando elas ouvem a porta da frente se abrir e os empregados falarem em vozes elevadas. Logo, uma mensageira ofegante chega na porta.

— Sim?

— Ela está no Volroy — a mensageira declara com olhos arregalados.

— Quem? — pergunta Genevieve. — Estamos esperando alguém?

Katharine encara a menina. Ela sabe, pela forma como a mensageira evita falar o nome e o encanto temeroso em seus olhos que ela quer dizer Mirabella. Sua poderosa irmã chegou. A mais forte das trigêmeas. A rainha mais forte em gerações veio a pedido dela.

As pernas de Katharine tremem sob a mesa. Ela está tão ansiosa para encontrar Mirabella, para olhá-la nos olhos sob uma oferta de paz. Mas ela toma o cuidado de controlar sua reação.

— Quem? — Genevieve pergunta de novo, perdendo a paciência.

A mensageira abre a boca, mas não diz nada, tentando decidir como formular a mensagem sem quebrar o decoro.

— A irmã da rainha — diz ela finalmente.

— Mirabella — Katharine completa, e Genevieve engasga.

— Ela…? Ela veio até aqui?

— Ela foi convidada.

— Por quem?

— Por Luca — diz Katharine. — E por mim, suponho. Onde ela está agora? — ela pergunta à menina.

— Esperando no Volroy. As guardas a estão mantendo na sala do trono.

— Alguém a viu? Falou com ela? Alguém do meu Conselho Negro?

— Não, minha rainha.

Katharine se levanta.

— Então volte rapidamente para lá, antes de mim, e garanta que ninguém o faça. Ninguém deve ver minha irmã antes de mim. Nem Antonin, nem Bree Westwood. Nem mesmo a Alta Sacerdotisa Luca. Está entendido?

— Sim, minha rainha.

— Bom. Corra. Pegue um cavalo descansado.

Katharine e Genevieve compartilham uma carruagem para o Volroy. O maxilar de Genevieve não relaxou desde que ela recebeu a notícia e ela mantém os braços cruzados sobre o peito.

— Eu devo ser seus olhos e ouvidos. Como? Quando você não me diz nada!

— Luca e eu não contamos isso a ninguém — diz Katharine. — Honestamente, Genevieve, eu não achei que ela viria. — Ela se volta para a figura de Greavesdrake que se afasta e para a janela de seu velho quarto, desejando que as cortinas se movessem e revelassem Pietyr em pé lá dentro. Ele adoraria estar no Volroy para esse encontro. E ela não sabe como vai se sair sem ele.

— Por que ela está aqui? — pergunta Genevieve. — Que bem ela pode fazer?

— Ela é outra rainha. Ela pode me ajudar a ganhar a guerra — responde Katharine. — Se eu puder confiar nela.

— Nenhuma de vocês duas é rainha — diz Genevieve, sua voz engrossada com o nojo. — Se vocês fossem, só haveria uma de vocês.

O Volroy

— Tivemos informações de que a rainha está a caminho.

— Obrigada — diz Mirabella. Eles a colocaram na sala do trono para esperar Katharine. A guarda assente e sai, fechando as portas pesadas. Sem dúvida elas estão paradas do outro lado, temendo que Mirabella abra a porta com uma rajada de vento e coloque fogo no castelo inteiro.

Ela desdenha. Ela poderia, supõe, sair do Volroy em minutos se quisesse. Sua dádiva, agora que voltou para a ilha, está ainda mais forte e rápida do que era quando saiu. Embora talvez ainda não fosse capaz de passar pela porta. Para isso ela precisaria de um tipo diferente de dádiva. Uma dádiva como a de Jules.

Ela tira a capa e a coloca no encosto de uma cadeira diante da mesa longa e escura ao lado do trono – a mesa em que o Conselho Negro deve se sentar nos dias em que a rainha concede audiências.

Ela passa os dedos pelo encosto da cadeira. A quem ela pertence? Bree? Ou talvez Luca? Provavelmente não. Essa cadeira, bem à direita do trono, provavelmente é reservada a um dos Arron. À mulher mais velha. Ou àquele menino de cabelos claros de Katharine, Pietyr Renard.

Os olhos de Mirabella viajam pela sala. O chão de pedra e madeira foi coberto com tapetes tecidos com desenhos pretos e dourados. O teto de vigas tem entalhes intrincados que representam as dádivas e muitas das grandes rainhas, a madeira em si é bem escura e o teto é pintado de um belo preto com prateado. Luca costumava contar a ela sobre tudo isso quando era pequena. Ela se sentava nos joelhos de Luca e sonhava acordada com o momento em que reinaria no castelo, sob toda aquela história. Ela olha para cima e tenta achar o entalhe de um raio com nuvens de trovão de sua preferida, a Rainha Shannon. Claro que ela não demora muito para encontrar a placa de gesso e madeira feita para Rainha Illiann, já que essa é a única parte do teto pintada de azul.

Mirabella anda até o trono e fica ao lado dele, seus dedos roçando o braço dourado. Mesmo agora, a sensação é que ele lhe pertence, essa coisa para a qual ela foi dirigida, apontada, desde o dia em que nasceu. Mas não é seu retrato que está pendurado atrás dele. Não é um retrato com fogo e tempestades ferozes, nenhuma rainha elemental com seu vestido flutuando atrás de

si. Em vez disso, o retrato pendurado ali é de Katharine, escura e quieta, e cheia de ossos sangrentos.

— Quer se sentar nele?

Contra sua vontade, Mirabella se assusta. Quando ela se vira, lá está ela: a cruel, mortal e pequena Katharine, que deslizou para dentro em silêncio, sem sequer um ranger da porta ou o farfalhar de uma saia.

— Fingir por um tempo que você ganhou?

— Não — diz Mirabella. — Claro que não.

— Então saia do meu lugar — diz Katharine e sorri. — Venha e me cumprimente direito.

Direito, Mirabella pensa. Ela deveria se ajoelhar e beijar seu anel? Ela não conseguiria fazer isso. Ela não sabe se um dia conseguirá não ter medo de tocar Katharine, com receio de uma lâmina envenenada ser rapidamente enfiada em seu pescoço.

Katharine anda lentamente para a frente. Seus olhos escuros brilham. Diferente das guardas, ela não parece ter medo.

Mirabella desce e se afasta do trono, forçando suas pernas a se moverem pelo tapete. As irmãs param no centro da sala, a um braço de distância uma da outra.

— Não me peça para me curvar — Mirabella diz. — Eu estou aqui como uma aliada, não uma súdita.

— Eu não vou pedir para que você se curve, assim como não vou pedir seu abraço. — A boca de Katharine se retorce. — Não ainda.

Mirabella relaxa um pouco. Elas não ficam tão próximas desde o banquete antes do Duelo das Rainhas, quando Katharine a arrastou pela pista de dança como uma marionete logo antes de Mirabella ser envenenada pelo pai de Billy. Mas ela se lembra bem da frieza do toque de Katharine e da força de seus dedos.

— Eu estou surpresa por você ter vindo — Katharine diz e cruza os braços. — Você não pode ter ficado feliz quando eu cortei a garganta daquela naturalista.

— Deveria ser uma troca. A Rainha da Legião pela mãe dela. Ninguém deveria ter morrido.

— E ninguém teria, se não fosse a névoa. E se ela não tivesse tentado fugir.

Mirabella engole. Sua boca ficou completamente seca.

— Eu não vim para o seu lado — diz ela. — E eu não me virei contra Arsinoe. Eu me virei contra Jules Milone quando vi o que a maldição havia feito com ela. — Mirabella aperta os olhos. — Ou, suponho, quando vi no que você a transformou quando cortou a amarração de sangue junto com o pescoço da mãe dela.

Katharine inclina a cabeça, indiferente.

— Tudo que isso fez foi revelar o monstro que ela sempre foi por dentro. E que monstro ela é. Ela vai ser um problema, até para você.

Ela será mais que isso, Mirabella pensa. A dádiva da guerra que Jules usou contra ela no vale a nocauteou com tudo. E Jules nem estava mirando.

Katharine anda em volta de Mirabella em um círculo lento, e Mirabella se endireita enquanto é avaliada. A rainha olha as manchas no tecido azul de seu vestido, a renda rasgada e suja. Ele veste mal também – justo demais no corpete e nos seios, feito para a figura magra e esguia da irmã de Billy, Jane. A sra. Chatworth trouxe um alfaiate para fazer ajustes, mas o tecido tinha seus limites.

Enquanto Katharine a rodeia, Mirabella toma cuidado para não perdê-la de vista.

— Isso foi tudo? — pergunta Katharine. — Tudo que foi preciso para te fazer desertar da

Rebelião?

— Não foi tudo. — Mirabella baixa os olhos. — Eu sou uma rainha. Uma verdadeira rainha, de sangue. E a linhagem das rainhas não deveria ser descartada tão facilmente. Nem mesmo se o futuro dela estiver em alguém tão terrível como você.

Katharine se vira. Ela aperta tanto as mãos que elas tremem.

— Uma escolha interessante, vir ao Volroy vestida como uma mendiga — ela diz finalmente, com uma voz leve. — Foi intencionalmente simbólico ou você só não conseguiu nada melhor?

— No continente esse vestido era um dos melhores na cidade.

Katharine ergue as sobrancelhas.

— Não importa. Nós vamos te vestir nos pretos adequados e parecendo você mesma logo, logo.

— Você vai querer isso? Eu não deveria me vestir com a capa cinza de uma penitente? Para mostrar minha vergonha e minha deferência à Coroa?

— As pessoas não precisam ser lembradas de quem usa a coroa — diz Katharine. — Mas se você estiver aqui, quero que a vejam. Você, a grande rainha elemental, que veio lutar ao meu lado. Já que está aqui, você vai ser útil. Mas só quando eu quiser. Guardas! — A porta da sala do trono se abre e em poucos momentos Mirabella se vê rodeada de novo pelas pontas de lanças.

— Levem minha irmã para o apartamento do rei consorte. — Ela se vira para Mirabella. — Meu doce Nicolas não teve a chance de aproveitá-lo antes de morrer ao cair de um cavalo e não quero desperdiçar os móveis. E, claro, não há aposentos para a irmã de uma Rainha Coroada. — Katharine se vira e cachos pretos e brilhantes ondulam sobre os seus ombros. — Vou mandar Bree Westwood e a sacerdotisa Elizabeth irem te ver. Eu tenho certeza de que a presença delas vai te confortar. E então mandarei uma pequena refeição para cima. Mas não coma muito. Hoje à noite você jantará comigo. — Ela para na porta e dá um sorriso largo para Mirabella. — Nós temos muito trabalho a fazer.

Katharine vai da sala do trono para a câmara do Conselho Negro e se fecha lá dentro. No momento em que está fora de vista, ela começa a tremer enquanto se abraça e anda de um lado para o outro.

Ela esteve cara a cara com Mirabella outra vez e se saiu bem. A coroa preta gravada na testa de Katharine agiu como um escudo, lhe dando a coragem e emprestando autoridade às suas palavras. Foi difícil não gritar. Não atacar preventivamente. Tudo em Mirabella a coloca na defensiva: a forma como ela estava na sala do trono, linda e régia, mesmo vestindo aquele farrapo horroroso; os laços de afeto duradouros que ela ainda tem com tantos membros do Conselho Negro de Katharine.

Talvez tenha sido um erro trazê-la aqui. Talvez ela esteja caindo em uma armadilha de Luca.

Mesmo as rainhas mortas, farejando e rosnando em volta dela, também puxaram as extremidades de Katharine, atraídas pela força da dádiva elemental que emanava em ondas para fora de Mirabella.

— Vocês me trocariam por ela.

Nunca, elas sussurram. *Você é nossa. Nós somos você.*

Mas Katharine as sente empurrando contra sua pele. Ela as sente se erguendo e quase deslizando para fora da sua boca. As rainhas mortas provaram como é estar fora dela, se movendo para outra pessoa quando elas saíram correndo para Pietyr. E elas gostaram.

Nós estamos com você, sempre.

— Sempre — diz Katharine, e um plano começa a se formar em sua mente. Ela pode se livrar delas, para sempre, se tomar cuidado e for mais esperta do que elas.

Sunpool

Wolf Spring chegou a tempo para a cremação de Madrigal. Cait e Ellis Milone, com as costas retas e rígidas como facas. Luke, com a face molhada, em um colete vermelho escuro e um casaco que ele mesmo deve ter feito. E boa parte da cidade veio com eles. Madrigal foi cremada, na maresia e no vento, em cima de uma pira na altura do peito que os trabalhadores da Rebelião construíram. A sacerdotisa de Sunpool a havia envolvido em um tecido vermelho e coberto de pétalas vermelhas. Os rebeldes deixaram oferendas em forma de coroas de flores e conchas coloridas. Ovos de pássaro para quebrarem e fritarem no calor.

Juntos, Wolf Spring e a Rebelião assistiram à pira queimar, transformando em cinzas o corpo que não era mais Madrigal Milone, mas somente uma linda casca que mal podia contê-la.

Madrigal, Arsinoe pensa agora, nos ecos sussurrantes do grande salão de Sunpool. Madrigal fora a soma de suas ações. Ela era uma risada em um cômodo silencioso. Na vida, ela nunca havia gostado de que as coisas fossem fáceis e na morte ela seria igual.

— Eu pensei que você também estava morta.

Com essa voz em seus ouvidos, Arsinoe se vira e agarra Luke pela cintura.

— Me desculpe — ela pede várias vezes, e só o solta quando o galo preto e verde, Hank, começa a bater as asas e abrir buracos no único par de calças bom que ela tem. Eles se sentam juntos no lugar mais próximo ao ar livre.

— Onde está o seu garoto? — ele pergunta.

Arsinoe aponta para Billy na multidão, servindo carne com molho em pratos. Durante toda a cremação ele a deixou se apoiar nele de forma discreta. Quando as chamas tocaram o tecido vermelho, ele a abraçou apertado.

— Pegando comida para você, hein? — diz Luke. — Ele te conhece bem. — Então ele baixa os olhos. — O funeral estava bem cheio.

Arsinoe concorda.

— Faz parecer que ela era alguém importante.

Luke pigarreia e ela sabe que Cait e Ellis estão ali.

— Nós queríamos esperar — diz ela para Cait. — Mas não sabíamos se vocês conseguiriam vir.

— Sua carta chegou até nós — diz Cait. — É o que importa. E a irmã dela? Ninguém contou a Caragh?

— Eu mandei uma carta para o Chalé Negro, mas… — Arsinoe sacode a cabeça. — Talvez a viagem seja mais lenta… com o bebê… — Ela fecha a boca e olha para Ellis. Cait vai ficar bem. Ela foi feita para aguentar. Mas Ellis, o gentil e intelectual Ellis, era devotado à Madrigal desde o dia em que ela nasceu.

Na multidão, Arsinoe nota alguns rostos familiares. Alguns dos Pace e dos Nichols. Shad Millner e sua gaivota. Até Madge, que vendia as melhores ostras fritas no mercado de Wolf Spring. E Matthew. Matthew, é claro.

— Matthew — diz ela quando ele a vê. Ele avança e a pega no colo, como fazia quando ela era criança.

— Ei, garota — diz ele, colocando-a de volta no chão. Ele seca uma lágrima do rosto dela com o polegar e ajusta o nó de seu lenço vermelho.

Billy volta para a mesa com comida e cumprimenta a todos, especialmente Matthew, que ele vê como sua família pela conexão com Joseph. Seu olhar se demora no corvo no ombro de Cait.

— Essa é Aria? — ele pergunta, se referindo à Familiar de Madrigal.

— Não — responde Cait. — É Eva. Aria voou para longe da fumaça. Onde está Jules? Em sua carta, você disse que ela não tinha se machucado, mas que não estava bem. O que você quis dizer?

Arsinoe se levanta.

— Eu vou levar vocês para vê-la. Mas só vocês dois — ela acrescenta quando Luke e Matthew se movem para se juntar a eles. Seria difícil demais para Luke vê-la nesse estado e Matthew – Matthew se parece demais com Joseph. Ela não quer pensar em como Jules reagiria se abrisse os olhos e visse o rosto de Joseph. Quando Arsinoe e Billy acompanham Cait e Ellis para fora do salão, ela fica rígida com a lembrança repentina.

— Ele não sabe. — Ela agarra o braço de Billy. — Matthew e os Sandrin, eles não sabem de Joseph. Eles não sabem que ele morreu!

— Morreu? — Ellis exclama enquanto Billy pede silêncio aos dois.

— Eu vou contar a eles — diz ele. — Ele era meu irmão também, de certa forma. E eu posso descrever o que aconteceu tão bem quanto você.

— Diga a eles onde ele está enterrado — diz Arsinoe apressada. — Conte a eles sobre a lápide, a inscrição…

— Eu vou contar tudo. Vá. Leve-os até Jules.

Arsinoe concorda e os guia, quase em estupor. Enquanto sobem as escadas para a torre, ela tenta prepará-los para o que vão encontrar, contando a eles de forma mais delicada possível o que aconteceu: como a maldição da legião foi solta quando Madrigal morreu e a reação violenta que isso causou em Jules.

— Talvez ela não esteja acordada — avisa. — Os tônicos que eu preparei para mantê-la calma às vezes a fazem dormir durante o dia.

— Os tônicos que você preparou — repete Cait. — Então os rumores são reais. Nossa rainha naturalista sempre foi uma envenenadora.

Arsinoe para com a mão na porta.

— Vocês criaram uma naturalista e uma naturalista é o que sempre serei. Embora eu agora me sinta melhor por nunca ter conseguido fazer nada crescer.

Para sua surpresa, Cait ri.

— Verdade. Mas nós nunca te ensinamos venenos, Arsinoe, já que não sabíamos. É seguro, o que você está fazendo?

Arsinoe engole em seco. Seguro? Nada nos ingredientes que ela precisa usar parece seguro. Se ela não for extremamente cuidadosa com suas medidas, Jules poderia simplesmente parar de respirar. Mas ao usá-la, Arsinoe descobriu que há um aspecto instintivo na dádiva envenenadora. Suas mãos estão sempre certas. Ela mistura os tônicos como se estivesse em transe. Mas isso seria difícil de explicar para um naturalista.

— Há uma curandeira aqui que preenche as lacunas que minha dádiva não dá conta.

Ela abre a porta da câmara exterior e eles entram. Ao ver Cait e Ellis, Camden se ergue sobre suas três patas boas e grunhe suavemente.

— Você pelo menos está feliz em nos ver — diz Ellis enquanto vai acariciar seu pelo macio e dourado. — Ela não deveria estar com Jules?

— Nem sempre é seguro. Camden fica violenta quando Jules não está bem. E Jules… a machucou quando a maldição foi liberada. — Cait e Ellis franzem a testa; para um naturalista, há poucos crimes piores do que abusar de um Familiar. Então Arsinoe pigarreia e alegra seu tom. — Mas quando ela está quieta, Camden no geral fica bem. Como antes. Se Jules estiver descansando, ela pode entrar com vocês.

Ela destranca a porta. Dentro, Jules está deitada em uma pilha de palha, travesseiros e cobertores que Arsinoe e Emilia arranjaram para ela. Suas mãos e pés estão acorrentados. Ellis solta Camden da parede e a puma trota rapidamente para dentro do quarto. Ela circula Jules duas vezes antes de deitar e apoiar sua cabeça no ombro dela.

Sem dizer uma palavra, Cait se ajoelha na palha e coloca sua neta no colo. Ellis coloca uma mão no ombro dela. É mais difícil de ver do que Arsinoe esperava, e sua garganta se aperta.

— Me desculpe, vovó Cait.

Cait pega a mão de Jules, tão presa nos elos da corrente que ela precisa soltá-la.

— Não diga isso. Não foi sua culpa. Nada disso é sua culpa.

— Se não é minha, então de quem?

— Ninguém — diz Ellis.

— Eles disseram que ela tentou salvá-la — sussurra Arsinoe, sua voz embargada. — Ela tentou salvar Madrigal.

— Claro que sim — diz Cait. — Ela sempre foi assim. Te salvando, te protegendo, tentando te manter longe de problemas. E, antes de você, era Joseph. Nossa Jules nasceu uma guardiã, assim como nasceu uma naturalista e uma guerreira. Assim como nasceu amaldiçoada.

Depois que Cait e Ellis deixam Jules e saem para descansar, Arsinoe fica. Ela permanece na torre do castelo com Camden, coçando distraída suas orelhas e olhando para a cidade embaixo. Há muita atividade por lá. Tantos bens e provisões chegando que o portão quase nunca se fecha. Tantas armas sendo forjadas e cavalos sendo ferrados que o fogo da ferraria está sempre queimando. Sunpool, há não muito tempo atrás estava caindo em ruínas, e agora reviveu com a guerra.

Quando ouve passos na escada ela espera que seja Billy, mas, em vez dele, um homem bate e entra, vestindo a túnica amarela e cinza dos videntes.

— Você não deveria estar aqui — diz ela, olhando para a porta trancada de Jules.

— Perdoe a intrusão, mas eu preciso saber onde instalar os novos naturalistas. Os recém-chegados de Wolf Spring.

Arsinoe esfrega a testa. A torre com Jules se tornou seu esconderijo e a intrusão dele é de fato uma intrusão.

— Não precisa colocá-los em lugar algum. Eles não vão ficar por muito tempo. E eles são naturalistas. Ficam perfeitamente contentes em tendas perto do mar.

— Mas alguns não vão querer ficar? — pergunta ele.

— Eu não contaria com isso.

— O que ele está te pedindo, afinal?

Arsinoe não se dá ao trabalho de engolir o resmungo quando Emilia entra no quarto, sem qualquer anúncio ou aviso. As passadas da guerreira só são ouvidas quando ela quer que sejam. Ela pega o homem pelo ombro com força e o afasta da porta de Jules.

— Você não deveria estar aqui. Você não deve perguntar nada a ela.

— Eu só pensei… que na ausência da Rainha da Legião…

— Na ausência da Rainha da Legião, eu cuidarei de todos os arranjos — rosna Emilia.

— Boa Deusa — diz Arsinoe enquanto o pobre sujeito se abaixa e tenta desaparecer de vista. — Ele só me perguntou porque eu sou uma naturalista e sou de Wolf Spring.

— Naturalista, envenenadora… — resmunga Emilia. — Você usa a máscara que te convém no momento.

Arsinoe suspira.

— Eles ficarão bem sozinhos. Eles se arranjam — diz ela, e o homem concorda com a cabeça.

— Não — diz Emilia. — Instale-os na ala livre da propriedade dos Lermont e, quem não couber, instale nos quartos vazios dos criados que ficam ao lado. Nós precisamos deles descansados e confortáveis se vão lutar.

— Eles não vão lutar — sussurra Arsinoe.

— Alguns vão. Mais do que você pensa. — Emilia aponta com o queixo e o homem faz uma mesura e sai para arranjar as coisas. Arsinoe espera que ela também saia, mas para seu extremo desprazer, Emilia não o faz.

— Mais alguma coisa?

Emilia olha para trás dela, para a porta parcialmente aberta, onde está Jules. Ela não contou para ninguém além de Mathilde a respeito da deserção de Mirabella, e Arsinoe sabe por quê. Emilia não quer a Rebelião abalada. Não antes que a Rainha da Legião esteja bem de novo.

É algo para agradecer, ela imagina, e então imediatamente se odeia por pensar isso. Ela olha para Emilia com uma expressão mais suave e tenta se lembrar das horas que a guerreira passou ao lado de Jules.

— Emilia, eu…

Os olhos de Emilia lampejam para ela, cheios de hostilidade, imediatamente colocando Arsinoe em alerta de novo. Mas antes que ela possa soltar outro insulto, um grande cão de caça marrom vem correndo pela porta, seguido por tia Caragh com um bebê amarrado no peito.

— Eu tinha uma sensação de que vocês não iam se dar bem — diz Caragh enquanto sua cadela marrom fareja Arsinoe alegremente e vai irritar Camden.

— Caragh — diz Emilia, abraçando-a. Ela sacode um dedo na frente do bebê. — E o pequeno Fenn. Bem-vindos.

— Caragh — arqueja Arsinoe. Ela afasta a fagulha de irritação por Emilia a ter cumprimentado primeiro e a abraça carinhosamente, tomando cuidado para não empurrar o irmão de Jules. — O que você está fazendo aqui?

— Eu perdi a cremação da minha irmã. — A voz dela é baixa. — Mas não vou ficar longe de Jules. E precisava trazer Fennbirn Milone para conhecer o pai.

— Sim — diz Arsinoe. — Matthew está aqui.

— Eu o vi. E vi minha mãe. E a convenci a te dar isso.

Caragh enfia a mão no casaco e puxa um vidro com um pedaço de corda ensopada de sangue dentro. É da cor de ferrugem e ao lado está um papel dobrado e amarelado.

Arsinoe reconhece a corda e o sangue. É um feitiço de magia baixa.

— É tudo que Madrigal deixou da amarração. Ela nunca escreveu muito. — Caragh dá um tapinha no vidro. — Só uma página e meia, mas está tudo lá. Tudo que ela sabia. — Ela os empurra para as mãos de Arsinoe. — E agora estou dando a você.

— Cait não ia me dar?

— Talvez ela estivesse com raiva. Talvez estivesse te culpando. Mas, se estava, já superou. — Caragh sacode o bebê em seus braços. — E ela estava errada em fazê-lo.

— O que isso pode fazer? — pergunta Emilia, espiando o vidro.

— Talvez nada — Caragh responde para ela. — Talvez seja tarde demais. Ou talvez vocês ainda possam encontrar algo aí dentro que ajude.

O Volroy

Mirabella anda pelo apartamento do rei consorte com um fascínio mórbido. Nicolas Martel morreu antes de passar sequer uma noite ali dentro, mas o quarto ainda parece uma tumba. Ela passa as mãos pelo brocado brilhante das cadeiras e estica a mão para tocar a renda nova das cortinas atrás de uma pequena mesa. Os tapetes são macios e novos. Todos esses móveis foram escolhidos por Katharine para o seu falecido marido.

É um pensamento triste, tornado ainda mais triste pelo silêncio, embora enquanto ela olha em volta, não veja nada que pareça pessoal ou particularmente sentimental, nenhum retrato ou lembrança de Nicolas Martel. Não é uma surpresa, ela imagina. Um início tão trágico teria sido rapidamente encoberto em qualquer reinado. Quanto mais rápido isso for esquecido, melhor. Ainda assim, ela se pergunta como Katharine se sente. Todo mundo sabe que ela tem um caso com Pietyr Renard desde muito antes de conhecer Nicolas Martel. Mas uma rainha perdendo seu parceiro escolhido tão rápido… deve ter doído, quer ela o amasse ou não.

Ou talvez não seja dor, pensa Mirabella, lembrando de Katharine e Nicolas juntos, como o brilho deles era escuro e frio. *Talvez apenas decepção*.

A porta se abre e Mirabella se endireita. Katharine não mandou as roupas que havia prometido e ela ainda está usando seu vestido continental manchado, com a renda rasgada se soltando.

A mulher que entra é uma das pessoas mais bonitas que Mirabella já viu. Seu cabelo loiro claro tem mechas douradas e o violeta dos seus olhos traz vida ao seu rosto que lembra uma estátua. Mesmo a linda Bree, que vem atrás dela, é de alguma forma menos impressionante em comparação.

— Bree! — Mirabella passa pela mulher para abraçar sua amiga, que está praticamente vibrando de ansiedade.

— Você está aqui — exclama Bree. — Você está aqui de verdade!

— Estou. — Ela toca o rosto de Bree, como se para verificar se ela era real também. — Perdão — diz ela para a mulher que ficou atrás. — Nós não nos vemos… há muito tempo.

— Claro, Mirabella — responde ela. — Todo o tempo que vocês precisarem.

O tom indiferente dela separa as amigas.

— Acho que você quis dizer *Rainha* Mirabella — diz Bree.

— Eu tenho uma boa certeza de que não quis. Eu sou Genevieve Arron, chefe da família Arron de envenenadores — diz ela e inclina a cabeça em uma mesura definitivamente sarcástica.

— Genevieve Arron. Eu quase não a reconheci fora da sombra de Natalia. Permita-me expressar minhas condolências pelo falecimento dela. Perder uma irmã nunca é fácil.

— Assim parece. — Genevieve estala os dedos e Bree fecha a cara. — Cuide dela rapidamente. — Ela olha com desdém para as roupas de Mirabella. — E garanta que ela esteja apresentável.

Quando ela se vira para ir embora, um pica-pau preto e branco e topetudo voa ao lado do seu rosto, fazendo-a atacar o ar.

— Pássaros nojentos por toda parte — sussurra e, quando ela sai, Elizabeth desliza para dentro, suas vestes brancas tornando o vermelho de suas bochechas ainda mais destacado. Assim que elas estão sozinhas, ela, Mirabella e Bree caem nos braços umas das outras.

— Desculpem por Pepper ter entrado tão de repente — diz Elizabeth. — Eu não pude impedir.

— Não precisa pedir desculpas — diz Bree. — Ele foi perfeito. Estragou a saída arrogante de Genevieve. — Ela se vira para Mirabella com olhos arregalados. — Você viu o jeito que ela estalou os dedos para mim? Como se eu fosse a serva dela!

Mirabella dá um passo atrás para olhar melhor suas amigas. Bree, com seus olhos ligeiros e roupas coloridas. E Elizabeth, um sorriso de orelha a orelha, o cabelo escuro preso em uma trança que escapa do seu capuz e uma mão prateada brilhando dentro de sua manga esquerda. Pepper se empoleira no ombro de Mirabella e bica a sua orelha, buscando uma forma de se enfiar no cabelo dela. Ela acaricia sua cabeça e pequenas asas.

— Então — ela diz e suspira. — O que estão dizendo?

Bree se aproxima.

— Você não é uma prisioneira. Não exatamente. Você pode andar pelo castelo e por toda a fortaleza. Mas você não pode sair sem a permissão expressa da rainha. As guardas estão aqui para a sua "proteção", e foram recentemente armadas com veneno.

— Veneno para me matar ou apenas sedar?

Bree e Elizabeth trocam um olhar. Nem elas sabem com certeza.

— Katharine disse que ela mandaria você e Elizabeth para me confortar. Mas então ela mandou Genevieve Arron. Outra demonstração de poder? Outra insinuação de controle?

Bree apertou os lábios.

— Bem-vinda ao Volroy.

Há uma batida na porta e criadas entram, carregando baús de roupas e joias. Elizabeth as ajuda a colocarem alguns na mesa e direciona o resto para o chão.

— Obrigada — diz ela. — Nós cuidaremos da rainha… Nós mesmas cuidaremos de Mirabella. — As criadas fazem uma mesura e saem, e Elizabeth começa a remexer os baús.

— Não tem muita coisa — diz Bree. — Nenhum vestido seu; não houve tempo para buscá-los em Rolanth. Mas as lojas aqui são muito boas e eu estava com algumas das suas joias comigo. — Ela procura pelos baús até encontrar uma caixa escura de nogueira e a entrega para Mirabella.

É um colar: três pedras largas da cor do fogo, penduradas em uma corrente curta de prata. Mesmo na caixa, sem luz, as pedras parecem queimar.

Mirabella passa os dedos por elas.

— Essas… eu ia usá-las na noite da Aceleração. Se as coisas não tivessem dado tão errado.

— Então você irá usá-las agora. Para dar sorte.

Elizabeth puxa um vestido preto de veludo de um dos baús e o abre. É relativamente simples, sem muitos bordados.

— Que tal esse? Algo confortável depois de uma longa jornada?

— É perfeito. Mas eu não ligo para esses vestidos. Eu quero saber de vocês. Como vocês têm estado? Elizabeth, como você pôde manter Pepper mesmo com os braceletes de sacerdotisa? — Ela olha para Bree. — Você veio para fazer parte do Conselho Negro?

— Uma resposta para as duas perguntas — diz Elizabeth. — A Alta Sacerdotisa buscou consertar as coisas com Bree por ter te traído, então ela ofereceu um lugar no Conselho.

— E, para ser boazinha, eu exigi que Elizabeth pudesse ficar com Pepper — diz Bree.

Mirabella sorri para o pássaro, que se empoleira nas vestes de Elizabeth.

— E como é o novo Conselho, Bree? É mesmo uma mistura de elementais, sacerdotisas e envenenadores?

— Estávamos quase nos matando. E iremos recomeçar quando a situação com a Rebelião for resolvida.

Mirabella gostaria de perguntar mais. Mas fica claro que Bree e Elizabeth preferem que ela não o faça. Elas querem ser elas mesmas nesta noite e fingir que estão de volta a Rolanth, fofocando juntas na casa dos Westwood. Uma noite antes de tudo começar. Então Mirabella sorri e cutuca Bree no ombro.

— E? — pergunta ela. — Quem você está enrolando atualmente? Algum soldado bonitão na guarda real? Ou talvez outro aprendiz de comerciante na cidade?

— E quem ela ainda não enrolou? — pergunta Elizabeth, e Bree joga uma luva nela. — Desde o momento em que ela chegou a Indrid Down os garotos estão se matando para cruzar o caminho dela. Mês passado, dois meninos da cozinha quase começaram um duelo.

— Um duelo? — Mirabella ri. — E quem ganhou? Quem você escolheu? O padeiro? Ou o queijeiro?

— Nenhum dos dois! — Bree joga a outra luva em Mirabella. — Embora mais tarde talvez eu escolha os dois. — Ela ergue as sobrancelhas e Mirabella e Elizabeth riem, mas então ela suspira. — Na verdade, não houve tempo para nada disso. Quando eu cheguei, pensei em seduzir Pietyr Arron…

— Pietyr Arron? Você quer dizer Pietyr Renard?

— Sim, mas ninguém mais o chama assim. Ele abandonou o nome da mãe como as cobras abandonam as peles. Ele podia ser filho da própria Natalia Arron pela reverência que ele tem por aqui.

— Você disse que pensou em seduzi-lo. Mas não o fez?

— Eu não *poderia*. Ele gruda na Rainha Katharine com mais força do que gruda em seu lugar no Conselho Negro. Talvez pelo mesmo motivo.

— Isso não é verdade — diz Elizabeth. — Ele ama a rainha. Ele pode não amar mais nada, mas ele a ama de verdade.

— Bom — diz Mirabella em voz baixa. — Mesmo que ela seja cruel, fico feliz por ela ser amada. — Sua mente volta para Arsinoe e Billy – o bom e gentil Billy, que certamente ama Arsinoe mais do que qualquer um já amou uma rainha de Fennbirn.

— De qualquer forma — diz Bree —, ele seria alguém para tomar cuidado. Ele nunca teria

confiado em você. Mas não importa mais.

— Por quê?

Bree e Elizabeth a encaram, surpresas.

— Você não ficou sabendo? — pergunta Bree.

— Eu acabei de chegar. Não fiquei sabendo de nada.

— Pietyr Arron foi atacado. Ele foi encontrado em uma poça de sangue quase duas semanas atrás.

— Ele está morto?

— Não morto. Mas ele não acorda.

Uma piscina de sangue. Mirabella pisca.

— Ele foi esfaqueado?

— Não havia nenhuma marca nele — diz Elizabeth, baixinho. — É esse o mistério. Ninguém sabe o que poderia ter causado, um envenenador com uma dádiva tão forte quanto a dele. Parece impossível que ele pudesse ser ferido por outra coisa além de uma flecha ou uma faca.

— A Rainha Katharine chamou as melhores curandeiras da capital e uma de Prynn para cuidar dele. Elas estão tentando determinar o que aconteceu. Mas nenhuma consegue.

— Pobre rainha — diz Elizabeth. — Ele todo coberto de sangue em seu antigo quarto em Greavesdrake Manor e foi ela quem o encontrou!

Mirabella olha para fora da janela, na direção da grande casa aninhada nas colinas.

— E foi ela quem o encontrou.

Katharine chama Mirabella para o jantar mais tarde do que o esperado. Enquanto Bree e Elizabeth a acompanham escada acima até os apartamentos da rainha, até as guardas cinco passos atrás conseguem ouvir o estômago de Mirabella roncando.

— Ainda bem que Arsinoe não está aqui — murmura Mirabella. — Ela já teria comido os móveis a essa altura.

Bree a olha curiosa.

— O que você vai fazer com Arsinoe? Pedir misericórdia? Negociar um perdão para ela?

Mirabella aponta para as guardas com a cabeça e Bree fica quieta. Há ouvidos demais no Volroy e corredores que levam o som para cantos desconhecidos.

Elas chegam a uma pesada porta de madeira, e Bree e Elizabeth abraçam Mirabella rapidamente.

— Nós vamos te ver em breve — diz Bree.

— Não tenha medo — diz Elizabeth. — Ela é gentil.

Elas se vão e Mirabella endireita os ombros.

— Talvez com você — ela resmunga e estica o braço para bater. A porta se abre. Ela fica surpresa ao ver que quem responde não é uma serva, mas Katharine.

— Irmã — ela diz. — Entre.

Mirabella entra no espaço quente, suavemente iluminado, tomando cuidado para que o fogo não aumente quando ela passa por ele. Ela se senta na frente de Katharine. A mesa é redonda e pequena. Íntima.

— Gostei das suas joias — diz Katharine. — E do seu vestido. Você está com uma aparência muito melhor. Talvez boa demais. Talvez eu devesse te fazer usar roupas de continental para que meu povo não se apaixone por você à primeira vista.

Katharine se senta, bonita, mas contida em um vestido de musselina preta com mangas compridas, suas mãos escondidas por luvas pretas.

— Eu espero não ter feito você esperar. Mandei preparar um menu especial. — Ela sorri com lábios vermelho-escuros. — E eu queria que você estivesse com fome suficiente para não recusar. — Ela coloca o guardanapo no colo e aponta para os pratos cobertos. — Teremos que nos servir, eu receio. Mandei todas as servas embora para ter você só para mim.

Mirabella descobre seu prato. A comida embaixo – uma pequena galinha recheada com farofa de pão e ervas, vegetais assados brilhando na manteiga e um pedaço de torta de cebola – parece perfeitamente comum e cheira como um sonho delicioso. Mas ela nunca na vida teve tanto medo de um frango. *Nem mesmo quando Billy cozinhava*, ela pensa e ri.

— Algo errado?

— Nada — diz Mirabella. — Só que você me convidou para uma aliança e sou recebida com ameaças e insultos. Eu me sento para uma refeição da qual eu claramente devo ter medo demais para comer. É por causa da forma como você foi criada? — Ela pega os talheres e corta um pedaço da torta de cebola. — Natalia Arron ficaria orgulhosa?

— É o que ela teria feito — diz Katharine.

— Talvez não com uma mão tão pesada. — Mirabella dá uma mordida na galinha. — Natalia Arron era uma mulher de poder singular. E os que são verdadeiramente fortes não precisam demonstrar isso a cada cinco minutos. Isso está delicioso, Rainha Katharine. Obrigada.

Katharine se inclina para trás e Mirabella se força a continuar comendo, força sua dádiva para bem debaixo da sua pele, para que Katharine não note nenhum indício de nervosismo, nenhuma chama de vela tremeluzindo, nenhuma rajada de vento. Ela duvida que a comida esteja envenenada, mesmo só levemente envenenada, apenas para deixá-la doente. Mas ela não esqueceu que sua irmãzinha é fatal e isso poderia mudar na refeição seguinte ou mesmo durante essa, com um gesto de mão e algo colocado na sua bebida.

Katharine baixa os olhos para o seu prato e gira os anéis em seus dedos enluvados antes de pegar o garfo.

— Talvez você devesse tomar minha atitude como um elogio. Eu sei que você foi criada para jogar esse jogo. O jogo de reinar. Da política e dos favores. Eu só fui criada para vencer. E então ser controlada como uma marionete.

— Você não conheceu a Alta Sacerdotisa Luca? — Mirabella sorri, seca. — Os Arron não são os únicos titereiros habilidosos. Todas as rainhas são feitas para serem marionetes. Se elas não tomarem cuidado.

Por um momento, os olhos de Katharine se suavizam. Então ela ri.

— Eu deveria me simpatizar? Que difícil deve ter sido ser tão talentosa e favorita. Vamos comparar cicatrizes então? A sacerdotisa cruel te chicoteou diariamente para que sua dádiva surgisse?

— Não é uma competição. E sua dádiva parece forte suficiente.

— Sim. Mas minhas dádivas tomaram tempo. Sacrifício. As suas simplesmente… estavam lá.

Mirabella se senta em silêncio, esperando que Katharine fale mais. Mas ela se volta para sua

refeição com um suspiro.

— Por que você veio, Mirabella?

— Porque você me pediu.

Katharine desdenha.

— Você me pediu — prossegue Mirabella. — E pareceu que eu seria bem-vinda. Não foi o caso? Se você foi pressionada a formar essa aliança ou se mudou de ideia, você só precisa dizer, e vou embora.

— Você acha que seria fácil ir embora?

Mirabella aperta os olhos. Ela solta sua dádiva e as chamas na lareira se erguem.

— Eu acho que você nunca mais vai me levar viva para aquelas celas.

Katharine encara o fogo, mas ela tem menos medo do que Mirabella espera. A forma como seu olhar desliza pelas ondas de vermelho e laranja parece quase curiosa. Quase ansiosa, como se ela fosse tentar revidar.

— Peço desculpas — Katharine diz finalmente. — Eu não sei por que eu… Eu não queria que nosso encontro fosse assim. Quando fiz o convite para que você viesse a Indrid Down, ele foi sincero. Eu queria te receber bem. Talvez a hostilidade entre nós não possa ser evitada. Talvez esteja em nossa natureza. Como as lendas dizem.

— Não era assim com Arsinoe e eu. Não era assim entre nenhuma de nós, antes.

— E ainda assim você a está traindo.

— Eu não a traí — Mirabella diz. — Me peça para ferir nossa irmã e eu vou me recusar. Me peça para te ajudar enquanto você a fere e eu vou me recusar. — Ela escolhe suas palavras com cuidado e mantém um controle firme do tom de voz. — Isso não é por causa de Arsinoe. Nem é mesmo por sua causa.

— Então por que é? O que te fez mudar de lado, da Rebelião para a Coroa? Foi a antiga lealdade à tradição, tão entranhada? Aos hábitos da Ilha? — Katharine se inclina para a frente, para que Mirabella possa ver melhor a faixa preta marcada para sempre em sua testa. — Ou foi outra coisa? Talvez algo que você tenha visto em Innisfuil no dia em que eu matei a mãe de Juillenne Milone e soltei sua maldição da legião.

— Sim — diz Mirabella com sinceridade. Ela se lembra bem das últimas palavras de Madrigal. *Ela está cheia delas. Cheia de mortas*. E ela não acha que ela estava se referindo à filha. O enigma dessas palavras trouxe Mirabella até aqui tanto quanto qualquer pedido de Luca. — Foi Madrigal Milone. É por isso que estou aqui.

— Não. — Katharine desliza para fora da sua cadeira, com movimentos rápidos como de uma cobra ao dar o bote. Ela pega Mirabella pelo punho e a puxa para cima com uma força surpreendente.

— Para onde você está me levando? — Mirabella pergunta enquanto Katharine a puxa por um quarto e depois outro, até que ela abre as persianas e empurra Mirabella na direção do ar fresco, de forma que seu cabelo voa com a rajada de vento que vem do Porto de Bardon.

— Olhe — Katharine diz enquanto a segura com força, e Mirabella encara a água ondulando sob o lugar. Não muito longe dos penhascos ao norte, não longe suficiente, está a névoa, grossa e constante como uma parede. Vê-la faz seu estômago gelar.

— A névoa — ela suspira.

— Sim — diz Katharine. — Ela vem e vai quando quer. Mas eu te vi lutando com ela no vale aquele dia. E eu sei que você lutou com ela para escapar depois do Duelo das Rainhas. A Rebelião da Rainha da Legião é um problema. Mas um problema que eu posso resolver. — Ela

empurra Mirabella para a frente de novo. — Mas *isso*. É por isso que você está aqui. — Ela solta, e Mirabella agarra a borda da janela, suas mãos tremendo.

— Meu Conselho Negro está se reunindo lá embaixo. Se apronte. Você vai aparecer diante deles.

— Aparecer diante deles para fazer o quê?

— Defender sua causa. Convencê-los de que vale a pena te manter viva.

Em minutos, Mirabella se vê em pé na câmara do Conselho Negro. Ela foi colocada na ponta da longa mesa e suas mãos estão apertadas a sua frente como se ela fosse uma prisioneira trazida das celas para ouvir sua sentença. Mesmo os rostos daqueles que ela chamaria de aliados – Luca, Bree, e em certo sentido, Rho Murtra – estão impassíveis como pedras.

Na cabeceira da mesa, Katharine cruza os braços.

— Eu não preciso explicar a minha posição. — Ela aponta para a Alta Sacerdotisa, Rho Murtra e Bree. — Vocês três serão a favor de permitir que Mirabella fique. Os outros — ela acena com a mão para o resto — serão contra ela. A única questão é se os que estão contra ela estão também dispostos a saber se ela pode ajudar.

— Ajudar — Lucian Arron desdenha. — Que barganha foi essa que a trouxe até aqui em primeiro lugar? Não foi revelada a nós e, embora pareça que elas saibam — ele aponta para Luca, Rho e Bree —, nós não conseguimos arrancar nada delas.

— Ah, o que importa? — interrompe Bree. — Quando as pessoas souberem que Mirabella se juntou à Coroa, isso só irá fortalecer a posição da rainha. — Ela olha para Katharine. — Quando você fará o anúncio? Indrid Down deve ver vocês duas, lado a lado.

— Eles não devem vê-la — Antonin Arron sibila. — Ela devia ter sido derrubada por uma flecha envenenada no segundo em que pisou na cidade.

As lâmpadas na sala queimam, mas não veio de Mirabella, e ela lança um olhar de aviso a Bree. Seu fogo sempre levou a melhor sobre ela.

— Não — diz Katharine. — Eu convidei minha irmã aqui sob uma bandeira de paz. E manterei minha palavra desde que ela cumpra sua parte do trato.

— Que trato? — Lucian Arron pergunta de novo. Ele e os outros Arron estão ficando cada vez mais frustrados. Mirabella acharia divertidas suas expressões surpresas se no momento eles não estivessem decidindo se vão ou não deixá-la viver.

— Você não estava na batalha, Lucian. Você não a viu em Innisfuil lutando contra a névoa. Mirabella é a única arma que temos contra ela e, até acharmos uma melhor, me dê um bom motivo pelo qual eu não deveria mantê-la por perto. Motivos reais — acrescenta Katharine quando Antonin abre a boca.

— Além de sua… habilidade com a névoa — diz Luca lentamente —, a presença dela nos garante a aliança de Rolanth na guerra civil eminente. Indrid Down e Prynn não podem lutar sozinhas contra todo o resto.

Ela olha para Mirabella, assentindo, e ela se remexe. Será difícil ficar tão perto de Luca de novo. Difícil manter sua guarda quando tudo que ela quer é esquecer que Luca ficou do lado dos Arron e ordenou sua execução.

Antonin e Lucian Arron olham um para o outro. Eles parecem arrasados. Velhos. Exaustos.

— É contra a tradição — diz Antonin.

— Isso não é motivo suficiente — diz Katharine.

— E nós devemos simplesmente aceitar a palavra dela? — pergunta Genevieve. — De que ela é confiável?

Os olhos de Katharine voam para Mirabella enquanto Genevieve prossegue.

— E você, minha rainha, a viu lutando contra a névoa. Mas nem todos nós vimos. Quem garante que ela fará isso de novo?

Isso pareceu, pelo menos, chamar a atenção de Katharine.

— O que você está sugerindo, Genevieve?

— Teste a dádiva dela. Mande-a para a névoa e veja se ela consegue bani-la.

— E se ela não conseguir?

Genevieve inclina a cabeça.

— Então a névoa irá levá-la e nossa discussão estará encerrada. E não estaremos piores do que agora.

— Você não pode estar falando sério — diz Bree quando Katharine parece considerar a ideia. — Usá-la como defesa contra a névoa é uma coisa, mas mandá-la até lá…

— Nós precisaremos mandar outros elementais com ela. — A voz profunda de Rho corta o espaço e todas as cabeças se viram para ela com surpresa. Especialmente Luca. — Quem disse que uma dádiva elemental é melhor do que a outra? Por que não testar várias? Talvez não houvesse necessidade dela desde o início.

Katharine tamborila os dedos na mesa.

— Sinto que estamos sendo muito rudes. Mandar minha irmã como um cordeiro para o sacrifício. Com certeza nós devemos perguntar se ela consente com esse teste.

— Eu consinto — diz Mirabella.

— Bom. — Katharine bate duas vezes na madeira e se levanta. — Renata, mande convocações para os cinco elementais mais fortes de Rolanth, com dádivas para vento e tempestades. E quando eles chegarem, irmã — ela sorri —, você irá enfrentar a névoa.

Quando a reunião termina, as guardas devolvem Mirabella para o apartamento do rei consorte, garantindo-lhe que ficariam o tempo todo em frente à porta para sua "proteção".

Mirabella fecha os olhos e o rosto que ela vê é o de Katharine. Mas não a rainha pálida e fria que se sentou em frente a ela a noite toda. Em vez disso, ela vê a linda garotinha que raramente ficava emburrada e adorava ter seu cabelo penteado.

Quando ela abre os olhos, ela vê a névoa, ainda acomodada sobre o mar. A mesma névoa que ela viu subir sobre a terra em Innisfuil e vencer os soldados da guarda da rainha, os rasgando como pedaços de tecido.

— Arsinoe — ela sussurra e deseja mais do que tudo estar de volta em Sunpool, onde ela não era mais uma rainha, mas uma irmã e amiga. — Deveria ser você aqui, com sua esperteza. Eu não sei se consigo fazer isso.

Depois que o Conselho Negro se dispersa, Katharine fica no corredor em frente à câmara. Ela não vai conseguir dormir esta noite. Com Mirabella na capital, seu sangue está fervendo e as rainhas mortas estão rodopiando nele como um cardume de peixes podres. Ela está tão distraída

pela sensação e por seus próprios pensamentos que não nota ter companhia até Genevieve dizer seu nome.

— Katharine.

Katharine olha para ela, irritada.

— Genevieve. O que você está fazendo aqui?

— É tarde. Eu pensei em passar a noite aqui em vez de pegar a carruagem de volta para Greavesdrake. — Ela se junta a Katharine perto da parede. — Você andaria um pouco comigo? Você não é a única que ficou perturbada.

— Eu não estou perturbada. — Katharine ergue uma sobrancelha e começa a andar. — Estou apreensiva. E indecisa.

— Dois sentimentos muito perturbadores. — Genevieve joga uma capa pelos ombros de Katharine. — Venha. Vamos tomar um ar fresco.

Elas saem do castelo para a noite, sozinhas exceto pela sombra constante das soldadas da guarda real. Com um olhar de Genevieve, as guardas se dispersam e vão checar as entradas, dando privacidade a elas.

— Eu sei que você gostaria de que Natalia estivesse aqui — diz Genevieve. — Que até Pietyr estivesse aqui, em vez de mim.

— Não finja ser tão autodepreciativa. Por que eu iria te querer? De todos os Arron… você é a de que eu menos gosto.

Para a surpresa de Katharine, Genevieve não fecha o rosto. Em vez disso, ela sorri.

— Por que você iria gostar de mim? — ela pergunta. — Quando eu fui cruel. Quando eu tive vergonha e me ressenti de você, com a rainha fraca com a qual tínhamos sido deixadas. Desde o primeiro momento em que pisou em Greavesdrake, eu sabia que você não seria nada além de uma vergonha. Mas eu estava errada. Você é uma boa rainha, Kat. Em todos aqueles momentos em que achei que você estava se recolhendo de medo, você estava escutando. Aprendendo. Eu estava errada a seu respeito e eu sinto muito.

Katharine para. Ela estuda Genevieve no escuro, desconfiada, no pátio iluminado apenas por pequenas lâmpadas e as tochas da guarda real.

— Eu meio que estou esperando que você vá jogar um saco de cobras raivosas em mim agora.

Genevieve mostra suas mãos. Vazias.

— Então o que você quer?

— Só uma palavra. Eu sei que você nunca me escuta. Que você não tem motivo para valorizar meus conselhos. Mas eu te alertaria a não permitir que Mirabella lute contra a névoa. Ela já é uma lenda para o povo, e um ato desses é digno de uma rainha. Eles a amarão mais.

Katharine franze a testa.

— Você acha que eu não pensei nisso? Ela é bonita demais e forte demais. — Ela fecha as mãos em punhos. As rainhas mortas erguem suas cabeças para farejar como cães de caça à mera menção de Mirabella. Até elas… até elas a escolheriam se tivessem a chance. — Mas o que mais eu posso fazer?

— Eu não sei. É preciso lidar com a névoa, o porto deve reabrir. Eu só sei que Mirabella vai roubar a Ilha, mesmo que ela não roube a Coroa.

Genevieve abaixa a cabeça e dá boa-noite. A guarda real se afasta para deixá-la entrar de volta no castelo.

Sozinha outra vez, Katharine caminha pelo pátio. O aviso de Genevieve não serviu para

aliviar sua aflição e seus pés a carregam pela escuridão para fora da área do castelo. Ela não sabe para onde está indo até sentir o cheiro de maresia que se ergue do porto.

Agora as rainhas estão correndo pelas suas veias por outro motivo. Elas temem a névoa e portanto temem a água – com cada passo que ela dá, elas forçam contra sua pele. Ela pega uma tocha de uma das guardas e faz um sinal para que elas fiquem para trás. Elas não precisam ouvir duas vezes.

— Parem — ela diz para as rainhas mortas enquanto seus saltos ecoam contra o deque de madeira. — O que vocês têm a temer? E por que ela não teme? O que é tão grande dentro de Mirabella que não é grande também dentro de vocês? Ou de mim? — Ela chega ao fim das docas e ergue a tocha. A chama ilumina só alguns passos em cada direção, mas a lua sobre a água ainda está quase cheia e mostra a névoa claramente se esticando em sua direção.

A névoa se enrola em volta das docas, tão grossa que ela poderia cortá-la com sua adaga. Na costa, a guarda real se movimenta como cavalos nervosos.

— Vocês não me servem com medo — Katharine diz às rainhas, e elas, assombrações obedientes uma vez na vida, sobem para a superfície. Elas se erguem para ficar com Katharine, que as sente se acumulando sobre sua pele como uma armadura. Tentáculos e tendões da névoa cercam as docas por todos os lados. É horripilante de perto – muito pior do que na clareira em Innisfuil. É como se ela pudesse ver os fantasmas das formas dentro dela. E, às vezes, quando engrossam, ela pode jurar que sente uma forma sólida.

— Viram? É como no vale. Ela não nos toca. Nós somos todas do mesmo sangue. Até vocês. O antigo sangue.

Ela estende sua mão enluvada, esperando que a névoa recue. Em vez disso, sua mão desaparece dentro dela. De início, tudo que ela sente é uma leve surpresa. Uma dor chata, como de frio. E uma súbita sensação de tristeza. Então ela começa a gritar.

Dentro da névoa, sua mão é arrancada. Ela ouve o estalo do seu indicador – o ruído de quando seu dedão se solta da junta. Quando ouvem seus gritos, as guardas avançam pelas docas.

— Fiquem para trás!

Ela mostra os dentes, rugindo para elas. Ela chama as rainhas mortas.

— Me ajudem, parem isso. — Mas elas não fazem nada além de guinchar. A sensação delas enfraquece, como se estivessem vazando para fora de Katharine com cada gota de sangue que cai na madeira e desliza para a água. Finalmente, ela agarra seu braço pelo cotovelo e se liberta, e então corre para a costa o mais rápido que pode, onde sua guarda a espera apenas para jogar um cobertor sobre ela, antes de saírem correndo. Somente quando chegam ao topo da colina, ela ousa olhar para trás e vê a névoa ainda reunida em volta das docas, ainda farejando e buscando por ela, e no escuro ela ouve o barulho da água, como peixes se alimentando.

— Rainha Katharine!

As soldadas a encaram boquiabertas. Suas tochas deixam as feridas em sua mão à vista, os dedos quebrados e deformados, a carne vermelha misturada ao tecido negro da luva. O sangue ensopa até seu cotovelo. Parece que ela foi mastigada.

O peito de Katharine arqueja quando ela puxa sua ferida para perto, aninhando-a.

— Não falem nada sobre isso — ela ordena. — E tragam uma curandeira. Uma discreta.

Sunpool

Arsinoe acorda com um susto e ataca com os punhos.

— O que… o que foi? — Billy pergunta grogue, ele mesmo se levantando em um salto.

Arsinoe exala e passa as mãos com força pelo rosto.

— Nada. Só um pesadelo.

— Um pesadelo com Daphne?

— Sim, mas era só um pesadelo. Não era um dos sonhos que ela manda. Ao contrário do que você e Mira pensam, eu sei a diferença. — Ela aperta os olhos enquanto espia para fora da janela; a luz entrando sugere que já é o fim da manhã. E eles estão no chão. Tudo que eles têm são travesseiros e um pequeno cobertor que Arsinoe chutou contra a parede. — O que você está fazendo aqui? — ela pergunta. — Por que não está em seu quarto?

— Eu te achei aqui, já adormecida, com o rosto contra a madeira. Então peguei esses travesseiros e um cobertor. — Ele se senta e estica as costas com uma careta.

— Desculpe — ela diz e aperta o braço dele.

— Tudo bem. Você descobriu alguma coisa?

Arsinoe se arrasta na direção de seu espaço de trabalho: facas, garrafas e metade do estoque do apotecário estão espalhados pela mesa solitária e pelo chão. O vidro que contém a amarração de Madrigal está aberto, a carta para fora e cinco cordas ensopadas de sangue ainda dentro.

— Eu vou tentar isso. — Ela ergue um frasco de um líquido com cor de ferrugem. — É um tônico normal, mas eu misturei nele uma das cordas sangrentas de Madrigal.

— Bem, isso é nojento — diz Billy. — Lá se vai meu café da manhã.

Arsinoe esfrega o rosto. Ela está cansada deste quarto, e ele está uma bagunça. Ela não é uma envenenadora cuidadosa e deixa que gotas de suas poções escorram pelas pernas das mesas e se acumulem no chão.

— Olha isso. — Ela se levanta e pega garrafas jogadas, as endireitando com raiva, então agarra um pano e limpa as poças, embora algumas tenham secado e virado manchas grudentas. — Eu nunca aprendo. — Ela joga o pano no chão e ergue o punho. Ela precisa de todo o controle para não arremessar todas as garrafas e lâminas no chão.

Billy fica em pé atrás dela e coloca as mãos nos seus ombros.

— Ei, tudo bem.

— Não está tudo bem. E não toque em nada! — Ela dá um tapa na mão dele. — Você não devia ficar perto de nada disso. Você quer acabar como aqueles dois pretendentes que eu matei?

— Foi um acidente.

— Não importa. Eles ainda estão mortos.

— Escuta. — Billy estende a mão e a puxa para longe da mesa. — Eu sou esperto o suficiente para não lamber as manchas. E se você está sendo descuidada é porque está trabalhando demais. Quanto você tem dormido? Quanto sangue você já perdeu, cortando a si mesma?

Ela flexiona os dedos. Gotas de sangue foram tiradas de cada ponta. E seus braços são um campo de guerra de cicatrizes. Ela pensou que seus dias de magia baixa haviam terminado. Pelo contrário, ela está mergulhada nisso mais fundo do que nunca, mais fundo que Madrigal, talvez mais fundo que qualquer praticante que veio antes dela.

— Eu nem sou filha dela, mas sou tão parecida.

— Igualzinho a Madrigal — diz Billy. — E vai acabar como ela? — Ele aponta para os vidros, as facas e os panos manchados de vermelho. — Sempre há um preço, não é isso que você disse? A magia baixa sempre tem um preço. Mas você nunca sabe qual é o custo até ele ser cobrado.

Arsinoe aponta para o seu rosto cansado.

— Eu acho que o custo são esses círculos enormes e pretos embaixo dos meus olhos.

— Eu não sei qual é o custo. Assim como Madrigal não sabia que o dela seria uma faca na garganta.

Os olhos de Billy estão tão sérios que ele nem parece ele mesmo. A morte de Madrigal pode ter sido um azar. Assassinada nas mãos de Katharine. Ou pode ter sido a magia baixa. Não há como saber.

— Você está me pedindo para parar?

— Eu não posso te pedir isso, posso? Não quando você está fazendo isso por Jules.

— Não é porque eu quero — diz Arsinoe, mas até ela escuta a mentira. Magia baixa é perigosa, verdade, mas é potente, e graças ao seu sangue de rainha, é mais potente que o normal. Como poderia parar agora, no meio da guerra, quando ela tem uma das suas melhores armas correndo por baixo da pele?

— Mas vai ter um preço — diz Billy. — Não há como evitar isso. Não há… brechas no contrato.

— Talvez seja diferente para rainhas.

— Talvez — Billy diz baixo. — Talvez elas paguem com as pessoas que amam.

Arsinoe engole em seco. As pessoas que ela ama. Joseph, morto. Jules, fora de si. Billy pega os braços dela.

— Eu não quis dizer isso. Eu não deveria ter dito isso. Eu só pensei porque eu quase quero que seja verdade.

— Como você pode querer que seja verdade?

— Porque eu sou egoísta. E seria melhor se acontecesse algo comigo ou com Jules. Mas não com você. — Ele ri sem muito humor. — Talvez você devesse começar a se importar mais com Emilia.

— Isso não é engraçado — diz Arsinoe. — Além do que, não acho que iria funcionar.

Ela pega a mão dele e chuta o cobertor solitário amassado no chão.

— Vamos encontrar alguma coisa para comer. E tomar um ar fresco.

— Vamos para o grande salão — sugere Billy. — Deve ter cozido. Sempre tem cozido. E provavelmente vamos encontrar Luke, Matthew e Caragh se o bebê estiver dormindo. Eles encontraram Braddock, Luke te contou? Alguém disse que o tinha visto na praia, e lá estava ele, catando mariscos na maré baixa.

— Eles não o trouxeram para dentro? — pergunta Arsinoe, alarmada.

— Não. Caragh conseguiu uns peixes para ele e o deixaram em paz. Avisaram as pessoas daqui para lhe dar bastante espaço. Eles disseram que, com você tão distraída pela Rebelião, ele pode estar quase selvagem.

Pobre Braddock. Ele deveria estar em alguma toca quente. Em vez disso, o cheiro do sangue dela o mantém preso em Sunpool.

Eles deixam o pequeno laboratório e andam pelo pátio, onde Arsinoe vê Emilia em sua brilhante capa vermelha. Ela está parada no meio de um aglomerado de pessoas e elas estão agitadas, com braços cruzados e rostos fechados. Pobre Emilia. O sucesso da Rebelião dependia da força lendária de Jules. Na cidade, o trabalho continua: construtores fortificam a muralha usando picaretas, engrenagens e carroças a cavalo para recuperar as pedras que rolaram. Estoques de comidas são guardadas nos silos conforme mais pessoas chegam em Sunpool e precisam ser alimentadas. Tanta coisa sendo feita e ainda tanto a fazer, mas não importa o quão ousada seja Emilia, ou quão determinada, não é por ela que as pessoas vêm e não é ela que as pessoas seguirão.

Arsinoe e Billy viram em uma ruazinha quieta e não têm pressa de se juntarem à discussão.

— Você acha que os rebeldes estão perguntando sobre Jules? Ou sobre Mirabella? — Arsinoe reflete.

— Provavelmente das duas. Eles estão ficando insatisfeitos com as histórias de Emilia. E ela está perdendo o controle. De tudo. Eu não acho que ela vá ficar quieta a respeito de Mirabella por muito tempo.

— Eu tinha certeza de que Mirabella já teria dado notícias a essa altura. Nos contado o que está fazendo. Qual seu plano.

— Talvez ela não possa.

— Ou talvez não exista plano — Emilia diz, surgindo por trás da esquina seguinte. — E ela abandonou vocês para se aliar à rainha.

Billy sente um arrepio e dá um passo para trás.

— Credo, como você chegou aqui? Tem duas de você?

— Boa Deusa, não permita que existam duas dela — Arsinoe diz, e Emilia arqueia uma sobrancelha.

— Eu vi vocês fugirem quando viram a multidão, então segui vocês. Precisam tomar cuidado ao falar nesses corredores. O som vai de uma ponta a outra.

— O que está acontecendo lá? — pergunta Arsinoe. — Parece tenso.

— Eles querem respostas. Eles querem sua rainha. — Emilia suspira. — Alguns de nossos soldados estão perdendo a fé. Se eu contar a eles que precisamos enfrentar não uma, mas duas rainhas, e sem nenhuma rainha nossa…

— Ei — diz Arsinoe. — Eu sou uma rainha.

— Claro que é. Me perdoe. É fácil esquecer. Você ainda não voltou a usar preto e seu cabelo está sempre sujo. — Emilia estende a mão e toca em seu cabelo. — Seria preto? Seria

cinza? — Ela puxa um longo pedaço de palha amarela. — Seria loiro?

Arsinoe arranca a palha da mão dela.

— "Soldados", você diz. Você não quer dizer fazendeiros e operários?

Emilia suspira.

— Como está Jules?

— Igual.

— Igual? Mas você ficou trancada com seus venenos e a maldição de magia baixa da mãe dela por dias. O que está demorando tanto?

— É uma amarração, não uma maldição — Arsinoe diz e a empurra para o lado desta vez. — E não é igual a seguir uma receita.

— Reúna os Milone e me encontre na torre. Eu quero saber tudo que há para saber sobre a amarração.

Então ela se vira e vai embora.

— "Pegue os Milone e me encontre"… — Arsinoe resmunga no grande salão enquanto come seu cozido. — Como se ela fosse a comandante da Rebelião ou coisa assim.

— Bem, ela meio que é — diz Billy, pegando um pedaço de pão de uma mesa enquanto eles passavam e espalhando manteiga sobre ele.

Apesar dos resmungos de Arsinoe, eles fazem o que foi pedido e reúnem Cait, Ellis e Caragh para encontrar Emilia na câmara fora do quarto de Jules, na torre do castelo.

Mathilde os cumprimenta na porta e os leva para dentro.

— Você não vai poder continuar usando esse quarto por muito mais tempo — diz Arsinoe. — Logo vai precisar de um espaço do tamanho da câmara do Conselho Negro.

— Logo nós *teremos* a câmara do Conselho Negro. — Emilia sorri e faz um sinal para que Cait se sente, mas é Ellis que pega a cadeira. Cait sempre prefere ficar de pé, tanto que Arsinoe suspeita de que quando ela morrer, eles vão ter que criar uma pira especial que permita a ela ser queimada em pé.

— Eu chamei vocês aqui porque quero saber o que Arsinoe descobriu a respeito da maldição da legião. Já faz muitos dias desde que ela recebeu o feitiço de magia baixa e a carta, e eu esperava ouvir algum progresso.

Por um momento, Cait encara Emilia como se ela também estivesse irritada com essa convocação e Arsinoe espera que ela dê uma bronca. Até mesmo Emilia, uma guerreira tão cheia de orgulho que quase tropeça nele, se encolheria diante de palavras duras vindas de Cait Milone.

— Eu admito que também estou curiosa com isso. — Cait diz e olha para Arsinoe, e ela engole em seco. — O que você descobriu, fechada naquele seu quarto?

Arsinoe abre e fecha a boca várias vezes antes de encontrar as palavras.

— Não tanto quanto eu gostaria. — Todos os olhos da sala se baixam decepcionados, e ela enfia a mão no bolso para pegar o frasco de tônico com sangue. — Mas talvez isso.

Emilia abre a porta da câmara onde está Jules, e os Milone e Billy ficam do lado de fora, com os pescoços esticados tentando ver enquanto Arsinoe administra o tônico. Ela ergue a

cabeça de Jules e usa sua manga para secar o líquido que escorre pelo canto da boca dela. Jules fecha os olhos e elas esperam. Mas além de uma visão trêmula, não parece haver mudanças.

— Nada — Caragh sussurra.

Arsinoe fecha um punho. Ela sabe que a decepção deles é porque amam Jules, mas ela não consegue deixar de pensar que tipo de milagre eles esperam que ela opere com um pouco do sangue de Madrigal e um pedaço de papel.

— Você leu a carta, Cait? — ela pergunta.

— Li.

— Então você sabe o que está ali. Ou melhor, o que não está. Tudo que Madrigal escreveu foram detalhes do feitiço de amarração e instruções para como removê-lo caso ela morresse. Não ajuda muito agora, considerando que ele foi removido quando ela foi assassinada.

— Mas deve haver algo — diz Emilia.

— Se você tem tanta certeza, por que não tenta procurar?

— Espera — diz Billy. — Eu não sou nenhum especialista, mas… você tem o feitiço de amarração que Madrigal usou. Você não poderia fazer o mesmo feitiço de novo? Reamarrar a maldição?

— Não — diz Arsinoe. — Quando Madrigal fez a amarração pela primeira vez, Jules era bebê. Nenhuma de suas dádivas tinha se enraizado ainda. Tentar atar sua dádiva da guerra agora seria como tentar enfiar um carvalho de volta para a semente. Mas…

— Mas o quê?

Ela para e olha para Jules. As batidas do coração ressoam nos seus ouvidos e faz seu sangue latejar nos seus dedos feridos.

— Talvez ela pudesse ser amarrada.

— Amarrada?

— Domada, amarrada como uma vela solta que bate com o vento. Talvez pudesse ser amarrada se fosse presa a outra pessoa.

Os pensamentos de Arsinoe fluem com rapidez. Não seria uma amarração, mas um tipo de compartilhamento. Quem fizesse isso ajudaria Jules a carregar seu fardo.

— Amarrada em alguém para que ela fosse a guardiã da maldição? — pergunta Cait. — Como Madrigal era?

— Não. Não exatamente. A maldição seria… compartilhada. E antes que vocês perguntem, eu não tenho ideia do que isso significaria para a outra pessoa. Ela poderia se perder para a maldição também, com o tempo.

Emilia bate seu punho na mesa.

— Quando você poderá fazer isso?

— Eu nem sei se deveria. Seria complexo. Não como encantar um falso Familiar urso ou mesmo buscar antigas dádivas. É maior do que tudo que já tentei antes.

Emilia se vira para Mathilde.

— Você tem alguma sensação em relação a isso?

— Ainda não — diz a vidente. — Eu não vi nada do destino de Jules. O fio ficou escuro. Eu vou continuar buscando. Continuar lendo a fumaça em busca de visões.

Esse é o único aspecto da dádiva que ela tem, Arsinoe descobriu. Visões e flashes momentâneos. Os oráculos dizem que é o lado mais forte da visão, mas Arsinoe não sabe por quê. Seria muito mais útil ser capaz de jogar os ossos e conseguir uma resposta quando se precisa de uma.

— Isso poderia ferir Jules? — Ellis pergunta baixo.

— Poderia ferir todos — Arsinoe responde. — Tudo pode dar errado.

— Arsinoe.

Com o som do sussurro áspero de Jules, eles se viram. Jules está deitada em sua cama de palha, mas seus olhos estão fixos neles, sua garganta se esforçando para falar. Arsinoe e Emilia quase mergulham ao lado dela. É tão bom ouvir sua voz.

— Jules, Jules — diz Arsinoe. — Você voltou.

Emilia tira o cabelo de Jules da testa.

— Eu sabia que você voltaria.

Eles ficam em silêncio enquanto os lábios de Jules lutam para formar as palavras.

— Você precisa fazer. Você precisa amarrá-la. Eu não posso… — Ela aperta os olhos com força e se prepara para uma onda de dor.

— Certo — diz Arsinoe. — Certo, eu vou fazer.

Arsinoe espalha ingredientes por uma pequena escrivaninha que se tornou uma mesa de apotecário. Maços de ervas. Velas para queimá-los. Duas echarpes delicadamente finas e brancas, uma faca e curativos. Sempre curativos.

Quando Madrigal fez a primeira amarração, ela sangrou até quase morrer e Jules também. A inocente, pequena e recém-nascida Jules. Arsinoe não estava lá, ela mesma era recém-nascida na época, mas mesmo assim consegue imaginar os gritos exaustos do bebê diminuindo. Ela fecha os olhos com força. Pelo menos Jules não é mais um bebê.

Do outro lado da sala, a porta de Jules se abre e Emilia surge. Ela parece acabada, como todas as vezes em que deixa Jules.

— Eu não quero te atrapalhar — diz a guerreira, se inclinando para dar um abraço em Camden e dar a ela um pedaço de carne-seca. — Está… indo bem?

— A amarração original foi feita em Wolf Spring, não muito longe da casa dos Milone, embaixo da árvore retorcida, e se eu tivesse escolha, é onde tentaria fazer isso. — Ela ergue os olhos para Emilia, lamentando. Wolf Spring é longe demais, e observada demais. O Vale de Innisfuil e a Fenda de Mármore estão fora também, pelos mesmos motivos. — Mas fora isso… está tudo indo de acordo com o plano.

— E qual é o plano? — pergunta Emilia. — Quem você vai amarrar? Quem vai carregar a maldição com Jules?

Arsinoe franze a testa. A resposta era óbvia no momento em que o plano surgiu.

— Eu, é claro.

— Você. — A boca de Emilia se retorce. — Uma rainha e nossa única praticante de magia baixa. Brilhante. Se der errado e a maldição dominar vocês duas, eu não consigo pensar em uma pessoa pior para estar fora de controle. Você pode acabar sendo mais perigosa do que ela. — Ela anda até a mesa e passa a mão por cima dela como se fosse jogar os ingredientes no chão. — É claro que seria você. Para que Jules possa estar novamente amarrada ao seu destino. O dela com o de uma rainha.

— Que tal porque é perigoso e eu prefiro arriscar a mim mesma do que outra pessoa? — Arsinoe desvia o olhar e continua trabalhando. — Além do que, não pode ser qualquer um.

Precisa haver um laço.

— Como você sabe? O que você realmente sabe sobre magia baixa? Você é mestre nisso?

— Não sou — diz Arsinoe. — Eu tive uma mestra e ela está morta. Mas eu aprendi com ela. Quando Madrigal amarrou a maldição de Jules, ela o fez por amor e desespero. *Muito* amor e desespero. Provavelmente é por isso que funcionou. A magia baixa é como uma oração, Emilia. Uma oração tola, custosa, exigente. — Ela encara a faca na mesa e sente as cicatrizes de todos os cortes, cada linha fina e rosada que marca seus braços.

— E o que isso vai fazer com você? — Emilia pergunta. — Amarrar uma maldição da legião naturalista e guerreira quando você é uma envenenadora?

Arsinoe aperta os olhos ao entender o que ela está dizendo.

— Você acha que eu deveria amarrar em você.

Emilia se endireita e fica mais alta.

— Eu acho que sim. Por que não?

— Há centenas de razões para não.

— Pode ser mais fácil comigo, uma vez que eu já tenho a dádiva da guerra. Eu posso nem notar o fardo extra. E então você pode manter suas forças, você não vai precisar sangrar tanto durante o feitiço.

Arsinoe se vira e seleciona um pedaço de âmbar para queimar, para clareza.

— É isso que você quer? Uma dádiva mais forte para si mesma? Talvez até uma maldição da legião toda sua, para que você não precise de Jules como sua rainha. Mas isso provavelmente não é o que…

Arsinoe engasga quando Emilia a empurra contra a parede, com tanta força que ela perde o fôlego e com mais força do que Emilia poderia fazer com apenas as mãos em um espaço tão pequeno. Essa é a dádiva da guerra. Arsinoe empurra de volta e Emilia a solta.

— Nunca diga algo assim para mim de novo — Emilia diz.

— Certo. Ai.

Emilia estende uma mão para ajudá-la a se levantar da parede.

— Desculpe. Você está bem?

— Sim.

— Você não é a única que a ama, sabe.

— Eu conheço Jules desde que me lembro. Você a conhece há menos de um ano. Como você pode amá-la tanto assim?

Emilia baixa os olhos. É a primeira vez que Arsinoe a vê corar, e ela cora bastante.

— Porque eu a amo de uma forma diferente. De uma maneira que não leva tanto tempo.

Arsinoe pisca para as bochechas vermelhas da guerreira.

— Ah.

— Quanto tempo você levou para perceber o que sentia por Billy? Não foi sua vida inteira.

— Billy — diz Arsinoe. — Ah!

— Você fica dizendo "Ah".

— Eu sei. Desculpe. — Ela observa as bochechas de Emilia gradualmente voltarem a sua cor normal. — Ela… Jules sabe? Ela sente o mesmo?

— Não, e eu não sei — Emilia diz e dá seu sorriso mais confiante. — Mas ela vai, se nós pudermos deixá-la bem o suficiente para considerar. — Ela se aproxima de Arsinoe e a pega pelo braço. — Deixe que eu carregue a amarra. Não vou falhar com ela. Eu prometo.

Indrid Down

Mirabella está de pé na janela do apartamento do rei consorte, seus dedos tamborilando no parapeito enquanto olha para a cidade. Indrid Down é feia no inverno. Escura, cinza e cheia de fumaça. E fede. Um cheiro velho, como se não houvesse vento suficiente vindo do Porto de Bardon para limpá-la. Não é como Rolanth, onde os ventos têm cheiro de pinheiros e o gelo fino que se forma em telhados e nas pedras brancas é limpo e puro como cristal.

É quase hora do pôr do sol. Ela irá encarar a névoa essa noite, no escuro, com Katharine e o Conselho Negro assistindo a uma distância segura no topo da colina. O Porto de Bardon será isolado. Para que ninguém além da Rainha Coroada e seu Conselho saiba se Mirabella teve sucesso ou não.

Naquela manhã, ela observou da mesma janela uma fileira de carruagens trazer os elementais que Katharine convocou de Rolanth. Os corajosos "voluntários" que têm a dádiva de vento e clima. Katharine irá lançá-los na mesma empreitada que Mirabella. Desafiadores, ela os chama, quando eles estão mais para sacrifícios.

— Venha — diz Bree atrás dela. — Está quase na hora. Nós precisamos colocar um vestido em você.

— Por que me vestir? Só para me empurrar no escuro na frente de nada e de ninguém? — Ela se vira e deixa que Bree faça o que quer. Mas ela ergue sua mão ao ver um corpete. — Para isso eu vou precisar respirar.

Bree concorda.

— Uma invenção de envenenadores, de qualquer forma — diz ela ao jogá-lo de volta no baú. — Embora seja uma beleza para os peitos.

Mirabella sorri apesar de seu humor sombrio. Pelo menos Bree estará lá. Um rosto amigo em cima da costa.

Ela ergue os braços e Bree passa o vestido preto e simples por sua cabeça. É leve e sem adornos, nenhum bordado chique ou renda, e a capa que ela coloca por cima é igualmente simples. Nada caro, caso ela seja arrastada para o fundo do porto com essas roupas.

Do lado de fora da porta, a guarda anuncia que a rainha está vindo e Bree dá um passo para o lado. Katharine entra no quarto seguida por duas servas com bandejas de chá.

— Bom. Você está quase pronta. — Katharine fica em frente a ela com suas mãos enluvadas em uma posição casta na cintura. Ela aponta para o chá. — Algo para acalmar os nervos?

— Não, obrigada.

— Algo no estômago ajuda às vezes. Eu trouxe tortas. Feitas com frutas secas e conservas, algo a que todos nós teremos que nos acostumar se você não tiver afastado a névoa até o verão.

— Muito gentil da sua parte.

— Eu queria que você comesse algo que valesse a pena, caso seja a última coisa que vai comer. — Ela dá um sorriso doce e, atrás dela, as lâmpadas brilham tanto que queimam a superfície dos vidros. — Chega, chega. — Katharine sacode um dedo. Os olhos de Mirabella apertam. Há algo estranho na forma como ela está usando as mãos. Só uma delas se move. Como se houvesse algo errado com a outra. — Guarde sua dádiva para a névoa.

— Eu estou guardando. — Mirabella dá um sorriso igualmente doce. — O fogo foi Bree.

Bree pigarreia e sai.

— Eu não esperava ser dedurada — sussurra ela quando passa, e Mirabella ri.

— Eu preferia que fosse Elizabeth aqui com você — diz Katharine depois que Bree se vai. — Eu gosto do pequeno pica-pau dela. Eu trouxe um pedaço de pão de nozes para ele.

— É muito gentil.

— Não soe surpresa. Eu sou gentil. Quando posso.

O tom de voz de Katharine faz Mirabella estremecer. Mesmo sendo a mais nova das trigêmeas, a coroa se assentou em Katharine e a tornou mais concreta, afastando Mirabella e Arsinoe como fantasmas.

— Se vale de alguma coisa — diz Katharine —, eu relutei em aceitar a sugestão de Rho de juntar outros elementais.

— Isso não vale nada — diz Mirabella —, se eles morrerem.

— Não faça parecer tão simples. Ser a Rainha Coroada não é tão fácil quanto certo e errado. O que você faria se precisasse encarar o que eu encaro? Eu falei com a sacerdotisa desde a Ascensão, Mirabella. Você teve os seus sacrifícios.

O estômago de Mirabella se revira, enquanto ela se lembra da sacerdotisa que enterrou sob as rochas enquanto praticava para a Aceleração.

— Os elementais que você convocou… Eles estão dispostos, pelo menos?

— Claro que sim. Foram prometidas grandes recompensas só pela tentativa. — Katharine pega uma torta, outra vez com a mesma mão. — Para ser sincera, eles nem estão com medo. Não com você lá.

— E você se ressente disso. De eles pensarem que sou tão forte. Mas quem sabe quão forte eu realmente sou? Você estava em Innisfuil, você viu como a névoa engoliu os soldados e todas as pessoas que eu não consegui salvar.

Katharine assente.

— Pressão — diz ela pensativa. — Verdade, há sempre pressão. Mas só uma vez eu gostaria de ter o benefício da crença, em vez da expectativa de que vou falhar. Talvez estejamos nos preocupando por nada. Talvez com você lá a névoa nem vá se erguer.

— Você não acha isso de verdade.

— Não — diz Katharine. — A névoa se ergueu para todos os navios que tentaram deixar o porto. Mas eu também não espero que você vá falhar. — Ela esfrega a faixa preta tatuada em sua testa, talvez de forma inconsciente, sua outra mão pendurada ao lado da cintura.

— Eles querem que eu te mate, você sabe. O Conselho Negro. Se os elementais tiverem

sucesso e não precisarmos de você para combater a névoa. Como ninguém sabe que você está aqui, seria uma coisa fácil de esconder. Eles dizem que você é uma outra rainha e que seria a solução natural. Mas não se preocupe. Mais uma vez, a Alta Sacerdotisa te salvou. "Não podem matá-la", ela disse. "Porque mesmo se vocês descobrirem que os elementais são fortes o suficiente para combater a névoa, as suas dádivas ficam mais fortes com uma rainha elemental."

— Essa é uma imitação muito boa de Luca.

Katharine ri.

— A boa e velha Luca. Sempre te protegendo. Achando até uma forma de atribuir toda a dádiva elemental a você. Mas funcionou. Nem Lucian pode discordar. Então eu acho que posso te manter aqui, pelo menos até que as duas guerras acabem.

— Luca nem sempre me protege. Ela teria supervisionado minha execução. No final, eu falhei com ela e ela te escolheu. — Mirabella engole em seco. Ela odeia a tensão que entra em sua voz ao mencionar a traição de Luca. Ela ainda tem o coração mole demais.

— Se faz você se sentir melhor, ela não me escolheu de verdade — diz Katharine. — Ela escolheu quem ela sempre escolhe.

— A Deusa — diz Mirabella. — A Ilha. Como todas nós fazemos.

— Como todas nós fazemos. — Katharine olha para fora da janela, está tudo sombrio agora e os únicos pontos de luz na cidade são fogueiras e lâmpadas. — Você está pronta? — ela pergunta sem olhar para Mirabella. — Chegou a hora.

O Porto de Bardon está assustadoramente quieto quando Mirabella e os elementais são colocados na barcaça. Os pescadores e trabalhadores das docas já estavam em suas casas e os pássaros marinhos de volta aos ninhos. O silêncio pesa como um sudário. Não há uma alma na rua nesta noite, nenhum rosto espiando pelas janelas. É apenas a guarda real, o Conselho Negro e a própria Rainha Katharine na costa.

Embaixo dos pés de Mirabella, a barcaça ondula suavemente. Normalmente, ela acha as ondas reconfortantes, mas essas a estão deixando enjoada.

Os elementais que responderam ao chamado se alinham a sua direita e esquerda. Antes de terem embarcado, Katharine passou um medalhão em volta do pescoço de cada um deles: um círculo prateado, como uma moeda, com o selo da rainha. Uma marca de favor, vinda de Katharine, a Morta-viva, pendurada em um pedaço de corda preta.

— É pesado — diz o menino ao lado dela, segurando o medalhão nas mãos. — Eu sei que ela nos deu como uma benção, mas neste momento parece uma…

— Âncora — diz a mulher à esquerda dela e eles riem.

Eles estão com medo. Eles terem escolhido vir não muda isso. Mirabella olha para cada um deles sob a luz da tocha. Ela já viu todos eles antes – seus rostos brilhando sob as velas do templo ou recebendo bênçãos em dias de festival –, mas não os conhece bem. O menino a sua direita é um Westwood, um dos primos que às vezes visitava a casa com suas irmãs. Ela esperava ver um Westwood aqui. Suas dádivas estão entre as mais fortes da cidade. Ela se lembra do nome do menino: Eamon Westwood. Ele tinha uma dádiva feroz para o vento. Mas ela nunca o viu chamar uma tempestade.

Com um aceno de cabeça de Katharine, eles mandam a barcaça em direção à baía. Eles precisam empurrar a si mesmos e usar suas dádivas para controlar as correntes, já que nenhum membro da guarda real pôde ser convencido a remar. Conforme eles se afastam da costa, seus nervos começam a traí-los: rajadas de vento surgem subitamente, indesejadas e incontroláveis. Quando eles chegaram, pareciam tão tristemente esperançosos, vestidos com suas melhores roupas como se esperassem uma grande cerimônia.

— A rainha me disse que vocês vieram de livre e espontânea vontade — diz Mirabella.

— Viemos — diz Eamon. — Nós estávamos lá quando a névoa se ergueu em Rolanth. Quando ela devorou o Festival do Solstício de Verão. Nós devíamos ter feito mais naquela hora, mas… — Ele baixa os olhos, sacode a cabeça.

Eles viram o que a névoa pode fazer. Eles sabem o que esperar. Isso deveria fazê-la se sentir melhor, mas não faz.

Não odeie a névoa, Luca sussurrou para ela antes de partirem. *Ela ainda é nossa protetora. Nós ainda precisamos dela. Nós só precisamos controlá-la. Descobrir o que vai acalmá-la.*

Acalmá-la, Mirabella pensa. *Treiná-la, como um cachorro*.

Ela sempre pensou na névoa como uma encarnação da Deusa. Uma extensão dela, como o sangue que corre em suas próprias veias.

Nós podemos tentar conhecer a vontade da Deusa, ela pensa como se estivesse falando com Luca. *Nós podemos nos matar tentando agradá-la. Ou podemos lutar.*

Na experiência de Mirabella, lutar tem funcionado melhor.

Eles estão perto agora, perto o suficiente para vê-la a certa distância: uma barreira de neblina, esticada em ambas as direções e indo direto para o céu, muito acima do que suas tochas podem mostrar. A barcaça abaixo deles diminui a velocidade quando algumas das dádivas enfraquecem e hesitam. Mas é tarde demais para voltar atrás.

— No Parque Moorgate, eu a vi descer pela garganta de uma menina e arrancar suas entranhas — Eamon diz.

Mirabella concorda.

— Em Innisfuil eu vi o mesmo.

— O que estamos fazendo? Estamos loucos?

— Não pense nisso agora! — grita a mulher à esquerda de Mirabella. — Chame seu vento. Empurre-a para trás!

Mirabella respira e sente sua dádiva crescer junto com a dos outros. A coragem deles a orgulha. Assim como sua força. O vento que eles chamaram deve ser sentido longe, na costa. Deve arrancar as tendas do mercado. As ondas que irão se erguer vão mandar os barcos ancorados contra as docas.

Mas eles não foram rápidos o suficiente. Em um piscar de olhos, a névoa cercou a barcaça. Braços grossos dela se arrastam pela lateral, se movendo de forma tão lenta e suave que nem Mirabella tenta fugir. O que, claro, é o que a névoa quer.

— Chamem suas tempestades — diz Mirabella. Mas ela não sabe se a ouviram. A névoa cobriu a barcaça. Ela não consegue mais ver o final dela e a luz das tochas foi engolida, deixando o ar com um tom doentio de laranja. Com um terror mudo, ela observa a névoa cobrir o primeiro elemental como uma mortalha. Quando ela recua, o espaço onde a garota estava uma respiração atrás ficou vazio.

— Para onde ela foi? — Eamon grita.

— Eu não sei!

Eles procuram, se virando em todas as direções, seus ventos chicoteando ao redor como um tornado.

— Ah, Deusa. — A mulher à esquerda de Mirabella geme. — O sangue.

O convés, onde a garota elemental estava, está coberto de sangue vermelho vivo, como se alguém tivesse jogado ali um balde de açougueiro.

— Tempestades! — Mirabella grita quando eles começam a entrar em pânico. — Fiquem juntos! — Sua própria tempestade se ergue, mas está quebrada; ela está distraída pelo barulho e a visão do que restou da menina. A mulher à esquerda dela anda na direção do sangue e a névoa voa sobre ela. Um segundo ela está lá e no outro tudo é branco e um grito perturbador soa, cortado abruptamente por estalos, como uma mão que estala os dedos. Pior ainda é o ruído que se segue.

— Eu não consigo…. — Eamon engasga. Ele cai no convés e agarra a saia de Mirabella. — Não consigo!

— Você consegue! Foco! — Ela chama sua tempestade de novo, os olhos no céu, onde nuvens de trovão se reúnem em volta da lua. Os lampejos dos raios devolvem a visão a eles, mostrando as estranhas sombras que se movem pela névoa. — Vento — sussurra ela. E o vento obedece. Os elementais que ficaram ainda lutam ao lado dela. Ela sente o empurrão deles junto do seu. Seus ventos cortam o cinza, o branco enfermo que os cerca. Mas não é o suficiente. Ele flui pela névoa como uma peneira e a névoa segue avançando.

Ela ficou mais forte desde a última vez que se enfrentaram? Ela a estudou e aprendeu novos truques?

— Ah! Me ajude!

Ela olha para baixo e vê Eamon engolido pela metade. Ela agarra o braço dele e o puxa para perto enquanto ele grita.

Ela não pode salvá-los. Ela vai ver todos eles serem desmembrados, virados de dentro para fora, um por um.

— Para a água! — Ela arrasta Eamon para o lado e o joga por cima do convés. — Mergulhe! Nade para a costa!

Acima deles, a tempestade cai sobre a névoa. Mirabella range os dentes e a manda correndo pelo centro do redemoinho cinza se desfazendo. Ela manda raios para quebrá-la por dentro. Rajadas de vento para agitar as ondas e forçar a névoa de volta para o mar. Seu sangue ferve com a raiva do clima; raiva desta vez, não alegria ou liberdade; ela não está correndo pelos penhascos de Shannon's Blackway ou cantando cantigas de marinheiros. A raiva dela é mais sombria do que as nuvens que atacam a névoa, mais alta que o vento que grita em seus ouvidos. E, como antes, a névoa recua. Ela se desfaz. Ela se vira e corre.

Mirabella mantém a tempestade rugindo ainda um bom tempo a mais do que o necessário. Ela a mantém até que os últimos traços de branco desapareçam de volta na escuridão.

Katharine e o Conselho Negro assistem à batalha em segurança na costa, reunidos diante de suas tochas, suas roupas escuras e capas lhes dando a aparência de uma revoada de corvos. Quando os elementais saíram para o mar, levou tanto tempo para a barcaça chegar ao seu destino que o primo Lucian e Paola Vend ficaram entediados e começaram a reclamar

vagamente do estado das docas. Mas desde que a névoa se ergueu, Katharine não ouviu mais nada além de respirações curtas e rápidas.

Ela os vê com os cantos dos olhos, observando, suas visões estendidas por lunetas. Katharine não se dá ao trabalho de pegar uma. A névoa é vasta. Ela a vê engolir a barcaça com facilidade. E a tempestade de sua irmã é impossível de não ser vista, rugindo por sobre as águas.

Eles sentem também: quando o vento bate nas roupas deles e a chuva, gelada e terrível, gruda as capas em seus corpos.

— Eles estão se jogando na água — diz Antonin. — Eles falharam.

— Quantos restam? — pergunta Rho. — Nós devíamos ter deixado barcos prontos para os que escapassem. — Ela se vira e grita para a guarda real, dando ordens sem esperar que Katharine concorde. Mas está tudo bem. Ela teria concordado, de qualquer forma.

— Há sangue — Bree diz e solta um som de susto. — Muito sangue no convés.

— Vamos lá, irmã — sussurra Katharine. — Salve eles.

Como se ela tivesse escutado, a tempestade de Mirabella gira para baixo, sobre a névoa, se juntando à batalha como uma nova linha de cavalaria. Ela empurra o branco de volta para a água e arranca pedaços dela que desaparecem. Logo embaixo da sua pele, Katharine sente as rainhas mortas se esticando na direção de Mirabella, fascinadas. Ela não pode culpá-las. Mais de uma vez ela desejou ter nascido elemental. Uma tempestade assim seria muito útil de se ter de estimação. Ela observa os raios atacarem e cortarem o céu com suas veias luminosas. Ela pode ver exatamente o momento em que Mirabella a manda atacar e exatamente o que ela a manda fazer.

Quando a tempestade enfraquece, as tochas na barcaça se acendem, mostrando que acabou e que os elementais estão vivos.

— Mande os barcos, Rho, como você disse. — Ela se vira para a guarda real chocada e bate palmas para eles. — Agora! Corram! Eles precisam de ajuda!

Eles se vão e Rho vai com eles. Katharine encara o resto do seu Conselho Negro. Bree parece prestes a chorar de alívio, os lábios de Luca estão apertados em um sorriso pequeno e satisfeito. Os outros baixam a cabeça, tremendo no vento molhado.

— Não preciso que vocês me digam que eu estava certa ao trazê-la aqui — diz Katharine. — Mas estão satisfeitos? — Ela estica o pescoço para ver os homens ao fundo. — Lucian? Antonin? Satisfeitos?

— Sim, Rainha Katharine — eles murmuram e assentem de má vontade.

Ela se vira de volta para a água. Eles estarão a salvo agora. Seu porto e seu povo não terão nada a temer. Se ela tiver que mandar Mirabella como acompanhante para cada frota de navios, se ela precisar prendê-la na proa como uma estátua viva – que seja. Ela dará à irmã joias e os melhores vestidos. As pessoas dizem que ela é pequena e vingativa, mas estão erradas. Ela está disposta a enterrar o passado desde que a Ilha fique segura.

— Mas é só uma solução temporária — acrescenta Antonin. — Apenas uma trégua. E talvez nem isso. Só há uma dela; ela não pode proteger a Ilha inteira.

— Uma trégua ainda é preferível a qualquer coisa que vocês tenham sugerido — Katharine diz e range os dentes.

A barcaça retorna, acompanhada por Rho e os barcos da guarda real. Mirabella sai para as docas. Três elementais sobreviveram e se juntam a ela. Dois parecem bem, mas o terceiro, um homem jovem não muito mais velho que as rainhas, segura um braço que está sangrando e decepado na altura do ombro. Ao vê-lo, o coração de Katharine se aperta. Talvez ela devesse ter

rejeitado a sugestão de Rho de testar outros elementais. Mas é um preço pequeno a pagar para saber. Agora não se pedirá o mesmo a nenhum outro elemental.

Mirabella anda até Katharine com seu queixo erguido. Ela está ensopada e suas roupas estão desconjuntadas. O vestido simples que colocaram nela foi esticado e rasgado e seu cabelo preto está escorrido por suas costas. Mas ela ainda é linda.

— Está satisfeita? — pergunta Mirabella.

— Claro que estou satisfeita. Você conseguiu. Você é tudo que prometeu. Eu quase poderia te abraçar.

— Eu perdi dois. E Eamon precisa de uma curandeira.

— Ele terá a melhor delas. Vamos voltar ao Volroy e comemorar.

— E evitar que seu Conselho congele — Mirabella diz, com um olhar preocupado para Luca. — Mas você não está tremendo.

— Como eu poderia, depois de todo entusiasmo do que acabei de testemunhar? — Katharine usa seu braço bom para puxar a capa com mais força em volta de si. Ela ficou descuidada nos últimos meses, mostrando as dádivas que ela pega emprestadas das mortas. As rainhas elementais mortas garantiram que ela não sentisse frio esta noite.

Ela faz um gesto para que Mirabella siga para as carruagens que as esperam e sente as rainhas mortas se erguerem em sua direção como uma onda. Elas se erguem com tanta força que ela as sente em sua garganta, como no dia em que elas escaparam e entraram em Pietyr, e pensar nelas tomando Mirabella a enche de pavor. Mirabella é um hospedeiro forte demais. Nela a crueldade delas seria solta e incontrolável. Ela pensou, talvez, que com o tempo sua irmã pudesse ajudá-la a carregar o fardo das rainhas mortas. Para ajudá-la a controlá-las, ou encontrar a força para bani-las de volta para a Fenda de Mármore para sempre. Mas agora ela vê que é impossível. Ela precisa encontrar outro jeito.

As rainhas mortas esticam o pescoço na direção da irmã dela e ela as puxa para trás.

— Não — ela diz e tensiona o maxilar. — Vocês não podem tê-la.

Sunpool

Na manhã em que vão realizar o feitiço de amarração, Arsinoe sai da cidade e vai procurar seu urso. Dentro dos portões há muitos rostos e perguntas para as quais ela não tem respostas. Então, assim que ela pode escapar, ela enche uma pequena sacola de maçãs secas e pega alguns dos maiores peixes da cozinha e sai para a floresta.

Graças à magia baixa que os une, Braddock sabe que ela está vindo e não demora muito para os arbustos se sacudirem e ele saltar para fora, ficando em pé diante dela sobre as patas traseiras.

— Vem cá, menino — diz Arsinoe em um agudo. Ela estende um pedaço de maçã seca e a sua boca enorme a pega de suas mãos com a gentileza de um bebê. Ele enfia a cabeça no peito dela e ela o abraça. Enfiando o nariz no pelo dele até senti-lo revirando sua sacola em busca de mais maçãs e dos peixes.

— Espera, espera. Vamos achar uma boa pedra para lanchar. — Eles andam juntos na direção da praia e as pedras achatadas e pretas que cercam a ponta norte. Lá eles se abaixam na vegetação longa da duna, quase grossa suficiente para escondê-la totalmente, embora não tendo muito como esconder um enorme urso pardo.

Arsinoe acaricia a cabeça de Braddock enquanto ele come e rouba um pedaço de maçã seca. Mas mesmo com ele ao seu lado, ela nunca se sentiu mais sozinha. Ninguém dentro das muralhas da cidade quer saber de magia baixa. Nenhum dos que sabem dela querem vê-la sendo feita. Nem mesmo Billy, que a impediria se pudesse. E Mirabella se foi.

Arsinoe espera que ela esteja bem e que ela saiba o que está fazendo. Ela espera que a irmã volte logo.

— Ela sempre foi a mais sensata de nós três — diz ela para o urso. — Bem… exceto quando ela fica com muita raiva.

Braddock fareja o ar, a barriga cheia de peixe e feliz em deixá-la se deitar nele. Eles olham além da praia, para o gelado mar do norte. Nem sinal da névoa. Não houve nenhum ataque da névoa na costa de Sunpool, apesar dos relatos contínuos de ataques na capital. Emilia se fixa com frequência nesse fato como uma evidência de que eles estão do lado certo.

— Esse feitiço hoje — diz ela ao urso. — Não vai ser tão diferente da forma como você e eu fomos ligados. E não doeu, doeu?

Ele vira o rosto, pedindo um carinho. Mas ela está mentindo, é claro. O feitiço de amarração vai ser muito mais difícil. Muito mais sangrento. E o laço que ele vai criar entre Jules e Emilia vai ser…

— Inquebrável — diz ela suavemente.

— Como você está se sentindo hoje? — pergunta Arsinoe enquanto puxa mais para cima os cobertores de Jules. O tônico que ela misturou com o sangue de Madrigal já perdeu o efeito, então ela mantém seus dedos bem longe dos dentes de Jules e não olha nos olhos dela. Ela não aguenta ver o sangue vermelho vivo manchando o branco, ou o amarelo pálido quando os vasos que se romperam tentam se recuperar. Mas embora ela não olhe, ela consegue sentir os olhos de Jules sobre si. Monitorando-a, sem uma gota de bondade. É como ser caçada, e quando Camden ruge, Arsinoe recua.

— Eu mal posso esperar que isso acabe e vocês voltem ao normal — diz ela. Camden ruge mais uma vez e então se acomoda na parte de cima das pernas de Jules.

O pequeno quarto no topo da torre parece mais abafado do que o normal hoje, cheio de novos cheiros que tornam o ar viciado. Resina de âmbar e cera quente se misturam com ervas, óleos e os aromas permanentes de doença e de puma. E está quieto demais. Nenhum som além da respiração dela e seus sapatos arranhando o chão. Ninguém no quarto com ela desde que Billy a ajudou a juntar os ingredientes para o feitiço.

— Vamos trazê-la para fora? — pergunta Emilia, e Arsinoe gira. A guerreira se inclina por sobre a mesa e pega o pedaço de âmbar. Ela o cheira e faz uma careta.

— Não. Vai ser mais fácil ir até ela. E eu queria que você parasse de aparecer assim. Você não pode arranhar o sapato na pedra? Ou pigarrear quando chega?

— Desculpe.

Arsinoe suspira. Emilia não quer pedir desculpas, não de verdade. Ela fica feliz por Arsinoe achar seus hábitos de guerreira perturbadores. Arsinoe se junta a ela ao lado da mesa e checa seus ingredientes uma última vez. Ela deixa a porta da câmara de Jules aberta e fica rígida quando Jules grunhe.

— Quanto tempo faz desde que ela tomou o tônico? — pergunta Emilia.

— Um dia. Eu não quero lhe dar mais para que não interfira na amarração.

Emilia estuda Jules pela porta aberta.

— Tudo bem. As correntes vão dar conta. Embora talvez devêssemos acorrentar Camden.

— Você pode tentar. — Ela pega a faca e testa o fio em seu indicador. — Eu andei pensando.

— Hum?

— Talvez nós duas devêssemos segurar a amarra. Tipo, você e eu.

Emilia franze a testa.

— É assim que funciona? Espalhar a maldição da legião como manteiga em um pedaço de pão? Por que não trazemos Caragh então e damos um pedaço a ela também? Por que não seu Billy e — ela aponta a porta com a cabeça — a gata?

— Eu só estava dizendo…

— Você estava dizendo que não confia em mim para ficar com ela sozinha.

— Eu não confio em você com ela sozinha — diz Arsinoe e seus olhos lampejam. — Mas não foi isso que eu quis dizer. Eu estou dizendo que poderia aliviar o fardo para você.

Emilia baixa os olhos para a escrivaninha, talvez um pouco culpada.

— Perdão. Eu não deveria ter sido tão dura. Mas eu acho… Eu vou ficar bem.

— Talvez você esteja certa. Talvez com sua dádiva da guerra você nem sinta a maldição.

— Mas não estamos amarrando apenas a dádiva da guerra — diz Emilia. — Nós estamos amarrando a maldição da legião. Ela ainda vai ter a dádiva?

— Nós vamos deixar Jules bem pelos meios necessários. Eu não sei o que vai acontecer. Talvez nada. Talvez deixe todas nós loucas.

— Não deixou Madrigal louca — diz Emilia. — E não é o mesmo feitiço? Você não está mudando muito.

— Eu estou mudando a intenção. E é a intenção que conta.

Emilia exala e olha para o teto, como se em busca de paciência. Ela não entende o quão intrincada é a magia baixa, sua força e natureza sinistra. Ela parece quase tão cética quanto Billy quando ele ouviu falar disso pela primeira vez, e Arsinoe é subitamente possuída pela necessidade de provar a ela antes que comecem, cortar a pele dela e deixar que ela sinta a força da magia.

— Está quase na hora — diz Emilia. — Você vai me contar no que isso implica?

Arsinoe encara a luz da vela. Os dias são tão curtos no inverno e a luz que entra na torre já começou a fraquejar e ficar dourada.

— Madrigal se fez sangrar sobre uma corda e amarrou Jules a ela com força, com várias voltas. Então ela deixou Jules sangrar sobre um tecido e o amarrou na corda ensanguentada. O nó do tecido ela enterrou sob a árvore retorcida. O resto da corda ela guardou, e foi isso que Caragh me trouxe.

— Parece muito sangue e muitos cortes. Eu vou prender a gata. — Emilia vai até a parede e desenrola a corda amarrada nela.

— Ela precisa ficar perto. Jules pode precisar dela.

— É, ela pode precisar destroçar nossas gargantas.

— Eu não consigo explicar, Emilia. Mas a Familiar dela deve estar perto.

— Muito bem. — Emilia anda até ela e pega a faca, então a usa para soltar a corda da parede. — Eu vou segurá-la, então, enquanto você faz os cortes em Jules. E vou torcer, pelo seu bem, para que ela não escape.

Na sala, sobre as pernas de Jules, Camden começa a arquear as costas, sentindo a intenção delas. Ela rosna quando Emilia joga o laço de corda em torno do seu pescoço e enfia as garras no chão quando é arrastada para longe de Jules.

— Não é por muito tempo — diz Emilia a ela entre os dentes. Mas Camden segue rosnando e cuspindo do mesmo jeito.

Com Camden presa, Arsinoe traz seus ingredientes para o quarto e os espalha pelo chão. Uma pequena faca afiada, cuja lâmina fica laranja na luz. Duas echarpes finas e brancas. As ervas. O óleo, para ungir Jules e Emilia, que será misturado ao sangue de rainha de Arsinoe. Será o laço dela com as duas, já que ela não é parte da amarra.

— Eu nem cortei ainda e minhas mãos estão tremendo — sussurra ela.

— Você não é a única — diz Emilia, segurando firme a corda da puma. — Eu nunca vi

magia baixa ser feita. Estou pensando no preço. Dizem que há sempre um preço.

— Sim. E normalmente é mais do que você quer pagar.

— A mãe de Jules praticava essa magia com frequência. Você acha que ela pagou com a própria vida?

— Talvez.

— Me parece um preço injusto — diz Emilia —, quando coletá-lo desfez a magia baixa que estava comprando. Mas, bem… por dezessete anos ela teve a filha bem… e acho que ela diria que foi um bom negócio.

— Você não conheceu Madrigal muito bem, né? — pergunta Arsinoe, e Emilia ri.

— Talvez não tenha sido o preço — diz Emilia. — Talvez nosso preço seja algo que nunca vamos saber. Um homem de um vilarejo caindo da montanha. Alguma menina na capital atropelada por uma carruagem.

— Isso é melhor?

— É menos dolorido, já que nunca vamos ficar sabendo. — Os olhos de Emilia se endurecem. — E não importa. Não tem outro jeito. Que preço seria alto demais? Que custo te impediria de tentar salvá-la?

Arsinoe baixa os olhos para Jules. Para seus olhos injetados observando-a com nada além de ódio.

— As cicatrizes que você tem, que você gostaria de esconder atrás de uma máscara — diz Emilia. — São sua melhor parte. Agora vamos ganhar mais algumas.

Arsinoe pega sua faca. Com o primeiro corte, no dorso da sua mão, o ar na sala muda. Ele se torna mais carregado, mais fresco, como se a torre em si estivesse respirando. Seu sangue de rainha pinga em uma tigela com óleo e os pelos em sua nuca se arrepiam quando ela mergulha os dedos e se inclina para esfregar a mistura na testa de Jules. Jules – cujos lábios recuaram para mostrar a ponta dos seus dentes – relaxa. Seus olhos perdem o ar predatório. Ela nem pisca quando um pouco do sangue escorre pelo seu nariz e se acumula no canto da sua pálpebra.

Quando Emilia segura Camden com mais força, Arsinoe para.

— Espere. Traga-a aqui. — Ela marca a gata entre as orelhas, o vermelho pintando seu pelo e o deixando espetado. Camden se senta.

— O que… isso está fazendo? — pergunta Emilia quando solta a corda e vem se ajoelhar diante de Arsinoe quando ela a chama. Arsinoe coloca o sangue de rainha nela e ela estremece.

— Preparando o caminho.

— Eu não acreditava de verdade — murmura Emilia, sua voz estranha e distante. — Mesmo esperando que funcionasse, eu não acreditava de verdade.

Arsinoe não responde. A magia baixa já tomou conta dela também. Ela sente sua pulsação no ritmo da Ilha, todo seu corpo vibrando. A dor em sua mão é uma fagulha, com mais sangue vazando com cada pulso.

Ela acende um maço de ervas com a chama de uma vela e sopra o maço para espalhar a nuvem de fumaça aromática, o cheiro a mandando mais fundo no feitiço. Os pensamentos se erguem de sua cabeça e flutuam. Ela precisa piscar com força para trazer sua mente de volta ao corpo e focar.

Intenção é tudo.

Ela pega um pedaço da echarpe e segura o braço de Jules. Rapidamente, ela faz os cortes, trabalhando em volta das correntes: três golpes rasos e o sangue corre. Ela enrola os cortes várias vezes com o lenço e o branco se ensopa de vermelho.

— Emilia, me dê seu braço.

A guerreira não hesita. A dor não é estranha para ela e, quando Arsinoe faz cortes para espelhar os que fez em Jules, Emilia parece gostar, mesmo quando faz uma careta. Ela observa o sangue correndo pela echarpe que Arsinoe enrolou nela e encara o sangue que se acumula no chão.

— Você está desperdiçando.

Arsinoe olha para baixo. Ela está certa. A pequena poça de sangue de Emilia se junta e se mistura a uma pequena poça do de Jules. Cegamente, Arsinoe estende a mão para trás para pegar um pedaço de tecido, corda ou fita, mas o que ela encontra é uma fatia de pão. Ela o enfia no sangue misturado e o deixa ensopar antes de colocá-lo na boca e morder.

O sangue toca sua língua e ela cambaleia para trás, o gosto e a espessura lhe dão ânsia. Ela mal está consciente de seus movimentos quando junta as mãos de Jules e Emilia, fazendo mais cortes em suas palmas e polegares, juntando suas echarpes com nós. Ela aperta seu punho e o vira, deixa que seu sangue de rainha pingue na mão oposta. Então ela agarra os nós conjuntos.

Jules e Emilia se contorcem quando o sangue de rainha encontra o delas e as chamas das velas aumentam, quentes o suficiente para consumi-las até o resto.

— Quanto mais? — Emilia geme enquanto o sangue delas se espalha pelo chão. Há mais sangue do que deveria para cortes tão superficiais.

— Quanto vocês aguentarem perder — diz Arsinoe.

Uma rajada de vento entra na sala, e ela e Emilia se abaixam quando seus cabelos caem no olho.

— Não solte — Arsinoe grita quando o vento aumenta. — Segure firme!

Com os dentes rangendo, ela protege o rosto com o braço que segura a faca e abre um olho. Camden caiu. Sua pata deslizou com o sangue acumulado e Arsinoe tenta empurrá-la para trás com o pé. Mas abaixada como está e lutando contra o vento, isso quase a faz cair.

Os dedos de Jules e Emilia começam a amolecer sob o punho dela. Os olhos de Jules se reviram. A cabeça de Emilia pende para a frente.

Arsinoe espreme mais sangue de sua mão e molha a ponta dos lenços. Então ela os amarra de novo. Mais três nós, acrescentando mais sangue de rainha a cada vez, até que sua cabeça comece a se perder e o som do vento fique distante.

É isso. Isso é tudo. Ela passa a lâmina da faca por baixo da echarpe e a corta para soltá-la de Jules. Então de Emilia. Seus braços caem e Emilia desliza de lado, seus dedos fracos tentando pressionar as feridas.

Arsinoe olha para baixo. Suas mãos estão meladas e grudentas com o vermelho que começa a secar. Ela usa a faca para cortar os lenços longos e pendurados, separando as partes dos nós e enrolando-os com cuidado na pote, ao lado do pedaço da corda sangrenta de Madrigal.

Os nós que uniram Jules e Emilia estão ensopados. Há tanto do sangue delas e dela que segurá-los na mão é como segurar um coração recém-colhido. Ela joga toda a bagunça em um pequeno saco de lona.

No chão, Jules e Emilia estão deitadas imóveis, ainda sangrando. Ela corre para sua mesa e pega os curativos para fechar os cortes. Agora que o feitiço terminou, as feridas não são tão feias. Elas não são profundas e vão deixar apenas cicatrizes leves. Em alguns anos, talvez desapareçam completamente.

— Arsinoe.

De início ela não ouve Jules falando. Ela está distraída demais com sua tarefa.

— Funcionou — grita Emilia. — Arsinoe! Ela está aqui! — Ela remexe nas correntes. — Tire essas coisas dela!

— Espere. — Arsinoe prende a respiração e observa Jules. Então Camden se esfrega no rosto de Jules e ronrona.

— Tudo bem — Arsinoe diz e tira a chave das correntes do bolso.

Billy e Mathilde olham do castelo para os desertores lá embaixo, indo embora pelo portão da cidade. A Rainha da Legião finalmente ficou fora de vista tempo demais e a Rebelião começou a enfraquecer. Eles com certeza também ouviram os rumores que circulam: que a Rainha Mirabella os deixou e foi lutar ao lado da Rainha Katharine.

— Não é sua culpa, sabe — diz Billy para Mathilde. — Nós dois tentamos convencê-los a ficar. Eu usei todos os artifícios que tenho nesses ratos desertores. — Ele até achou que tinha feito alguns mudarem de ideia, mas acordou no dia seguinte e descobriu que eles tinham ido embora escondidos durante a noite. — Eles só estão cansados. Não é fácil ficar longe de casa, vivendo em espaços estranhos e improvisados.

— Você também deve estar cansado — diz Mathilde. — Você também está longe de casa em um lugar estranho. Você deve gostar muito da sua rainha exilada.

— Sim. Muito.

Lá embaixo, uma carroça com jovens rebeldes vai embora, cinco deles espremidos atrás do condutor, apertando as pequenas trouxas com seus pertences.

— Ah, olhe isso — diz Billy, jogando as mãos para o alto. — Eles estão levando uma das melhores mulas!

Mathilde sorri.

— Provavelmente a mula era deles para começo de conversa. — Mas seus olhos seguem a carroça com tristeza. — Deixe que alguns deles se vão. Os verdadeiros vão ficar, e isso vai fazer a Coroa nos subestimar quando seus espiões relatarem quão facilmente estamos caindo.

— Espiões?

Ela faz que sim e Billy olha em volta, como se pudesse achar um bem ali, na sala vazia com eles.

— Quantos? Há quanto tempo você sabe?

— Até agora nós identificamos três. Com certeza há mais. Não é inesperado.

— O que vocês farão com eles? — ele pergunta temeroso.

— Melhor saber quem são seus espiões do que matá-los e precisar procurar os novos que foram mandados para substituí-los. — Ela aponta com a cabeça para o portão. — Outra mula indo embora.

— Outra mula? — Billy se inclina para fora da janela. — Vá em frente, então — ele meio que grita. — Vão em frente, todos vocês! Quem precisa de vocês, afinal? — Ele se vira de costas e cruza os braços até que ouve gritos quando as duas mulas e as duas carroças voltam balançando pelo portão. — Espera, eles estão voltando?

— Não — diz Mathilde, ambos se espremendo juntos no parapeito. — *Ela* voltou. — Ela aponta para a multidão que se reúne rapidamente na praça abaixo. Para as pessoas correndo pelas ruas para se juntar. E na frente de todos eles, Camden salta no ar e ataca com sua pata

boa. Ela rosna e joga o rabo de um lado para o outro. Atrás dela está Jules, ladeada por Arsinoe e Emilia.

Emilia passa um braço em volta de cada uma e ergue sua voz para o povo.

— Nossas duas rainhas voltaram — declara ela, triunfante. — Rainha Jules! A Rainha da Legião! Rainha Arsinoe!

Não demora muito para que a multidão comece a cantar.

— Nossas duas rainhas — diz Billy olhando para baixo. — Claro, contra as duas rainhas deles. — Ele sacode a cabeça. — Emilia é muito esperta.

— Ela é — diz Mathilde. — E ela está determinada a ganhar, de um jeito ou de outro.

As quatro rainhas

O Volroy

Na parte mais alta da Torre Oeste, Mirabella se refresca com Bree e Elizabeth.

— Nem Pepper gosta de vir tão alto — diz Elizabeth. Dentro do capuz dela, o pica-pau concorda, e ela se afasta da murada.

— Ele voa por montanhas para levar mensagens, mas tem medo da altura da torre? — pergunta Bree.

— Ele de fato voa por montanhas, mas nunca tão longe do chão.

Mirabella sorri enquanto suas amigas conversam. Ela se inclina para trás, deixa que o vento bagunce seu vestido preto e levante seu cabelo. Esse é de longe seu lugar preferido na capital. Ou pelo menos o favorito dos que ela foi. Ela só esteve no Volroy, e nos mais reservados de seus jardins, sempre seguida por soldadas armadas da guarda real. Aqui em cima, porém, as soldadas esperam nas escadas do lado de dentro. Talvez elas também não gostem de altura.

— Venha aqui. — Ela ergue sua mão esquerda para que Elizabeth pegue. — Eu não vou deixar você sair voando.

— Mas vai me deixar? — pergunta Bree, girando, sua dádiva elemental também se deliciando com os ventos frios e as nuvens. — Você poderia chamar um vento forte para me levar até o mar e então voltar! E então me pousar suavemente no pátio.

— Eu poderia? — ri Mirabella.

— É tão bom te ter de volta, Mira — diz Elizabeth, apertando a mão dela com força. — E tenho certeza de que a rainha vai te dar mais liberdade quando declarar sua aliança diante da cidade. — Ela desliza para mais perto, e Mirabella a envolve em sua capa preta. — As pessoas vão ficar tão felizes; até mesmo no templo há rumores de aprovação.

— Isso é surpreendente — diz Mirabella. — Duas rainhas juntas… duas rainhas vivas depois da Ascensão… Não é permitido.

— Então agora você talvez enxergue a verdade do templo — diz Bree para Elizabeth. — Não é a tradição, mas a palavra da Alta Sacerdotisa que determina o curso das coisas.

— Não seja tão dura com elas, Bree — diz Mirabella quando Elizabeth franze a testa. — Elas viram coisas que nenhuma outra geração viu. A névoa se erguendo. Uma garota com a maldição da legião que é forte como uma rainha. Duas rainhas traidoras desaparecendo na

névoa só para reaparecerem vivas e bem. O templo não sabe o que fazer. Então eles seguem Luca porque ela é a voz da Deusa para o povo.

Com o ruído do vento, ela não consegue ouvir o que Bree murmura como resposta. Mas ela vê a curva amarga dos seus lábios e isso a enche de pesar. Quando elas eram crianças, Bree era tão religiosa. Selvagem, claro, sempre selvagem, mas ela rezava no templo toda noite com seus olhos apertados. Diferente de Elizabeth, que sempre entendeu as falhas e limitações das sacerdotisas, a fé de Bree era frágil. Ela esperava demais. E agora ela a perdeu, incapaz de aceitar as falhas humanas do templo.

Bree envolve Elizabeth em sua capa pelo outro lado.

— Quando a Rainha Katharine anunciar sua aliança, ela vai querer te apresentar para o povo. Quando ela o fizer, você precisa ter certeza de que não vai ofuscá-la, Mira; mesmo agora que ela é rainha, ela se sente sem amor.

— Sem amor?

— Ela me disse algo uma vez. Que ela nunca teve amigos como você e Arsinoe tiveram. Ela só teve os Arron.

— E eles são uma gente fria, com certeza — acrescenta Elizabeth.

Mirabella olha para elas em silêncio.

— Ela conquistou vocês aos poucos. Mesmo ela tendo assassinado um garoto bem diante dos seus olhos. Mesmo ela tendo cortado a garganta de Madrigal Milone.

A boca de Bree se aperta, culpada, mas ela não nega. O que elas podem fazer? A Rainha Coroada é a Rainha Coroada. E não importa qual rainha elas queriam ver no trono, um dia a Ilha passa a amar a que tem.

— Nós nunca iríamos escolher ela em vez de você — diz Bree. — Nós nunca deixaríamos que ela te machucasse. Talvez, ao te trazer aqui, ela tenha começado a mostrar um lado melhor.

Mirabella assente. Parte dela não consegue não se sentir traída, mesmo que ela tenha deixado as amigas para trás para seguir seu caminho em outro lugar. Não é justo ficar sentida por elas terem feito o melhor que podiam. Elas ainda são Bree e Elizabeth. Sempre serão.

— Além do que, você está aqui agora — diz Elizabeth. — Você se afastou da Rebelião e fez as pazes com a Coroa. Então por que não deveríamos gostar da rainha?

Mirabella olha para o noroeste. Dessa altura, parece que ela consegue ver através de toda a Ilha, até Sunpool e Arsinoe. Ou pelo menos ela poderia, se o pico nevado do Monte Horn não se erguesse bem na frente.

— Eu não sou mais a favor da Coroa do que da Rebelião — Mirabella a corrige. — Eu me libertei disso uma vez e não vou ser arrastada de volta. Nem pela Rainha da Legião, nem pela minha irmãzinha.

— Então por que você veio? — pergunta Elizabeth com cuidado.

Mirabella suspira. A vida delas mudou tanto desde Rolanth. Parece errado pedir que elas dividam sua lealdade. Quando ela as trouxe até a torre, ela pretendia contar tudo. Mas agora ela sabe que não pode. O que quer que Katharine esteja escondendo, é algo que ela vai ter que descobrir sozinha, sem confidentes.

— Eu vim pela Ilha — ela diz e, pelo menos, não é uma mentira. — E vim por vocês. Nós deveríamos descer. Katharine deve ter voltado de Greavesdrake Manor e eu não quero ela procurando por mim.

Elizabeth sorri e estremece, e o bico do pica-pau dentro do seu capuz abre e fecha.

— Não precisa pedir duas vezes. Vamos descer para as cozinhas e achar algo quente para

comer.

Elas vão, mas Mirabella se demora um momento. Ela vai até a borda e enrola seus dedos na pedra fria, então chama uma última rajada de vento para levar suas palavras.

— Eu não queria te deixar, Arsinoe. Mas precisei. Eu precisava vir aqui e descobrir o que há de errado com a nossa irmã, porque ela é a escuridão que a névoa procura.

Descendo para as cozinhas, elas cruzam com Katharine.

— Rainha Katharine. — Elizabeth faz uma mesura. — Você esteve em Greavesdrake? Como vai seu Pietyr?

— Meu Pietyr segue igual — responde Katharine e sua boca tensiona. — Mas obrigada por perguntar. Há muitos aqui no Volroy que com certeza preferem que ele fique naquela cama para sempre. Alguns de sua própria família.

— Por que eles não aprovam seu lugar no Conselho? — pergunta Mirabella.

— E sua intimidade comigo. — Katharine inclina a cabeça. — Claro que você nunca teria feito algo tão controverso.

Mirabella dá de ombros.

— Eu não teria nenhum candidato. — Ela se endurece, esperando que Katharine diga algo cruel sobre Joseph, mas ela não o faz. — E, além disso, seria meu Conselho Negro, como é o seu. A desaprovação… eles vão superar isso.

Katharine arqueia as sobrancelhas.

— Espero que você esteja certa.

— Se nos dá licença — diz Bree, e ela e Elizabeth saem.

— Isso foi abrupto — diz Katharine. — Eu não esperaria que elas te deixassem tão prontamente. Especialmente sozinha comigo.

— Elas querem que sejamos amigas. — Mirabella as observa indo embora, as cabeças juntas. — Parece que elas estão me deixando sozinha com um pretendente, não com a minha irmã mais nova. Eu fico surpresa que elas não saíram dando risadinhas.

Pensativa, Katharine olha para elas.

— Eu ia dispensá-las de qualquer forma, pois vou te levar para um tour na capital. Claro que teremos que usar uma carruagem coberta e você vai precisar cobrir seu rosto com um véu. Um véu branco. Acredito que isso não irá lhe incomodar, certo?

— São apenas cores, Katharine.

— Não aqui, aqui não são.

Do lado de fora, Katharine pediu uma carruagem preta puxada por dois cavalos pretos, suas cabeças adornadas com plumas pretas.

— Eu achei que você queria que estivéssemos disfarçadas — diz Mirabella.

— Eu quero que *você* esteja disfarçada. — Katharine dá o véu a ela e as duas sobem na carruagem. O condutor estala as rédeas e os cavalos disparam, estalando nos paralelepípedos. Logo elas deixam os limites do Volroy e seguem pelas ruas da cidade, olhando para os prédios acima enquanto passam por eles. Elas passam pelo Templo de Indrid Down, tão escuro e perto do Volroy que é como uma segunda sombra, e ela gira a cabeça para olhar as gárgulas aladas que cospem.

— Há escadas para chegar mais perto?

— Das gárgulas?

— Claro. — Mirabella sorri. — Willa costumava nos mostrar desenhos delas, você não se lembra? Esboços delicados em carvão e tinta. Nós tínhamos nomes para todas. Moondragon era a maior, com as asas abertas. Ali. — Mirabella aponta enquanto a carruagem continua. — E ela era minha preferida, Arsinoe gostava mais das que têm a língua para fora.

— E eu?

— Você gostava de uma gorda com nariz de porco. Você a chamou de Herbert. Ela fica em um grupo, com três das favoritas de Arsinoe, na parede sul. Se dermos a volta, eu posso mostrá-la para você.

Katharine a encara.

— Eu não me lembro de nada disso. Por que você se lembra dessas coisas e eu não?

— Não sei. Talvez porque desde que aprendi a falar, Willa me tratou como a mais velha. Que devia aprender e ser séria. Que devia crescer. Você e Arsinoe, ela deixou serem criancinhas. Eu, ela só permitiu ser uma pequena rainha.

Katharine ajusta suas mãos no colo. Uma dela está rígida e quase imóvel. Mirabella a aponta com a cabeça.

— Seu braço está machucado. O que aconteceu?

Katharine não responde.

— Você tentou enfrentar a névoa.

— Como você sabe? — pergunta Katharine.

— Eu notei você cuidando dele — responde Mirabella. — E então, quando eu vi como Eamon segurava seu braço ferido… Eu só percebi.

Rápida e com um sorriso sombrio, Katharine puxa sua luva. A mão que se mostra é uma ferida escura e feia, costurada com linha preta. Há tantos cortes que é um milagre uma curandeira ter conseguido juntar a pele. Dois dedos estão quebrados e roxos. Outros dois não têm unhas, mas esses ferimentos parecem bem mais velhos.

— Está sarando bem — diz Katharine. — Eu sempre saro bem.

— O que aconteceu com as suas unhas?

— Isso? Foi na noite da Aceleração do Festival do Beltane. Quando eu estava perdida e tropeçando pela floresta escura. — Ela ergue seus dedos até o rosto. — Eu achei que fossem crescer novamente. Mas que seja. Eu nem sinto.

O Festival do Beltane foi logo antes do retorno milagroso de Katharine. E logo depois disso foi quando começaram a chamá-la de Rainha Morta-viva.

Mirabella encara os dedos sem unha enquanto Katharine coloca sua mão de volta no colo. Katharine olha pela janela e aponta com a cabeça.

— Descendo essa rua fica a melhor confeitaria da cidade. Eles são especializados em doces venenosos, mas tem opções limpas também. Vou mandar uma caixa para o apartamento do rei consorte. Você deve ter sentido falta das coisas mais finas quando estava no acampamento mal-ajambrado da Rebelião.

— Nós não passamos muito tempo com a Rebelião.

— Ah — diz Katharine. — Eu imaginei que não. E onde vocês estavam antes disso?

Elas estão sentadas bem na frente uma da outra, perto o suficiente para que suas saias se toquem. Katharine é muito mais assustadora em espaços pequenos. Ela poderia cortar o rosto de Mirabella com uma lâmina envenenada antes que ela notasse o brilho do aço.

— Nós estávamos no continente, com a família de Billy Chatworth.

Os olhos de Katharine se tornam sombrios.

— O pai dele assassinou Natalia, sabe. Ele a estrangulou. Bem ali, dentro do Volroy. Provavelmente estava acontecendo enquanto você e Arsinoe escapavam. Quando as guardas estavam distraídas e ela não tinha quem chamar.

Embora ela lamente ouvir isso, Mirabella permanece em um silêncio cuidadoso. O rosto bonito e anguloso de Katharine ficou duro.

— O que aconteceu com o pai de Billy? — ela pergunta finalmente.

Os dentes de Katharine param de ranger.

— Rho Murtra o partiu ao meio. Enfiou sua faca serrada entre as costelas dele e o cortou até o osso, através dos pulmões e do coração. Ele só viveu momentos a mais que Natalia. — Ela olha para baixo, maliciosa. — Mesmo que a Alta Sacerdotisa Luca não tivesse escolhido Rho para um lugar no Conselho Negro, eu teria dado um a ela só por isso.

Mirabella franze a testa. Pobre Billy, esperando tanto por um pai que estava morto no momento em que eles se foram.

— Você está pálida — diz Katharine. — Você realmente tem tanta simpatia pelos continentais?

— Eu não estou triste pelo pai de Billy. Mas eu sinto muito por Billy.

Katharine desdenha.

— Um dia, eu vou fazer algo parecido com ele e toda sua família. Genevieve e eu vamos cruzar o mar e envenená-los até seus olhos sangrarem.

— Você não deveria fazer isso. Billy não é como o pai. E sua mãe e irmã… elas não merecem ser envenenadas.

— Se eles são tão amados, então por que você voltou? O que trouxe você e Arsinoe de volta à Ilha depois de terem acabado de escapar?

— Se você está em busca de informações sobre a Rebelião, pode parar. Mas eu suponho que não fará mal te contar: foi Arsinoe. Ela estava tendo sonhos. Sonhos estranhos com a Rainha Azul. Eles pareciam indicar que deveríamos voltar. Que éramos necessárias aqui.

— E vocês são — Katharine se inclina para trás e Mirabella respira um pouco mais à vontade. Ela queria que Katharine colocasse sua luva de volta. Olhar para sua mão sobre o colo, como um pedaço destroçado de carne, está deixando Mirabella enjoada.

— Rainha Illiann — diz Katharine.

— Você a conhece.

— Claro que sim. Eu seria uma rainha tola se a névoa se erguesse e eu nem fosse pesquisar a história da sua criadora. Eu mandei Genevieve pesquisar sobre a Rainha Illiann e a névoa assim que ela começou a se erguer de forma descontrolada. Os sonhos de Arsinoe… O que disseram a ela? O que ela sabe?

— É o que voltamos para descobrir — responde Mirabella. — Mas se ela encontrou alguma coisa, ela não me contou. E talvez seja melhor assim. Porque se ela tivesse, eu teria que te contar.

Katharine ri.

— De fato teria. — Ela aponta pela janela, para uma bonita casa de tijolo vermelho, onde Bree e Elizabeth ficam. — É estranho, não é? A névoa se ergue e Arsinoe sonha com sua criadora. Sonhos que te mandam para casa. Mirabella Expulsa Névoa, a única na Ilha que é forte suficiente para bani-la.

— Mirabella Expulsa Névoa?

— É como eu vou te chamar. Mirabella Expulsa Névoa e a Rainha Morta-viva. Nós já somos lendas. Mas é estranho. Eu sinto o trabalho de algo maior nos movendo.

— Talvez nos unindo. Para lutar.

— Ou para morrer. Mas eu não estou sozinha nisso, estou? Você também sente?

— Sinto — admite Mirabella. — No momento em que eu pisei de volta na Ilha, eu senti a mão da Deusa sobre mim como uma rede. Eu não sei ainda o porquê. Mas eu pretendo descobrir.

Katharine inspira profundamente.

— Eu te darei mais liberdade para se mover pela capital. Desde que você fique escondida do público e disfarçada até o anúncio da nossa aliança.

— Obrigada, Katharine. — Ela baixa a cabeça respeitosamente para esconder um sorriso. Se ela está livre para se locomover, ela está livre para tentar solucionar o enigma de Madrigal.

— Não me agradeça ainda. Quando encontrarmos Arsinoe e Juillenne Milone na batalha, eu terei que matá-las. E Billy, de quem você tanto gosta. Ele pode não ter assassinado Natalia, mas ele cometeu seus próprios crimes. Ele é um rebelde agora. E ele apoia a rainha errada.

Katharine coloca a luva de volta e se inclina para olhar pela janela.

— Chegamos.

— Aonde? — pergunta Mirabella quando a carruagem freia. A porta se abre e ela segue Katharine para fora. A cidade está atrás delas agora e na sua frente está o Porto de Bardon, indo até onde a vista alcança. — Nós estamos nos penhascos ao norte.

— Muito bem. Agora venha! — Ela tenta pegar a mão de Mirabella. Ela recua e a expressão de Katharine estremece. Por um momento, seus grandes olhos são como os da menininha que Mirabella conhecia.

— Eu achei que você fosse gostar. Sei que vocês têm lugares assim em Rolanth.

Mirabella pensa nos penhascos de basalto escuro de Shannon's Blackway. Esse lugar é um pouco como lá, um corte similar na rocha. Não branco como os penhascos de Sunpool, mas pálidos e marrons como areia.

— Sim, Bree e eu apostávamos corrida neles.

— Então, qual é o problema? — Katharine pega a mão dela de novo e Mirabella se endurece, aceitando.

Katharine a leva mais perto da borda, tão perto que elas podem se inclinar para a frente e olhar para a praia, onde as ondas batem nas rochas.

— Segundo Genevieve, foram nesses penhascos onde a névoa foi criada. Foi aqui que a Rainha Azul fez seu feitiço e a chamou para nós e, durante todos esses anos, ela preservou nossa forma de vida. Nos protegeu do mundo lá fora. — desdenha Katharine. — Bem, até recentemente.

Mirabella encara o chão onde elas pisam. Será que a Rainha Illiann um dia pisou naquele mesmo lugar? Rainha Illiann, a Rainha Azul, que Mirabella sente quase como se conhecesse, graças aos relatos de Arsinoe de seus sonhos como Daphne, a irmã perdida de Illiann.

— Olhe — diz Katharine e aponta para a água, onde a névoa se ergue e gira furiosamente, se aproximando como se fosse bater contra os penhascos.

— O que isso quer dizer? — pergunta Mirabella, sem saber se está perguntando para Katharine, Arsinoe ou até mesmo Illiann, há muito tempo.

— Eu acho que quer dizer que ela não gosta de você aqui. Acho que quer dizer que ela tem

medo. — Juntas elas observam a névoa recuar. — Eu costumava ter tanta inveja de você. Inveja de tudo que você é. Talvez eu tenha inveja ainda, por você lembrar do que costumávamos ser.

— Arsinoe começou a se lembrar. Talvez você também, agora que estamos juntas.

Katharine olha para baixo, talvez com remorso.

— Eu não sou como você — reconhece ela. — Eu posso ser cruel. Como posso ser gentil. E sou uma rainha melhor do que você teria sido por causa disso. É hora de voltarmos. Para que você possa aproveitar sua nova liberdade! E eu possa anunciar nossa aliança. E começar a me preparar para o desfile.

Sunpool

Na manhã após o despertar de Jules, Arsinoe se vê mais uma vez enfiada na câmara do Conselho improvisada da Rebelião.

— Isso não pode esperar? — pergunta Arsinoe, olhando de Billy para os Milone em busca de apoio. — Ela mal teve tempo de respirar.

— Eu sei que não é o melhor momento — diz Emilia. — Mas a questão da deserção de Mirabella deve ser discutida.

Arsinoe sacode a cabeça. Mas ninguém discorda. Não Mathilde, nem mesmo Cait ou Caragh. E Jules, embora calma, parece fraca e desanimada, apesar de uma longa noite de sono.

— É preciso tornar público o fato de que Mirabella foi para Katharine.

O maxilar de Arsinoe trava.

— Nós não sabemos se foi isso que aconteceu. Ela pode ter sido levada. O bilhete pode ser falso.

— Ela não foi levada. Eu sei de tudo que acontece nessa cidade. Até as rotas que os ratos usam para se alimentar.

— Bem, isso é provavelmente um exagero — diz Billy em voz baixa, mas Emilia finge que ele nem está lá. Arsinoe abre a boca para argumentar, porém Mathilde entra no meio delas.

A vidente tem algo de calmante nela. Arsinoe a viu silenciar um cômodo simplesmente entrando nele. Agora ela usa essa imobilidade para calar Emilia e fixa Arsinoe com seu olhar firme.

— Todas as coisas dela se foram. E Mirabella não teria sido levada tão facilmente. Você consegue pensar em um motivo que faria Mirabella ir?

— Não — diz Arsinoe. Ela cruza os braços na frente do peito. Mirabella nunca suportou a Rainha da Legião. Mas ela mesma também não, na verdade. E isso certamente não era motivo para ir a Katharine. — Mas… — Ela olha para Billy. — Ela nos ouviu falando sobre a caverna?

— Não — diz ele. — Eu não sei.

— Você contou a ela?

— Não! — Ele arregala os olhos. — Claro que não!

— Caverna? — Emilia pergunta e até os Milone se aproximam. Só Jules fica para trás, desconfiada, e Billy estende a mão para manter Emilia e Mathilde afastadas, o foco delas nele como lobas que acabaram de notar um cervo que manca.

Billy baixa a voz até sair um sussurro:

— Por que raios eu contaria a ela?

— Contaria a ela o quê? — pergunta Emilia. — O que aconteceu na caverna?

Arsinoe as encara. Ela olha para Cait, Caragh e Ellis e considera por um longo momento o que dizer. Jules confia em Mathilde e Emilia. Mas a confiança de Jules às vezes é mal colocada.

— É uma longa história.

Os olhos de Arsinoe perdem o foco, lembrando a memória gravada em sua mente pelos dedos longos e mortos de Daphne. Daphne e a Rainha Illiann no topo dos penhascos do Porto de Bardon, observando os navios inimigos desafiarem até as tempestades elementais da Rainha Azul. A discussão, e então Illiann jogando-a para a morte. Arsinoe aperta os olhos. Talvez tenha sido um acidente. Uma queda. Talvez Daphne não seja realmente uma assassina.

Ou talvez a vontade da Ilha sempre ganhe. Irmã matando irmã não é nada novo em Fennbirn, afinal.

— Me foi revelado que pode haver um jeito de parar a névoa.

— O quê? — pergunta Cait e ela e Mathilde se aproximam. — Como?

— A névoa foi criada com a morte de uma poderosa rainha elemental. A Rainha Azul, Illiann. Logo, poderá ser desfeita matando uma outra. — Ela olha para Jules, que como sempre, entende imediatamente o que ela quer dizer.

Por um bom tempo, Emilia e Mathilde não dizem nada. Então Emilia joga as mãos para o alto.

— E vocês a deixaram escapar! Nós tínhamos a chave para eliminar a névoa, bem aqui, debaixo dos nosso narizes, e vocês a deixaram fugir.

— O que você quer dizer com "a deixaram escapar"? — grita Arsinoe. — Mesmo que ela estivesse aqui, você não iria tocá-la!

— Parem! — Billy e Mathilde exclamam e olham um para o outro com o entendimento que só pessoas razoáveis devem sentir.

— Em todo caso, não importa — diz Billy. — Mirabella não está aqui. Ela está fora de perigo e de alcance.

— Eu não diria que estar na corte da Rainha Morta-viva seja necessariamente estar fora de perigo — aponta Caragh.

— E nós vamos trazê-la de volta — diz Emilia. — E quando o fizermos…

— Você não vai fazer nada — grita Arsinoe. — E nós nem sabemos se iria funcionar. Por que acreditar na palavra de uma assassina de séculos atrás? Mirabella é minha irmã!

— Ela é uma vida. E quantas a névoa vai levar se não for impedida? Nossa Rebelião busca trazer paz para a Ilha. E segurança. Nós não podemos simplesmente ignorar…

— Sim, podemos — diz Jules baixinho. Ela olha para Arsinoe com uma expressão sombria.

— Jules… — argumenta Emilia.

— Não. Está fora de questão.

— Mas…

Jules pressiona a testa com os dedos e Cait se move para dispensar a reunião.

— Você ouviu minha neta — diz ela. — Ela é a Rainha da Legião e ela decide. Agora vamos deixá-la descansar.

Todos saem em fila, até mesmo Billy. Os olhos de Emilia brilham indignados para Arsinoe quando ela se vai, mas nem ela fala contra Cait. Quando eles saem, Arsinoe se demora com sua mão na porta.

— Você precisa de algo? Água? Vinho? Alguma coisa para Cam?

— Só de você — diz Jules. — Fique. — Ela anda até a lareira e aquece as mãos.

Arsinoe volta para dentro.

— Como você está se sentindo? Tem dormido? Eu posso fazer uma poção para dormir.

— Estou bem, Arsinoe. Tudo certo. Você me salvou de novo.

— Isso nos deixa quites? — Arsinoe pergunta, enfiando os dedos no pelo da puma. — Ou preciso te salvar mais uma vez?

Jules dá um sorriso fraco. Seu cabelo castanho cai em ondas bagunçadas até seu queixo e toca seus olhos enquanto ela cutuca o pulso enfaixado.

— Eu me sinto como se tivesse dormido cem anos.

— Não é fácil voltar para as coisas assim. Emilia pressiona demais.

— Não é culpa de Emilia — diz Jules. — Eu não confio em mim mesma. Eu me lembro do que fiz.

— Você não era você mesma.

— Então quem eu era? — Ela baixa os olhos para as bandagens e sua perna ruim, enfraquecida e dolorida por causa do veneno que ela comeu, veneno que ajudou Arsinoe a descobrir sua verdadeira dádiva. — Eu estou quebrada no meu corpo — diz ela. — E na minha mente.

— É isso que você vê quando se olha? — pergunta Arsinoe. — Porque não é o que eu vejo.

— Não importa o que eu vejo. Ninguém deveria me seguir. O que eu fiz… Eu não sou nenhum líder. Mas Mirabella é.

Arsinoe olha para ela, surpresa.

— Eu sei que tenho meus motivos para não gostar dela — diz Jules. — Mas era ela. Tão forte. Forte suficiente para acabar com todos nós e ainda assim ela não é uma assassina. Você também não é uma assassina, Arsinoe. Eu sinto muito por ter passado tanto tempo tentando te transformar em uma.

— Tudo bem — sussurra Arsinoe, sem saber o que dizer. — E você sabe… que Mirabella não quer ser a Rainha Coroada.

— Mas você a conhece, não? — pergunta Jules. — Se for necessário, ela será de qualquer forma.

Templo de Indrid Down

A sacerdotisa inicianda leva Mirabella, disfarçada com um capuz e um véu, pelo austero interior do Templo de Indrid Down, passando por fileiras e mais fileiras de bancos cuidadosamente preservados com óleo de nozes, passando pela Pedra da Deusa, que pisca para ela por trás de sua barreira de cordas. Ela a leva para trás do altar, através dos claustros e para cima, cada vez mais para cima, pelas escadas que levam ao quarto que Luca adotou para si. Ou melhor, que ela retomou. Seus antigos aposentos, de um tempo antes de ela conhecer Mirabella e antes de abandonar a capital e a aparência de neutralidade para viver com ela em Rolanth.

Mirabella inspira e sente o cheiro da pedra fria. São tantos degraus que suas pernas começam a queimar. Elas devem estar alto o suficiente para se inclinar para fora da janela e tocar nas gárgulas preferidas de Arsinoe.

— Eu espero que você perdoe a distância — diz a sacerdotisa na frente dela, carregando uma tocha para iluminar o caminho. — Muitos ficaram surpresos quando a Alta Sacerdotisa decidiu retomar seus antigos aposentos. Nós pensamos em preparar um espaço mais confortável no térreo.

O térreo. Luca nunca aceitaria isso. Ela as forçaria a carregá-la para cima e para baixo nas costas antes disso.

Elas chegam à porta de Luca e a inicianda faz uma pequena mesura e sai, um pouco descuidada ao passar com sua tocha perto do rosto de Mirabella. Talvez a garota tivesse a dádiva do fogo antes de vir para o templo e ainda não aprendeu a prestar atenção nisso.

Mirabella bate uma vez e entra no aposento de Luca. O que ela vê ali dentro é tão familiar que por um momento ela é transportada para o outro lado da Ilha, para tardes em Rolanth quando ela corria para o apartamento da Alta Sacerdotisa para o chá.

— Olha só — diz Luca, inclinada sobre uma mesa e servindo uma xícara fumegante. — Andando por aí sem ser escoltada.

— A guarda real está esperando lá embaixo com a carruagem — diz Mirabella. Ela abaixa o capuz e tira o véu, anda até um dos sofás de Luca, sempre com um exagero de travesseiros macios. Ela abre sua capa e a desliza pelo braço. Então ela aponta o chá com a cabeça.

— Mel e limão?

— Mel e limão em conserva — responde Luca. — Frutas frescas se tornarão uma memória distante se o problema com a névoa não for resolvido logo. Nenhum dos importadores do continente tem conseguido passar. Ou nenhum deles ousou voltar quando souberam o que estava acontecendo.

— Os naturalistas vão cuidar da Ilha quando a primavera chegar.

— Nem mesmo eles podem cultivar limões e laranjas. Nós não temos o clima. — Ela coloca a bandeja de chá na mesa entre os sofás e dá a Mirabella uma xícara. — A forma como você fala. Os naturalistas vão cuidar da Ilha. Da Ilha. Não de *nós*. Como se você não fosse parte dela. Que maravilhas deve haver no continente para terem te conquistado em tão pouco tempo.

— E ainda assim, aqui estou eu. Servindo à Ilha. Cumprindo o meu dever, como você disse. — Mirabella baixa sua xícara sem beber. Nenhuma delas senta e Luca consegue fazer ficar de pé parecer muito confortável, bebericando seu chá, sobrancelhas arqueadas, costas retas e ombros relaxados como se seus velhos ossos nunca tivessem sentido uma única dor. — Você parece mais jovem do que em Rolanth, Alta Sacerdotisa. O ar do Porto de Bardon deve ter te feito bem.

Luca sorri.

— Por que você queria me ver? — pergunta Mirabella.

— Porque eu finalmente posso! Agora que você conquistou o favor da rainha, eu não preciso mais te evitar. Você deve ter percebido que havia um motivo para eu não ir te ver.

— Eu tenho certeza de que há um motivo para tudo que você faz.

Luca pega um prato de biscoitos e os oferece: merengues cobertos com creme e uma gota brilhante de geleia. Os favoritos de Mirabella. Ela pega um do prato.

— O que você tem achado da capital agora, com sua nova liberdade? O que você tem achado do tempo com a sua irmã mais nova?

Mirabella franze a testa, olhando para o merengue. Ela está com muita fome. E embora ela preferisse esnobar todas as ofertas de Luca, Arsinoe não ia querer que ela desperdiçasse comida.

— Ela me chama de Mirabella Expulsa Névoa — diz Mirabella, e Luca ri. — Ela mandou que armaduras especiais fossem feitas para nós duas. Peitorais de prata gravados com nuvens e raios para mim e crânios e cobras para ela. Ela quer que eu desfile ao lado dela pela cidade. — Ela olha para Luca. — O humor dela é sempre tão volátil?

— A Rainha Katharine é rápida em odiar — responde Luca. — Mas ela perdoa qualquer coisa no momento em que você demonstra a menor gentileza. Vocês duas têm muitos traços em comum, embora eles se manifestem de formas diferentes. Vocês duas têm corações moles. E vocês duas são letais.

— Letais. — Mirabella olha bem no rosto de Luca. — Como Katharine consegue engolir tanto veneno?

— Sua dádiva envenenadora é forte.

— Ela não tem dádiva envenenadora — diz Mirabella. — Arsinoe é a envenenadora.

— Talvez houvesse duas.

— Não segundo Willa. — Mirabella aperta os olhos. — Ainda assim, eu vi Katharine engolir veneno e mais veneno como se toda refeição fosse um *Gave Noir*. Como? Que magia baixa você e Natalia Arron fizeram nela para transformá-la em uma… rainha tão talentosa?

Luca desdenha.

— Não houve magia baixa. Nenhum truque. Eu não estava conspirando com os Arron. Até o

último minuto, eu estava conspirando por você. E é por isso que eu te conheço tão bem. — Ela baixa a voz. — Eu sei que não foram realmente as minhas palavras que te trouxeram para a Coroa. O que você está fazendo aqui, de verdade? O que você está aprontando?

— Só o que você me mandou fazer. Estou protegendo a Ilha e tentando resolver o enigma que é minha irmã.

— E o que você vai fazer quando resolvê-lo? Qualquer segredo que ela tenha, não importa. Ela foi coroada.

— Tanta lealdade — diz Mirabella de forma amarga.

— Você aprende a amar a rainha que tem. Você sabe disso. Se você tivesse conquistado o trono, você encontraria os Arron fazendo fila para se tornarem seus aliados. Não é diferente.

Exceto que parece diferente. Mirabella esperaria que os Arron mudassem rapidamente de cor. Os Arron são voláteis e não têm convicção. Mas foi um choque vir para a capital e descobrir que Katharine tinha conquistado suas duas melhores amigas.

— Talvez eu esteja sendo tola — diz ela, e para sua surpresa, Luca dá um passo para a frente e a abraça, dando-lhe tapinhas leves no ombro.

— Não é tolo, Mira. É natural. Como súditos, nós devemos amar nossa rainha. Mas nós sempre te amamos. E nós todas estamos felizes por você ter voltado para nós.

Mirabella pega a mão da velha mulher. Aquela mão familiar e enrugada com suas unhas curtas e práticas, os nós levemente inchados com a idade. Ela baixa a cabeça e a beija, sentindo o cheiro do óleo de amêndoas que Luca usa para massagear a pele.

— Você está realmente feliz? — pergunta ela. — Você realmente ainda me ama?

— Mira. — Luca contrai as sobrancelhas. — O que houve?

— Eu não deveria dizer isso — diz Mirabella, seus olhos fixos nas mãos de Luca. — Porque não sei se posso confiar em você. Mas vou perguntar de qualquer forma, porque estou perdida aqui e não tenho confidentes. E porque você de fato me amou, um dia… — Ela ergue os olhos para a Alta Sacerdotisa e vê suas íris de um azul suave tremendo.

— Antes que Madrigal Milone morresse, ela me disse uma coisa a respeito de Katharine. "Ela está cheia de mortas", foi o que Madrigal Milone disse, logo antes de sua vida escorrer pela neve em Innisfuil. O que ela quis dizer?

Mirabella espera e Luca puxa sua mão.

— Eu não tenho ideia. Ela estava morrendo. Talvez ela não estivesse falando coisa com coisa. Talvez você tenha ouvido errado.

Mirabella estuda a Alta Sacerdotisa com cuidado. Sua expressão está atormentada, mas não confusa.

— Eu não ouvi errado. Você sabe de algo. Você quer me contar.

— O que você quer dizer com "eu quero te contar"? — Luca a afasta e se vira, andando até a escrivaninha para abrir gavetas e mover papéis sem motivo.

— Você mentiu para mim muitas vezes, Luca, e eu nunca consegui saber. Então, se eu consigo saber agora, é porque no seu coração você quer que eu saiba. — Ela segue a Alta Sacerdotisa até sua mesa e a pega pelas mãos.

— *Ela está cheia de mortas* — sussurra Luca.

— Sim. O que ela quis dizer?

— Um pensamento está surgindo na minha mente…

Mirabella espera enquanto Luca pensa, seus olhos distantes.

— Diga.

Mas Luca se solta.

— Ainda não é certo. E eu não vou falar contra a rainha.

— Nem mesmo se a rainha for o perigo?

— Perigo para quem?

Mirabella suspira pelo nariz. Ela pega sua capa e se move na direção da porta. Ela não vai encontrar respostas aqui. O melhor que ela pode esperar é que Luca não saia correndo para aconselhar Katharine a executar Mirabella com veneno na praça. Mas quando ela pega a maçaneta, Luca fala.

— Eu não vou falar contra a rainha — diz ela outra vez. — Não é meu lugar. Mas se alguém fosse falar — ela dá um olhar cheio de significado para Mirabella —, esse alguém seria Pietyr Renard.

Pietyr Renard. E como ela deveria chegar até Pietyr Renard? Segundo todos os relatos, ele está inconsciente em Greavesdrake. E Katharine com certeza mantém seu amado bem vigiado. Além do que, se ela corresse diretamente para ele no minuto em que ganhasse alguma liberdade, Katharine adivinharia suas verdadeiras intenções.

Mirabella aperta os lábios, frustrada, enquanto desembaraça o véu. Em Sunpool, a Rebelião ainda está reunida e Emilia os liderará no ataque na primavera. A essa altura ela precisa saber tudo que houver para saber sobre Katharine e precisa achar um jeito de trazer paz de volta à Ilha.

— E então Arsinoe e eu iremos embora — diz em voz alta. Ela diz em voz alta porque a cada dia acredita menos nisso. Por mais perigosa que seja sua presença em Indrid Down, ela se sente mais em casa na capital do que um dia se sentiu no continente. O continente tem regras e limitações estranhas, tradições impostas para manter as coisas em ordem. E foi para isso que ela foi criada: intriga e movimentos políticos.

Com o véu ainda amassado nas suas mãos, ela sai para o corredor bem ao lado da inicianda, que perde o ar quando vê quem ela acompanhou escada acima.

— Ah! — Os olhos de Mirabella se arregalam. Ela finge que está tentando se disfarçar. — Eu não imaginava que você estivesse esperando.

A inicianda, corada, tenta olhar para qualquer lugar, menos o rosto de Mirabella.

— Está tudo bem — sussurra Mirabella quando recolocou seu disfarce. — A Rainha Coroada sabe que estou aqui, embora minha presença deva permanecer um segredo.

— Eu não vou dizer uma palavra!

— Bom. Eu te agradeço. — Ela aperta as mão da menina e a inicianda se afunda em uma mesura curta e rápida. Mirabella rapidamente a ergue. A deferência dela vai entregá-las. — Mas, já que estou aqui, você poderia me levar escondida para a biblioteca do templo? Estou tremendamente entediada escondida no Volroy. Eu gostaria de explorar a coleção do templo, ainda que só por algumas horas. Eu precisaria de um lugar com privacidade.

— Eu sei o lugar certo.

Ela guia Mirabella para o fundo do templo, descendo para a biblioteca, no andar debaixo. É menor do que Mirabella esperava e mal-iluminada, com só algumas janelas. Ela aperta os olhos, e a inicianda corre para acender as lâmpadas. Mirabella nota como elas brilham. É verdade

então: a menina era uma elemental antes de se juntar ao templo e isso deixa Mirabella mais à vontade, embora ela saiba que não deveria.

— Você não vai ser incomodada — promete a inicianda. — Pouca gente vem à biblioteca essa hora e eu vou fazer o que posso para manter a área livre. Eu te busco… ao escurecer? Se você não for atrás de mim primeiro. Meu nome é Dennie.

— Dennie?

— Bem, Deianeira. Mas quem quer falar um nome tão longo?

Mirabella ri.

— É um nome de rainha. Tão longo quanto Mirabella. Dennie, então. E, se quiser, pode me chamar de Mira.

Os olhos de Dennie se arregalam e ela sacode a cabeça com força enquanto se vira para ir embora.

— Ah! Não, eu não poderia!

Sozinha em meio aos livros, Mirabella tira seu véu. A sala tem uma atmosfera tão solitária que ela consegue acreditar que ninguém esteve ali no último mês. Mas é muito limpa e não cheira a pó ou mofo. Os livros parecem estar bem-preservados e sem dúvida cuidadosamente organizados. E embora seja uma coleção modesta, ela não sabe por onde começar.

Ela anda pelas fileiras e passa seus dedos pelas lombadas de couro. Tanta coisa da história da Ilha está ali. Guardada, anotada e escondida. Efetivamente enterrada. E não são só livros, mas arquivos, diários, obras de arte e tapeçarias, relíquias de tempos e reinados passados. Ela veio à biblioteca para xeretar um pouquinho, mas ela realmente poderia ficar ali alegremente até o pôr do sol.

Depois de alguns minutos vagando maravilhada e sem rumo, ela começa a selecionar volumes e puxá-los das prateleiras, levando-os para sua pequena mesa em pequenas pilhas. Então ela se senta e começa a ler.

Dentro das páginas limpas e raramente viradas, relatos sobre rainhas passadas são fáceis de encontrar. Há vários volumes devotados apenas às histórias das Ascensões e neles ela lê as familiares histórias da Rainha Shannon e da Rainha Elo, fortes elementais cujos murais adornam as paredes do Templo de Rolanth e cujas histórias ela conhece quase tão bem quanto a sua própria. Ao lado delas estão as Ascensões da Rainha Elsabet, A Louca, e da Rainha Bernadine, a campeã naturalista de Wolf Spring. A Ascensão de Bernadine está representada em uma pintura, uma pequena ilustração de sangue vermelho já desbotado e um feroz lobo preto. São contos grandiosos, romantizados. Descrições de triunfo. Menções às rainhas que foram mortas – e que também lutaram ferozmente por essa mesma coroa – são esparsas e raramente elogiosas. Ao ler sobre a Ascensão da Rainha Theodora – uma naturalista cujo Familiar era um cavalo –, a única descrição de sua irmã caída é seu estado depois que o cavalo a pisoteou na estrada.

Mirabella folheia mais páginas, seus olhos se movendo rapidamente. Tantas rainhas que vieram antes. Mas só uma voltou e recentemente fez sua presença ser sentida. Rainha Illiann. A Rainha Azul. Criadora da névoa. Deveria haver volumes e mais volumes sobre ela. Ainda assim, depois de mais de uma hora de busca, Mirabella não encontrou nada. Ela acha contos sobre a Rainha Andira, a naturalista de Mão Branca cujas irmãs eram ambas oráculos e foram afogadas. Ela acha referências à Rainha Caedan, a primeira Rainha Azul, nascida há mais de mil anos. Mas nada de Illiann.

Ela fecha o livro que estava olhando e se levanta, procurando nas estantes e em muitos

baús. Não há espaços nas estantes, nenhum espaço suspeito. Mas o que havia deve ter sido disfarçado.

— Olá? — A inicianda, Dennie, enfia a cabeça pela porta e então entra e se curva. — Mmmm… Mirrr… Madame?

Mirabella revira os olhos e ri. Madame vai ter que servir.

— Sim?

— Você precisa de alguma coisa? Chá? Comida?

— Não, eu… — Mirabella para, sua atenção ainda nas estantes. — Eu estou lendo as histórias de rainhas passadas e descobri que não consigo… quero dizer, não parece haver nada aqui sobre a última Rainha Azul. A Rainha Illiann. O templo realmente não tem nada sobre ela?

— Nós temos — diz Dennie. — Mas tudo que tínhamos foi levado recentemente para Greavesdrake Manor a pedido de Genevieve Arron.

— Claro que foi — suspira Mirabella. — A Rainha Katharine me disse que colocou Genevieve para pesquisar sobre ela. — Ela inclina a cabeça para trás e encara o teto como se pudesse ver através dele, até Luca. Talvez se ela a agarrasse pelos ombros e a sacudisse, todas as respostas simplesmente cairiam dela. — Deusa. Agora eu estou pensando como Arsinoe.

— Como?

— Nada. Os Arron… Eles fazem pedidos ao templo com frequência? É fácil para que o sacerdócio funcione aqui? Tão perto da Coroa e do Conselho?

— Pode ser difícil — admite Dennie. — Embora talvez a maior dificuldade esteja simplesmente em sermos reconhecidas. Às vezes eu acho que o Conselho Negro esqueceu o motivo para a capital ter sido fundada aqui em primeiro lugar.

— E qual foi o motivo?

— Foi o lugar do primeiro templo, é claro.

— Este… — Mirabella faz um gesto para o entorno delas. — Este foi o primeiro templo?

— Não. Este é um monumento ao Volroy. Terminado antes dele, mas feito para combinar. O primeiro templo se perdeu no tempo. Como muitas coisas. Mas você não deve se preocupar conosco. Tem sido muito melhor desde que a Alta Sacerdotisa voltou.

— A Alta Sacerdotisa… Ela sabe do primeiro templo?

— Sim, mas talvez não mais do que eu.

Se ao menos ele ainda existisse. As respostas que ele deve conter. Mirabella pega um livro e passa sua mão pela capa.

— Eu tenho lido sobre as outras rainhas. Mas não encontro menção de nenhuma antes da Rainha Bethel, A Piedosa. Há outros volumes, mais antigos, em algum outro lugar?

Dennie franze a testa, refletindo.

— Talvez em outros templos. Talvez enterrados no Volroy. Ou mesmo em Greavesdrake Manor. Ou talvez essas rainhas antigas também tenham se perdido no tempo.

— Desde que existe a Ilha, existem as rainhas da Ilha — diz Mirabella, distraída, e a inicianda assente. Todos em Fennbirn sabem disso. E eles conhecem a primeira, embora ela não tenha nome. A primeira rainha, conhecida apenas por seu mito e sua lenda. A que deu à luz as primeiras trigêmeas. Alguns dizem que ela era a própria Deusa, que ela forneceu as dádivas às primeiras pessoas e reinou por cem anos. Mirabella a viu em muitas pinturas: uma beldade escura com olhos sombreados, sempre representada com seus braços abertos sobre a Ilha e três estrelas escuras ao seu lado.

Mas essas são as versões dos artistas. Nada realmente antigo ficou do tempo dela. Nenhum

relato. Nenhuma relíquia. Nem mesmo seu nome.

— A própria Deusa — reflete Mira em voz baixa. — E o que isso nos tornaria?

— Madame?

— Nada. Eu só estava pensando nessas rainhas que vieram antes. Essas rainhas antigas que se perderam para nós. Que sabedoria elas teriam? Que segredos elas teriam compartilhado? Era mais fácil naqueles tempos? — Ela passa a mão com força pelo rosto e olhos cansados.

— É uma pena que ninguém saiba onde estão as ruínas do primeiro templo. E é uma pena termos perdido um lugar tão sagrado.

— É uma pena — diz Mirabella. — Talvez alguma rainha um dia o encontre.

Greavesdrake Manor

Sempre que pode sair do castelo, Katharine vai a Greavesdrake para cuidar ela mesma de Pietyr. Ultimamente isso não tem sido fácil. Com Mirabella na cidade, todo o Conselho Negro está assustado como gatos em uma tempestade. Os membros querem sua Rainha Coroada bem perto. Eles querem ter certeza de que ela está observando, pronta, como eles estão, caso Mirabella se mostre pouco confiável.

— Desculpe o atraso — sussurra ela para Pietyr enquanto ele descansa pacificamente em seu antigo quarto. Não houve mais sangramento e Edmund lhe disse que ocasionalmente há reflexos nas pernas de Pietyr ou movimento por trás das suas pálpebras. Ela sabe que ele vai acordar logo. Ela consegue sentir. E então ele estará de volta ao lado dela, onde é o seu lugar.

— E quando você acordar, estaremos quites. Realmente quites. Você me jogou na Fenda de Mármore e eu…

Enquanto ela olha para ele, as rainhas mortas se erguem, fascinadas por ele deitado ali. Como se nem elas pudessem acreditar no que fizeram.

— Não — Katharine sussurra. — Fiquem longe dele. Quando estamos nesse quarto, vocês não ficam aqui.

As rainhas mortas a ignoram. Em vez disso, elas buscam controlar a mão dela e tocar o rosto dele, como se elas pudessem sentir seu calor e abrir os olhos dele para olharem lá dentro. É indecente. Monstruoso.

— Saiam — ordena ela.

Elas se reúnem dentro do corpo dela e sua pele formiga com seus toques suaves, suas desculpas sussurradas. Tantas desculpas. Tantos abraços frios na esperança de que ela vá perdoá-las. Mas por trás do conforto há sempre uma ameaça: *sem nós, doce rainha, você é uma criança fraca. Sem nós, você vai perder sua Coroa e então sua cabeça*.

— Se vocês não descerem para os cantos mais escuros e profundos de mim — grita Katharine —, que a Deusa me ajude, eu vou cortá-las fora e colocá-las de volta nas pedras eu mesma!

Com essas palavras, as irmãs mortas correm para o sangue dela tão rápido que parece um soco no estômago. Ela respira profundamente, trêmula. Ela precisa tomar cuidado. Manter seu

temperamento sob controle é melhor para tomar conta delas. Mas no quarto com Pietyr, ela só queria que elas se fossem.

Katharine passa uma mão pela testa de Pietyr. Está seca, não suada ou febril. Ela afasta seu cabelo loiro claro de seus olhos. Ela está cansada. As irmãs mortas, Mirabella e o Conselho Negro a deixaram exausta, e ela se permite deitar com ele na cama por um momento. Se acomodar no calor do seu ombro e escutá-lo respirar.

— Por favor, acorde — sussurra ela. Ela pressiona os lábios contra os dele e tenta fazê-lo mover com a força da sua vontade por um momento, imaginando que ela sente os lábios dele se abrindo junto aos seus. Mas é só fingimento. Ela o beija de novo e de novo, com mais força, na boca, no rosto e nas clavículas.

— Rainha Katharine.

Ela se levanta de um salto e, ao se virar, vê Genevieve parada na porta.

— Genevieve. — Katharine se afasta da cama e endireita seu avental. — O que você quer?

— Ver meu sobrinho — diz ela. — E ver você.

— Você não estava tão preocupada com o bem-estar dele antes. — Katharine se volta para a bandeja de comida. É macia, quase líquida. Edmund acrescentou leite morno para ajudar a descer mais fácil. Em seu estado inconsciente, Pietyr precisa ser alimentado por um tubo longo e flexível.

Genevieve vai até Pietyr e se inclina para beijá-lo na cabeça. Suas tranças longas e loiras caem dos seus ombros e batem no rosto dele. Ela puxa um fiapo de suas calças marrom-escuras antes de olhar para a tigela de comida esfriando.

— Devo te ajudar?

— Não, eu faço isso — diz Katharine pegando o tubo.

— Olhe como você está tremendo. Deixe-me fazer isso. Sou muito hábil, prometo.

Com relutância, Katharine cede e Genevieve lubrifica o tubo com óleo. Ela inclina a cabeça de Pietyr para trás e Katharine prende a respiração enquanto Genevieve desce o tubo suavemente pela garganta dele. Ele não resiste muito antes de ter o reflexo de engolir.

— O funil.

Katharine o entrega a ela, que o fixa no fim do tubo.

— Como estão indo as coisas com Mirabella, Katharine? — Genevieve pergunta enquanto pega o purê de vegetais com a colher. — Você diz que ela está aqui a convite seu, mas eu te conheço. Eu estou surpresa por você ainda não a ter matado.

— Talvez você não me conheça tão bem quanto acha. Eu não sou tão sedenta de sangue a ponto de colocar minha vingança acima dos interesses da Ilha.

— E se sua sede de sangue estiver bem no centro dos interesses da Ilha?

— Do que você está falando? — Genevieve sabe de algo. Seus olhos lilás estão estreitos de contentamento.

— Pronto — diz ela quando o resto do purê desce pelo tubo. Ela pega um cálice de água e cheira. Ele foi aromatizado com cicuta.

— A favorita de Pietyr.

— Um bom complemento. É importante alimentar a dádiva dele enquanto se recupera. — Genevieve vira a água devagar, levando o resto da comida para o estômago de Pietyr. Então ela retira cuidadosamente o tubo e limpa a boca dele.

— Eu recebi um relato interessante de um dos meus espiões em Sunpool. Parece que a Rebelião encontrou uma solução para o problema dos ataques da névoa.

— Que solução?

— A morte de uma rainha elemental.

Katharine desdenha.

— Do que você está falando?

— Eu também não teria acreditado, se eu não tivesse descoberto isso durante minhas pesquisas sobre a Rainha Azul. — Ela enfia a mão no bolso e puxa páginas de um pergaminho que parece bem antigo. Ela as passa para Katharine. — Mas falarem na morte de uma rainha elemental, junto com isso, completa o quebra-cabeça.

Katharine desdobra as páginas. Elas parecem ser de algum tipo de diário.

— É do diário de Henry Redville — diz ela. — O rei consorte da Rainha Illiann.

— Eu sei — reflete Genevieve. — É sorte eles terem permanecido. Afinal, quem preserva os pensamentos de um rei consorte?

Katharine lê. O que se segue nas páginas é um relato desconexo de um homem devastado pela culpa, e possivelmente bêbado. É uma espécie de confissão. Escrita para a Rainha Illiann como se ela não estivesse lá e estivesse morta há muitos anos.

— Por que a morte de uma rainha elemental pararia a névoa? — pergunta Katharine.

— Porque segundo Henry Redville, a morte de uma rainha elemental foi o que a criou, em primeiro lugar. — Genevieve aponta para as páginas. — Continue lendo.

Os olhos de Katharine se movem febris pela caligrafia apressada do rei consorte. É uma escrita confusa, tão cheia de desculpas que Katharine quer dar um tapa na cara dele, embora ele esteja morto há muito tempo.

— "Por favor, perdoe Daphne, que continuou te amando como uma irmã." — lê Katharine em voz alta. — "Por favor, me perdoe, pois eu não fui forte o suficiente para repelir o ataque de Selkan. Sua morte nos penhascos naquela noite assombra nós dois e com frequência não fomos capazes de viver nossa felicidade, já que veio com a perda da sua. Às vezes eu me pergunto se isso era realmente o que você iria querer, mas eles insistem que a linhagem das rainhas precisa continuar e Daphne ainda é uma rainha"… — Katharine para. — Do que ele está falando? Da morte dela? A Rainha Azul reinou em paz depois da criação da névoa por mais quarenta anos!

— Mesmo? Não segundo isso. Não, a Rainha Illiann foi morta, por quem ele não diz, e depois que o corpo dela criou a névoa essa… Daphne… foi posta no trono para reinar no seu lugar.

— Mas as irmãs da Rainha Azul deviam ter sido todas mortas, dias depois do nascimento. Essa Daphne era mesmo uma rainha?

— Rainha suficiente para enganar o povo por mais de quarenta anos. Rainha suficiente para ter as trigêmeas sagradas. — Genevieve olha para os papéis amarelados. — Eu não posso dizer com certeza, não há registro de uma trigêmea nascida com o nome de Daphne, mas eu acho que ela é na verdade a outra elemental: Roxane. É o único jeito de a fraude ter funcionado.

— A Rainha Illiann foi substituída por outra rainha.

Uma Rainha Coroada tão facilmente substituída.

Genevieve se ergue e pega as páginas de volta, dobrando-as e colocando-as de volta no bolso.

— Eu fiz o que você pediu. Me tornei seus olhos e ouvidos. Então agora nós sabemos por que Mirabella fugiu de verdade da Rebelião. Porque eles estavam planejando matá-la para acabar com a névoa.

Katharine olha para ela.

— E agora você quer que eu faça o mesmo. Quando dei a ela minha palavra de que ela estaria segura.

— A segurança dela ou a segurança da Ilha — diz Genevieve, pesando-as com as mãos.

— Ela já garantiu a segurança da ilha. Ela lutou com a névoa e venceu.

— Ela lutou com a névoa sim, mas ela não venceu. Não de vez. Ela irá voltar. Nós deveríamos matá-la agora, e acabar pelo menos com a ameaça.

— Não. — Katharine sacode a cabeça. — Não ainda.

— Por que não?

— Eu não sei. Eu só sinto que preciso dela.

Para quê? Nem ela consegue dizer direito. Para ajudá-la a se livrar das rainhas mortas? Mas como? Ela não pode permitir que as rainhas mortas coloquem as mãos em sua poderosa irmã.

— Katharine, você não está sendo razoável.

— Eu não posso dar à luz trigêmeas, você se esqueceu disso? — dispara Katharine. E quando isso sai da sua boca, é como se ela sempre tivesse sabido. — Eu preciso de outra rainha. Uma confiável. Uma que me ame o suficiente para tê-las por mim em segredo!

A boca de Genevieve se abre. Então se fecha e ela assente. Ela até parece impressionada.

— Se você conseguir conquistar esse tipo de lealdade, você será de fato uma rainha Arron. Muito bem. Vamos esperar e ver. — Ela se vira para ir embora.

— Aonde você vai?

— De volta para o Volroy. Ser seus olhos e ouvidos. — Ela para na porta e olha para Pietyr mais uma vez. — Você perdeu Natalia e Pietyr está adormecido. Você tem poucas pessoas em quem ainda pode confiar e poucas que restaram para te dar conselhos. Mas eu vou te dar um aviso agora, para que mais tarde eu não sinta que falhei com o meu dever. Não confie tão rápido em Mirabella. Não importa o quanto ela ajude ou o que ela diga. — Ela sai para o corredor. — Uma rainha nunca deve confiar em outra rainha.

Sunpool

Na taverna perto da praça, Arsinoe e Billy se sentam a uma mesa perto das janelas e observam Jules. Ela está bem há quase uma semana e ainda assim é cercada aonde quer que vá. Cait, Ellis e Caragh estão sempre atrás dela. E Camden não se afastou mais do que alguns passos desde que as duas deixaram a torre do castelo juntas.

— É tão bom vê-las sem cordas e correntes — diz Arsinoe. Ela ri quando um dos rebeldes chega perto demais e Camden o golpeia com sua pata boa.

— Há sempre algo a ser feito pela Rainha da Legião — reflete Billy. — Alguém para ver, alguém com quem ela precisa falar. E você está ficando irritada, não está? Você não teve tempo com ela.

Arsinoe não se dá ao trabalho de negar. Não para Billy, que parece capaz de ler sua mente.

— Os dias em que Jules era toda minha acabaram. Todos esses dias mais simples acabaram.

Um lampejo de tensão passa pelo rosto de Billy e ele o esconde com uma mordida no peixe frito.

— Pelo menos ela está bem.

— Ou parece estar.

— Você tem dúvidas quanto ao feitiço? — Ele observa Jules atenciosamente através do vidro. — Ela não parece nada volátil.

Não, não parece. Ela parece igual desde que a amarração a acordou. Um pouco desanimada. Um pouco envergonhada. E, por baixo disso, com um pouco de raiva.

— Mais suspeito ainda — diz Arsinoe. — Jules sempre foi meio volátil.

O taverneiro chega com canecas novas de cerveja e faz uma careta para os cortes nas mãos e antebraços de Arsinoe, que começaram a criar casquinha. A expressão no rosto dele diz que ele a expulsaria se ela não fosse uma rainha exilada.

— Não dê atenção — diz Billy quando Arsinoe puxa as mangas para baixo. — Eles não sabem que foram esses cortes que devolveram a eles a Rainha da Legião. E, se soubessem, estariam pedindo para beijá-los.

— Então acho que fico feliz que não saibam — diz ela, e Billy puxa a mão dela para perto e a beija mesmo assim.

Na praça, a multidão começa a se agitar e resmungar como ovelhas assustadas. Antes que Arsinoe consiga ver a fonte da inquietação, os olhos de Billy quase saem das órbitas.

— Ela está com Braddock!

Arsinoe se levanta em um salto e corre para fora da taverna. O grande urso-pardo está em pé sobre as pernas traseiras, seus lábios enormes estendidos em um rugido baixo, logo depois do portão. E logo antes dele está Emilia, sacudindo um pedaço de carne para tentar trazê-lo para dentro.

— Emilia, sua idiota! — Arsinoe chega até eles o mais rápido que pode, seus cotovelos abrindo caminho por entre as pessoas. — O que você está fazendo?

Ela ergue a mão para Braddock, e ele cai sobre as quatro patas. Seus grandes olhos escuros estão assustados até que Jules e Caragh chegam e usam suas dádivas naturalistas para acalmá-lo.

— Eu estava trazendo-o para você — explica Emilia. — Afinal, o que é uma Rainha Urso sem um urso?

— Uma Rainha Urso que deixa seu urso na floresta, fora da cidade, onde é o lugar dele!

— Ele precisa ser visto às vezes — diz Emilia. — E eu queria testar minha nova gota de dádiva naturalista.

Jules sacode a cabeça, mas não é uma censura de verdade. Para horror de Arsinoe, Jules parece simplesmente estar se divertindo.

— Por que você pensaria que de repente é uma naturalista?

— O feitiço. Arsinoe disse que poderia… — Ela deixa para lá e dá de ombros. — E deve ser verdade. Porque o urso está aqui e eu estou viva.

— Você podia ter escolhido uma forma melhor de testar — diz Arsinoe, passando seu braço de forma protetora pela grande cabeça de Braddock. — Eu vou levá-lo de volta para a floresta. — Dentro das muralhas há pessoas demais. E mesmo do lado de fora está perigoso, com os campos de treinamento dos soldados subindo para as dunas e colinas. Tantas espadas barulhentas se chocando e flechas perdidas lançadas por rebeldes que nunca seguraram um arco antes.

— Eu vou com você — diz Billy.

— Eu também — diz Caragh.

Eles passam juntos pelo portão e as bocas abertas dos que se reuniram. Talvez Emilia esteja certa, e ver o urso vai fazê-los olharem para Arsinoe com mais carinho. Arsinoe aperta os lábios. Por que ela precisa da simpatia da Rebelião?

Quando eles chegam às árvores, Billy procura nos bolsos por um pedaço de carne-seca para oferecer a Braddock como um último petisco.

— Embora eu vá sentir falta dele, preciso te pedir para levá-lo de volta ao Chalé Negro. — Arsinoe se vira para Caragh. — Quando você acha que vai voltar?

Para sua surpresa, Caragh ergue o queixo.

— Eu não pretendo voltar. E não vou para Wolf Spring.

— O que você quer dizer?

— Eu vou ficar aqui, com a Rebelião. Assim como Luke. E meus pais. E muitas das pessoas que vieram com eles. — Ela exala. — Mas não Matthew. Eu estou mandando Matthew e o bebê para casa. Se Sunpool cair, será mais seguro lá. E, embora ela não diga nada, acho que seria melhor para Jules se ele não estivesse aqui. Ele se parece demais com o que Joseph seria.

— Você deveria voltar com eles — diz Arsinoe. — Ajudá-los a se esconderem. Matthew

pode estar seguro de Katharine, mas e o irmãozinho da Rainha da Legião?

— Você acha que ela iria atrás de um bebê? — pergunta Billy, chocado.

— Eu acho que ela iria trás de qualquer um, se houvesse uma vantagem nisso. Ela está em guerra. Eu nem posso culpá-la.

— Eles partem hoje à tarde — diz Caragh. — Vão velejar de volta para Wolf Spring com o resto dos Sandrin. Venha para a praia conosco e se despeça deles.

Naquela tarde, quando o sol começou a baixar, Arsinoe abre caminho pela areia fria e dura para se juntar aos outros na beira d'água. Além dos Milone, Billy e Luke vieram, assim como Mathilde, que sente uma conexão com o bebê, já que estava no Chalé Negro na noite em que ele nasceu.

Pobre e pequeno Fenn. Enrolado em camadas de cobertores contra o vento gelado do mar e passado de mão em mão como uma jarra de cerveja em volta do fogo. Quando ele se aproxima de Arsinoe, ela o ergue diante de si para olhar nos olhos dele.

— O irmãozinho de Jules — diz ela. É uma coisa tão estranha de se dizer – um irmão em uma família cheia de irmãs. Tão pequeno e sua mãe já se foi.

— Puxe-o para perto — diz Matthew rindo. — Dê um beijo nele.

Arsinoe faz uma cara carinhosamente enojada.

— Eu acho que ele já ganhou beijos o suficiente.

Mas, antes de devolvê-lo, ela sussurra para que ele tome cuidado. Ao lado dela, os olhos estoicos de Caragh estão molhados, embora ela esconda bem as lágrimas. Sua cadela de caça marrom está triste, se apertando ao lado de Matthew.

— Joseph era tio dele — diz Billy cutucando o bebê na barriga. — E eu era o irmão de criação de Joseph. Então isso quer dizer que ele pode ser meu sobrinho de criação?

— Não precisa da parte da criação — responde Matthew. — E você é sempre bem-vindo à casa dos Sandrin.

— Me dê ele — diz Mathilde estendendo os braços. O bebê estica as mãos para ela e grunhe. — Eu estava perto quando sua luz veio ao mundo e eu sempre a sentirei quando ela estiver perto.

— Gente estranha, os oráculos — comenta Luke.

— Diz o homem com um galo no ombro — aponta Billy. — E, falando em galinhas, Luke, como vai minha Harriet?

— Ela está gorda e é uma distração para Hank — ele responde, e seu galo faz um barulho inocente.

Billy cutuca o bebê nos braços de Mathilde.

— Ele vai ser um naturalista, você acha? É assim que funciona? Mesmo se um dos pais for sem dádiva?

— Eu encanto peixes — protesta Matthew, pegando o filho.

— Você encanta todo mundo igualmente — Billy lhe garante. — Mas, de verdade, é assim que funciona?

Cait estuda o bebê com uma expressão rígida.

— Todo Milone nasce com a dádiva naturalista. É como funciona. E a dádiva dele com certeza será forte.

— Quebrador de maldições — diz Mathilde de repente. Então ela pisca. — Perdão. Eu não sei por que eu disse isso.

Cait e Ellis trocam um olhar.

— Tudo bem — diz Ellis. — Nós sabemos por quê.

— Por quê? — Billy pergunta.

— Por muitas gerações, desde que nos lembramos, mulheres Milone nascem em dois. Duas meninas: uma tem outras duas meninas e a outra não tem nenhuma. É claro que minha Madrigal quebraria as regras.

Billy oferece um dedo para que o bebê agarre, mas parece que finalmente foi animação demais. Fenn caiu no sono.

— Um pequeno naturalista. Eu me pergunto se ele vai trazer para casa outra puma um dia. A casa vai ficar bem vazia sem uma.

— Não — diz Cait, e pela primeira vez seu rosto se abre em um sorriso. — Ele terá um bom Familiar, mas não como Camden. Mais provável que seja um cachorro ou pássaro. Nós ficaríamos felizes com um falcão, talvez.

— Ele terá uma raposa — declara Mathilde, alto suficiente para que os olhos do bebê se abram de volta. — Uma raposa vermelha. Com o peito branco e um rabo escuro. — Ela engole e sacode um pouco a cabeça antes de secar os olhos.

— Bem — diz Matthew sorrindo. — Lá se foi a surpresa.

— Uma raposa — sussurra Caragh com tristeza. — A mãe dele teria adorado isso.

Matthew a deixa dar uma última olhada no bebê.

— Melhor irmos.

— Cuide bem do homenzinho — diz Billy. — E da minha galinha.

Matthew sacode Fenn nos braços e ergue sua pequena mão para acenar. Depois de um momento de hesitação, ele pega o rosto de Caragh e a beija com força. Então ele se vira, e ele e o bebê embarcam.

Arsinoe grita adeus e acena para os outros Sandrin. Jonah, o irmão menor, sorri para ela, mas o olhar raivoso da mãe de Joseph a pega de surpresa. Ela não tinha imaginado que a mãe de Joseph a odiaria e a culparia por tudo isso.

Quando os barcos zarpam e começam a diminuir a distância do porto, Caragh o segue pela costa e Arsinoe franze a testa.

— Qual o problema? — pergunta Luke.

— Nada.

Luke aperta os olhos e o galo no seu ombro a espia com o bico meio aberto.

— Você não consegue mentir para mim, Rainha Arsinoe.

Arsinoe sorri de má vontade. Ela não sabe, exatamente, o que a está incomodando. Algo na forma como Matthew parecia ao lado de Caragh agora. Algo na forma como ele olhou para ela.

— Acho que parece injusto. Madrigal está morta, eu sei disso, mas…

Billy desliza uma mão pela nuca dela e aperta.

— Os garotos Sandrin e as garotas Milone — diz Luke, e Arsinoe se pergunta se realmente não consegue mentir para ele. — Estão condenados no momento em que se olham.

— Vendo por outro lado, o coração dos Sandrin são verdadeiros — diz Billy. — Distraídos, com certeza, pela mistura certa de tragédia e magia baixa. Mas eles sempre voltam para o

primeiro amor.

Se Matthew e Caragh puderem superar a barreira do luto, isso será bem verdadeiro. Mas como ficará a memória de Madrigal para Matthew? Como ficou a de Mirabella em Joseph? Deixadas de lado, e de alguma forma esse parece um fim pouco digno para ambas.

Lentamente, a pequena reunião se desfaz e volta para a cidade. Arsinoe está prestes a seguir Billy quando Jules a chama.

— Fique comigo perto da água um pouco, pode ser?

— Claro. — Arsinoe volta e elas andam alguns passos lado a lado. E embora Arsinoe estivesse ansiando por esse momento sozinhas, ela percebe que não sabe o que dizer. — Eu fico feliz por finalmente conseguir olhar nos seus olhos de novo — solta. — Sem todas as veias explodidas.

— É — Jules ri. — Aquilo doeu. — Ela ergue a mão e estuda seus dedos. — Você acha que um dia minhas unhas vão crescer de volta? Olha essa. — Ela empurra seu dedo do meio no rosto de Arsinoe. — Arrancada até o toco.

— Eca — diz Arsinoe, se afastando. — Vou te fazer um bálsamo.

Jules respira fundo.

— Eu fico feliz por ter acordado para ver meu irmãozinho de novo. Embora vê-lo indo tão cedo não tenha sido fácil. Eu não consigo acreditar que Caragh chorou.

— Você viu Luke e Ellis? Eles vão precisar de lenços novos.

Elas andam juntas, e enquanto o silêncio se estica, a inquietude de Arsinoe a acompanha.

— Agora que Caragh se uniu à Rebelião, isso quer dizer que o Chalé Negro se declarou contra a Coroa? — Arsinoe pergunta.

Jules sacode a cabeça.

— Não. Caragh diz que não importa o que aconteça, Willa não vai contrariar a Coroa. Ela não vai contrariar sua Katharine.

— *Sua* Katharine. E eu? Fui eu quem ela viu mais. E uma das duas que não são desequilibradas. — Arsinoe estremece quando o rosto de Jules se fecha. — Eu não quis dizer isso. Eu não quis dizer desequilibrada…

— Tudo bem.

— Bem… Como você se sente? Algo fora do normal?

— O que você quer dizer?

— Não sei. Raiva? Desorientação? Paranoia?

— Todos os três. — Jules pega uma pequena pedra e a joga nas ondas. — Mas eu não acho que isso conta como fora do normal, dada a situação.

— Eu acho que não.

Jules respira fundo.

— Eu preciso me livrar disso logo. Emilia e os outros… Eles precisam de mim para lutar.

— Então você pretende continuar. Você pretende ser a Rainha da Legião então?

Jules baixa os olhos e uma sombra cresce em suas feições.

— Eu quero tirar a Rainha Morta-viva do trono. Ela enfiou uma faca na garganta da minha mãe, Arsinoe. E ela mata seu próprio povo. Depois disso… — Ela ergue a cabeça, e Camden passa correndo, feliz com a areia molhada e o frio das ondas.

— E como estão suas dádivas? Você as testou desde a amarra?

— As duas ainda estão comigo — diz Jules, fechando um punho. — Ainda fortes. Mas você não gosta disso, gosta? Você preferia que a dádiva da guerra tivesse ficado atada. Você queria

que eu permanecesse uma naturalista.

Arsinoe dá de ombros.

— Você preferia que eu fosse uma naturalista. E você não gosta que eu trabalhe com venenos. Ninguém gosta de mudanças, Jules. — Ela suspira. — E depois de tudo isso, talvez você realmente seja a grande defensora da Ilha.

— Defensora da Ilha. Ou sua queda. Eu ouvi as duas coisas.

É meio que uma piada, mas Arsinoe não ri.

— Qual dos dois você acha que é?

— Eu acho que eu devia ter sido afogada quando era bebê. Ou abandonada na floresta. Eu acho que minha família assassinou uma oráculo porque não tinham estômago para fazer o que era preciso.

Arsinoe engole em seco. A pobre oráculo assassinada pairando sobre elas como uma nuvem. Ela não pode acreditar que foi Cait e Ellis que fizeram isso. Cait, que a ensinou a construir cercas. Ellis, que cantava para elas. Ela não consegue acreditar que Caragh deixou acontecer.

— Eu teria feito a mesma coisa — diz Arsinoe. — Eu faria agora se alguém tentasse te machucar.

— E se eu merecesse?

Jules olha ao longe, mandando sua dádiva naturalista para o mar. Uma forma escura agita as ondas, visível até mesmo através da sombra azul da água.

— O que é isso? — Arsinoe pergunta no momento em que a barbatana de um tubarão surge. Ele se joga na praia, rabo se debatendo, até acabar ofegante na areia. Ele é lindo, com olhos pretos e brilhantes e uma barriga muito branca, e é terrível vê-lo morrer, sua boca aberta em uma mistura de confusão e arrependimento. Quando Camden salta sobre suas costas e começa a rasgá-lo com seus dentes e garras, arrancando a pele lisa e cinzenta, Arsinoe quer bater palmas para enxotá-la. Mas Camden não é um gatinho. Com as orelhas para trás e dentes vermelhos com sangue de tubarão, ela só rosnaria e enfiaria ainda mais as garras.

Jules puxa uma faca do cinto e anda até a beira do mar. Com um movimento rápido, ela o esfaqueia na parte de trás da cabeça e o tubarão permanece imóvel.

— É uma boa carne — diz ela e coloca suas mãos na criatura com cuidado. — Ferva os ossos para um caldo. Até as barbatanas são boas para comer. Nós precisamos de toda comida que pudermos conseguir.

Isso é verdade. E Arsinoe já viu Jules usar sua dádiva para caçar antes. É parte do propósito da dádiva naturalista. Mas, por algum motivo, desta vez parece uma guerra.

— Eu ainda sou uma naturalista, Arsinoe. E ainda sou sua guardiã. Parte de mim está fazendo isso por você. Para matar Katharine. Ter certeza de que você está segura. Mas você está certa. Eu não sou mais a mesma. E quando essa guerra chegar ao fim, nenhuma de nós será.

Quando Arsinoe e Jules voltam juntas para a cidade, são imediatamente abordadas por um mensageiro com a notícia de que elas devem encontrar Emilia atrás dos estábulos, a oeste do castelo.

— Ela gosta de dar ordens, não é mesmo? — resmunga Arsinoe enquanto elas correm para obedecer.

Elas encontram o estábulo previsivelmente deserto, exceto pelos cavalos que moram nas baias. E quando ela e Jules descem pelo corredor, os cavalos sentem a dádiva de Jules e colocam a cabeça para fora para cumprimentá-la. Seria cômico se o humor geral não fosse tão cauteloso e o corredor tão assustadoramente quieto. Quando elas chegam ao fim, Jules estica a mão para acariciar o nariz do seu próprio cavalo, o capão alto e preto que ela roubou de Katharine. Ela deve estar aliviada, Arsinoe pensa, de saber que não o matou acidentalmente durante a batalha em Innisfuil.

— Emilia? — chama Jules. — Você está aí?

— Estou aqui. — Emilia surge da última baia.

— Bem, você podia ter dito antes — murmura Arsinoe. — O que está acontecendo?

— Temos visita.

Arsinoe passa nervosamente o peso do corpo de um pé para o outro quando a figura encapuzada surge. Quem quer que seja, é alta e pesada com uma armadura. Com um aceno de cabeça de Emilia, ela baixa o capuz e Arsinoe engasga.

— Margaret Beaulin! O que ela está fazendo aqui? O que você…

Jules passa um braço pelo peito de Arsinoe.

— Ela veio declarar Bastian City e seus guerreiros para nossa causa. — Emilia estende um papel enrolado para Jules, que o desenrola e Arsinoe lê por cima do seu ombro. É um tratado. Um tratado escrito detalhando a aliança entre Sunpool, a Rebelião e Bastian City. Ele leva a assinatura de todas as grandes casas de guerra.

— O clã Vatros — diz Jules. — Emilia, seu pai assinou.

— Isso não me surpreende.

— Nós já não tínhamos a aliança dos guerreiros? — pergunta Arsinoe, confusa. — Por que isso importa?

— Vocês tinham os guerreiros leais aos Vatros — diz Margaret. — Mas não tinham todos. Agora têm.

— Agora temos. — Jules aperta os olhos. — E nós devemos confiar nisso? Confiar em você?

— Isso é com você. É por isso que eu vim pessoalmente, em vez de mandar um mensageiro. Eu sabia que Emilia não acreditaria em mim a menos que pudesse olhar nos meus olhos.

— E você acredita nela? — pergunta Jules.

Emilia olha de lado para Margaret e os pelos na nuca de Arsinoe começam a se arrepiar. Ela nunca viu Emilia parecendo insegura ou vulnerável. Agora ela parece os dois.

— Margaret Beaulin tem lambido as botas dos envenenadores há muito tempo — diz Emilia. — Mas talvez não esteja mais. Se pudermos confiar nisso, será útil. Uma com a dádiva da guerra vale vinte soldados rebeldes normais.

— Vinte soldados rebeldes normais — diz Arsinoe. — E os elementais, com seus relâmpagos e fogo? E os naturalistas com seus cães e cavalaria?

— Com Bastian City, nós podemos cercar Indrid Down — prossegue Emilia. — Nossas forças podem cortar o acesso ao porto pelo norte.

— E as minhas podem cortar o caminho para o rio, pelo sul e leste. — Margaret assente. — E se de alguma forma a Rainha Morta-viva nos pressionar, todas as forças podem recuar para Bastian e resistir atrás das muralhas da cidade, que estão lá há mais tempo que o próprio Volroy.

— Mas só se confiarmos em você — diz Jules.

— Seria mais fácil acreditar em mim se eu exigisse um lugar em seu novo Conselho Negro

em troca? — Margaret arqueia as sobrancelhas. — Eu considerei.

— Se essa não é sua exigência, então por quê? — pergunta Jules.

— Por Emilia — responde Margaret. — Porque eu falhei com ela e tenho uma dívida. E porque eu falhei com a mãe dela — ela acrescenta em voz baixa. — A quem eu amava.

Arsinoe olha de Emilia para Margaret, ambas sofrendo só por estar na presença uma da outra. O que quer que tenha acontecido entre elas não foi fácil.

— Bastian City é orgulhosa, mas você não pode negar que é uma cidade em declínio — Jules diz, enrolando o tratado. — Quão bem fortificada é ela agora?

— Muito bem fortificada.

— Então nos mande um abastecimento de armas. Lanças, bestas, espadas e escudos. O que puderem. Nos mande isso e iremos considerá-los nossos aliados.

O Volroy

Na câmara do Conselho Negro, Katharine está sentada na cabeceira de uma longa mesa de madeira escura. Ela está inquieta, perturbada, e sua paciência para outra reunião cheia de discussões é pouca. A Alta Sacerdotisa teve a ousadia de sugerir que se permitisse que Mirabella participasse das reuniões do Conselho, mas essa ideia foi rapidamente silenciada. E mesmo que a oposição tivesse sido menos vocal, a própria Katharine teria proibido.

As rainhas mortas, em sua ânsia por Mirabella, forçaram Katharine a manter distância de sua irmã. Cada vez que a veem, elas correm para a superfície de Katharine com tanta força que sua cabeça gira. E logo elas vão encontrar uma forma de terem o que desejam.

A menos que Katharine encontre uma forma de distraí-las.

— Alguma notícia de Jules Milone? — pergunta Katharine.

— A Rainha da Legião não é vista desde a batalha em Innisfuil — Genevieve diz. — Embora suas forças ainda estejam reunidas em Sunpool. E parece que perdemos Wolf Spring.

— Para perder algo é preciso tê-lo em primeiro lugar — diz Primo Lucian.

— Tendo-os ou não nós esperávamos que eles ficassem de fora — diz Genevieve suavemente. — Toda a Ilha sabe que os naturalistas não tomam partido. Eles terem se envolvido no conflito pode parecer um ponto de virada para alguns.

Katharine olha para Rho Murtra, a comandante da sua guarda real.

— Wolf Spring está inteiramente vazia? Ou só os que são ligados aos Milone?

— Nossos espiões dizem que o grupo é grande — responde Rho. — Mas não é de forma alguma a cidade toda. Genevieve está, como sempre, exagerando a situação.

— E há notícias de Arsinoe?

— O que ouvimos da última vez: ela não acredita que Mirabella tenha desertado. Ela mandou equipes de busca para as colinas e ao longo dos penhascos, como se Mirabella pudesse ter simplesmente caído de uma janela.

Ao redor da mesa, os membros do Conselho Negro desdenham.

— Parem com isso — dispara Katharine. — Antes que minha irmã ouça e os faça pegar fogo. — Ela olha para Bree, que dá uma piscadela.

— A negação de Arsinoe é um bom sinal de que Mirabella é confiável. — A Alta Sacerdotisa Luca coloca a mão sobre a mesa com uma expressão serena.

— Eu não gosto disso.

Todo o Conselho Negro se volta para Rho. Ela é a última pessoa que esperam contradizer qualquer coisa que a Alta Sacerdotisa tenha dito.

— O que você quer dizer com não gostar disso? — pergunta Luca. — Do que você não gosta?

— Parece fácil demais. Como aquele dia em Innisfuil pareceu fácil demais. — Rho se vira para Katharine, seu capuz branco abaixado dentro da câmara do Conselho, seu cabelo, vermelho como sangue, caindo por cima dos ombros.

— Fácil demais — diz Genevieve. — Você se esqueceu de quantas guardas reais nós perdemos? Quantas…

— A Rainha da Legião não está morta — Rho responde. — E Arsinoe agora tem uma forte conselheira, que é Cait Milone.

— Então o que fazemos? — pergunta Lucian.

— Nada — diz Antonin. — Nós esperamos e vemos se eles irão desmontar. E não podemos atacá-los até a primavera, de qualquer forma.

A Alta Sacerdotisa Luca se inclina para a frente.

— O desfile de Mirabella irá aliviar essas preocupações. Exibi-la irá mostrar aos rebeldes que são duas rainhas a temer e a utilidade dela contra a névoa irá aumentar sua popularidade.

— Isso é um erro. — Lucian Arron sacode a cabeça.

— Primo Lucian. Lucian. — Katharine se corrige, já que não há mais dois Lucian no Conselho e é desnecessário dar a ele a proximidade do título familiar. — Nós mantivemos espiões e guardas atrás dela desde que chegou. Ela não tentou contatar os rebeldes nem fugir. E mesmo se fosse embora, que importaria? Ela não sabe nada que já não soubesse antes. E nós não perderíamos nada.

Ela se vira para Bree.

— Bree Westwood. Qual a sua opinião? Quais suas observações a respeito da sua velha amiga desde que ela chegou?

Bree aperta os lábios. Sempre que o assunto do Conselho se volta para Mirabella, ela fica quieta. Normalmente com seus olhos no colo, tomando o cuidado de parecer neutra.

— Ela ainda tem amor por Arsinoe — diz Bree. — Sempre vai ter. Mas ela foi criada como uma rainha. Sua lealdade é para com o povo e a Coroa. — Bree olha para Katharine e arqueia a sobrancelha. — E ela tem um medo considerável de você.

— Bajulação — resmunga Lucian.

— Verdade — dispara Bree.

— Chega. — Katharine ergue uma mão. — Se vocês não querem que eu mostre Mirabella para o povo, o que vocês querem que eu faça com ela? Dê casa e comida a ela secretamente em troca de nada? E se a névoa atacar a cidade de novo? Ela deve ficar escondida até essa hora, para que possa chegar atacando como a salvadora inesperada? — Os cantos de sua boca se viram para baixo. — Com certeza isso não vai ajudar as pessoas a se lembrarem do quão… popular ela era.

— Tem outra coisa. — Renata Hargrove pigarreia e coloca suas mãos de forma recatada sobre a mesa.

— Renata — diz Katharine. — O que é?

— Assim como Genevieve tem espiões com a Rebelião, eu tenho espiões em outros lugares. Incluindo Bastian City.

Genevieve cruza os braços e se inclina para trás com os olhos apertados.

— Você manteve contato com Margaret Beaulin.

— Até recentemente. Eu acreditava que ela era leal, apesar de sua dispensa do Conselho Negro.

— Mas não mais?

— Ela insiste que ainda está conosco — diz Renata. — Mas não é isso que meus espiões dizem. Eles dizem que ela partiu para Sunpool, com um tratado assinado, para declarar que a cidade está com a Rebelião.

— Um tratado assinado? Quem o assinou?

— Os chefes de todas as grandes famílias de guerreiros.

Katharine se senta, chocada.

— Como isso foi acontecer? Como a Coroa perdeu Wolf Spring e Bastian City? Pelo menos Mirabella pode nos ajudar a manter Rolanth!

Rho Murtra desliza as mãos de forma ansiosa pela madeira.

— Nós também podemos atacar Bastian.

— Agora?

— Não há montanhas entre nós. Não há motivo para esperar o degelo da primavera.

— Não — protesta Antonin. — Nós devemos preservar nossos recursos até a primavera.

— Quando os rebeldes podem atacar pelo norte e Bastian pode nos ladear de guerreiros — diz Rho se encostando preguiçosamente. — Claramente os envenenadores não lideraram muitas batalhas.

— Porque, para começar, o respeito que sentem por nós evitou levantes pelos últimos cem anos! — sussurra Antonin.

— Chega. — Katharine se levanta, indicando o fim da reunião. — Todos vocês foram ouvidos. Agora irei considerar as opções.

Depois que o Conselho Negro sai, Katharine se retira para a privacidade dos seus aposentos na Torre Oeste.

— Precisa de algo, Rainha Katharine? — pergunta a criada.

— Não, Giselle. Não agora. E, quando você sair, por favor, tranque a porta.

A perda de Bastian City e a traição de Margaret Beaulin são uma pena. Mas Katharine não consegue não ficar satisfeita. Ela não poderia ter pedido por uma solução melhor caindo do céu.

— Irmãs mortas — sussurra ela para seu reflexo no espelho. — Nosso reino está outra vez ameaçado. Eu quero ter uma palavrinha.

Ela se aproxima, e as rainhas mortas se erguem. Se alguém estivesse observando, poderia não ter notado a mudança – um movimento sutil dos músculos faciais, um tremor na íris, uma pequena coleção dos tiques pertencentes a muitas rainhas diferentes –, mas ela pode ver quando elas passam do seu sangue para sua pele.

Que palavrinha? Elas perguntam e rosnam. *Que ameaça?*

— Os guerreiros se movimentam contra nós. Eles vão se afastar da Coroa e se juntar à Rebelião.

A raiva das rainhas mortas ondula pelo seu rosto.

Eles não devem. Não podem.

— Eles vão, a menos que possamos impedi-los.

Sim. Impedi-los. Matá-los.

— Mas eu não posso ir. Sou necessária aqui.

Nós devemos ir. Cavalgar com o exército.

— Sim — diz Katharine com cuidado. — Mas vocês devem ir sozinhas.

Não podemos ir sozinhas. Nós não temos nem corpo, nem sangue. Você é nossa hospedeira.

— E se eu lhes der outro?

Mirabella…

A voz de Katharine endurece.

— Não. Não Mirabella. Não minha irmã — diz ela rangendo os dentes quando as rainhas mortas continuam a sussurrar o nome de Mirabella. — Outra pessoa. Vocês podem passar para outra pessoa?

Não permanentemente. Um hospedeiro permanente deve ter o sangue.

O sangue. Sangue de rainha.

— Temporariamente, então. Como faríamos?

Elas ficam em silêncio. Katharine se tensiona.

Ele precisa estar disposto. Ou enfraquecido.

— Enfraquecido? Como eu estava quando caí na Fenda de Mármore?

Elas não dizem nada. Ela só ouve a multiplicidade de suas respirações.

— Não. Eu não posso fazer isso. O hospedeiro temporário precisa estar disposto. E vocês ainda vão me obedecer quando estiverem nele?

Você é nossa hospedeira permanente. Você é nossa rainha. Nosso sangue. Rainha Katharine. Amada.

— Bom — diz Katharine. — Eu tenho a soldada perfeita em mente.

Sunpool

Alguns dias depois dos Sandrin terem partido com o bebê Fenn, Arsinoe e Billy são acordados em seu quarto por uma menina com a dádiva da visão vestindo uma capa amarela.

— Rainha Arsinoe, Mestre Chatworth, por favor, venham comigo.

— Por quê? — pergunta Arsinoe, colocando as pernas para fora da cama. — E por que tão cedo?

— Hum, Arsinoe — diz Billy, abotoando a camisa e olhando para a praça lá embaixo pela janela. — Melhor irmos. Todo mundo já está lá: Jules, Emilia, Mathilde, até Cait e Caragh Milone. Como minha mãe diria, algo está acontecendo.

Curiosos, eles se aprontam e descem para a praça. Eles seguem Jules e seus acompanhantes pelo pátio, passando pela fonte que voltou a funcionar, com a estátua de um peixe saltando. Partes de Sunpool voltaram à vida, limpas e reformadas depois do influxo de trabalhadores novos e competentes. Porém, ao passarem por alguns dos oráculos espalhados em suas capas amarelas, Arsinoe sente uma pontada de culpa. Os oráculos eram como fantasmas antes, seu número diminuindo. E eles ainda são como fantasmas agora, seu silêncio e quietude atropelados, deixados de lado para abrir caminho para a guerra.

— Não é estranho? — diz Arsinoe em voz baixa para Billy. — Eles convidam a Rebelião para cá, mas não parecem querer fazer parte dela.

— Talvez porque eles já saibam o que vai acontecer — responde ele. — Mas é estranho. Desde que chegamos aqui, só vi Mathilde falar com Jules e Emilia. Mas Mathilde nem é uma Lermont. Os Lermont são como os Arron desta cidade, certo?

— Ela tem sangue dos Lermont — diz Caragh, escutando. — Pelo lado do pai. Eu perguntei exatamente isso a ela logo depois que cheguei. Eles deixam que ela comande porque, de todos os oráculos, ela é a mais guerreira. É triste. Os que têm a dádiva da visão foram forçados a se verem como fracos e indesejados por tanto tempo que nem eles confiam mais neles mesmos.

— De alguma forma, eu acho que eles acreditam neles mesmos hoje.

Arsinoe e os outros param atrás de Jules quando dois oráculos descem de trás dos pilares da colunata. O claustro onde eles estão, com suas fileiras de pilares, é chamado de Jardim das Visões, um lugar dentro das muralhas dos castelos onde os videntes se juntam e praticam sua

dádiva em silêncio. Arsinoe acha o lugar ao mesmo tempo bonito – com sua grama verde e fileiras de arbustos floridos – e estranho. Ele está repleto de tigelas de vidências cheias de água ou de vinho e os pilares no centro do espaço verde não sustentam nada, cada um com dois bancos de pedra na base.

Arsinoe abre caminho com os cotovelos até a frente.

— Josephine, Gilbert — diz Jules, cumprimentando cada um dos videntes com a cabeça. — Mathilde está vindo?

— Estou aqui. — Mathilde se aproxima cruzando o jardim abraçada com dois oráculos; uma mulher alta e loira que parece um pouco com Mathilde e um homem mais velho com cabelo quase da mesma cor de areia que o de Billy. — Eu já sei o que eles viram.

— Bem? — pergunta Emilia. — O que foi?

A mulher, Josephine, fala:

— Nós vimos uma batalha em Indrid Down. Forças chegando até a base do Volroy.

Emilia sorri.

— Bom. Quando?

— Não havia neve. Para além disso, não posso dizer. Mas eu vi outra coisa: Mirabella a cavalo, ao lado da rainha e vestida com uma armadura de prata.

— O raio dela poderia acabar com batalhões nossos — diz Emilia, olhando com raiva para Arsinoe. — E você pensando que ela nunca nos trairia.

— Ela não o fez — dispara Arsinoe. — Ela não vai.

— Tem mais — diz Josephine. — Aparecerá uma oportunidade de recuperar Mirabella. Se você aproveitar essa oportunidade, ela não estará na batalha. É o que dizem os ossos.

Os ossos. Não parece muita coisa, para Arsinoe, mas as únicas palavras que importam são "recuperar Mirabella".

— Quando? Quando podemos tê-la?

O oráculo chamado Gilbert respira fundo. Ele anda até uma tigela de vidência vazia e pega a garrafa encostada em sua base, abrindo-a com um giro. Então ele derrama o líquido vermelho vivo na bacia rasa de mármore. Arsinoe engole em seco. Ela preferiria que ele usasse água. O vinho se parece demais com sangue.

Quando a garrafa está vazia e o vinho imóvel, mais rápido do que seria natural, o vidente quebra a superfície com a ponta do dedo, movendo-o em uma espiral. A dádiva dele é forte. Por um momento, Arsinoe jura que consegue ver o rosto de Mirabella, seu cabelo flutuando e um relance de uma armadura prateada.

— A Rainha Morta-viva quer organizar um desfile público pela capital — diz Gilbert. — Para anunciar formalmente a aliança entre as duas irmãs. Acontecerá em seis dias.

— Seis dias — repete Jules. — Não é muito tempo.

— Toda a rota estará bem-guardada — diz Mathilde. — Com arqueiros nas janelas de cada construção e a cavalaria nas ruas.

Emilia coloca a mão nos lábios.

— Não podemos esperar fugir com ela. Não com todo um exército nos perseguindo até Sunpool.

— Talvez possamos despistá-los — sugere Jules. — Nós poderíamos colocar armadilhas pelas cidades. Emboscadas para atrasá-los enquanto vamos para um refúgio.

— Uma boa sugestão. Mas "nós" não vamos fazer nada. Não importa o que for decidido, você fica para trás. Fora de perigo.

— Uma luta é a única coisa na qual sou boa. Você não pode me tirar dela.

A oráculo Josephine pigarreia.

— Isso não é tudo. Nós vimos que, se vocês aproveitarem essa oportunidade, então Mirabella não será parte da batalha no Volroy.

— E? — insiste Jules.

— Mas nem você.

Em choque, Arsinoe olha para Jules.

— O que isso quer dizer?

— Fale, oráculo! — Emilia avança sobre ela com raiva, mas Mathilde entra no meio.

— Se houvesse mais a dizer, então ela diria — afirma ela em voz baixa.

Jules coloca uma mão no braço de Emilia, e a guerreira para. Jules assente com a cabeça para os videntes.

— Obrigada. Eu preciso falar com minhas amigas. Eu apreciaria se vocês não falassem nada sobre isso até chegarmos a uma decisão.

Eles voltam para os aposentos particulares de Jules, e Arsinoe, Emilia, Cait e Mathilde acompanham Jules lá dentro, reunidas em torno da lareira. Billy, Luke e até Caragh ela pediu para esperarem do lado de fora.

— "Amigas" — provoca Emilia. — Você é uma rainha agora. Você deve dizer "conselheiras", ou "assessoras", ou "generais".

— Se eu sou uma rainha, eu não posso falar o que quiser? — diz Jules.

Ela está em pé diante da mesa e se serve uma taça de vinho, mas o encara por muito tempo em vez de beber.

— Você está nervosa — diz Arsinoe, e passa a cauda de Camden pela mão. — Eu sei porque a gata não senta. No que você está pensando?

— Estou pensando que gostaria de que as visões fossem mais claras.

— Nós todos gostaríamos — diz Mathilde sorrindo.

Jules baixa a taça e estuda a mesa como se olhasse para um mapa. Seus dedos traçam rotas imaginárias entre Sunpool e Indrid Down, com tanta rapidez e precisão que Arsinoe precisa checar para ter certeza de que não há um mapa entalhado na superfície.

— Eu não sei como fazer isso, Arsinoe. Eu sei que você quer que eu a salve…

— Quem disse que ela quer ser salva? — pergunta Emilia. — Nada é mais complicado do que resgatar alguém que não quer ser resgatado. Mas nós vamos saber exatamente onde ela está. — A mão de Emilia flutua para a adaga no seu cinto. — Mesmo que não possamos tirá-la, seria possível entrar e…

— Se você disser mais uma palavra… — ruge Arsinoe. — Eu vou buscar meu urso.

— Eu não estou falando para ser cruel. Ou mesmo porque eu a quero morta, apesar de ela ser uma traidora sem fé e problemática.

Arsinoe fecha um punho, mas a voz de Emilia é leve e brincalhona. Quase suave.

— Mas você a conhece, Arsinoe. Você sabe quão forte ela é. E que ela é forte *demais* — ela suspira. — E além disso: você sabe o que aquela rainha morta Daphne te disse. O que a morte de Mirabella pode significar. Por um fim na névoa, valeria a pena.

— Emilia, isso já foi decidido — diz Jules, ainda se inclinando sobre a mesa. — Nós não vamos matar Mirabella. — Ela se levanta. — E sem ela, perdemos Rolanth.

— Talvez você nem devesse estar considerando isso — diz Cait. — Se o que os oráculos viram é real, o que isso significará para você, Jules? Talvez você devesse deixar para lá. Deixar o

momento passar.

Jules apoia sua mão na mesa e abaixo delas, a madeira começa a tremer.

— Jules? — diz Arsinoe, e Jules dá um passo para trás.

— Estou bem. — Ela engole em seco e então move a taça de vinho com sua dádiva da guerra para provar, fazendo-a saltitar pela mesa como um coelho enquanto sua avó observa com uma expressão rígida.

— Você tem praticado.

— Eu precisava ter certeza de que as duas dádivas estavam bem — diz Jules, parecendo um pouco envergonhada.

Arsinoe olha para Emilia. A guerreira está apertando o braço, o que tem os cortes de magia baixa. Quando ela vê Arsinoe olhando, ela rapidamente o solta. Mas Arsinoe sabe que ela sentiu algo quando a mesa começou a tremer. Quando a dádiva da guerra de Jules acendeu, a amarra entre elas foi repuxada.

— Nós vamos deixar para lá — diz Jules. — Vamos esperar outra chance. Outra visão.

— Pode não haver outra chance — diz Emilia. — E eu temo por você também. Mas a oportunidade de tirar Mirabella do campo de batalha…

— Não temo por mim. Eu não estar na batalha do Volroy pode significar todo tipo de coisa. Mas não vou arriscar mais ninguém. Não por algo com chances tão baixas. Não vou reviver o que aconteceu com a minha mãe!

Ela se afasta quando a mesa treme e a taça de vinho derrama vermelho por cima dela. Camden se inclina sobre a perna boa. Cait e Arsinoe trocam olhares e Cait sacode a cabeça uma vez, com dureza. Ela está preocupada. Com medo de que Jules não esteja pronta para isso.

Arsinoe encara a mesa, uma versão invisível do Volroy se formando nela como se ela também tivesse o talento dos guerreiros para mapas.

— E se houver um jeito de tirar Mirabella sem ninguém precisar fazer nada?

— Qual é esse jeito? — pergunta Jules, cautelosa.

— Posso entrar escondida no Volroy e encontrá-la. E dizer a ela que estamos lá. Nós podemos criar uma distração em algum ponto do desfile quando ela pode se libertar e fugir. Nós vamos arranjar um ponto de encontro, e Emilia e os guerreiros podem nos tirar da cidade.

— Como você vai entrar escondida no Volroy? — pergunta Emilia. — Você não é exatamente discreta, cheia de cicatrizes ou com um lenço enrolado na cara.

— Eu sei os caminhos pelos fundos da fortaleza. Todas as passagens escondidas. Até as que vão para a Torre da Rainha.

— Como você sabe disso? — pergunta Jules.

Arsinoe dá de ombros.

— Porque eu sonhei com elas pelos olhos de Daphne.

Jules e Emilia olham uma para a outra. A expressão de Jules é de dúvida.

Do lado de fora da porta há um ganido alto que gradualmente se torna um cantar de galo: Hank, o galo verde e preto de Luke. Um som tão grandioso saindo de um bico tão pequeno. Ele praticamente sacode a madeira.

— É Hank — diz Arsinoe. — Luke deve estar ficando impaciente. Então o que você diz, Jules? E tenha em mente que se você disser não, eu provavelmente irei de qualquer jeito.

O Volroy

Na capital, os preparativos para o desfile consomem a maior parte do tempo de Katharine.

— Um azul mais escuro para a capa — diz Genevieve às criadas, que lhe mostram as roupas que os elementais usarão. Ela toca uma jaqueta com botões de prata e acaricia a gola. — E mais linha de prata. Aqui. Quero todos os elementais de preto, azul e prata, como ela está. Eu os quero reconhecíveis, como súditos devotos da Coroa.

Os elementais que sobreviveram ao encontro com a névoa no Porto de Bardon irão na dianteira, bem na frente das rainhas. Genevieve também espalhou a notícia de que todo elemental está convidado a usar essas cores, para mostrar sua dádiva com orgulho. Os sobreviventes estarão bem-vestidos, de lã preta e capas azuis-escuras, adagas nos quadris, todas com cabo de prata polida e finalizadas com uma gorda pérola de água doce. Mirabella também usará majoritariamente azul, para mostrar que ela é diferente da rainha, e o peitoral de prata encomendado por Katharine. Katharine, claro, estará toda de preto, exceto pelo peitoral dourado com caveiras.

— Você é muito boa nisso, Genevieve — diz Katharine enquanto Genevieve passa sua mão pela saia bordada que ela desenhou para Bree, a elemental oficial do Conselho Negro.

— Eu fico feliz por você ver a utilidade do talento — diz ela, com os olhos em seu trabalho. — Outros chamariam de perda de tempo. Mas há importância na exibição de poder. A forma como você se apresenta… Isso importa.

— Importa. Eu deveria te colocar como encarregada de todos os eventos formais.

Genevieve olha para ela com o canto do olho.

— Você deveria me colocar como chefe do Conselho.

Katharine sorri gentilmente. Genevieve tem se esforçado para encontrar seu lugar na ausência de Natalia e tentou muitas coisas diferentes: a líder gentil; a matriarca perspicaz e áspera dos Arron. Ela poderia dizer a Genevieve que ela não precisa ser a sua irmã. Mas de alguma forma ela acha que isso é algo que terá que aprender sozinha.

— Ainda assim, Rho Murtra está supervisionando os soldados — prossegue Genevieve. — E Antonin e a Alta Sacerdotisa cuidam das contas.

— Não é suficiente ser a mestre dos espiões?

— Comestre. Um título que preciso compartilhar com a sem dádiva da Renata Hargrove, de todas as pessoas.

— Renata — diz Katharine. — Renata não é nada além de olhos, e ela sabe onde e quando ficar bem atenta. É em você quem eu confio, Genevieve.

Genevieve se vira para ela, dispensando os criados com um aceno de mão.

— É em mim quem você mais confia?

— Sim.

— Por que nossos objetivos estão alinhados?

— Porque nossos objetivos estão alinhados — diz Katharine. — E porque você é a irmã de Natalia. Não se preocupe, Genevieve. Não é porque eu acho que você se importa.

Genevieve enrola uma fita métrica em volta da mão como uma corda.

— Eu me importo. Eu me importo bastante, agora. — Ela aperta a fita com força, até que ela afunde na sua pele. — Você sabe que a Rainha da Legião sempre tem um oráculo perto. Embora a dádiva da visão seja instável e fraca, eu me preocupo com as coisas que ela pode contar. O que ela pode saber antes de nós.

— Eu talvez tivesse mais medo do fato de a Rainha da Legião estar sempre com Arsinoe e aquele urso.

Katharine e Genevieve viram.

— Alta Sacerdotisa — diz Katharine. — Não te ouvimos entrar.

— Poucos ouvem. São as vestes, eu acho. O material delas. Eu sei que Renata tem um bom número de espiãs vestidas com as roupas do templo. — A velha mulher se aproxima, e Genevieve sai rapidamente. Como era com sua irmã, não há qualquer amor entre Genevieve e a Alta Sacerdotisa.

— Os preparativos do desfile estão indo bem? — pergunta Luca. Ela se aproxima das mesas onde as roupas dos elementais foram estendidas. — Eu sei que Rho mal dorme, mapeando e remapeando a cidade, identificando lacunas e possíveis lugares problemáticos.

— Sim. Eu a vejo cavalgando com os soldados dia e noite.

— E Genevieve encomendou estandartes e bandeiras?

— Tudo que falta são os ajustes — diz Katharine. — E a comida. E o vinho. E…

Luca ri.

— Não se preocupe tanto. As pessoas da capital têm experiência mais do que suficiente com espetáculos. Nada vai dar errado.

Quando Bree, Elizabeth e ela são chamadas na sala do trono para ajudar com os preparativos do desfile, Mirabella esconde uma careta. Outra prova de vestido e outra escolha de renda não estão no topo da sua lista de prioridades. Ela ainda precisa achar um jeito de chegar até Pietyr Renard. E achar um jeito de acordá-lo.

Ela está cheia de mortas.

As últimas palavras de Madrigal giram na sua cabeça, assim como imagens de Daphne e da Rainha Illiann. Os volumes sobre a Rainha Azul na biblioteca do Templo de Indrid Down foram levados na pesquisa sobre a névoa. Mas por que não foram devolvidos? Há algo mais? Algo a ser escondido?

— Mira? — chama Elizabeth. — Você não quer que Bree prove o vestido dela?

— Sim, claro. Desculpe. Está difícil me concentrar.

— Algo errado? — pergunta Bree.

— Nada — mente ela.

Arsinoe. Como eu queria que você estivesse aqui. Mesmo se seu conselho fosse inconsequente e terrível.

Mirabella segue Bree e Elizabeth escada abaixo como em um sonho. Quando elas chegam à sala do trono, ela observa com um sorriso congelado enquanto elas comandam animadamente os alfaiates. Fitas e pérolas caem no chão em ondas e parecem vir na direção dela, lentas como mel.

— Você está bem, irmã? — pergunta Katharine, e Mirabella se assusta, entrando em estado de alerta. — Ou talvez isso te entedie. Você teve muitos dias como esse: brincando com vestidos e rindo com amigas. — Katharine se apoia na borda da mesa, com uma expressão serenamente feliz. — Para mim, ainda é uma novidade.

Mirabella pega um bonito pingente de prata.

— Perdão. Dias assim sempre devem ser apreciados. — Do outro lado da sala, Luca ri quando Bree exibe sua saia bordada. Por um brevíssimo momento, os olhos da Alta Sacerdotisa encontram os de Mirabella. *O que você está esperando?*, seus velhos olhos perguntam. *Você acha que tem todo o tempo do mundo para encontrar as respostas?*

— Katharine. Como vai Pietyr?

Katharine pigarreia.

— Ele está bem. Melhor do que já esteve. Por que a pergunta?

— Eu sei que deve ser um grande fardo para você. E… eu gostaria de vê-lo.

— Vê-lo?

— Visitá-lo — conserta Mirabella. — E eu também gostaria de conhecer Greavesdrake Manor, onde você cresceu.

Katharine a estuda com curiosidade, mas a expressão de Mirabella não se altera.

— Claro. Vou organizar.

Bree vem exibir sua saia e Mirabella admira o bordado. Ela vai até a mesa e passa a mão pelos cabos ornamentados das adagas. Tanta riqueza. É difícil imaginar Jules Milone usando algo assim um dia. Difícil imaginar que ela comandaria o exército da guarda real com uma coroa e um vestido. Ou que Luca se curvaria a ela.

Mirabella falou a verdade quando disse a Bree e Elizabeth que sua aliança não estava com Katharine ou com a Rebelião. Mas não haver uma rainha da linhagem na Torre Oeste… Ela estaria mentindo se dissesse que não parece antinatural.

Ela vai até a janela e olha para baixo; de lá, ela consegue ver a parte interna do Volroy, onde Rho está sentada em um grande cavalo branco ordenando fileiras e mais fileiras de soldados da guarda real em seus treinamentos. Mesmo não conseguindo distinguir as palavras, ela ouve o grito retumbante de Rho e observa os soldados responderem com uma precisão exata.

— Ela é muito boa — diz Katharine, indo juntar-se a ela na janela. — Um ótimo recurso para o Conselho Negro. Como tenho certeza de que ela era para você em Rolanth.

— A maior lealdade de Rho era para com a Deusa — responde Mirabella. — E, pelo que parece, com a linha de sucessão.

— Ela vai ser muito útil contra a Rebelião.

— Tenho certeza de que sim. — Lá embaixo, Rho baixa seu capuz branco, e seu cabelo

vermelho brilha pelas suas costas. Ela é comandante da guarda real agora. Dificilmente uma sacerdotisa.

Indrid Down

Arsinoe e Billy passam pelas ruas da capital cedo pela manhã, vestidos em quentes capas cinza. Ele carrega uma cesta, como se estivesse a caminho do mercado. Ela não carrega nada. Antes de se separarem de Emilia e Mathilde fora da cidade, ela pediu para ser vestida de forma a parecer outra pessoa. Nada muito chique que fosse atrair olhares. Queria as roupas de uma comerciante ou contadora. Então elas a deixaram em suas calças marrons macias e Mathilde emprestou um colete de linho para fechar por cima de uma camisa branca e limpa. Então torceram seu cabelo curto em um par de coques baixos, alguns fios soltos para esconder suas cicatrizes. Ela não sabe se parece uma contadora, mas certamente não parece com si mesma.

— Boa Deusa — murmura Arsinoe enquanto eles andam pelas ruas laterais, fazendo o melhor que podem para manter seus pés longe de poças lamacentas na calçada. — Eu esperava nunca mais ver esse lugar de novo. — Ela funga. — Mas pelo menos não fede no inverno. — Eles chegaram ao seu destino; as torres do Volroy estão claramente visíveis, escurecendo o céu quando eles passam por entre as construções.

— Eu não gosto disso — diz Billy. — Você não devia ir sozinha.

— Sozinha é mais seguro. E eu não vou precisar arrastar comigo alguém que não conhece os caminhos.

Eles correm até o fim de um beco e param com tudo. Mais algumas ruas, e eles estarão no Volroy. Arsinoe coloca as mãos nos ombros de Billy.

— Você devia ficar aqui.

— Por quê? Eu estou vestido como alguém de Fennbirn. Ninguém vai notar se eu for até a entrada com você e sair sozinho. — Ele olha para as torres acima. — Como você vai chegar às passagens secretas, aliás? Há alguma outra entrada? Alguma passagem subterrânea?

— Se há, eu não sei. Eu só preciso entrar com as outras pessoas buscando audiências. Vou me esgueirar para as passagens quando encontrar uma.

Billy olha para ela, chocado.

— Você nunca disse…! Você vai ser reconhecida!

— Talvez não. Se eu apenas for vista pelas guardas e não por alguém do Conselho, duvido que elas vão se tocar de quem eu sou. Não vestida assim e sendo tão inesperado.

Billy não consegue formar palavras. Ele só a encara, boquiaberto.

— Nós sabíamos que haveria riscos — diz ela.

— Você nunca me disse que não havia um jeito secreto de entrar. Você não devia fazer isso. Nós devíamos nos enfiar pelas entradas de serviço ou pela cozinha.

— É muita interação em uma cidade cheia de traidores hostis.

— Achei que nós éramos os traidores.

Arsinoe franze a testa.

— Qualquer um que fique do lado de Katharine está traindo a própria consciência. Agora eu preciso entrar. Quero um beijo de boa sorte.

Billy hesita, mas no final, ele faz como ela manda e faz bem, puxando-a para perto, seus dedos envolvendo a sua nuca.

— Arsinoe, um dia você vai me escutar?

— Sim. Com certeza.

— Quando?

— Quando você estiver certo. Olhe, eu que deveria ter medo por você! Tudo que eu preciso fazer é entrar, dizer a Mirabella o que fazer e sair.

A parte de Billy nesse plano é muito mais perigosa. Ele precisa se esconder com os guerreiros ao longo da rota do desfile e oferecer uma distração para que Mirabella possa escapar.

— Fique bem — diz ele, e ela o deixa no beco.

Ela cruza as últimas ruas até a área do Volroy, sua respiração acelerada formando nuvens brancas no ar gelado. A cada passo seus joelhos querem travar e voltar. Não existem boas memórias daqui. Ela estremece ao passar pelo lugar onde Katharine manteve Braddock acorrentado antes do Duelo das Rainhas.

Mas Mirabella precisa dela. Ela está lá, em algum lugar, quem sabe em quanto perigo, dentro desse monstro de pedra escura com torres. E Arsinoe não vai deixá-la.

— Nem mesmo se você tiver entrado sozinha nessa bagunça — sussurra ela enquanto faz a volta na direção do portão de entrada.

À frente estão as pessoas reunidas para ver a rainha. Pela aparência delas, são em sua maioria comerciantes, com fardos de tecido sob os braços: preto e muitos tons de azul. Quando ela chega mais perto, vê que na verdade não são fardos crus de tecido, mas estandartes e bandeiras. Na frente, uma mulher segura algo grande envolto em um tecido preto. Ela tem um ar de orgulho. O que quer que esteja levando, deve ser importante.

Arsinoe anda ao longo das carruagens e espera, se misturando com os aprendizes. Cedo demais ela se vê bloqueada, no meio de um grupo esperando, com soldadas da guarda real fazendo inspeções. As soldadas começam a berrar instruções, e a multidão em volta dela faz uma fila.

Ela faz o melhor que pode para parecer que já esteve ali antes. Mas quando fica na ponta dos pés, vê a guarda real revistar e questionar todas as pessoas, e seu coração sobe para a garganta.

— Quando eles começaram a fazer isso? — Ela ouve um homem irritado perguntar.

— Desde que a Rainha da Legião começou o levante ao norte — alguém responde.

Arsinoe quer dar meia-volta e sair dali bem rápido, até poder se esconder atrás de um arbusto e entrar em pânico adequadamente. Mas se fizer isso, nunca mais vai ter a coragem de tentar de novo. E provavelmente será pega.

Ela pensa rápido e abre caminho pela fila, ignorando todos os gritos de "Ei!" e "Onde você acha que está indo?" até conseguir ficar bem na frente da mulher segurando a coisa coberta de tecido. Agora que está mais perto, consegue distinguir a forma do item. Parece ser uma armadura. Feita sob medida.

A fila anda rápido. Os últimos na frente dela respondem perguntas com olhos baixos e estendem os braços para serem revistados.

— Entreguem todas as armas pessoais! — uma das soldadas grita ao longo da fila. — Serão devolvidas a vocês na saída.

Arsinoe enfia a mão no cinto e solta a bainha de couro que guarda sua adaga pequena e afiada.

— Próximo, um passo à frente.

Ela segue adiante e entrega a faca, tentando evitar que seus dedos se demorem. Ela tem essa adaga há muito tempo. Ela sobreviveu à Ascensão. Ela foi até o continente e voltou. Agora, está perdida.

Ela estende os braços e uma soldada passa as mãos por eles, alisando as mangas e apalpando cada centímetro do seu colete antes de voltar sua atenção para as calças de Arsinoe.

— O que veio fazer no Volroy?

— Reunião — Arsinoe responde rápido. A soldada franze a testa e começa a realmente olhar para o rosto de Arsinoe. Arsinoe vira sua face marcada levemente para o outro lado. — Sou parceira de uma das comerciantes. Eu a perdi na fila. Ela já passou. — Nada disso soa bem. Mas antes que as suspeitas da guarda aumentem, outra soldada puxa Arsinoe para a frente a fim de abrir caminho para a mulher atrás dela.

— Essa é a armeira — diz ela. — Estão esperando por ela. Coloque-a para dentro. — Ela aponta com a cabeça para Arsinoe. — Vá em frente.

Arsinoe passa pelo portão erguido e para o interior do castelo, entrando no ritmo do resto da fila, enquanto eles vagam pelos corredores. Ela respira fundo. Ela se sente segura agora nas sombras dos corredores iluminados por tochas. Mas precisa achar uma entrada para as passagens logo, ou uma escada discreta pela qual possa subir ou descer. Se não o fizer, vai acabar cara a cara com a sua irmãzinha e um par de coques não é um disfarce bom suficiente para isso.

A boa notícia é que a guarda real não parece estar prestando muita atenção nos comerciantes agora que estão dentro do Volroy. Enquanto eles viram uma esquina, é suficientemente fácil para Arsinoe sair da fila e correr para virar a outra, subindo rapidamente uma escada da Torre Oeste, como se fosse destino. Dali, ela precisa de só mais alguns momentos para encontrar a tapeçaria antiga exata e abrir a pedra certa que a leva para dentro da parede, onde pode se mover sem ser notada.

Todo o tempo em que ela passou vivendo a vida de Daphne no Volroy, sonhando aqueles sonhos de muito tempo atrás, finalmente está sendo útil.

Bem no alto das colinas, o resto dos rebeldes espera, escondidos nas árvores e pedras cobertas de neve. Eles vão esperar lá sem serem notados até que Arsinoe volte da cidade, e então vão esperar mais, até que o desfile comece e o grupo de Billy crie a distração.

— Você acha que me deixou longe o bastante? — pergunta Jules, sarcástica. Ali das colinas, Indrid Down parece uma cidade feita de blocos de brinquedo. Algo que uma criança construiria para destruir por um capricho.

Eles não são muitos ali, enfiados em suas capas atrás das pedras, compartilhando pratos de bacon e mingau de cevada. Uma pequena facção dos soldados, vinte e cinco pessoas, sem contar os seis que foram com Billy se esconder durante a noite ao longo da rota do desfile. São em sua maioria guerreiros, mas há alguns naturalistas e sem dádiva também.

Jules grunhe no fundo da garganta.

— Estamos longe demais.

— Nós vamos nos aproximar no dia do desfile — diz Emilia. — Não há por que te colocar em perigo agora. Você *devia* ter me escutado e não ter vindo.

— Arsinoe e eu nunca ouvimos ninguém. Não te contamos? — Jules dá um tapinha no pescoço do seu cavalo, que na verdade é o antigo capão de Katharine, e ele estremece. Desde o retorno de Jules, ele ficou tímido com ela, e só sua dádiva naturalista lhe permite chegar perto o suficiente para montar. Ela deve tê-lo assustado muito naquele dia em que perdeu o controle no Vale de Innisfuil.

Emilia cutuca Jules entre as sobrancelhas com força.

— Wolf Spring inteira cria os filhos para serem estúpidos? Você precisa lutar de um jeito inteligente, Jules. Lutar para sobreviver à guerra.

— Mas não importa de verdade, importa? A memória da Rainha da Legião é suficiente para unir as cidades e o novo Conselho. Você não vai precisar de mim.

O cavalo castanho de Emilia se aproxima por ordem dela, trombando com o de Jules.

— Nós não vamos. Mas eu vou.

Jules olha ao longe, para a cidade. Pensar em Arsinoe sozinha no Volroy faz seu estômago dar um nó.

— Eu não gosto desse plano dela.

— Não é sequer um plano.

Jules desdenha.

— É como todos os planos de Arsinoe são.

Emilia ri.

— Um dia eu preciso explicar para vocês naturalistas a diferença entre ser irresponsável e sacrifício calculado.

Os olhos escuros de Emilia brilham. Ela se referiu a Arsinoe como uma naturalista. Não como uma rainha ou uma envenenadora odiosa. O momento é caloroso e Jules estende a mão para tocar o rosto de Emilia.

— Não tenha medo. — Emilia cobre a mão dela com a sua. — Você e eu estamos amarradas agora. E eu nunca vou te deixar cair de volta na escuridão.

Jules puxa sua mão de volta.

— Se eu estivesse ciente de mim, nunca teria te deixado fazer isso. Assumir esse fardo.

— Você não é um fardo.

Emilia olha por cima do ombro, para o acampamento improvisado e Mathilde, que poliu um pedaço de gelo com o qual pode soprar fumaça para visões.

— Nós sempre soubemos que não seria fácil. Mas vai valer a pena.

O Volroy

Katharine encontra Rho quando ela está voltando de sua rota matinal na caserna das soldadas. A sacerdotisa está tão focada em sua tarefa que Katharine precisa chamá-la duas vezes.

— Sim? O que foi, Rainha Katharine?

— Eu gostaria de falar com você um momento. Você me acompanha?

Rho assente. Ela não hesita quando Katharine a leva até a entrada das celas do Volroy. Ela também não hesita quando elas descem, escada após escada, até as profundezas da fortaleza. Por que ela hesitaria? Ela, a grande sacerdotisa guerreira, não tem nada a temer, não da parte de Katharine, que é apenas uma envenenadora pálida e doentia e ainda por cima pequena para sua idade. Katharine guia Rho até o andar mais baixo, para as celas que estão há muito tempo vazias e são raramente examinadas, exceto pelos ratos. Ela a leva até a última cela e entra.

— O que estamos fazendo aqui, Rainha Katharine?

Rho inspira pelo nariz. Embora não esteja com medo, está em alerta. Seus ombros e pescoço largos lhe dão a aparência de um touro prestes a atacar.

Katharine hesita. Pedir isso a Rho é lhe contar tudo. E se ela se recusar… Ela baixa os olhos, séria, para as adagas com lâminas envenenadas que mantém sempre na cintura.

— No tempo que você serviu no Conselho Negro, passei a confiar na sua opinião. Mas preciso perguntar. Você é uma sacerdotisa do templo. Com quem está a sua lealdade?

— Com você — diz Rho, surpresa. — E com a Deusa.

— Todas as dádivas vêm da Deusa — diz Katharine. — E as rainhas são a linhagem da Deusa. Descendentes dela. Nós somos a Deusa na Terra.

— Sim. Isso é sabido.

— Então, e se eu pudesse tornar sua dádiva mais forte? Não me entenda mal, ela já é forte. Mas e se eu pudesse torná-la… invencível?

— Como assim?

— Eu não nasci envenenadora, Rho. — Katharine anda em volta dela, cortando sua saída. — Eu imagino que Luca já tenha te dito isso.

A sacerdotisa baixa os olhos, é a maior confissão que ela vai conseguir.

— Eu também não nasci uma guerreira — continua Katharine. — E ainda assim consigo lançar facas com perfeita precisão. As pessoas dizem que quando voltei da Aceleração, no Festival do Beltane, voltei mudada. E estavam certos.

Enquanto ela fala, as rainhas mortas sobem para a superfície e escutam. Elas olham para Rho pelos olhos de Katharine e sentem a força da sua dádiva.

— Mudada como?

— Para melhor — diz Katharine, e Rho engasga. As rainhas mortas começam a aparecer. Uma podridão sombria surge na face de Katharine; ela sente a pele se amolecendo na testa.

— O que você é?

— Não tenha medo. Eu guardo as outras filhas da Deusa. Ela as mandou para mim, para cuidar da sua Ilha. E quero compartilhá-las com você. Se você estiver disposta. — O hospedeiro deve estar disposto. Ou deve ser enfraquecido. A mão de Katharine mais uma vez desliza por suas lâminas. — Preciso da sua ajuda agora, Rho. Genevieve e Renata me dizem que seus espiões indicaram que a Rainha da Legião saiu de Sunpool. Eu temo que ela possa estar aqui. Que ela possa querer sabotar o desfile, ou pior, assassinar minha irmã.

Katharine espera, e Rho estuda a decomposição em seu rosto e as sombras doentias que nadam sob a sua pele. Ou Rho vai puxar a espada e tentar cortá-la ao meio, ou ela vai fazer outra pergunta e Katharine saberá que a ganhou.

— O que você quer dizer com compartilhá-las comigo?

— Só há um jeito de você saber de verdade. — Katharine estende a mão e toca o ombro de Rho. — Ajoelhe. Ajoelhe e as receba.

Mirabella volta para o apartamento do rei consorte com uma forte dor de cabeça. Ela tinha esquecido do quanto detesta provas de vestido. Todas as infinitas provas pelas quais passou na casa dos Westwood, em que ela era mandada ficar em pé desse jeito ou daquele, erguer os braços e arrumar os ombros. A ficar bem quieta para evitar alfineteadas. Mas o que realmente a incomodava era ter que pôr a armadura. Ver-se no espelho com a prata reluzente, o peitoral gravado com nuvens de trovão e as veias dos raios, em pé ali como Mirabella Expulsa Névoa, aliada da Rainha Coroada.

Ela anda pelos aposentos até o quarto. Talvez se ela se deitar um pouco para descansar. Se ao menos ela pudesse evitar sonhar com Madrigal Milone sufocando em sangue.

Ela se vira ao ouvir um som estranho de algo raspando e chama o fogo para a ponta dos seus dedos quando alguém sai de trás de uma tapeçaria na parede interna.

— Arsinoe!

Ela sacode o fogo para apagá-lo e corre para a irmã, abraçando-a antes que a visão desapareça. Mas Arsinoe fica firme. Se é que essa é mesmo Arsinoe; ela não se parece muito consigo mesma em um colete amarelo vivo e seu cabelo preso de uma forma bonita atrás da sua cabeça.

— Graças à Deusa você ainda está respirando! — diz Arsinoe e a afasta. — Eu meio que esperava chegar e ver que partes estão faltando.

— Como? — pergunta Mirabella e espia pela tapeçaria. — De onde você veio?

— Lembra que eu te falei sobre as passagens escondidas no Volroy? — Arsinoe dá um tapinha em sua têmpora. — Os sonhos de Daphne.

— Mas o que você está fazendo aqui? Você está em perigo o tempo todo. — O estômago de Mirabella afunda. Pode haver um exército de rebeldes se escondendo na floresta sul, ao longo do rio. — Ela vai saber que você veio. Eu ouvi dizer que ela tem espiões em Sunpool.

— Nós sabemos dos espiões. Lidamos com eles. É para isso que você veio? Para ser nossa espiã? Eu estou tentando entender desde que descobrimos que você tinha sumido. E não consigo. — Arsinoe espera. A frustração nos seus olhos aumenta a cada segundo. — Não importa. O que importa é que estamos aqui agora e temos um jeito de te tirar daqui.

— Não. Você não pode.

— Claro que eu posso. Pegue algum disfarce e vamos sair daqui! Eu posso nos levar até a entrada de serviço, quase até lá fora!

— Arsinoe, as guardas checam meu quarto o tempo todo. Com mais frequência se não me ouvem. Nós vamos ser pegas e você vai ser morta!

Indiferente, Arsinoe estica a mão com os lábios apertados e tenta agarrá-la. Mas Mirabella afunda os calcanhares.

— Se você não vier comigo agora, Billy vai criar uma distração na rota do desfile — grunhe Arsinoe. — Logo depois do mercado. Quando você o vir, fuja para o mercado. Vá até o limite norte da cidade pela estrada principal, na direção de Prynn. Quando chegar ao antigo portão, Jules e Emilia se juntarão a você. E então você desaparece.

Ela sacode a cabeça.

— Você precisa impedi-lo. Eu terei meu próprio destaque da guarda real.

— Você está me dizendo que não consegue nocautear alguns guardas?

— Arsinoe… eu deixei o bilhete para que você não me seguisse!

— Bem, você devia saber que não ia funcionar!

Mirabella olha com tristeza para a irmã. Ela devia saber. Ela podia ter deixado dezenas de bilhetes da capital espalhados pelo quarto dela. Ela podia ter escrito uma carta de despedida com seu próprio punho. Não teria feito diferença.

— O que eu disse para Emilia antes de ir embora, a discussão que tivemos sobre Jules…

— Você não quis dizer aquilo!

— Eu não quis dizer tanto quanto fiz parecer. Mas eu quis dizer sim. Um pouco.

Arsinoe recua.

— Tudo bem. Certo. Mas é hora de parar de brincadeira. Eu não posso ficar muito mais.

Mirabella sorri. Ela quis tanto ver Arsinoe; ela se recusa a perder tempo discutindo.

— Você está tremendo. — Ela puxa um cobertor da cama e o enrola em volta dos ombros empoeirados de Arsinoe. — Essas passagens devem ser geladas.

— São, em alguns lugares. E são escuras. Eu tinha certeza de que ia me perder e morrer e Billy teria que derrubar esse lugar para encontrar o meu cadáver.

— Como você achou o caminho?

— Eu te disse: eu sabia o caminho. E, quando tive dúvidas… só segui os ratos. Eu e eles somos os únicos que ainda sabemos das passagens escondidas.

Mirabella dá uma olhada na tapeçaria pendurada na parede. É velha, mas não tão velha quanto a Rainha Azul. Por sorte ela estava lá para Arsinoe se esconder.

— Brrr. Não está mais quente aqui do que estava na parede. Você não gosta de fogo? Por que não tem um?

— Fogo demais à minha disposição deixa as guardas nervosas.

Mas elas deixaram um pedaço de lenha para ela. Um único pedaço de lenha. Ela volta sua atenção para ele, que imediatamente começa a soltar fumaça e então pega fogo de uma vez, as chamas lambendo por todos os lados.

— Assim está melhor. — Arsinoe tira o cobertor e vai esquentar os dedos. — Imagino que eles não achem que você possa congelar. Você nunca sente frio.

— Eu nunca sinto frio — repete Mirabella. Então ela para. Katharine a visitou muitas vezes e ela também nunca parece sentir frio. Bree é uma elemental e quase igualmente resistente ao frio, mas as guardas estão sempre com capas pesadas e a pobre Elizabeth se encolhe dentro do seu capuz. Mas como pode Katharine, nascida naturalista e talvez uma envenenadora forçada ter qualquer toque da dádiva elemental?

— Você vai pelo menos me dizer o que está fazendo aqui? — pergunta Arsinoe. — Porque eu sei que você não se juntou à Coroa.

— Ah? Como você pode ter tanta certeza?

— Porque mesmo que você não queira lutar por Jules, você nunca lutaria contra mim. Katharine é perigosa, Mira. Letal. Você a viu enfiando aquela flecha nas minhas costas. Você a viu derramar veneno na minha garganta, como se isso servisse para alguma coisa…

— Ela não é mais assim. A Ascensão acabou.

— Acabou? — diz Arsinoe, cética. — Eu nunca ouvi falar de uma Ascensão que terminasse com mais de uma rainha viva.

— Acho que sim. A de Illiann. A Rainha Illiann viveu lado ao lado de sua irmã. Feliz. E se houve um jeito para ela, então talvez…

Com essas palavras de Mirabella, Arsinoe olha para fora da janela, para o céu que começa a soltar pequenos flocos de neve. Dezembro está quase no fim.

— É quase nosso aniversário — murmura Mirabella.

Arsinoe olha para a neve e desdenha.

— Eu acho que sim. Se a Ascensão não tivesse terminado, como você diz, acho que eles estariam se preparando para nos trancar… — Ela olha o quarto. — Bem, aqui.

— Eles não nos trancariam na torre até depois do Beltane.

Mas, mesmo assim, ela e Arsinoe olham desconfortavelmente para as paredes.

— Mas é perturbador, não é? Eles trancafiaram rainhas nesses quartos. Para matarem umas às outras. Uma pode ter morrido bem aqui. — aponta Arsinoe. — Ou aqui. — Ela aponta de novo. — Ou ali.

— Arsinoe, pare com isso.

— Mathilde diz que às vezes, com a dádiva da visão, ela consegue ver o lugar em que alguém morreu. Que permanece, como uma mancha. E Katharine agora *mora* aqui.

— Você moraria também, e eu, se tivéssemos ganhado.

Arsinoe dá de ombros.

— Eu teria ficado em Wolf Spring. Mas ela? A Rainha Morta-viva? Acho que combina com ela.

— Ela não é assim. Foi…

— A Ascensão, certo. Eu ouvi. Exceto aquele menino que ela matou, não? O que a contrariou e teve a cabeça arrancada?

Mirabella fecha os olhos. A Katharine que ela veio a conhecer não parece capaz de ter sido tão brutal. Ela não consegue reconciliar essa Katharine com as histórias que escutou. Ainda

assim, ela mesma a viu em Innisfuil quando ela passou a longa faca pelo pescoço de Madrigal.

— Ela é um perigo, mas é meu enigma para resolver.

— Ela não é nenhum enigma. Isso não é um jogo.

— É quase como se ela fosse duas pessoas diferentes — diz Mirabella suavemente, e algo nessas palavras permanece no ar. Katharine nunca sente frio. Há algum segredo que talvez só Pietyr Arron soubesse e que Madrigal de alguma forma descobriu. Ela gira as peças na sua cabeça. Há lugares em que elas quase se encaixam. Mas há algo que ela ainda não tem.

— Duas pessoas diferentes — diz Arsinoe. — Ou ela só cresceu. — Seus olhos perdem o foco e ela ri, lembrando-se de algo. — Eu a amei também, um dia, você sabe. No dia em que vieram nos buscar no Chalé Negro, depois que você se foi, eu arranhei o rosto de Natalia Arron quando ela tentou levá-la. Camden teria ficado orgulhosa. Mas isso foi há muito tempo. Agora eu a atiraria em Natalia Arron.

Antes que possa responder, Mirabella ouve movimento no corredor: as guardas mudando de posição e passos denunciadores de alguém se aproximando. Ela agarra Arsinoe pelo braço e a puxa de volta para a tapeçaria.

— Você precisa ir embora!

Arsinoe ergue o tecido e para.

— Não até você me dizer que entendeu o plano de amanhã.

— Não há plano para amanhã. Cancele. Saia da cidade enquanto ainda pode!

— Mira, eu não vou te largar aqui!

— Você precisa! — Ela empurra a irmã com um pouco mais de força, lamentando não saber qual pedra apertar, deslizar ou chutar para fazer a passagem se abrir. — Eu fiz minha escolha e estou segura aqui.

— Você ficou louca? Como você pode estar segura quando vamos para a guerra?

Arsinoe abre a passagem, rápido demais para que Mirabella note como ela fez e Mirabella a empurra para dentro. Antes de deixar a tapeçaria cair, ela puxa Arsinoe e a beija com força na testa. Então o tecido cai e sua irmã se vai. Mas antes de ouvir a parede se fechando, ela ouve Arsinoe sussurrar:

— Você não pode sempre ser a pacificadora.

— Mirabella!

Mirabella se vira no momento em que Katharine entra no apartamento. Ela estica o pescoço para um lado e para o outro antes de notar Mirabella no quarto.

— Há fogo na lareira — diz Katharine. — Está tudo bem?

— Sim. Apenas nervosa. Ajuda quando brinco com as chamas.

Katharine olha mais uma vez para o fogo. Mas ela não vai até ele ou estica as mãos para aquecê-las. Talvez ela esteja aquecida o suficiente pela animação do desfile. Sua face pálida está até um pouco corada.

— Está tudo bem, Rainha Katharine? Você precisa de alguma coisa?

— Só fugir dos cochichos do Conselho Negro na minha cabeça. Que o desfile foi um erro. Que te exibir na capital dessa forma te promoverá à rainha.

— E o que você diz? — pergunta Mirabella.

Katharine inclina a cabeça.

— Eu digo que as pessoas podem te desejar o quanto quiserem; não vai se tornar realidade. E além do que, eles não sabem… os planos que tenho para você.

— Planos? Que planos? — Mirabella se afasta da parede, sentindo que Arsinoe ainda está

lá. Ela não fugiu pela passagem como deveria. Em vez disso, está logo atrás da pedra, ouvindo.

— Logo — promete Katharine. — Logo eu vou te contar tudo.

Indrid Down

Sair do castelo é mais fácil do que entrar, e Arsinoe faz seu caminho de volta, passando pela cidade até as colinas, onde estão Jules e Emilia, sem qualquer problema. Ela sai da estrada, entra na cobertura esparsa das árvores de inverno e vai até a clareira onde elas esperam.

— Arsinoe! — Jules e Camden se levantam, saindo debaixo de um cobertor de pele ao lado da pequena fogueira de Emilia. — Graças à Deusa.

— Não pareça tão surpresa. Eu disse que sabia o que estava fazendo.

— Você a viu? — Emilia olha para ela por baixo das suas sobrancelhas. Ela está ajoelhada ao lado do fogo, esfolando um coelho para assar. — Ela estará pronta?

— Bem? — Jules pergunta quando Arsinoe não responde.

— Eu não sei.

Emilia inclina a cabeça e joga sua faca no chão, onde ela se afunda na neve.

— O que você quer dizer com não sabe? Você falou com ela ou não?

— Ela está tramando alguma coisa.

Jules e a guerreira trocam uma expressão tensa. Elas vieram de longe e arriscaram muita coisa. Para quê?

— Ela não vai vir — diz Jules, baixinho.

— Eu não sei. — Arsinoe fecha os punhos e os pressiona na lateral da cabeça. A adrenalina de entrar no castelo, de estar tão perto das suas duas irmãs, começou a baixar e a deixá-la trêmula. — Eu estava bem ali, Jules. Tão perto que eu podia ter estendido a mão e cortado a garganta dela. É para isso que eu devia ter vindo. Para acabar com Katharine. Para acabar com tudo isso.

— É a envenenadora em você — diz Emilia. Ela pega sua faca de novo e se levanta, limpando a lâmina nas calças. — A assassina. Ainda precisaremos das suas habilidades, na batalha que virá. Mas não seja dura demais com si mesma. Embora tenha nascido uma rainha, nascido uma assassina, Jules está certa: você não é uma.

Arsinoe olha para ela, surpresa. Ela cutuca Jules:

— Você está contando para todo mundo agora?

— Então o que fazemos? — pergunta Emilia às duas.

— Queimamos a fumaça preta — diz Jules. — Chamamos Billy e os outros de volta. Vamos deixar Mirabella aqui, para fazer o que quiser. — Ela se vira para Arsinoe. — Espero que você esteja certa e ela esteja tramando alguma coisa.

Depois de deixar Arsinoe do lado de fora do Volroy, Billy se juntou com sucesso aos seis guerreiros da Rebelião. Usando as visões dos oráculos como guias, eles arranjaram hospedagem em um estábulo não muito longe da rota do desfile e se prepararam para passar a noite ali.

Quando a noite cai, Billy está sentado com os ombros apoiados na janela leste do celeiro. Três guerreiros estão ali com ele e três mais estão embaixo, nos estábulos, com os cavalos. Lá fora, a cidade está se aquietando e as tochas e lampiões a gás iluminam as ruas. As pequenas tochas do lado de fora do estábulo em que eles estão dormindo fazem um círculo nos paralelepípedos e parte da cerca onde uma dúzia de cavalos cochila ou pasta distraidamente. A bandeira sobre a porta é branca e tem o rosto de uma raposa em tinta dourada e preta.

— Aqui. — Uma das guerreiras lhe passa uma caneca fumegante. Ela se chama Bea e é uma das lutadoras em que Emilia mais confia. Para Billy ela não parece muito feroz. Ela até parece um pouco com a sua irmã, Jane, com bochechas macias e uma boca pequena. Mas ele tem certeza que ela não hesitaria em enfiar uma faca bem no olho dele.

— Obrigado. — Ele pega e cheira. — Chá. Nada de vinho ou cerveja. Todos eles precisam estar com a cabeça limpa amanhã, quando vão soltar cavalos e pôr fogo em estábulos. Eles vão fazer chover flechas em chamas na líder da guarda real e dispersá-los. Eles irão causar o caos.

Ele espera que Arsinoe esteja bem. Ele consegue notar pelos olhares que os guerreiros lhe veem como um fardo. Um menino para tomar conta. Mas ele não podia deixar Arsinoe tentar isso sozinha. Ele precisava estar perto caso algo desse errado.

Ele ouve passos na palha atrás dele e olha por cima do ombro. Os guerreiros se reuniram na janela oeste e sussurram uns para os outros. Bea assente e corre de volta para o lado dele.

— O quê? — ele pergunta quando ela o puxa pelo braço. — O que está acontecendo?

— Fumaça preta. Foi cancelado. Pegue suas coisas. Rápido.

— O que você quer dizer com cancelado? — Ele olha em volta, no chão do celeiro. Ele não tem nada, exceto um cobertor emprestado e a xícara de chá quente. Mas ele imagina que não deve deixar isso lá e os recolhe. Quando ele se inclina, dá uma olhada para fora da janela.

— Bea. Espere. Isso é normal? — Os cavalos nas baias adjacentes estão nervosos. Eles pisam forte e se remexem.

Bea se abaixa ao lado dele, bem na hora para ver o relance de prateado.

— Armadura da guarda real. Elas sabem que estamos aqui.

— Como? — Vendo a soldada, Billy congela de medo. Ele pega o cabo da sua espada. Uma espada. Ridículo. Ele nunca precisou usar uma antes. Durante toda sua vida, resolveu suas brigas com palavras e socos.

— Elas entraram — diz Bea. Ela o empurra pela janela. — O telhado. Vá.

— O quê? — ele pergunta enquanto passa uma perna pelo parapeito. Não há no que se segurar e a escada não é uma escada, mas um pedaço fino de madeira. Ele olha para baixo. Talvez não se machuque se cair, desde que mire na palha.

A porta do celeiro é aberta com um chute e uma lâmpada acesa é erguida na abertura. As chamas sobem instantaneamente, iluminando o espaço e mostrando os guerreiros que se armam. Bea puxa uma besta do ombro no momento em que uma barreira de flechas segue a lâmpada. A guerreira perto da janela consegue desviar de várias, até que uma se afunda na sua barriga. O golpe faz sua dádiva falhar e ela cai com o ataque seguinte, são tantas flechas enterradas que ela parece uma almofada de alfinetes.

— Anne! — Bea grita e atira na primeira guarda real a passar pela porta. Ela a derruba com uma flecha, bem na cabeça. — Vá! — Ela empurra Billy mais ainda pela janela e tosse. A fumaça lá dentro já está espessa.

— E você? — ele pergunta, mas ela o empurra de novo, com tanta força que ele quase perde o equilíbrio e cai nos paralelepípedos. Enquanto ele, desesperadamente buscando um apoio após o outro, um suporte após o outro, ouve alguém começar a combater o fogo lá dentro. O que aconteceu com os guerreiros? Algum conseguiu sair? Ele chega à lateral da construção, joga o braço por cima do telhado e começa a se arrastar para cima.

A flecha o pega no calcanhar, e ele põe a mão para trás sem pensar, soltando-se do telhado. Ele cai. Quando toma consciência, está com a cara para baixo, na palha fria e molhada, encarando um par de botas. Antes que possa sequer sacudir a cabeça, é erguido até seus pés ficarem pendurados, como um filhote recém-nascido pego pelo cangote.

— Me solte!

Então ele olha nos olhos dela e para de falar. Mesmo no escuro, consegue ver que são pretos, como olhos de rainhas. Mas eles sangram essa escuridão nas veias que descem pela face como lágrimas.

— O que é você? — ele pergunta logo antes de ela deixá-lo inconsciente.

O Volroy

Quando Rho vai até o quarto de Katharine para informá-la da captura dos rebeldes, Katharine sabe antes mesmo de ela chegar. As rainhas mortas que ainda estão dentro dela sentem a volta de suas irmãs mortas, emprestadas para Rho nas celas sob o Volroy. Katharine acende uma lâmpada.

Dentro de Rho, as rainhas mortas estão em casa. Embora Katharine não tenha lhe dado muitas, sua escuridão escorre dos olhos da sacerdotisa como lágrimas. E embora Rho fale em uma voz suave, ela não consegue parar de mostrar os dentes.

Quando Rho termina de contar a ela que duas guerreiras rebeldes e o pretendente William Chatworth Junior foram capturados dentro da capital, Katharine estende uma mão.

— Devolva-as.

Rho se encolhe.

— Eu sei — diz Katharine. — Mas é preciso. Você não é a verdadeira hospedeira. Você não é uma rainha. Eu vou dá-las a você de novo, quando elas forem necessárias.

Rho assente e Katharine pega o rosto dela quase como num beijo. As rainhas mortas deslizam para fora da boca de Rho e para dentro da dela, descendo por sua garganta como trutas soltas num córrego.

Quando o reforço da sua dádiva se vai, Rho cai de joelhos. Ela seca o rosto e respira pesadamente.

— Você está bem?

— Sim, Rainha Katharine.

— Então me leve até os prisioneiros.

Rho a guia para baixo, passando pelo portão que direciona para o subsolo, o ar frio e viciado as cobrindo apesar do calor da tocha.

— Eu me sinto estranha — diz Rho em voz baixa.

É de se esperar.

Katharine observa a sacerdotisa enquanto elas andam. Quanto mais passos elas dão, mais Rho parece voltar a ser ela mesma. A guerreira é forte. É por isso que Katharine a escolheu. Ela

é forte suficiente, talvez, para satisfazer as irmãs mortas e tirar Mirabella da cabeça delas. Pelo menos por hora.

Os prisioneiros estão no primeiro nível abaixo do castelo. Duas guerreiras, uma com uma flecha de besta saindo do ombro e outra cujas costas e lados foram gravemente queimados. O cheiro de carne queimada faz Katharine franzir o nariz antes mesmo de ver a extensão do dano: um braço inteiro da guerreira está carbonizado, sua roupa fundida na pele. Metade do seu cabelo se foi também, e o couro cabeludo está em carne viva.

— Mande as curandeiras prepararem um bálsamo — diz ela à guarda. — E chame alguém para retirar a flecha. Elas podem ser rebeldes, mas ainda são nossas súditas e merecem tratamento.

— E eu?

Katharine se vira.

— Eu não sou seu súdito.

— De fato, você não é. — Ela olha nos olhos de William Chatworth Junior, o primeiro pretendente que ela beijou. Ele também se feriu e está segurando a perna. — Então é de fato você. Eu admito que estou surpresa. Achei que minha comandante tinha capturado uma isca.

— Sua comandante — diz ele estremecendo. — O que ela é? O que há de errado com ela?

— Nada. — Katharine aponta para Rho, que parece perfeitamente bem outra vez, cabelo vermelho brilhando embaixo do capuz branco.

— Quando ela me capturou havia algo…

— Você deve ter se confundido. O luar confunde os olhos. Assim como o pânico. — Ela olha para o rosto de suas guardas e nota como elas evitam o olhar de Rho. As olhadelas furtivas que lançam na direção dela. Katharine vai ter que falar com elas. Garantir que não devem temer sua comandante.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta Katharine.

— Um tour pela capital — ele cospe as palavras.

Katharine ri.

— Você tem coragem. Vamos ver por quanto tempo. O que quer que vocês tenham planejado, não vai mais acontecer. E minha família de criação, os Arron, vão ficar muito felizes de descobrir que capturamos o filho do homem que assassinou Natalia.

— Meu pai? Ele assassinou…

— Sim. A estrangulou. Talvez para te ajudar a escapar.

Katharine aperta os olhos. Ele parece tão chocado. Incrédulo.

— Se ele… — ele hesita, como se incapaz até de formar as palavras. — Ele não fez isso por mim. Onde ele está agora?

— Onde ele está agora? — Katharine se vira e desce pelo corredor. Ela aponta para Rho quando passa. — Ela o matou.

O DESFILE

Apenas cinco soldadas da guarda real caíram na captura dos rebeldes. Com a ajuda das rainhas mortas, Rho estragou qualquer plano que a Rebelião pudesse ter feito e agora Katharine tem o companheiro de Arsinoe. Mas o fato de que a Rebelião sequer tinha um plano…

— As pérolas pretas, minha rainha? — Sua ama, Giselle, as ergue na frente do seu pescoço. — Talvez a gargantilha de pérolas pretas?

— Não agora — diz Katharine. — Traga a minha comandante da guarda real.

— Sim — Giselle responde e corre para a porta.

— Espere. — Katharine respira fundo. Giselle é sua ama desde Greavesdrake. Ela sempre foi gentil. Quase uma amiga. — Eu não quis ser ríspida. Não se preocupe com as pérolas. Eu não vou usar joias hoje. Só a armadura.

A serva abaixa a cabeça e Katharine sabe que foi perdoada.

Pouco tempo depois as guardas na porta anunciam a chegada de Rho, e a grande sacerdotisa entra no quarto.

— Os prisioneiros permanecem sem dizer nada — diz ela antes que Katharine possa perguntar.

— Sim. Eu esperava isso.

— Mas se o garoto Chatworth está aqui, pode ter certeza de que a Rainha Urso está também.

— Não a chame assim — dispara Katharine. — Dobre a presença da guarda real no desfile. Nada pode dar errado. Você tem… — ela hesita. — Você tem algum motivo para suspeitar de que Mirabella esteja envolvida nessa trama?

Rho considera um momento.

— Não. E eu a tenho monitorado de perto. Incluindo o pica-pau.

— Bom. — Katharine suspira e anda até sua cama, onde um vestido preto bordado foi estendido para que ela vista por baixo do peitoral de ouro. — Porque fiquei surpresa em descobrir que realmente confio nela.

— Ela é uma aliada poderosa para se ter.

— Assim como você — diz Katharine. — Eu quero agradecer, Rho, por sua lealdade. E por sua discrição. — Ela ergue a alça do vestido. — Você pode chamar a minha ama de volta, por favor?

Rho assente e sai. No momento que a porta se fecha atrás dela, as rainhas mortas começam a tagarelar.

Mirabella, Mirabella, elas murmuram até que Katharine queira arrancá-las para fora.

Não se pode confiar em Mirabella. Não até que ela seja nossa.

Bree e Elizabeth chegam cedo para vestir e armar Mirabella. Elizabeth está em suas melhores vestes e um adorno de fita azul, um toque de cor permitido em homenagem à Expulsa Névoa e aos heroicos elementais. Bree usa o vestido que Katharine mandou fazer sob medida, as contas azuis e prateadas da saia brilhando quando ela se move, dando a impressão de que ela é um peixe reluzente.

— Não é tão pesada quanto eu pensei que seria — diz Elizabeth, segurando o peitoral no lugar com sua mão direita enquanto Bree o afivela. O painel suave de prata brilha no peito de Mirabella. Ela vai precisar tomar o cuidado de não olhar para baixo se for um dia de sol. Ela pode acabar se cegando.

Bree passa os dedos pela gravura das nuvens e raio, tão bem-trabalhados no metal, as veias dos raios se espalhando até a borda da armadura.

— É linda. Até Luca estava admirando. Eu acho que ela queria que tivéssemos feito algo assim para você na Ascensão.

— Ela acha que isso teria ajudado? — Mirabella olha para si mesma e então por cima do ombro, na direção da tapeçaria pendurada e da porta secreta. Ela sabe que Arsinoe se foi; depois que Katharine a deixou sozinha, ela mexeu e apertou na parede pelo que pareceu uma eternidade, incapaz de fazer a passagem se abrir. Se Arsinoe ainda estivesse ali, ela não teria conseguido segurar o riso.

— Você está bem, Mira? — pergunta Elizabeth. — Você parece muito nervosa para um simples desfile.

— Você não precisa lutar com a névoa hoje, afinal — acrescenta Bree. — Bem, a menos que ela decida se erguer…

— Isso ajuda muito! — Mirabella força um sorriso. — Mas estou bem. E como sempre, Bree, você vai me ofuscar. — Ela aponta para o vestido bordado e Bree dá um giro.

— É glorioso! E mais pesado que seu peitoral. Estou com pena do meu cavalo.

— Eles vão ter que te pôr em um bom e pesado cavalo de trabalho — diz Elizabeth.

— A boa Elizabeth. Sempre pensando nos animais. Talvez um cavalo de carruagem. Eu não acho que a Rainha Katharine vai permitir um cavalo de roça no desfile.

Mirabella endireita os ombros. Arsinoe não teria desistido de tentar tirá-la da capital, não importa o quão tola e impossível fosse a tarefa. Ela estará lá, em algum lugar? Mirabella terá que ver seu rosto na multidão e a traição nos seus olhos quando ela não usar a distração para fugir?

— Mira, você quer usar alguma joia? Eu não sei como vão combinar com essa armadura…

Qualquer coisa pode acontecer hoje. Algo pode dar errado. Pessoas podem morrer. E não há como evitar. Ela está completamente impotente para impedir que suas irmãs mostrem os dentes uma para outra, mesmo com ela no meio.

— Sem joias — ela se ouve dizer. — Só a capa azul.

— Melhor irmos, então — diz Bree. — Eles nos querem na câmara do Conselho. As soldadas já devem ter se alinhado.

Mirabella segue Bree e Elizabeth escada abaixo e escuta os sons da cidade em cada janela. Estão mais altos que o normal. Animados. O mercado está vivo e os vendedores ocuparam espaços ao longo da rota do desfile para vender tortas quentes e espetinhos de carne assada. As pessoas se aglomeram em inúmeras fileiras na rua.

Quando elas entram na câmara do Conselho Negro, ninguém se curva. Eles só acenam com a cabeça, e depois de uma olhada rápida, seus olhos deslizam e se demoram em Bree. Só Katharine segue fixada nela, sussurrando para Rho com o canto da boca e chamando Mirabella mais para perto.

— Irmã — diz Katharine. — Está pronta?

— Estou. Você está muito bonita na sua armadura.

O peitoral dourado de Katharine, gravado com a caveira e as cobras, brilha contra o preto de suas mangas e capa. Tudo nela é preto e dourado, do cabo de sua espada cerimonial até o pó de ouro salpicado sobre os seus lábios pintados.

— Obrigada — diz Katharine. — Para os cavalos, então.

A visão do desfile reunido no pátio interno faz os joelhos de Mirabella fraquejarem. Tantas soldadas. Tantas fivelas prateadas, nelas e nos cavalos. Bandeiras azuis, brancas, prateadas e pretas ondulam suavemente na brisa. Mas não há sol. O céu está nublado, com nuvens baixas e cinzentas. Então pelo menos ela não precisa se preocupar em se cegar com o próprio peito.

— Como você está bonita — diz Luca quando aparece atrás do cotovelo de Mirabella. — Como vocês duas estão bonitas.

— Você tem certeza de que não vai cavalgar conosco, Alta Sacerdotisa? — Katharine pergunta. — Eu gostaria de que as pessoas vissem uma forte presença do templo.

Luca aponta com a cabeça para Rho, já montada em uma égua alta e branca cuja crina e rabo foram trançados com fitas azuis e prata.

— Uma das minhas sacerdotisas lidera sua guarda. Isso deve ser forte o bastante.

Mirabella não diz nada. Não é seu lugar ponderar os assuntos da Coroa, mas mesmo se fosse, ela não teria conseguido dizer uma palavra. Como Arsinoe pensou que ela poderia escapar? Ela estará bem segura no meio de um mar de corpos. Soldados, montados e a pé. Os elementais acenando, cujas vidas ela salvou no Porto de Bardon. E metade do Conselho Negro: Genevieve e Antonin. Bree. Paola Vend. Mesmo se ela quisesse fugir, ela jamais conseguiria.

— Sua montaria, Quebra-Névoa. — Uma soldada se aproxima, trazendo um enorme cavalo cinza. Um cinza estranho, e Mirabella se pergunta se ele foi tingido para se parecer com a névoa. Isso seria um nível de detalhe ridículo, mas dado o tamanho do desfile, ela não fica surpresa quando acaricia o ombro dele e sua mão sai coberta de um pó cinza.

— Eu espero que Quebra-Névoa seja o nome do cavalo e não algo novo de que estão me chamando — diz Mirabella depois que a ajudam a montar. — Mirabella Expulsa Névoa já é grandioso o suficiente. — Katharine se aproxima com seu garanhão preto e o capão cinza bate os pés. — E eu espero que ele seja firme. Eu devia ter dito antes, mas não monto muito bem.

— Isso não pode ser verdade — diz Katharine, um pouco fria.

— Eu temo que sim. Passei a maior parte do meu tempo em carruagens. Eu posso cavalgar em qualquer velocidade. Mas se ele se assustar ou empacar, pode ser que eu precise que você pegue as rédeas dele.

Katharine contrai as sobrancelhas. Ela encara Mirabella em silêncio antes de finalmente assentir.

— Eu cuido dele se qualquer coisa acontecer.

Com um toque das trombetas, as primeiras soldadas começam a marchar, guiando a procissão para fora do Volroy e para as ruas de Indrid Down. Quando eles chegam ao início da multidão, Mirabella acena ao lado de Katharine. Os gritos das pessoas são altos nos seus ouvidos, as reações delas a cada parte da procissão como um anúncio de quem está passando: eles gritam para os corajosos elementais, eles batem palmas respeitosas para a guarda real. Exclamações e gritinhos para o Conselho Negro, sem dúvida por conta do vestido de Bree. Então as rainhas chegam e eles explodem.

— Viu como te amam? — grita Katharine no ouvido dela. — Você é digna disso?

— Eu espero que sim! — grita Mirabella de volta.

— Bom. Eu detestaria vê-los decepcionados.

Mirabella olha para ela. É algo estranho de se dizer. Há uma tensão em Katharine que Mirabella não sentia desde que chegou à capital, e isso a deixa nervosa.

Eles fazem outra curva, indo na direção do mercado antes que o desfile volte para terminar na praça. Mirabella respira fundo e continua a acenar. Ela espera que o sorriso no seu rosto pareça sincero enquanto seus olhos correm por cada pilha de caixas, cada tenda, por qualquer lugar onde Billy e os guerreiros possam estar agachados para se esconderem. Em algum momento, algo vai acontecer. E ela irá pedir a Katharine para segurar seu cavalo.

Eles chegam ao mercado e sua mão começa a tremer sobre as rédeas. A qualquer momento, qualquer segundo, alguém irá começar a gritar. Algo vai explodir ou queimar. Exceto que elas seguem cavalgando e nada acontece.

— Você está bem, irmã? — pergunta Katharine. — Você parece nervosa.

Mirabella suspira e sorri.

— Não. Acho que estou bem.

Indrid Down

— Algo está errado.

Depois de observar na ponta dos pés por um bom tempo, Jules subiu para ficar em pé sobre as ancas do seu cavalo preto, observando a cidade com as mãos protegendo os olhos.

— Por que eles não voltaram?

— Talvez eles tenham achado melhor esperar a multidão dispersar — diz Arsinoe.

— Eles devem ter visto a fumaça — diz Emilia. — Nós mandamos o sinal pelo maior tempo possível.

Camden salta nas costas do cavalo ao lado de Jules, suas garras enfiadas na sela de couro. O cavalo bufa e Arsinoe dá um tapinha carinhoso em seu focinho. Ele pode ter corrido atrás dela para que Katharine enfiasse uma flecha nas suas costas, mas ele também levou Jules para um lugar seguro depois.

Jules olha para a cidade e então para Mathilde, como se a vidente pudesse ter respostas.

— Eu devia ter estado lá. Eu devia ter ido com eles.

— Mas você não está lá e não vai. — Emilia dá um tapa no tornozelo de Jules. — Desça.

Depois de um momento, Jules cede e desliza para fora do flanco do cavalo.

Na capital, tendões de fumaça sobem das chaminés e as odiadas torres do Volroy escurecem o céu. Enquanto ela encara a cidade, Arsinoe deseja que Billy e os outros saiam de lá, apareçam subindo a colina.

— Eu vou — diz Arsinoe. — Jules sempre tem um mal pressentimento sobre as coisas e ela sempre acha que deveria estar lá, mas dessa vez está certa. Eu vou tirar Billy e os outros de lá.

— Não. — Os dedos de Emilia se afundam no braço dela. — Não você. Aqueles são meus guerreiros. Meus amigos. Você os colocou em perigo assim como fez com Jules e você é uma idiota de achar que vai ser útil para resgatá-los.

— Seus guerreiros — diz Arsinoe. — Você não quis dizer da Rebelião? Ou da Rainha da Legião?

Emilia ergue um punho, mas Jules pega sua mão e a baixa.

— Chega disso — diz Jules. — Nenhuma de vocês vai a lugar algum. Vamos dar a eles até o escurecer. — Ela olha de Arsinoe para Emilia, claramente com mais raiva de uma que da outra,

mas no final, é o ombro de Emilia que ela toca. — Volte para os outros e diga que vamos esperar.

Emilia vai, seus olhos faiscando quando ela passa por Arsinoe.

— Eles vão voltar — diz Mathilde, e Arsinoe e Jules se viram para olhar a oráculo agachada na neve. Ela está segurando um maço de ervas acesas e as sopra para ver na fumaça. — Eles vão voltar — diz ela de novo, em uma voz que não é exatamente a dela, mas a das visões. — Eles vão. Mas não todos.

O Volroy

Naquela noite, Katharine se senta com Genevieve em seu quarto, tentando relaxar com um copo do conhaque envenenado de Natalia e os biscoitos de cicuta favoritos de Pietyr.

— Hoje foi um sucesso estrondoso. Todo mundo disse isso. Até mesmo o primo Lucian. O público foi maior que o esperado e não sobrou nem uma migalha do banquete. Nós não esperávamos ver a capital tão feliz assim até o fim da Rebelião. Eu mal posso esperar que notícias da aliança cheguem a Sunpool. A corrente de desertores vai virar um rio. Katharine, você está ouvindo?

Genevieve a cutuca no braço.

— Não estava — admite Katharine. Ela dá uma mordida no biscoito de cicuta que está segurando nos dedos e limpa o canto da boca com um guardanapo.

— Eu achei que você ficaria feliz. Até algumas crianças foram vistas brincando perto da costa. Ter Mirabella aqui aliviou o medo. Não era o que você queria?

— Era.

— Mas?

Katharine se levanta e remexe o biscoito entre os dedos até migalhas caírem na frente do seu vestido.

— Eu estava pronta para odiá-la. Embora ela tenha vindo como aliada. Você sabe disso.

— Sim. Eu sei disso.

— Mas ela é tão firme! Ela tem uma… certa qualidade. Quase como Natalia tinha, e desde que ela chegou eu me sinto menos sozinha.

Genevieve se inclina sobre o cotovelo.

— E o pretendente nas celas? Ele estava aqui para resgatá-la? Para contatá-la com alguma informação?

— Eu não sei. E mesmo que estivesse, não há como saber se ela estava envolvida na trama.

— Você quer que ela seja inocente. — Genevieve baixa a caneta. Ela vai até o lado de Katharine e inclina a cabeça com simpatia. — Você quer confiar nela, pelo bem das trigêmeas.

E, talvez, pelo amor de uma irmã. Mas Katharine não ousa dizer isso. Genevieve desdenharia dela e as irmãs mortas estão ali dentro, encolhidas, escutando.

— Mas ela é confiável? — pergunta Genevieve. — E, se não for, há um uso melhor para ela, como o antigo rei consorte disse? Morta para acalmar a névoa.

— As páginas que você me mostrou podiam ser o devaneio de um bêbado em seu leito de morte. — Katharine sacode a cabeça. — Não. Eu vou manter minha palavra. E acredito que ela vá manter a dela.

— Muito bem. E o que você vai dizer à Mirabella a respeito do pretendente? Ele é amigo dela. Ela não vai ficar feliz com o que você planejou para ele.

— Eu sei. Mas ela vai entender. Estamos em guerra. E o crime que a família dele cometeu contra nós foi pessoal.

Quando Mirabella fica sabendo dos prisioneiros da Rebelião, Billy já saiu das celas. Katharine ordenou que ele fosse amarrado, acorrentado e preparado para servir.

— Onde ele está? — ela pergunta quando Bree entra na frente dela no corredor.

— Mira, é a vontade da Rainha Katharine.

— Onde ele está? — ela pergunta mais alto e desvia das mãos erguidas de Bree. Pelas portas abertas da sala do trono ela ouve gracejos e risadas. Ordens gritadas. Bree agarra o braço dela quando raios se lançam dos nós de seus dedos.

— Mira, podia ter sido pior.

Mirabella se liberta e entra com tudo na sala do trono. A visão diante dela a deixa imediatamente furiosa. Tão furiosa que todas as tochas na sala se erguem, quentes o suficiente para queimar as paredes.

Katharine está reclinada, suas pernas por cima do braço do trono. Ela come um doce tirado de uma bandeja apoiada nas costas de Billy. Ele está inclinado, seus braços amarrados para trás de forma dolorosa, os cotovelos segurando a bandeja. Nos seus punhos há algemas de couro macio. Seus pés estão conectados por uma corrente curta. E ele foi amordaçado.

Mirabella atravessa o corredor como uma tempestade, passando em frente aos Arron e dos outros membros do Conselho Negro enquanto eles riem e comem os doces. Ela estica o braço para a primeira tocha que passa e pega o fogo na sua mão até que ele vire uma bola. Então, ela o joga no chão diante dos pés de Katharine.

Todo mundo na sala engasga e recua ao ver a bola flamejante. Guardas correm pelo corredor e cruzam suas lanças diante dela, protegendo a rainha.

Mirabella não ousa olhar para o rosto de Billy. Se ela vir como eles o fazem sofrer, a última gota do seu autocontrole irá sumir.

— O que significa isso?

— O que você quer dizer, irmã? — pergunta Katharine, se arrumando para sentar reta.

— Isso. — Mirabella aponta para Billy, sua testa molhada de suor, o rosto dele lutando contra a mordaça de couro enquanto ele se esforça para não derrubar a bandeja. — O que você está fazendo com ele?

— Bem, eu ainda não o matei.

Do outro lado da sala do trono, o Conselho Negro ri. Todos menos Luca e Rho.

— Mirabella — diz Luca suavemente. — Esse ex-pretendente foi preso junto com duas guerreiras rebeldes na noite passada. Imagina-se que eles estavam aqui para prejudicar o

desfile. Talvez até para te sequestrar.

Os olhos de Mirabella correm para Billy. Duas rebeldes e o pretendente. Mas não Arsinoe. Eles não têm Arsinoe.

Ela respira. Se recompõe. Olha de lado para uma das guardas.

— Tirem suas lanças do meu caminho.

As guardas obedecem, nem um pouco dispostas a serem queimadas, e Mirabella anda até Billy. Ela se ajoelha e puxa a mordaça da boca dele.

— Você está bem?

— Ele está bem — responde Katharine.

— Ele não está bem.

Onde a mordaça encostou na pele, bolhas vermelhas e feias começaram a surgir. Nos seus pulsos também, onde tocam o couro das algemas, verrugas profundas e vermelhas se formaram. Tudo foi embebido em algum tipo de veneno.

— Não é letal — diz Katharine.

— Pelo menos não por enquanto — acrescenta Genevieve.

— Elas mataram meu pai — Billy grunhe. Seus olhos se fixam em Rho, do outro lado da sala. — Ela matou meu pai!

Ele se esforça para levantar, mandando a bandeja e todo seu conteúdo para o chão. Rho nem treme. Ele mal dá três passos antes que as guardas caiam sobre ele, enfiando a ponta cega das lanças em sua barriga e batendo nos seus calcanhares.

— Parem! — grita Mirabella.

— Onde ele está? — grita Billy de joelhos. — Onde está meu pai?

— Em algum lugar — diz Genevieve dando uma risadinha. — Ou pelo menos seus ossos estão. Em algum lugar do rio.

Mirabella observa com pena a expressão de Billy desmontar. Há tantos hematomas em seu rosto que ele está quase irreconhecível.

— Pelo que eu sei, Rho quase o partiu em dois — diz Katharine. — Do pulmão ao coração. Talvez, se você pedir a ela com jeitinho, ela te leve até o lugar da costa em que ele foi largado.

— Se você mergulhar, talvez possa encontrá-lo ainda no tapete em que o enrolamos — acrescenta Genevieve. — Ou pelo menos o que os peixes deixaram para trás.

— Chega — diz a Alta Sacerdotisa. — Ele é só um menino. Ele não precisa ouvir isso de forma tão cruel.

— Você precisa soltá-lo — diz Mirabella.

— A única coisa que eu preciso fazer é te interrogar. — Katharine tira a perna do braço do trono e se inclina para a frente, apoiada nos cotovelos. Ela estala os dedos para as guardas atrás. — Tragam as prisioneiras para cima.

— E Billy? Você sabe que ele é meu amigo. Você sabe que não posso concordar com isso.

— Você vai concordar com o que sua Rainha Coroada quiser — Antonin Arron sussurra, mas Mirabella o ignora.

— Por favor, Katharine. Solte-o. Deixe-o sob os meus cuidados, pelo menos.

— Não. Você é boa demais. Sinceramente, irmã. Eu não sei por que você está tão chateada. Como eu disse, o veneno não é letal. Não vai nem deixar marca!

— Katharine, você precisa entender — Mirabella começa. Mas então ela se lembra de que Katharine foi criada como uma envenenadora. Coberta por venenos dolorosos desde que era criança, repetidas vezes, com venenos que deixaram marcas. Ela olha ao redor da sala, para os

Arron e Paola Vend, que observam Mirabella e a julgam. Eles a acham tola. Eles acham que ela é fraca e exagerada. E talvez ela seja, quando eles com certeza encorajaram Katharine a ordenar que ele fosse morto.

— Por quanto tempo ele deve servir? — Mirabella finalmente diz.

Katharine exala.

— Até que ele se arrependa. Ou até que fiquemos satisfeitos. O pai dele assassinou Natalia e pagou um preço muito baixo e muito rápido. Então nós precisamos servir nossa vingança ao filho.

— E como isso é justo?

— Como não? — Katharine faz outro gesto para as guardas e elas puxam Billy por seus cotovelos amarrados até que ele grite de dor.

— Não espere nada diferente, Mira — diz ele. — Não desse bando de assassinos.

— O filho de um assassino nos criticando! — Lucian Arron desdenha e cospe no chão queimado. Billy precisa tomar cuidado com o que diz. Genevieve parece com raiva suficiente para cortar a garganta dele bem ali, na frente de todo mundo.

— Esperem. — Rho dá um passo para a frente de seu lugar, encostada na parede. Ela parece cansada, com círculos escuros sob os olhos e o cabelo comprido e vermelho sem brilho. — Deixem que o garoto diga o que ele quer dizer.

As guardas o soltam um pouco e permitem que Billy fique em pé sozinho.

— Você não gosta de mim — diz Rho. — Nem eu de você. Nem mesmo quando estávamos em Rolanth e você serviu como provador de Mirabella e estávamos do mesmo lado. Mas eu fui a última pessoa a estar com seu pai. Então, se você quer saber alguma coisa, pode perguntar.

— E isso deveria tornar as coisas melhores? Nos deixar quites?

— Eu não quero nos deixar quites. Eu não sei quem foi meu pai. Então não há "quites".

Billy olha com raiva para seu rosto impassível. Rho parece ser feita de pedra. Só alguém que a conhece há tanto tempo quanto Mirabella, ou Luca, poderia ver as marcas de cansaço, e talvez de compaixão, nas suas feições.

— O que… — Billy começa e engole em seco. — O que aconteceu?

— Eu o encontrei em um dos quartos da Torre Leste. Um quarto que Natalia usava como escritório. Ela estava no chão e ele a estava estrangulando até a morte.

Billy desvia os olhos com uma expressão enjoada.

— Vá em frente. Conte tudo.

— Quando ele se levantou, eu enfiei minha faca nas suas costelas. Ele não tinha me visto chegar. Mas foi tarde demais, e Natalia já estava morta.

— Ele… disse alguma coisa?

— Ele gemeu. Saiu um pouco de sangue. Eu não sei se ele estava tentando falar ou gritar.

— Você — Billy engasga. — Sua assassina…

— Ele era um assassino — interrompe Rho, e sua voz trovoa pela sala do trono. — Depois, eu o enrolei em um tapete e o joguei no rio. Ninguém o encontrou, pelo menos não que eu saiba.

— E é isso.

— Sim. Isso é tudo.

Mirabella baixa a cabeça enquanto Billy mostra os dentes e tenta resistir às guardas. Ele nunca foi estourado. Ver a raiva o transformar assim é algo horrível.

— Eu vou te matar quando sair daqui — diz ele.

— É fácil fazer ameaças quando se está algemado e sob a proteção da rainha. Eu matei um assassino e não me arrependo, embora eu lamente você estar sofrendo. O que você sente é problema seu, mas seu pai não me pareceu alguém cuja falta vai ser muito sentida.

Eles são silenciados pelas portas da sala do trono sendo abertas e as duas outras prisioneiras marchando para dentro. As guardas as levam quase até os pés de Mirabella e as forçam a se ajoelhar perante a rainha.

— Então? — pergunta Katharine.

— Então o quê? — pergunta Mirabella.

— Você as conhece?

Ela olha para baixo e as guardas erguem a cabeça das prisioneiras para que Mirabella possa ver melhor seus rostos.

— Não conheço.

— Como isso é possível? Você passou semanas na cidade rebelde.

— Passei. Mas os rebeldes eram muitos e variados. Todo dia novos guerreiros chegavam de Bastian City.

Katharine a estuda em silêncio. Então ela exala e se reclina novamente no trono.

— Elas terão de ser questionadas.

Mirabella engole em seco. Toda a Ilha sabe o que significa quando um envenenador diz que alguém deve ser "questionado".

— Genevieve fará isso; ela é a melhor. — Katharine acena com o punho. — Comece imediatamente.

— Não. — Mirabella endireita os ombros. — Elas estavam aqui para me libertar.

— Libertar? E por que você precisa ser libertada?

— Foi uma tentativa errada. Eles pensaram… que eu estava sendo mantida aqui contra minha vontade.

— Você não deixou um bilhete? — pergunta Genevieve de forma sarcástica.

Mirabella a ignora.

— Eles teriam atrapalhado o desfile e usado a distração para facilitar minha fuga. Eu disse a eles para não fazer isso. É por isso que pareci nervosa antes de o desfile começar.

— Porque você pensou que eles te ajudariam a escapar — diz Katharine, baixinho.

— Porque eu temi que eles tentariam me forçar. É por isso que eu pedi que você segurasse as rédeas do meu cavalo.

Luca suspira.

— Por que você não disse nada?

— Eu esperei não precisar.

— Mas havia rebeldes na cidade. E você sabia.

— Sim — diz Mirabella. — E Billy Chatworth é meu amigo. Eu não escondo isso. — Finalmente, tendo uma desculpa, ela olha de novo para Billy. Mas a expressão dele é impenetrável.

— Como você se comunicou com eles? — pergunta Katharine. E Mirabella olha de volta para ela. — Você disse que falou a eles para cancelar. Como eles te avisaram? Como você respondeu?

— Via pássaro — mente Mirabella. Ela inclina a cabeça para Genevieve. — Eu imagino que você não vá "questionar" todos os pardais que fazem ninhos no Volroy.

Genevieve aperta os olhos e eles esperam. Katharine ficou imóvel. Tal imobilidade não

parece tão perigosa para Mirabella como antes, quando tudo que ela sabia de sua irmãzinha é que ela era uma cobra prestes a dar o bote. Mas não há respostas fáceis quanto ao que fazer com os rebeldes. Ou com Billy.

— O segredo desses prisioneiros já foi mantido por uma noite e um dia. Mas não podemos mantê-lo por muito mais tempo.

— Toda Indrid Down deve saber da sua captura — diz Genevieve. — Será o mês mais festivo já registrado. Um desfile e uma execução pública.

— Ou talvez não devessem ficar sabendo — sugere Luca. — Pode deixar as pessoas inquietas, os rebeldes terem chegado tão perto. Nós não queremos abalar a confiança delas na Coroa logo depois de a termos alimentado.

— Eu acho que você devia libertá-las — diz Mirabella.

Genevieve joga as mãos para o alto:

— Mas é claro que sim.

— Eu acho que você não deveria ser a rainha que o povo teme. — Ela ergue os olhos e olha bem no fundo dos de Katharine. — Você é a Rainha Coroada da Ilha de Fennbirn. Os rebeldes não são nada. Nem mesmo liderados por uma rainha de verdade. Mostre a eles quão pouco eles importam. Mande as guerreiras de volta, com um aviso para nunca mais voltarem.

— E ele? — pergunta Katharine apontando com o queixo para Billy.

Mirabella engole em seco. A pergunta é só um teste.

— Billy Chatworth, o ex-pretendente, não deve ser libertado. Ele é um recurso. Eu conheço Arsinoe. Ela não fará nada contra você enquanto ele estiver em sua posse.

— Mira — diz Billy. Ela olha para ele, mas não cede. — O que você está fazendo?

Katharine espera o que parece uma eternidade antes de falar.

— Eu fico feliz de ouvir dizer isso, Mirabella. Porque é verdade; eu nunca poderia deixar o pretendente ir embora. — Ela faz um gesto de cabeça para as guardas no fundo da sala. — Solte as guerreiras. Leve-as para a estrada na direção de Prynn. Dê-lhes montarias e as liberte.

Indrid Down

Genevieve vai com Rho supervisionar a libertação das guerreiras nas ruínas das antigas muralhas da cidade. Ela vai a cavalo atrás delas, no escuro, enquanto Rho vai na frente, o caminho iluminado a cada momento por menos lampiões.

Solte-as, Mirabella disse, e Katharine o fez, como se Mirabella a tivesse encantado. Como se ela fosse a Rainha Coroada.

— É longe o bastante — diz Rho para as prisioneiras, e tira seu cavalo do caminho. Vai ser fácil assim. Elas vão voltar para a Rebelião vivas e inteiras, livres para lutar mais um dia.

— Espere. — Genevieve arranca longos pedaços de tecido do bolso do seu casaco. — Eu prefiro que elas voltem amordaçadas. Nós não precisamos das duas soando o alarme para um possível contra-ataque.

Rho arqueia as sobrancelhas, mas não diz nada enquanto Genevieve enfia tecido entre os dentes das guerreiras e amarra com força atrás de suas orelhas. Durante todo o tempo, elas mal notam que estão sendo tocadas, seus olhos roxos e inchados fixos na estrada à frente. Depois que termina, ela assente e elas cutucam os cavalos com os calcanhares. Elas trotam indo embora, descendo a estrada para a qual foram trazidas, confiando nos olhos dos seus cavalos para lhes guiar na noite.

— Elas vão sair da estrada assim que não pudermos mais vê-las — diz Rho. — E se esconder na floresta.

— Você acha que há uma equipe de apoio esperando por elas fora da cidade?

— Acho. Embora não em número suficiente para formar qualquer tipo de "contra-ataque" — desdenha Rho.

— Eu espero que não estejam muito longe.

Rho se vira sobre a sua sela e seus olhos se enchem de compreensão.

— O que havia naquelas mordaças? — pergunta ela.

— Só uma coisinha… — diz Genevieve. — Para consertar o erro da rainha.

No acampamento improvisado fora da cidade, espremido em uma clareira entre as árvores, Jules finge tentar dormir na esperança de que Arsinoe a acompanhe. Não funcionou até agora. Arsinoe está sentada na beira do acampamento, onde está há horas, sem dúvida encarando a estrada lá embaixo, mesmo estando escuro demais para ver qualquer um se aproximar. Se Jules se esforçar, ela consegue ouvir seus sussurros: *Volte. Volte agora.*

Mas Billy e os outros não voltaram e pensar que talvez nunca voltem é como uma pedra no estômago de Jules. Lá embaixo, ao leste, a capital está quieta: nenhum som estranho ou indício de problemas. Nada fora do normal depois que o barulho festivo do desfile aquietou. Ela quer ir até Arsinoe e ficar acordada com ela, mas em vez disso fica deitada ao lado de Emilia, descansando caso elas precisem lutar ou fugir. Ela não mencionou o peso que sente no estômago. Emilia apenas diria que é isso que é ser uma rainha.

Jules desliza uma mão para bagunçar o pelo no ombro de Camden. A gata também não está dormindo; sua cabeça está erguida, olhar fixo no ponto em que Arsinoe deve estar.

Jules suspira e ajusta sua posição no chão frio. O saco de dormir de couro não ajuda muito contra a neve irregular.

— Só vá — diz Emilia, grogue.

— O que?

— Só vá até ela. Mas deixe a gata pelo menos, já que você se recusa a me aquecer.

Jules sorri no escuro e aperta o ombro de Emilia. Depois que ela sai da pequena tenda, ela ouve Camden circulando antes de se deitar e fazer Emilia resmungar.

— É você, Jules? — pergunta Arsinoe, e Jules abre caminho pela neve.

— Claro que sim. Ninguém mais gosta de você o suficiente para ficar acordada. — Ela se senta para compartilhar a pilha de gravetos que Arsinoe está usando como banco. — Algum sinal?

— Eu achei que tivesse visto algo… um tempo atrás. Mas nada na estrada lá embaixo.

— Eles podem não pegar essa estrada. Podem vir por outra direção, recuando. Ou surgir detrás das árvores por qualquer lado.

Ela fala em um tom leve, tentando confortar a amiga. Ela tem guerreiros guardando todas as direções; eles saberão quando Billy e os outros voltarem muito antes que eles "surjam detrás das árvores". Mas, até agora, nenhum dos sentinelas fez algum som.

— E se eles não voltarem esta noite?

— Se eles não voltarem até o amanhecer, vamos atrás deles.

— Quem?

— Você e eu.

Arsinoe bufa.

— Emilia não vai gostar disso. — Ela bufa de novo e volta a observar a estrada. — Emilia não gosta de muita coisa.

— Ela gosta de mim — provoca Jules.

— É. Ela definitivamente gosta de você. — Ela se remexe sobre os gravetos. — Você…? — Ela pergunta depois de um momento.

— Eu o quê?

— Nada.

Nada, de fato. Mas Jules sabe o que ela quer perguntar. É a mesma coisa que Emilia quer perguntar. E é mais uma pergunta que Jules não está pronta para responder.

— Eu acho que Joseph iria gostar dela — tenta Arsinoe, finalmente. — Se isso ajuda.

— Por que ajudaria?

— Eu não sei! — Arsinoe dá de ombros. — Só estou dizendo.

Jules a puxa de volta.

— Eu sei o que você está dizendo.

Pensar em Joseph ainda dói. Talvez doa para sempre, embora a dor seja menos aguda e já não a impeça de sorrir. Quando ela chegou a Bastian City pela primeira vez, pensou que nunca mais haveria espaço nela para algo assim. Mas haverá, algum dia. Ela só não sabe se esse espaço será preenchido por Emilia ou outra pessoa.

Antes de que qualquer uma delas possa dizer mais alguma coisa, Jules sente uma puxada de Camden e olha para trás. Emilia acordou e está fora da tenda, e Camden trota na direção delas. O pequeno acampamento subitamente se ilumina com a chama de um fósforo e então com a luz de uma pequena lanterna.

— O que foi? — pergunta Arsinoe, se levantando.

— Cavalos — diz Emilia. — Vindos do sul.

Arsinoe corre na direção da linha de árvores ao sul antes que Jules possa puxá-la.

— Arsinoe! — Jules sussurra e se lança atrás dela, a luz da lanterna as seguindo conforme Emilia e as guerreiras seguem em silêncio. Mathilde as alcança e para ao lado de Jules, graciosa como um fantasma. Quando elas ouvem as passadas subindo a colina, Jules não pode deixar de lembrar da memória da visão de Mathilde. Eles vão voltar. Mas não todos.

— Onde estão os outros? — Arsinoe pergunta quando os dois cavalos param. — Onde ele está?

Duas. Só duas. E nenhuma delas é Billy.

— Tire-as daí — ordena Emilia. — Liberem suas mãos. Tirem as mordaças.

— O que aconteceu? — pergunta Jules.

— Fomos descobertos — Bea fala com os lábios rachados e inchados. Mesmo no escuro, Jules consegue ver que o braço dela é uma ruína de queimaduras e o cheiro da carne queimada permanece. Emilia oferece a ela um odre com água, mas ela sacode a cabeça.

— Eles nos pegaram nos estábulos, na noite antes do desfile. A guarda real e a sacerdotisa que lidera o exército da Rainha Morta-viva.

— Onde estão os outros?

— Mortos. Assassinados nos estábulos. Exceto por nós duas e Billy.

Arsinoe quase cai e Jules a segura.

— Bea, onde ele está?

— Estão com ele. — Seus olhos brilham com arrependimento na direção de Arsinoe. — Estão torturando ele.

— Eu vou matá-la! — grita Arsinoe, e Emilia olha para ela, irritada com o volume.

— Como vocês escaparam?

— Não escapamos. Ela nos deixou ir embora.

— A Rainha Katharine? — pergunta Jules. — Ela deixou vocês irem embora?

— Sim. Rainha Katharine. Ela nos deixou… — Bea se inclina para a frente e vomita. Com a luz da lanterna, Jules consegue ver a neve manchada de vermelho.

Emilia e os outros guerreiros descem quando as duas sobreviventes caem no chão cuspindo sangue.

— Envenenadora! — Emilia chama Arsinoe, mas ela já está lá, segurando a cabeça de Bea para puxar suas pálpebras e abrir sua boca.

— Ela te deu alguma coisa? — pergunta Arsinoe. — Você comeu ou bebeu algo?

— Não. — Os olhos de Bea rolam para a amiga quando a garota para de respirar. — As mordaças. Foram as mordaças.

— Não — Jules ecoa quando Bea fica em silêncio. Aconteceu tão rápido. Elas voltaram. Elas estavam falando.

— Coloque-as nos cavalos. — Emilia se levanta e sua voz é dura. — Tirem a Rainha da Legião daqui.

— Nós não vamos embora — exclama Arsinoe. — Não vamos sem ele! — Ela começa a recuar e Jules salta em cima dela e a segura com força nos braços. — Me solte! Eles o estão torturando!

— Shhh, Arsinoe.

Arsinoe luta com força, mas apesar de ser menor, Jules sempre foi mais forte. Com os braços dela presos, é fácil segurá-la com força. Mais difícil é aguentar o som dos seus gritos. Ouvir o terror horrível na sua voz.

— Se você me fizer abandoná-lo, eu nunca vou te perdoar, Jules! Eu vou voltar no momento em que você me soltar, no momento em que você dormir…

Ela para de falar quando Emilia pega seu rosto entre as mãos.

— Você e Jules vão voltar para Sunpool — diz Emilia e puxa sua espada curta. — Vocês vão. E nós iremos depois.

— Aonde vocês vão? — pergunta Jules. — O que você está armando?

— Eu vou… pegar alguém deles. — Emilia mostra os dentes na luz da lanterna. A expressão nos olhos dela não deixa espaço para discussões.

Assentindo com a cabeça, Jules coloca Arsinoe em cima do seu cavalo preto. Ela sobe atrás e vai embora, de volta para Sunpool, derrotada.

O Volroy

Depois que as prisioneiras são soltas, Katharine deixa o Conselho Negro na sala do trono se deliciar torturando o antigo pretendente e vai para os seus aposentos. Uma vez lá, ela se senta diante de uma mesa cheia de comida trazida pelas criadas, que assumiram que ela estaria faminta depois de um longo dia. Mas o pão macio e denso coberto com manteiga de oleandro e o peixe defumado com teixo ficam intocados. Sozinha, ela respira fundo e se escuta expirar. Não haverá visitas esta noite; Bree e Elizabeth, que às vezes são gentis, não aprovam o tratamento que ela deu ao garoto. E Mirabella – se Mirabella fosse visitá-la, seria para explodir a porta e queimá-la em uma bola de fogo.

Dê ela para nós, as rainhas mortas sussurram. *Na pele dela, nós poderíamos derrotar a névoa.*

— A névoa — murmura Katharine. Mesmo agora ela a sente, como se seu olho estivesse sempre sobre ela, mesmo através das grossas paredes do Volroy.

Com Mirabella, as rainhas mortas poderiam manter a névoa sob controle para sempre. Talvez elas até a pudessem banir de vez e devolver a Ilha ao mundo. O fim do isolamento.

O fim da segurança, Natalia diria.

Katharine fecha um punho quando as rainhas mortas rodopiam em seu estômago, suas línguas escuras a empurrando na direção da tigela com queijo macio de poejo.

Ela sabe que Genevieve quer que ela tome uma atitude com base na informação que ela descobriu, as páginas do diário escritas pelo rei consorte da Rainha Azul. A morte da Rainha Illiann criou a névoa. Mirabella poderia destruí-la. Exceto que, quanto mais Katharine pensa nessas páginas, mais ela duvida delas. Illiann esteve na companhia dessa irmã secreta e perdida durante anos. O pretendente com quem ela se casou foi por recomendação da irmã. Elas pareciam ser… amigas. Família entre rainhas. Impensável, e ainda assim aconteceu entre Mirabella e Arsinoe. E apesar de sua precaução, estava acontecendo entre Mirabella e Katharine.

Katharine franze a testa. Talvez ninguém tenha assassinado a Rainha Illiann. Se ela é pelo menos um pouco parecida com Mirabella, ela provavelmente se sacrificou e pulou.

Dê ela para nós. A enfraqueça. Dê ela para nós.

— A enfraqueça. Eu devo jogá-la na Fenda de Mármore, como fizeram comigo? Não. Não vou.

Dentro da sua pele, as rainhas mortas estão descontentes, e ela sente sua sombra subir pelo pescoço como um hematoma móvel. A pele em seus pulsos e mãos feridas amolece, como se tivesse subitamente mudado de curso, da cicatrização para a gangrena.

— Vocês não podem tê-la — diz Katharine, e ouve o rosnado delas no fundo dos seus ouvidos. — Eu tenho outros planos para ela.

Outros planos?

— Sim. Eu preciso dela para mais do que só a névoa. E eu preciso que ela permaneça… pura.

Dentro dela, elas rolam, tal qual bobinas mortas deslizando como serpentes marinhas sob as ondas. Katharine inspira com força. Não é agradável compartilhar sua pele com elas. Tê-las no seu sangue. É ainda menos agradável quando elas estão bravas.

— Vocês são minhas — sussurra ela suavemente, embora o que ela mais quisesse é que elas se fossem para sempre. — E vocês ficarão comigo. Mas eu vou deixar vocês saírem para brincar.

Mirabella espera até que o castelo adormeça antes de se esgueirar para ver Billy na sala do trono. Ela leva uma tigela de água quente e panos limpos para lavar as feridas. Ela acha que está preparada, mas quando o encontra de joelhos, amarrado ao braço do trono, sua cabeça pendurada e todo seu rosto escuro de sangue, ela percebe que estava errada.

— Eu não sou nenhuma curandeira — diz ela, sua voz trêmula. — Mas vou fazer o meu melhor.

Ela apoia a lâmpada no chão e mergulha uma ponta do pano na água quente e começa a limpar o rosto dele.

— Mirabella. — Ele se afasta. Seus olhos são frios. — Você nos deixou.

— Billy… você precisa saber… o quanto eu não queria fazer isso.

— Mas você fez. E você partiu o coração dela. Eu já te odiaria por isso, mesmo se você também não tivesse partido parte do meu.

Mirabella segue limpando as feridas, embora as palavras doam. Ela toma um cuidado especial em volta das amarras, não apenas porque o veneno nelas causou feridas delicadas como bolhas finas, mas porque se ela as tocar, ela também terá feridas. E então Katharine vai saber com certeza que ela esteve lá.

— Eu pensei em Arsinoe tantas vezes. E em você. Como eu queria que vocês estivessem a salvo. Como eu queria que não estivéssemos longe.

— Então por que você foi embora? — Ele faz uma careta quando se move. Ele passou tanto tempo em uma posição contorcida. Ela passa seus braços por baixo do peito dele e o ajuda a erguer o peso, colocar suas pernas em uma posição mais confortável. — Ah. Assim está melhor. — Ele se inclina para trás, encosta a cabeça na beirada do trono. — Então, por que você foi embora?

— Billy… eu não era útil lá. Não para Arsinoe, nem para ninguém, escondida por Emilia e Mathilde.

— Você era útil para mim. E quanto à Arsinoe, você não pode fingir que não sabe o quanto ela precisa de você.

— Eu sinto muita falta da minha irmã. — Mirabella aperta os lábios. — Mas eu tinha outra irmã. Aqui.

— Então é isso? — pergunta ele. — Você realmente se voltou contra nós.

Mirabella fecha os olhos. Como ela queria poder contar tudo a ele. Que há algo errado com Katharine. Que ela precisa descobrir o que é e por que a névoa é atraída por ela. Mas se ele soubesse, só seria mais informação para arrancar dele sob tortura.

— Eu só posso te dizer que nunca vou estar contra Arsinoe. E ainda sou sua amiga.

Ele olha para ela com esperança, através de olhos que estão quase fechados, seja por causa do veneno ou os chutes das guardas.

— Então você vai me tirar daqui? Vai me soltar?

— Eu queria poder fazer isso. Mas não posso. Não ainda. Por favor, entenda — diz ela quando a cabeça dele cai. — Eu queria que isso não estivesse acontecendo com você. Eu queria que você não tivesse vindo.

— Mas está. E eu vim. — Para a surpresa dela, apesar de todos os seus hematomas, ele sorri. — Eu acho que senti sua falta.

Com essa gentileza inesperada, Mirabella cai no choro.

— Mas eu bem que preferia ter te encontrado em outro lugar — ele acrescenta, e as lágrimas dela viram uma risada.

— Eu também senti sua falta.

— Você viu Arsinoe? — ele pergunta suavemente.

Mirabella espia por cima do ombro, para ver se alguém escuta. Não há guardas à vista, mas eles precisam tomar cuidado para que suas vozes não ecoem pelo corredor.

— Eu nunca fiquei tão feliz em ver alguém como quando ela apareceu de trás daquela tapeçaria.

— Eu não consigo acreditar que ela fez isso — diz Billy. — Eu devia saber. Ela consegue fazer qualquer coisa.

— Quer ela devesse ou não. — Mirabella pega o pano molhado e esfrega o sangue seco do maxilar dele; ela o pressiona contra o inchaço na bochecha. — Sinto muito pelo seu pai. Elas me contaram o que aconteceu quando eu cheguei.

Ele assente.

— Eu o detestava — diz ele. — Mas eu ainda achava que ele era imortal. Mira, se eu não sair daqui, você escreve para minha mãe e Jane?

— Claro que sim.

— A vida delas vai mudar tanto sem eu e meu pai. — Lágrimas escorrem dos cantos dos olhos dele, e ela as seca tão rapidamente quanto surgem. — Você precisa me tirar daqui, Mira. Eu não pertenço a esse lugar.

Ela beija o rosto dele e sua testa suada.

— Você vai ver Arsinoe outra vez. Você vai vê-la antes mesmo de mim. E quando a vir, você vai dizer o quanto eu a amo. E como eu nunca a traí.

— Mira, por favor!

Ela o beija de novo, com a maior força que ela ousa. E então ela se vai.

O Volroy

Em algum momento da noite, uma guerreira rebelde saqueia Greavesdrake Manor. Edmund, o leal mordomo de Natalia, diz que a guerreira saiu das sombras, como se ela mesma fosse uma sombra, e voltou a elas com a mesma facilidade. Os criados que não estavam dormindo rapidamente se viram amarrados a cadeiras ou presos dentro de seus quartos. A cuidadora de Pietyr foi nocauteada com um golpe atrás da cabeça. Quando a pobre garota voltou a si, ela não conseguia se lembrar de nada do que havia acontecido. Mas a cama no quarto de Katharine estava vazia. Pietyr Renard tinha sumido.

— Como isso é possível? — pergunta Katharine. — Como ela ousou? — Chocada, ela senta na cabeceira da mesa do Conselho Negro. Ela convocou todos eles para a câmara. Até mesmo Mirabella. Até mesmo a velha Luca, de seus aposentos no templo, e agora a sábia Alta Sacerdotisa está sentada ali, tão inútil quanto o resto de seus conselheiros, parecendo ter sido acordada de um sono muito profundo.

Katharine passa a mão pela madeira enrugada da mesa, tentando permanecer calma. Mas ela gostaria bastante de remover sua luva e abrir buracos na superfície até as unhas que ela ainda tem estarem partidas e sangrentas. Dentro dela, as rainhas mortas fervem. Pietyr era delas, elas sussurram. E ninguém tinha o direito de levá-lo.

— Calem a boca!

Todos se assustam quando Katharine bate seu punho na mesa.

— Minha rainha — Primo Lucian tenta mansamente —, ninguém falou.

— Ninguém falou — diz Katharine. — Porque ninguém nunca fala quando eu preciso. — Ela respira fundo enquanto eles piscam para ela. Renata, Paola, Bree e Lucian parecem com medo. Genevieve e Antonin, cansados e apreensivos. De todas as pessoas na sala, a única que demonstra alguma simpatia é Mirabella. Mirabella que, de certa forma, causou tudo isso.

— Você sabia que Arsinoe era capaz disso? — pergunta Katharine, se virando para a irmã. — Eu achei que você tivesse dito que ela tinha um bom coração. Eu achei que você tivesse dito que ela não era desonesta.

— Eu nunca disse que ela não era desonesta — diz Mirabella, e Katharine não sabe se a escuta ou a esgana. — Embora eu duvide que ela ou qualquer um fosse tentar algo assim se

você não tivesse feito Billy prisioneiro. E mesmo assim, não parece a cara dela. Parece muito…

— Tático — diz Rho. — Ela ao mesmo tempo te deixou de mãos atadas e te trouxe para a mesa de negociação. Isso não foi ideia da naturalista impulsiva. Isso foi a dádiva da guerra. Esse plano é da Rainha da Legião.

— A dádiva da guerra — sussurra Katharine. — Eu quero o exército reunido. Agora.

— Quantos soldados? — pergunta Antonin.

— Todos eles. Eu quero meu exército pronto para marchar.

Ninguém se move para obedecê-la. Eles olham de um para o outro.

— A jornada em torno da montanha levaria várias semanas — Rho diz. — Talvez mais, na neve alta dos vales do norte. Quando chegarmos até eles, estaremos cansados e com frio. Congelados e com poucos suprimentos, enquanto eles estarão instalados e fortificados. Nós não temos navios para transportar essa quantidade de soldados por água e ninguém vai arriscar os mares com a névoa, de qualquer forma. — Ela aponta para Mirabella. — Nem mesmo se a amarrarmos em um dos mastros.

— E lembre-se. — Genevieve se inclina para a frente. — A Rebelião não vai machucá-lo. Não enquanto tivermos o pretendente. O que parece uma perda é, na verdade, um impasse.

Katharine range os dentes.

— Não vamos marchar para Sunpool.

— Então — pergunta Luca. — Onde?

— Nós vamos marchar para Bastian City. — Katharine empurra sua cadeira para trás e se levanta. — Para a cidade dos guerreiros. Nós vamos marchar para lá agora. E assim falou a Rainha Coroada! — ela grita, furiosa por ter que acrescentar isso.

— Sim, Rainha Katharine — diz Antonin.

— Saiam, todos vocês. — Ela acena com a mão. — Deixem-me sozinha com a minha comandante.

Um por um, eles se levantam e seguem rapidamente para fora da câmara. Mirabella é a última a ir embora e quando ela o faz, cruza silenciosamente por trás.

— Ela não vai machucá-lo — diz ela, baixinho. — Eu tenho certeza disso, Kat.

Katharine fecha os olhos. Ela quase se inclina para trás e aperta a mão da irmã. Em vez disso, ela grunhe nas profundezas da sua garganta.

— É melhor você estar certa.

Depois que Mirabella se vai, Rho se levanta e vai para o lado de Katharine. Ela não precisa ouvir o que vai acontecer. Ela aceita o presente das rainhas mortas como se aceitasse um beijo.

Katharine permite que mais rainhas saiam dela dessa vez do que deixou na anterior. Mas uma vez dentro de Rho, elas sangram menos para fora dela. Elas escurecem seus olhos e dão volume aos seus ombros. Mas exceto por um pequena saliência de veias escuras no pescoço, Rho ainda parece Rho.

Até que ela sorri.

— Você está se acostumando com isso — diz Katharine.

— Sim.

— Bom. Então leve meu exército. Vá para Bastian City e destrua a cidade.

Quando Rho sai da câmara do Conselho Negro, Luca está esperando por ela no corredor.

— Ela te mandou ir e portanto você deve ir — diz Luca, andando ao lado de sua velha amiga. — Mas tome cuidado. Os guerreiros podem estar em número menor, mas ninguém melhor do que você para saber do que a dádiva da guerra é capaz.

— Não se preocupe, Luca. Tudo dará certo.

Luca espia a sacerdotisa grande com o canto do olho. A dádiva da guerra já está sobre ela. Ela muda seu andar e o peso dos seus ombros. Torna sua voz mais grave e áspera. Quando ela tenta olhar mais perto, Rho se afasta.

— Pare e olhe para mim — diz Luca. — Isso não é um pedido.

Com relutância, Rho obedece e se vira na direção da Alta Sacerdotisa. O que Luca vê nos olhos da guerreira a enche de horror. Mas ela não demonstra.

— Essa Rebelião trouxe à tona outro lado seu, Rho. Você prosperou com ela. Nenhuma rainha na história da Ilha já teve uma comandante melhor.

— Obrigada, Luca.

A Alta Sacerdotisa assente.

— Você ganhou mais estima da Rainha Coroada do que qualquer um teria adivinhado. E a armadura prateada não parece tão estranha em cima das suas vestes de sacerdotisa quanto eu pensei que pareceriam.

Para desgosto de Luca, Rho curva os lábios com desprezo.

— Fale claramente.

— Muito bem — diz Luca. Rápida como uma cobra dando o bote, ela agarra um dos pulsos de Rho e o ergue. — Está vendo esses braceletes pretos que você usa? Eles são tão permanentes quanto a coroa que eu coloquei na cabeça dela. — Ela solta. — E você não deve se esquecer disso.

Rho baixa a cabeça. Ela assente. E então vai seguir as ordens da rainha, seus passos rápidos demais para que Luca possa alcançá-la.

Sunpool

Arsinoe sai pelo portão principal e encontra seu urso cercado por pessoas da cidade. Enquanto estavam fora, Caragh usou sua dádiva para chamá-lo para perto e agora ele está do lado de fora das muralhas esperando por refeições fáceis e alguns carinhos dos que têm coragem de tentar. Quando as pessoas a veem chegando, elas se curvam e voltam para cidade, deixando o urso para sua rainha.

— Vamos para a floresta, menino? — pergunta ela, mas Jules e Camden a alcançam antes que saiam da estrada.

— Podemos ir com vocês? — pergunta Jules. Ela tem um enorme peixe prateado nos braços e sua puma trotando ao lado, olhando para o peixe com olhos estreitos e felizes.

— Tudo bem — diz Arsinoe. Elas andam em silêncio pela neve. Quando chegam à encosta de uma colina longe o suficiente, Jules joga o peixe no chão e deixa que o urso e a puma decidam quem ganha qual ponta.

Observando os dois – Camden agachada, com o rabo agitado, e Braddock sobre as quatro patas com sua cabeça se movendo como a de um passarinho –, Arsinoe quase sorri. Mas não é nada bom estar de volta em Sunpool sem Mirabella. Não é nada bom estar em Sunpool com Billy feito de refém.

— Você conseguiu descansar?

— Um pouco — responde Arsinoe.

— E comer alguma coisa?

— Bastante.

— Você vai passar mais um dia brava comigo?

— Eu vou ficar brava com você pelo tempo que eu quiser — Arsinoe estoura. — Você não pode me arrastar para fora dos lugares.

— Às vezes eu preciso. Quando você está chateada, você nem sempre pensa com clareza.

— Você é que tem a maldição da legião com a dádiva da guerra. Mas sou *eu* que não penso com clareza.

— Isso não é justo.

— Bem, o que é? — Arsinoe cruza os braços. — Eu não consigo parar de pensar no que Katharine está fazendo com ele. Eu nunca devia ter voltado para cá.

— Eu não pedi para você fazer isso.

— Eu sei!

— Mas fico feliz que você tenha voltado. — Jules estica a mão e tenta puxar a manga de sua roupa. — Eu sinto muito por Billy. Vamos recuperá-lo.

— Como? — pergunta Arsinoe. Mesmo que eles consigam, não vai ser rápido o suficiente.

Antes que Jules possa responder, um assobio familiar corta o ar, e Emilia, Mathilde e os guerreiros surgem acima das colinas.

— Eles voltaram — diz Jules, aliviada, enquanto elas correm para a estrada. Emilia quase passa com seu cavalo por cima deles antes de freá-lo. Seu rosto está em chamas, cabelo escuro solto e descontrolado pela primeira vez na vida. Jules coloca a mão no ombro do cavalo.

— Vocês voltaram — diz ela, ofegante, quando o cavalo se aquieta. — E não perderam mais ninguém. Eu fiquei preocupada que você fizesse algo estúpido.

— Quem disse que ela não fez? — Mathilde pergunta e desmonta para cumprimentar Arsinoe, o urso e a felina.

Arsinoe conta rapidamente o grupo. Todos os guerreiros, exceto os que caíram no ataque ou envenenados por Katharine, estão presentes. Mas há três corpos enrolados em cobertores e jogados por cima do lombo dos cavalos. Dois devem ser Bea e a outra guerreira envenenada. O terceiro está jogado na frente da sela de Emilia.

— Se vocês estão todos aqui, então quem é esse? — Arsinoe aponta para o corpo. Ela vê Billy em sua mente, perdido e envenenado no escuro, caindo ao lado da estrada, tentando voltar para ela.

— Veja por você mesma — diz Emilia, e desliza o corpo para fora do cavalo.

Jules se ajoelha ao lado dele e cuidadosamente puxa o cobertor que cobre o rosto.

— Boa Deusa.

— O quê? Quem é? — Arsinoe corre até ela e puxa Jules pelo braço. Mas o corpo não é o de Billy. O garoto deitado na neve, enrolado em um cobertor, não morto, mas certamente não consciente é Pietyr Renard.

— Ela levou nosso garoto — diz Emilia sorrindo. — Então nós pegamos o dela. Eu disse que ia arrumar as coisas.

Greavesdrake Manor

Mirabella respira fundo quando chega a Greavesdrake Manor. Por pedido da rainha, ela pegou a carruagem para oeste de Indrid Down, passando pelas colinas que levam à propriedade dos Arron. Embora os Arron raramente fiquem lá atualmente. Nem mesmo Genevieve.

Seus olhos sobem para o céu, para a enorme fachada de tijolo vermelho e o telhado preto pontudo. Tanta grandeza. Um peso tão sólido, monumental. Quando ela anda até os degraus da frente, sente a casa observando, cada janela vazia um olho com pálpebras de cortina. Ela quase puxa o capuz da capa para se esconder.

A porta se abre antes que ela possa bater. Um mordomo em um elegante blazer preto e colete cinza se curva para cumprimentá-la. Há um escorpião verde preso em sua lapela, mas não um verdadeiro, graças à Deusa.

— A Rainha Katharine mandou me chamar.

— É claro. — Ele dá um passo para o lado e ela entra no hall, seus saltos ecoando no mármore. — A rainha está em seus antigos aposentos.

Seus antigos aposentos, onde Pietyr Renard foi mantido durante sua longa doença. E agora, os aposentos de onde ele foi sequestrado.

Mirabella estica o pescoço para ver melhor o rosto do mordomo. A sombra de um hematoma desbotado marca sua maçã do rosto.

— Deve ter sido assustador quando os guerreiros atacaram.

— Guerreiras — diz ele. — Eu só vi uma. E sim, ela era amedrontadora.

Ela o segue pelo hall e através de várias portas abertas. Greavesdrake é grandiosa demais para assimilar. Os olhos dela sobem para o trabalho dos tetos altos e das janelas, para o papel de parede de veludo. Ela ouve seus passos mudarem do chão de mármore para a madeira escura e polida. Cada mesa está posta como se pronta para ser pintada: ornamentados candelabros de ouro e bandejas brilhantes cobertas com sinistras joias vermelhas. Sem dúvida as joias são substituídas por frutinhas venenosas quando é a época delas.

— Que lugar lindo para se crescer — ela comenta, embora queira dizer exatamente o oposto. Greavesdrake Manor é opulenta e ameaçadora. Bem parecida com os próprios envenenadores.

— Eu poderia te contar muitas histórias sobre a jovem rainha. Quem sabe depois que você for dispensada, eu a leve até a biblioteca. Era o esconderijo preferido da Rainha Katharine. Nas estantes. Atrás das cortinas. Nós a perdíamos lá por horas, protegida atrás de uma fortaleza de livros.

— Uma fortaleza de livros — diz Mirabella. Ela imagina a pequena Katharine empilhando volumes para criar uma cuidadosa torre curva. E então lendo até sair dali.

A pequena Katharine. Que se foi assim como a pequena Mirabella se foi, e o quanto ela sente falta delas. Como todas as mulheres devem sentir falta dessas garotinhas, relegadas à sombra quando crescem.

Ele leva Mirabella por uma longa escada, que dá vista para a galeria central e um grande salão, e por um corredor antes de parar em frente a uma porta aberta.

— A rainha a espera — ele diz e se curva. — Eu me chamo Edmund, caso precise de algo.

Mirabella assente e entra no quarto. Parece intocado. Nada derrubado ou revirado. Emilia – deve ter sido Emilia –, pois não deixou rastros.

Ela entra mais, passando por belas mesas e um divã de seda listrada. Os criados mantiveram muito bem o espaço. Mas ele ainda tem um cheiro. Azedo e velho. O cheiro de um corpo que caiu em desuso. Quando ela chega à entrada do quarto, ela vê Katharine ao pé da cama.

— Katharine?

— Sim, sim, entre.

Katharine parece distraída. Ou talvez apenas chateada. Quando Mirabella vai se juntar a ela, ela não consegue deixar de lembrar: foi aqui que Pietyr foi encontrado depois do que quer que tenha acontecido com ele. E talvez, o que quer que tenha acontecido, tenha deixado uma marca para trás.

Ela observa as paredes e os móveis, sem saber o que está procurando. Mas não faz sentido. Luca disse que Pietyr poderia contar a ela o que há de errado com Katharine. Mas só se ele estivesse consciente. E aqui.

— Obrigada por vir.

— Claro — diz Mirabella. — Embora eu não saiba como posso ajudar. Você pretende me mandar de volta para a Rebelião? Tentar convencê-los a soltá-lo?

Katharine olha para ela como se ela fosse uma tonta.

— Claro que não.

— Então o que você quer que eu faça?

— O que eu vou fazer? — pergunta Katharine. — A rainha em mim diz que eu não deveria fazer nada. Que Pietyr estava como morto há meses e seu corpo… sua casca… não vale qualquer risco.

— Mas?

— Mas eu cavalgaria até lá esta noite se pudesse. Pegaria o cavalo mais rápido do estábulo e galoparia pela passagem congelada. — Ela parece exausta. E menor, de alguma forma, como se as constrições da coroa tivessem sumido, ali, em seu quarto de infância. — Havia rebeldes na minha cidade. Guerreiras, que vieram aqui, para a propriedade dos Arron, e roubaram a coisa que eu mais amo. Que tipo de Rainha Coroada eu sou, Mirabella, se ousam fazer isso?

Mirabella franze a testa. Ela olha para o chão, para os cantos escuros, buscando por algum tipo de pista. Nada – até que seu olhar se fixa em um tapete brilhante e feio.

Mas não é realmente um tapete feio. Como todas as coisas em Greavesdrake, ele é muito caro, feito com seda creme. Mas não parece pertencer ao quarto. Como se fosse novo. Ou

trazido às pressas de um outro quarto.

— Mas ele não está perdido, Katharine, não ainda — diz Mirabella e discretamente passa por trás dela. Ela cutuca a ponta da seda. O que ele estaria escondendo? Um alçapão? Uma runa entalhada? Quando ela levanta mais dele com o pé, a madeira abaixo parece mais escura. Manchada.

— Mirabella?

Mirabella deixa o tapete cair, mas é tarde demais.

Katharine aperta os olhos.

— Saia daí.

— Eu só estava…

— Eu sei o que você estava fazendo!

— Acho difícil acreditar nisso — diz Mirabella. — Considerando que eu não sei.

— Eu vim aqui te pedir… e imediatamente te pego revirando meu quarto.

— Me pedir? O que você queria me pedir?

— Algo que exige confiança.

— Então peça. — Mirabella abre as mãos. — Peça por confiança. Conquiste-a. Ou você só sabe exigir? Depois que uma rainha ganha sua coroa ela perde a capacidade de pedir as coisas?

Os lábios de Katharine se contorcem com sarcasmo. Mas ele some tão rapidamente quanto antes.

Eu não tenho medo dela hoje, Mirabella percebe.

— Desde que cheguei à capital — ela diz —, eu fiz tudo que era esperado de mim. Eu enfrentei a névoa. Eu não contatei ninguém da Rebelião. Nem mesmo nossa irmã. E eu não te contradisse, embora devesse. É uma desgraça como você está tratando Billy.

— Você tem o coração mole como os continentais. Eu tinha tantos planos para você, Mirabella. Tantas esperanças.

— Que planos, Kat? Além da névoa?

— Você me chama de Kat às vezes. — Katharine aponta com a cabeça para a cama vazia. — Como ele fazia. Você é muita coisa, você sabe. Encantadora demais. Poderosa demais. Até bonita demais. Seria fácil desconfiar de você, se você não fosse também boa demais. Eu acho que estou me lembrando de você. Como Arsinoe lembrou. Talvez seja por isso que nos mantêm separadas: para nos separar das nossas memórias. Nos separar umas das outras. Eu te contaria a verdade agora. Mas eu tenho medo.

— Há uma coroa marcada para sempre na sua cabeça — diz Mirabella baixinho. — O que você tem a temer?

Katharine a toca, a faixa preta esticada sobre sua testa.

— Luca é tão astuta. Até Natalia ficou impressionada. Elas pensavam em mim como uma menina tola. Uma criança, que deve ser controlada. Elas ainda pensam assim.

— Reinar como uma rainha é também ser comandada pelos interesses das pessoas. Da Ilha.

— É pelo interesse deles que eu falo agora — diz Katharine. — É pela Ilha que eu vou te contar a verdade. Na noite da Aceleração, Pietyr me jogou na Fenda de Mármore. Eu quase morri.

— Ele te jogou? Mas… ele não te ama?

— Pietyr me ama. Ele estava confuso. E de certa forma foi uma sorte, porque foi na Fenda de Mármore que eu fui encontrada. Pelas rainhas mortas.

— As rainhas mortas?

— As irmãs que perderam em suas Ascensões e cujos corpos foram jogados no coração da Ilha. Elas me acharam. Me curaram. E se juntaram a mim para que eu pudesse ganhar.

— *Ela está cheia de mortas* — sussurra Mirabella.

— Uma história impossível, eu sei.

Mirabella pensa em todas as coisas estranhas que viu Katharine fazer. A forma como ela não sente frio. Sua habilidade sobrenatural com facas e bestas. Como ela devora veneno tendo uma dádiva naturalista.

— E elas estão com você? — ela pergunta. — Agora?

— Não agora — diz Katharine. — Ou não todas. Eu as mandei para fora. Foi isso que aconteceu com Pietyr. Eu as mandei para ele, por engano. — Ela aponta para o tapete sob os pés de Mirabella. — Essa mancha a respeito da qual você estava tão curiosa. Ele estava tentando bani-las. E eu as deixei sair. Eu nem sabia que podia. E agora elas gostaram. Elas procuram novos hospedeiros. Elas querem você.

— Não. — A pele de Mirabella se endurece ao pensar nisso. Sua dádiva elemental se ergue para defendê-la e o ar vibra com eletricidade. — Se é isso que você está pedindo, eu nunca vou permitir.

— Nem eu. Você é poderosa demais, como eu disse. Se as irmãs mortas controlarem você, ninguém poderá impedi-las. Nem eu. Nem a névoa.

— Então qual o seu plano para mim? — pergunta Mirabella. — O que você quer?

— Eu quero que você me ajude a me livrar delas. Eu quero que você seja minha irmã mais velha. E eu preciso de você, para me ajudar a continuar a linhagem.

Lentamente, Katharine estica o braço e pega a mão de Mirabella. O toque dela é diferente – seus dedos estão quentes hoje, mesmo com as luvas – e Mirabella os enrosca nos seus sem hesitar.

— O que aconteceu comigo… — diz Katharine, suas palavras hesitantes e envergonhadas —, por estar carregando as mortas por tanto tempo… tornou-se impossível que eu tenha as próximas trigêmeas. As luvas que eu uso não são por estilo. São para evitar que eu machuque as pessoas ao tocá-las. Para evitar que minha pele envenene alguém por acidente. Eu estou… comprometida.

— Kat — diz Mirabella e baixa os olhos.

— Depois que Nicolas morreu, Pietyr e eu tememos que meu reinado seria o último. Mas a linhagem das rainhas não é tão reta quanto nos levam a acreditar. Houve outros métodos usados para manter a linhagem. Métodos não tradicionais. E agora que você está aqui…

Mirabella ergue os olhos. Os de Katharine estão cheios de esperança.

— Você quer que eu tenha as trigêmeas — diz Mirabella, ofegante.

— Sim — diz Katharine. — Eu preciso que você garanta que as rainhas de Fennbirn não terminem comigo.

Katharine observa Mirabella. Sua bonita irmã nunca aprendeu a esconder suas emoções. Ela está com medo, confusa, chocada.

— Eu não sei o que dizer.

— Talvez eu tenha contado demais.

— Pelo menos agora eu sei — diz Mirabella. — Por que a névoa se ergueu. Por que ela busca você.

— Você não sabe disso. Ela pode ter se erguido em oposição à Jules Milone, à maldição da legião…

— Katharine! — A repreensão de Mirabella é um sussurro febril. — Você reina ao lado das mortas!

— Rainhas mortas — corrige ela. — Que tinham tanto direito à coroa…

— Elas podiam ser rainhas, mas apoiá-las não seria diferente de apoiar o levante dos rebeldes. Elas perderam. Nem a Rainha da Legião nem rainhas mortas-vivas foram feitas para reinar.

— Então você não vai fazer? — Katharine se encolhe. Ela quase consegue ouvir o Conselho Negro rindo dela, até mesmo Pietyr, por pensar que sua irmã ajudaria.

— Eu não vou me aliar a elas — diz Mirabella. — Mas eu também não vou virar as costas para você. Você é elas, Katharine. E você é diferente quando elas estão quietas. O menino no píer… Madrigal Milone…

— Sim. Elas guiaram minha mão. Elas ficam mais fortes. Mais ousadas. Quando elas se impõem, às vezes é como se eu fosse usada. Como se elas vestissem minha pele.

— E elas querem me vestir?

Katharine assente.

— Você é o hospedeiro que elas desejam. Em você, elas seriam incontroláveis.

— E você… — Mirabella aperta os olhos como se não conseguisse acreditar. — Você… as colocou… em Rho? Como ela aguenta?

— Ela estava disposta. Eu não a forcei. Se tivesse forçado, ela teria acabado como Pietyr. Rho é forte, elas devem ficar felizes com ela, por um tempo.

— Mas só por um tempo — diz Mirabella com pesar. — Para ficar, elas precisam de uma rainha. — Quando Mirabella olha para ela de novo, Katharine se esforça para não se remexer de nervoso. — *Você* não estava disposta — ela diz.

— Não. Eu estava enfraquecida. A queda. Eu devia ter morrido. É como elas conseguiram entrar. O hospedeiro deve estar disposto, ou enfraquecido até quase morrer.

— Katharine.

Katharine se lembra desse tom. Ela se lembra dessa voz de muito tempo atrás. Mesmo naquela época, Mirabella, a mais velha por menos de uma hora, já havia aperfeiçoado essa mistura de exasperação, decepção e simpatia. Faz Katharine se sentir como se tivesse sido pega com seu dedo em uma torta. A faz se sentir protegida.

— Eu queria não precisar te pedir isso, acredite em mim — diz ela. — Para ter as próximas trigêmeas. Eu espero não ter feito você se sentir como uma égua.

Mirabella arqueia a sobrancelha e ri de leve.

— Se eu não tinha me sentido assim antes, me sinto agora. — Ela suspira. — Eu não posso te dar uma resposta, Kat. Não ainda.

— Há muito que pensar, eu sei.

— É mais que isso. São tantas rainhas antigas que voltaram. Para você e para Arsinoe. Talvez até para mim, como a névoa. Antigas rainhas para as novas.

— Rainhas vivas ou mortas — sussurra Katharine, e os olhos de Mirabella lampejam para os dela.

— Sim — diz ela, pensativa. — Rainhas vivas ou mortas.

Os dois prisioneiros

Sunpool

Arsinoe acorda coberta de suor e chuta os cobertores para longe. Faz muito tempo que ela ganhou as cicatrizes no rosto e elas estão completamente curadas. Mas o suor ainda as faz coçar.

— Pesadelo?

Jules e Camden estão deitadas no chão perto dela, Jules de lado, sua cabeça apoiada em um cotovelo, sua outra mão preguiçosamente acariciando as costas da gata.

— Que você está fazendo aqui?

— Eu estava dormindo. — Jules aponta com a cabeça para mais dois volumes no chão. — Como o vovô e Luke.

Arsinoe pisca. Ellis e Luke estão dormindo, roncando suavemente sob seus cobertores e Familiares: o spaniel branco, Jake, aninhado entre os pés de Ellis e Hank, o galo, dando estalos pacíficos sobre o peito de Luke.

— Você não se lembra?

Arsinoe esfrega os olhos.

— Eu me lembro de todo mundo comemorando no grande salão, e então nós viemos para cá e Luke trouxe mais cerveja.

— Bem mais cerveja — diz Jules, fechando os olhos. — O quarto ainda está girando.

Toda Sunpool celebrou a captura de Pietyr Renard. Mathilde até praticou seus talentos de barda e cantou a história da captura dele. Foi uma boa história. Emilia invadindo Greavesdrake Manor e correndo silenciosamente pelos corredores, incapacitando criados com o cabo da sua adaga. Então puxando Pietyr Renard da cama da rainha. Ela só o jogou por cima dos ombros e o carregou para fora. Com ele inconsciente, ela disse que foi como sequestrar um tapete enrolado.

— Com o que você estava sonhando? — pergunta Jules.

Arsinoe franze a testa. Ela sonhou que havia recebido um pacote de Katharine. Mas ela estava com medo demais para abri-lo. Ele tinha um embrulho bonito, em papel azul e um laço preto, mas ela sabia que se abrisse, ela encontraria Billy. Morto, contorcido ou em pedaços.

— Nada. Eu não me lembro.

— Há quanto tempo eu te conheço? — pergunta Jules.

— Quê?

— Há quanto tempo?

Arsinoe suspira.

— Desde que tínhamos seis anos.

— Desde que tínhamos seis anos — repete Jules. — E você acha que eu não sei quando você está mentindo?

Arsinoe se levanta. O sonho a deixou arrepiada. Ela deseja bacon crocante e gorduroso e ovos fritos na mesma panela.

— Eu acho que você me conhece tão bem que não importa se eu estou mentindo ou não. Você sabe sobre o que eu estava sonhando mesmo assim.

Jules aperta os lábios, mas ela também se levanta, satisfeita. Então ela se curva em duas.

— Você bebeu bem mais cerveja que eu; como você está tão bem?

— Metabolismo de envenenadora. — Arsinoe dá um tapinha na barriga. — Precisa de bem mais que isso para me dar uma dor de cabeça.

— Preciso dormir mais. Vá sem mim.

Arsinoe deixa o quarto, tomando cuidado para não perturbar os homens adormecidos, o cachorro e o galo. Ela chega ao grande salão e encontra uma bagunça: garrafas viradas derramando vinho e cerveja sobre mesas, poças no chão, pedaços meio comidos de pão aqui e ali, além dos ossos de uma ave assada. Há muitas pessoas também que não chegaram até suas camas e se deram por satisfeitas com um banco ou uma cadeira reclinada.

— Você vai ter que se servir.

Emilia está sentada a uma mesa sozinha sob a sombra oblíqua da manhã.

— Eu não te vi aí. É algum truque de guerreira?

— Ficar invisível? — Emilia sorri. — Esse seria um ótimo truque. Aqui. — Ela empurra seu prato de comida pela mesa. Está um pouco comido, mas ela deve ter pegado coisa demais na cozinha, porque ainda há muito sobrando. — Acho que somos as únicas pessoas acordadas na cidade inteira.

— Se isso é verdade — diz Arsinoe, pegando um pouco de batata frita —, então quem fez a comida?

— Onde está Jules?

— De ressaca. Voltou a dormir.

— Ela me trocou por você ontem à noite. — Emilia sorri maliciosamente. — Como sempre.

— Eu não pedi para ela escolher. — Arsinoe pega um garfo e engole um ovo, ainda bom, mesmo frio. — Mas se tivesse, ela teria me escolhido.

— Por ora.

— Por… — Arsinoe a cutuca com o garfo — … sempre.

É estranho discutir com Emilia por causa de Jules assim. Ela não gosta de Jules como Emilia gosta de Jules. Ela sabe que é diferente. Mas ela não consegue não se sentir possessiva.

Possessiva por quem? Ela se pergunta. *Eu estou guardando Jules para mim ou para o fantasma de Joseph? Não devia ser uma decisão de Jules, a hora de deixá-lo ir?*

Deveria ser. E será. E talvez quando ela o fizer, as coisas entre Arsinoe e Emilia terão que mudar. Arsinoe aperta os olhos para ela entre mordidas na comida, e Emilia lhe dá uma piscadela com ar de superioridade. Ou talvez não.

— Onde está o refém?

— Na casa dos Lermont, sob a proteção e a guarda dos videntes. Mathilde está lá com ele.

— Na casa dos Lermont? — pergunta Arsinoe. Há muito tempo, o castelo era a casa dos Lermont. Mas com seus números diminuindo, ele foi abandonado por uma grande mansão branca no canto sudoeste da cidade. — Por que não deixá-lo sob guarda aqui?

— Pessoas demais entram e saem do castelo. A casa dos Lermont é tranquila. Mais fácil de vigiar. Embora eu não saiba que utilidade ele vai ter como refém ou quem iria querer roubá-lo. Ele não se move nem fala. Nós sequestramos um corpo morto. Não serve muito para proteger seu Billy se Katharine se conformar com isso.

Arsinoe para de comer.

— Katharine jamais…

— Você acha que não? Ela é a rainha agora. Ela não tem tempo para bobagens como um primeiro amor. Se eu estivesse no Conselho Negro, é o que eu a aconselharia a fazer.

— Então você acha que ela vai matar Billy de qualquer forma.

— É o que eu temo. — Ela olha séria para Arsinoe. — Mas eu sinto muito, Arsinoe. Eu tentei.

Rapidamente, Arsinoe come o resto da sua comida. Ela limpa sua boca com a manga da blusa. Emilia de fato tentou. E Arsinoe não vai deixar esse esforço ser em vão.

— Onde você está indo? — pergunta Emilia.

— Eu vou acordar Pietyr Renard.

Arsinoe nunca esteve na casa dos Lermont. Ela a viu, porém, ao passar por lá em negócios daquele lado da cidade. O melhor açougueiro fica a menos de três quadras de distância, aonde ela vai com frequência pegar restos para Braddock, Camden e os outros Familiares. Mas parada em frente ao portão, ela se sente deslocada. É cedo, até para os que não passaram a noite celebrando, e os Lermont são a família mais importante de Sunpool. Quem é ela para invadir a casa deles?

Enquanto ela junta coragem para marchar até a entrada de pedras, a porta da frente se abre e um homem sai. Ela o reconhece como sendo Gilbert, o oráculo que previu a oportunidade para o resgate de Mirabella. Ela se lembra da forma como os dedos dele quebraram a superfície do vinho de vidência como se fosse sangue, e agora, depois de quão errado as coisas deram na capital, vê-lo traz um gosto amargo para a boca dela.

— Olá — diz ela. — Você previu que eu viria?

— Não. Mas eu te vi parada no meu portão.

— É claro.

Ela vai até as pedras cinzas para apertar a mão dele, mas ele as mantém cruzadas e em vez disso se curva de leve. Então ele entra e a recebe em sua casa. Ao entrar, ela se esforça para não ficar boquiaberta. Os oráculos têm uma reputação tão enigmática. Mas o interior da casa Lermont é como qualquer outro. Não há runas estranhas pintadas nas paredes, nada de ossos ou contas pendurados no teto. A loja de artigos esotéricos que ela encontrou no continente parecia mais estranha. A única coisa que distingue a casa dos Lermont, até agora, é um pequeno pedestal de mármore perto da janela da sala de estar.

— Você usa aquilo para previsões? — ela solta, então encolhe os ombros como que pedindo desculpas.

— Sim — responde Gilbert. — Embora seja mais fácil usar os que estão no jardim das visões. Aqui nós normalmente usamos uma simples tigela de água. Você quer que eu te leve até ele? — Ele ri quando Arsinoe arregala os olhos. — Não é preciso ser um vidente para saber por que você veio. É por aqui.

Ele a leva pelo primeiro andar da casa e escada acima.

— Você é o único acordado?

— Exceto pelos guardas.

— Guardas?

— Você não notou. Eles sabiam quem você era, é claro, e te deixaram passar. Aqui. — Ele para ao lado de uma janela e puxa a cortina para apontar uma guarda parada atrás da cerca viva, armada com uma lança. Um arco e uma aljava com flechas estão ao lado dela na neve. — E, ali, o ombro dele. — Ele aponta para o lado oposto do pátio. Arsinoe nem notou guardas quando passou por lá. — Mathilde foi se deitar em seu quarto e, quando ela acordar, provavelmente vai voltar para o castelo. Eu acho que ela está satisfeita agora que Mestre Renard está em segurança conosco.

No corredor, ele abre a última porta à direita e dá um passo para trás para que ela possa entrar primeiro. Arsinoe entra e assobia.

— Seguro com vocês e bem confortável, pelo visto.

O quarto em que Pietyr está deve ser um dos melhores da casa. A cortina é renda do teto ao chão, toda branca, e a cama tem cortinas alvas. Abaixo dos pés dela, o chão brilha e vasos de cristal, tigelas e candelabros adornam quase todas as superfícies. O ar cheira a limões açucarados. Ela espera que eles não tenham desalojado alguém para acomodar um envenenador inconsciente.

— Não se preocupe. O quarto não estava sendo usado. Foi preparado às pressas, mas muito bem, eu acho.

— Você lê mentes? — pergunta Arsinoe, cautelosa.

— Às vezes. Agora foi bem fácil. Mas não se preocupe. Previsões são o único aspecto confiável da minha dádiva.

— Eu não estava preocupada. Quer dizer, talvez um pouco. Mas é impressionante.

— Eu sou o mais forte que restou, agora que Theodora se foi.

Arsinoe assente e faz muito esforço para não pensar em mascarar seus pensamentos enquanto ao mesmo tempo tenta pensar em silêncio. Na cama, ao lado da larga parede de janelas, está Pietyr Renard, imóvel sob grossos cobertores brancos. Ao lado da cama está uma cadeira cheia de almofadas cinza, uma manta amarela em cima do braço. Deve ter sido onde Mathilde passou a noite sentada, em vigília.

— E não houve mudanças?

— Nada — responde Gilbert. — Ele está do mesmo jeito desde quando o deitamos aí.

Arsinoe franze a testa. Era o que ela esperava ouvir, mas, só dessa vez, as coisas não podiam ser mais fáceis?

— Talvez se eu der um tapa na cara dele — ela diz em uma voz alegre e rápida.

Gilbert desdenha.

— Por algum motivo, acho que não vai funcionar. Mas no estado em que ele se encontra, provavelmente não vai se importar se você tentar.

Arsinoe se aproxima da cama. Ela estica o braço e toca a mão dele, cruzada sobre a outra em cima do peito. A pele dele é quente, seu pulso constante, ainda que fraco. Ele parece pálido. Embora isso possa ser o efeito de todo esse branco e o loiro claro e intenso do cabelo dele.

Ela toca o rosto dele e inclina sua cabeça para a frente e para trás. Ele não se move. Nenhum esgar ou movimento, mesmo sob as pálpebras. E, segundo todos os rumores que eles ouviram, ele está assim desde que voltou da tentativa de troca por Madrigal em Innisfuil.

— Eu diria que ele foi envenenado — murmura ela. — Mas como se pode envenenar um envenenador? Gilbert — diz ela de repente. — Você pode ver? Você pode… sentir alguma coisa com a sua dádiva? Algum pensamento dentro da cabeça dele? Ou qualquer coisa a respeito do que foi feito com ele?

— Talvez tenha sido só uma doença. Uma doença natural.

— Em se tratando da minha irmãzinha, eu duvido. — Ela aponta para a cama. — Por favor.

Respirando fundo, Gilbert ser aproxima e coloca suas mãos em Pietyr: uma em sua testa, a outra em seus olhos.

— Nada. Desculpe. Simplesmente não há o que ler, ele… — Os braços de Gilbert se tensionam até os ombros e suas palavras morrem tão rápido que Arsinoe ouve os dentes dele se fechando. O que quer que esteja passando por ele, o faz engasgar. Ele afunda na poltrona e se enrola bem na manta amarela.

— Gilbert? O que foi isso?

— Nada bom — diz ele, encarando o rosto adormecido de Pietyr. — Ele leva um momento para engolir. — Eu vi um abismo. E sangue. Eu ouvi vozes de rainhas.

— O que elas diziam?

— Eu não consegui discernir. Eram… murmúrios. Lamentos.

Arsinoe se inclina para trás, aliviada.

— Isso te agrada? — pergunta ele.

— Isso me agrada. Porque o que quer que tenha acontecido com ele, com certeza foi *antinatural*. E com o antinatural eu posso trabalhar. — Ela pega de novo a mão de Pietyr e ergue sua manga para olhar a pele pálida do pulso. Quando ela o segura, ela sente algo irregular e áspero na palma dele. Ela a vira e estala a língua. — Você notou isso?

— Notamos. Uma velha ferida. E das feias.

— Não tão velha.

Arsinoe chega mais perto para estudar as cicatrizes. São tantas que é um milagre a mão dele não ter caído. A maior parte da palma é feita de cicatrizes rosa-escuras. Mas as linhas ainda estão ali, para quem souber o que procurar. A cicatriz é a bagunça que se faz quando se está tentando esconder uma runa. Uma runa de magia baixa.

— Pietyr Renard — sussurra ela. — Você veio ao lugar certo.

Enquanto ela corre pela cidade até a loja do apotecário, a mente de Arsinoe gira tão rápido que dá nós. Pietyr Renard estava fazendo magia baixa. E ela sabe quem ensinou isso a ele.

— Madrigal — sussurra. — Você sempre soube aproveitar bem o seu tempo.

A loja está vazia tão cedo pela manhã, mas ela e o dono têm um acordo generoso: ela é livre para ir e vir e pegar o que precisar como quiser. Rapidamente, ela vai até as estantes e puxa um

almofariz, um vidro de óleo de rosas e um maço denso de alecrim. Pedaços de resina ou âmbar seria melhor, mas as ervas vão ter que servir. Ela enfia um pequeno saco de pétalas secas no almofariz e rapidamente volta à casa dos Lermont.

A casa está acordada. E cheia. Gilbert deve ter ficado nervoso e dado o alarme. Mathilde está de volta, suas mãos pressionadas contra a testa e olhos de Pietyr. Emilia está em pé ao lado da cama com Jules, que parece sonolenta e enjoada. Até mesmo Cait e Caragh estão lá, com seus braços cruzados.

— Eu não posso fazer isso com todos vocês aqui.

Eles se viram para Arsinoe. Mathilde tira suas mãos do rosto de Pietyr.

— Fazer? — pergunta Cait. — E o que exatamente você pretende fazer? — Pela expressão dela, está claro que ela sabe muito bem.

— Se eu não fizer, ele ficará como está. — Ela olha para Jules, que dá uma olhada em Emilia antes de assentir.

— Deixe-a fazer — diz Jules. E um por um, os outros baixam a cabeça e saem.

— Você procura isso rápido demais e com frequência demais — Caragh diz no ouvido dela. — Você se parece demais com a minha irmã.

— Eu não tenho escolha — responde Arsinoe.

Quando o quarto fica vazio exceto por ela, Jules e Camden, ela começa a arrumar os materiais.

— Não dê ouvidos a ela — diz Jules. — Você não é como a minha mãe.

— Talvez não — murmura Arsinoe. — Mas Caragh está certa. Eu procuro por isso. Mesmo que tenha destruído você e Joseph. Mesmo que possa ser o que o matou. Mesmo que tenha marcado meu rosto e deixado a gata manca. Eu ainda… — Ela para e olha para suas mãos e as marcas que a magia baixa deixou nelas. Ninguém mais conseguiu exercê-la como ela fazia. E quanto maior a magia, maior o custo.

Arsinoe coloca óleo na tigela do almofariz e acrescenta uma boa pitada de pétalas de flores. Elas são de um vermelho profundo, as rosas. Pétalas de rosas em óleo de rosas. Talvez ela devesse ter escolhido um óleo diferente, mas estava com presa.

— Então você vai tentar acordá-lo.

— É a ideia.

— Mas as curandeiras de Indrid Down não vêm tentando fazer isso há meses?

— Tenho certeza de que sim. Mas não assim. — Ela aponta com a cabeça para a mão dele. — Vire-a.

Jules faz uma careta ao vê-las, seus lábios puxados em um sibilo silencioso.

— Eu acho que sua mãe ensinou a ele.

— Você acha que minha mãe ensinou *isso* a ele? — Jules ergue sua palma. — Não há nada além de cicatrizes.

— Não — diz Arsinoe. — A magia só foi enterrada. E nós vamos trazê-la de volta.

— Por que eu não gosto de como isso soa?

— Eu não sei. Para uma guerreira, você tem muito nojo de sangue.

— Meio guerreira — Jules a corrige enquanto Camden fareja o rosto de Pietyr.

Arsinoe se inclina para a frente e espalha óleo de pétalas de rosa em um crescente na testa de Pietyr. O cheiro é forte. Forte o suficiente, ela espera, para buscá-lo lá no fundo de onde quer que ele esteja se escondendo. Ela acende uma das pequenas velas ao lado da cama e usa a chama para acender as ervas antes de soprá-las e espalhar fumaça pelo peito dele. Em seu

próprio peito, ela sente o puxão e as cócegas da magia baixa enquanto o óleo e a fumaça abrem caminho. Faz todas as cicatrizes no seu braço ganharem vida e sua boca salivar.

Ela se senta ao lado de Pietyr na cama e Jules aproxima a luz enquanto Arsinoe espia a mão dele. Uma adaga nova, para substituir a que foi tomada pelas guardas do Volroy, sai da bainha na cintura dela. Ela faz um som perigoso, quase musical, quando a puxa; poderia até se pensar que ela própria tinha a dádiva da guerra dado o quanto ela a mantém afiada.

— Como você consegue cavar algo nisso aí? — Jules se pergunta baixinho enquanto elas olham o ninho de cicatrizes interligadas. Tantos cortes. Tantas feridas. Parece uma tempestade deles em toda as direções. E Arsinoe sente que não foi Pietyr.

Se ela olhar bastante, há algumas linhas que parecem diferentes do resto. Maiores e mais deliberadas. Algumas curvas e mais profundas talvez, e definidas, como se tivessem sido cortadas mais de uma vez. Essas seriam as linhas da runa original, qualquer que fosse ela. Mas não há como traçá-la. Os novos cortes a esconderam quase completamente.

Jules afasta a vela para que ela não pingue cera na pele de Pietyr.

— No que você está pensando?

— Não é uma questão de pensar — diz Arsinoe, sua voz sem expressão. — É sentir. Instinto. — Ela pega a faca e olha para sua própria palma coberta de cicatrizes. Ela também teve muitas linhas, muitas runas cortadas ali. — Palma com palma — ela sussurra, e enfia a adaga com força na sua própria mão.

— Arsinoe!

Mas antes que ela possa mudar de ideia, ela puxa a lâmina para fora da sua pele e a enfia com força na de Pietyr. O sangue deles se acumula e ela cola suas mãos. O sangue misturado solta a magia como um raio; faz a cabeça dela girar quando o que sobrou do que Pietyr fez tenta invadi-la. Ela sente a mão deles tremer e a pele da palma dele se abrir mais. Os dedos dele se fecham em torno dos ela e ele puxa com força. O sangue deles suja os cobertores e lençóis brancos. Vozes enchem a cabeça dela como vento, balbuciando em sussurros tão altos que ela solta a faca e tampa os ouvidos com seu dedo livre.

Elas estão entrando na cabeça dela.

— Jules, tire ele de mim!

Camden morde suavemente o braço dela para puxar, mas quando ela sente o gosto do sangue de Arsinoe, salta para fora da cama e se encolhe num canto. Com uma careta, Jules agarra as mãos unidas. Ela examina os dedos deles. Deveria ser fácil separar mãos tão meladas de sangue. Mas elas não se separam até que Jules passe os dois braços pela cintura de Arsinoe e a puxe para longe.

Quando a conexão se quebra, Pietyr Renard acorda com um grito. Ele agarra seu pulso e encara a ferida profunda e aberta em sua mão. Então ele olha em volta do quarto, para a gata, Arsinoe e Jules. Apesar da dor, do choque e de ter passado meses inconsciente, ele não precisa piscar mais que duas vezes antes de reconhecer a falsa naturalista e a Rainha da Legião.

— Como eu vim parar aqui?

— Você sabe onde é aqui? — pergunta Jules.

— Eu poderia dar um bom chute.

— E… você sabe quem você é?

Os olhos dele lampejam, um movimento minúsculo, enquanto ele considera se deveria mentir ou não.

— Eu sou Pietyr Arron — responde ele simplesmente.

— Bom — diz Asinoe e suspira. — Porque isso faz de você alguém que vale a pena ter.

O Volroy

Na sala do trono, o pretendente está de barriga para baixo no chão. Seus olhos se abrem, mas estão vazios, seu cabelo cor de areia escuro está melado de suor. O único sinal de vida que ele dá quando Katharine se aproxima é uma pequena respiração que embaça o mármore escuro. O Conselho Negro tem se divertido demais com ele. Eles o quebraram rápido demais e estragaram a própria brincadeira.

Katharine puxa uma de suas adagas envenenadas e corta a corda que o prende ao trono. Ele geme com gratidão quando seus braços se libertam.

— Comporte-se — avisa ela quando ele olha as guardas perto da porta. — Eu poderia enfiar uma faca entre as suas costelas antes de elas te alcançarem com a lança.

— É assim que você trata o garoto em que deu o primeiro beijo? — ele pergunta e faz uma careta quando o movimento volta para os seus dedos.

— Meu primeiro beijo. Foi isso que eu te fiz acreditar que era ou simplesmente o que você presumiu com seu ego inflado do continente?

Ele a encara, alongando seus ombros doloridos e tocando cautelosamente as bolhas vermelhas e feias nos seus punhos.

— O veneno arde, não? — Ela faz um gesto para que uma bandeja de chá e biscoitos seja trazida para a mesa ao lado. — Mas você não vai ganhar simpatia de mim. Eu fui feita para suportar algo muito pior. E eu aguentei melhor do que você. Pegue os biscoitos.

Ele fica de pé e se arrasta até a mesa.

— Ah, sim. O abuso que você sofreu na mão dos Arron. Foi assim que você atraiu Mira para você? Sendo a menininha ferida?

— Minha irmã é uma rainha. Ela vem em auxílio de sua rainha.

— Mirabella é boa. Não é como você.

— Quem disse que eu não sou boa? Eu não me alegro de te ver assim. Sujo e com cicatrizes. Com cicatrizes como as da sua Arsinoe.

— Cale a boa.

Ela recua. Ela quase pede desculpas. Desde que as rainhas mortas se foram, ela não sente um ódio real por Arsinoe, embora ela seja estúpida e traidora por se aliar a Jules Milone. São as

irmãs mortas que guardam toda a sua raiva e todos os seus prazeres mórbidos. Cada dádiva que Katharine empresta delas foi corrompida por sua fome infinita por mais sangue, mais dor, mais carne dilacerada. Mas neste momento elas estão longe, com Rho, e ela está livre para ser piedosa.

— Você não deveria falar assim com sua Rainha Coroada, Mestre Chatworth.

— Você não é uma rainha de verdade.

— Eu sou a única rainha verdadeira de Fennbirn.

— Então por que as pessoas estão tentando tirar a coroa da sua cabeça desde o minuto em que ela foi posta? Você acha que teriam feito o mesmo com Mirabella? Ou com Arsinoe?

— Minhas irmãs não a queriam. Elas escolheram fugir. Você ainda sonha com como as coisas seriam se a Ascensão tivesse sido diferente? Você se imagina no apartamento do rei consorte? Você vê seu pai andando pela fortaleza, bradando ordens?

— Se Arsinoe ou Mira tivessem ganhado, não haveria Rebelião. Nenhuma Rainha da Legião, nenhuma névoa se erguendo. Sua preciosa Natalia ainda estaria viva. Você é a pior rainha pela qual alguém poderia esperar.

Com a menção à Natalia, os dedos dela se afundam no braço do trono.

— O único motivo para você estar vivo é porque te matar iria deixar minha irmã triste.

— E porque Arsinoe e Jules estão com o seu amado — diz ele. — As pessoas falam. Eu ouvi bastante coisa sobre seus chiliques, batendo o pé porque elas vieram e o roubaram bem debaixo do seu nariz. Mandando aquela assassina, Rho, atacar as pessoas de Bastian City em retaliação. Como você acha que Mirabella vai reagir a isso?

— Ela me ouviu dar a ordem. Ela é uma rainha. Ela sabe o que é estar em guerra. — Mas ela realmente entende? Quando ela souber a extensão da coisa e o caos que Rho irá causar, infestada como está pelas rainhas mortas… Mirabella olharia para ela como se fosse um monstro. E talvez ela seja.

Katharine recua. Ela não vai deixar um continentino, um antigo pretendente, mexer com a sua cabeça. Tudo vai ser diferente quando a Rebelião terminar. E depois que as rainhas mortas forem embora de vez.

— Eu acho que você vai descobrir que Mirabella e eu nos entendemos perfeitamente — ela diz. — Eu acho que logo você vai descobrir que nós estamos alinhadas de formas que nem ela imagina.

— Ela nunca vai se virar contra Arsinoe.

— Então por que ela não me pediu nenhuma vez para te soltar? — pergunta Katharine. Ela estala os dedos para as guardas perto da porta. — Amarrem-o de novo. Eu perdi o apetite.

— Mirabella — Luca a cumprimenta na porta dos seus aposentos e a beija nas duas bochechas. — É bom te ver aqui. E sem estar escondida atrás de um véu. — Ela guia Mirabella para dentro, até uma bandeja de chá, salgados e os biscoitos de merengue de que ela gosta. — Como vão Bree e Elizabeth?

Mirabella anda pelo canto do quarto, olhando pelas janelas, que mostram a capital em todas as direções. Elas estão bem no alto do templo; a única coisa mais alta são as torres do Volroy.

— Elizabeth está ansiosa pela primavera. Ela está preocupada que uma das colônias de abelhas no apiário não tenha passado bem o inverno. E quanto a Bree… — Ela estende a mão e abre uma janela, deixando que o ar frio entre e fazendo os papéis de Luca voarem da mesa.

— Bagunceira. — Luca ri enquanto pega o rolo de pergaminho que voou com a brisa. Suas mãos ainda são rápidas. E nem um pouco duras.

— Quanto a Bree, você saberia melhor do que eu, já que vocês estão juntas no Conselho Negro.

Luca coloca os últimos papéis na mesa e os prende com uma pedra.

— Bree se tornou uma boa política. Ela é justa e vê as coisas de ângulos interessantes. Ela ainda precisa de ajuda para controlar seu temperamento. Ela quase torrou Paola Vend semana passada por causa de uma discussão sobre impostos de importação.

— Paola Vend merece ser torrada.

— De fato — diz Luca enquanto Mirabella pega um merengue. — Mas o que te traz aqui, Mira? Embora eu desejasse que não fosse assim, as tardes que passamos juntas pelo prazer da companhia uma da outra acabaram.

— Você não está feliz em me ver?

— Eu estou sempre feliz em te ver. Eu lamento que nossos objetivos tenham nos… separado. — A Alta Sacerdotisa suspira. — Mas de que servem arrependimentos? Nós aprendemos nossas lições e fazemos nosso melhor.

Mirabella assente. O merengue se parte entre seus dedos e ela o coloca em um pires.

— O que vou te contar agora, eu conto para a Alta Sacerdotisa, mas também para minha antiga mentora e minha amiga. Isso me foi contado pela rainha em confidência e eu estou confiando em você com essa informação. Porque eu sinto que você quer que o reinado dela seja bem-sucedido. E que a linhagem das rainhas seja preservada.

— Sim. Claro que quero.

— E eu vou te contar porque eu suspeito que você já saiba. — Mirabella a olha com firmeza.

Os olhos firmes de Luca perdem o foco por menos que um segundo antes que ela inspire e faça um gesto resignado de cabeça.

— As rainhas mortas. Ela te mostrou.

— Ela me contou — corrige Mirabella. — Eu acho que não gostaria de vê-las.

— É difícil de acreditar, não é? — Luca passa o dedo pela costura de uma almofada de seda azul. Seus aposentos sempre são mobiliados com cadeiras largas e sofás cheios de travesseiros macios e mantas. No entanto, Mirabella raramente a vê sentada neles. — Mesmo depois de ter observado, suspeitado, eu não teria acreditado. Se eu não tivesse visto a forma como a névoa a envolveu em Innisfuil. E se eu não tivesse seguido Pietyr Renard até a Fenda de Mármore e o visto tirar pedras dali. As rainhas mortas. Quem diria que elas estariam lá esperando? Quem poderia imaginar a força que estava sendo criada cada vez que mais uma era jogada no poço?

— Quem consegue imaginar qualquer coisa a respeito do poder das rainhas? — Mirabella murmura. — Nem mesmo nós sabemos do que somos capazes. Não até precisarem de nós.

— E o que você vai fazer agora? — pergunta Luca. — Agora que você sabe?

— Ela quer que eu tenha as trigêmeas. Ela quer que eu continue a linhagem. — Ela olha para Luca. Ela está surpresa? Horrorizada? Esperançosa de que Mirabella vá dizer sim? Ela não consegue dizer. A Alta Sacerdotisa é inescrutável. — Mas não importa o que vai acontecer, é preciso lidar primeiro com as rainhas mortas e a névoa.

— Elas estão indo na direção de um confronto — concorda Luca. — E eu não consigo prever o resultado.

— A névoa vai vencer as rainhas mortas. A névoa é nossa protetora.

— Você tem certeza?

Mirabella sacode a cabeça.

— Como é possível ter certeza de qualquer coisa? Eu só sei que nós, minhas irmãs e eu, estamos no coração desse conflito. E se nós nos unirmos, eu acredito que possamos acabar com isso. Eu vou escrever para Arsinoe.

Luca se vira de costas. Ela acena com uma mão e anda para trás de sua mesa.

— Arsinoe é uma clandestina. Ela escolheu o lado da Rainha da Legião. Se ela pisar em Indrid Down, ela vai ser imediatamente executada. E além disso, o que ela poderia fazer? Qual a utilidade dela? Um urso? Contra os mortos?

— Eu vi Arsinoe fazer coisas com magia baixa que você nem sonharia. E não me venha com a retórica do templo sobre magia baixa. — Mirabella acrescenta quando os olhos de Luca se arregalam. — Arsinoe pode expulsar as rainhas mortas de Katharine e servi-las para a névoa em uma bandeja.

Ela espera enquanto Luca imagina, enquanto ela passa as possibilidades em sua mente.

— E então? — pergunta Luca. — Se as rainhas mortas forem vencidas e a névoa se aquietar? O que faremos?

— Katharine vai reinar. A verdadeira Katharine. Minha irmãzinha, uma Rainha Coroada tão boa quanto eu teria sido.

Luca encara sua mesa e suas mãos, mãos que moldaram o destino da Ilha por muitos anos. Mirabella espera que ela concorde. Mas ela não veio pedir a permissão da Alta Sacerdotisa.

— Você acha que Arsinoe virá?

— Eu sei que sim.

— Então escreva sua carta. Mande-a por Pepper. Mas você precisa contar a Katharine que vai fazer isso.

— Claro, eu sei. — Mirabella sorri. Ela relaxa os ombros. Cada osso do seu corpo parece cozido, como se ela tivesse dançado com raios por horas.

— Tem mais uma coisa que quero pedir a você — diz ela e Luca sorri sarcástica.

— Quase tenho medo de ouvir.

— O que você sabe do templo original? O primeiro templo que foi construído aqui em Indrid Down, antes de a capital ser a capital?

— Eu não sei muito — Luca responde surpresa. — Por que você o procura?

— É só uma sensação que eu tenho — diz Mirabella. — Tantas rainhas antigas voltaram. Rainhas antigas e histórias antigas trazidas à tona. Se vamos enfrentá-las, eu gostaria de saber o máximo que posso sobre nossa história.

— Muito bem — diz Luca. — Eu vou ver o que consigo descobrir.

Sunpool

Arsinoe observa o machado de Jules descer em um gracioso arco e partir a tora em duas. Um corte limpo e rápido em um tronco caído tão grosso quanto a pata traseira de Braddock. Muito mais do que um só golpe deveria ser necessário. Arsinoe levaria uma manhã inteira. Mas a força no machado de Jules não vem de seus braços. Vem da dádiva da guerra. Ela na verdade sequer precisava do machado.

Arsinoe vai até a pilha e pega uma tora para colocar na carroça. Elas foram bem para o fundo da floresta cortar lenha, tão longe que Braddock ficou entediado e parou de segui-las. Mas ela o escuta, em algum lugar não muito longe, revirando os arbustos em busca de frutinhas congeladas e outras coisas para comer. Ela sorri. O urso pode não ser seu Familiar de verdade, mas mesmo assim eles são bem parecidos.

— Já voltou a confiar em você mesma com um machado, hein? — Era uma piada, mas Jules perde a concentração e a lâmina se enterra a centímetros da madeira.

— É — Jules diz e bufa enquanto solta a lâmina. Quando ela está usando a dádiva da guerra, Jules é mais áspera. Seus olhares se cortam e Camden é rápida em pôr as garras para fora. Mas a amarra está a segurando, e é isso que importa.

— E Emilia? Com suas dádivas unidas, ela já virou uma naturalista?

— Não. — Jules para com o machado no alto. — Mas ela ficou bem próxima do cavalo dela.

Arsinoe ri.

— Ela quer tanto que eu seja uma rainha. A Rainha da Legião. Mas nós duas sabemos que não sirvo para isso. Com essa maldição ou não. Sou uma soldada. Uma guerreira.

— Uma guardiã — diz Arsinoe, e Jules sorri.

— Uma guardiã.

— Você é uma rainha tanto quanto eu — diz Arsinoe.

Jules olha para ela.

— Não, não sou.

Mas é verdade. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, Arsinoe poderia reinar se precisasse. Às vezes ela até sente um impulso de liderar a Rebelião, o que explicaria por que ela e Emilia sempre têm atritos.

Camden grunhe e salta em cima da pilha de lenha, farejando o ar. Alguns momentos mais tarde, Emilia e Mathilde chegam à clareira. Mathilde com Pietyr Renard na parte de trás da sua sela.

— E o que faremos com o *Mestre Renard*? — pergunta Arsinoe, exagerando na pronúncia do nome.

Jules dá de ombros, os olhos apertados enquanto ela os observa se aproximando.

— Emilia diz que os espiões vão avisar a Katharine que ele acordou. Minha aposta é que ela vai decidir por nós.

— Eu espero que digam a ela que eu o acordei e ela não conseguiu — desdenha Arsinoe. — Isso vai doer nela.

Jules afunda o machado em um pedaço de madeira e bate as mãos. Os cavalos param a uma distância respeitosa e Mathilde deixa Pietyr deslizar para o chão.

— O que é isso? — pergunta Jules. — Exercício da tarde?

Emilia aponta Pietyr com a cabeça.

— O prisioneiro pediu para ver a rainha.

— Não essa rainha — diz Pietyr, olhando para Jules com a boca contorcida.

Emilia desmonta e o empurra com força.

— É a única rainha que temos. Então fale se quiser.

— Você o trouxe até aqui? — pergunta Arsinoe.

— Nós temos vigias nas estradas. Pássaros no céu. A floresta é segura.

Jules olha para Arsinoe e suspira, então cruza os braços. Com Camden sentada ao seu lado, a cabeça da gata quase em sua cintura, ela faz um gesto para que Pietyr se aproxime.

— O que você quer, Mestre Renard?

Ele franze a testa, como se o nome dele na boca dela ferisse os seus ouvidos.

— Agradecer, eu imagino. Por me deixar bom de novo.

— De nada. Embora não seja a mim que você tem de agradecer, mas Arsinoe. Foi a magia baixa dela que o fez.

— Eu sei. — Ele franze a testa de novo. — Eu consigo senti-la como mofo na minha pele.

Arsinoe desdenha.

— Que baita agradecimento.

— Eu… peço desculpas. Eu não deveria reclamar. Já que foi magia baixa que me colocou nisso, para começar.

— Você? — pergunta Emilia. — Um Arron praticando magia baixa? Por que motivo?

Pietyr olha de Jules para Arsinoe.

— Nós não deveríamos ter essa conversa com mais privacidade?

— Diga o que quer dizer. — Jules ergue o queixo. — Emilia e Mathilde são líderes dessa causa. Nós não temos segredos.

— Muito bem.

As mãos dele começaram a tremer e ele as enfia nos bolsos. Elas o colocaram em um grosso casaco cinza, mas ele não tem um cachecol e a pele do seu pescoço e peito estão expostas pela gola aberta. A curandeira em Arsinoe precisa controlar o impulso de embrulhá-lo numa capa. Ele ainda está fraco e deveria estar em frente a um fogo aconchegante com uma tigela de sopa quente.

— Como eu acabei aqui? Suponho que tenha sido sequestrado da capital.

Emilia o empurra de novo.

— Você está aqui para nos dar informação, não tirar.

— Emilia. — Jules sacode a cabeça e volta sua atenção para Pietyr. — Você foi capturado da cama em que estava doente, em Greavesdrake Manor. Pelo que ouvimos, você estava lá há muito tempo.

— Você não se lembra de nada? — pergunta Arsinoe.

— Você já esteve inconsciente, Rainha Arsinoe?

— Sim.

— Então você deve saber que essa é uma pergunta estúpida.

Ela franze a testa. Mentalmente, ela tira dele a tigela de sopa.

— Eu estava fazendo magia baixa para ajudar a rainha — diz Pietyr, olhando de volta para Jules. — Nem preciso dizer que não funcionou.

— Ajudá-la a fazer o quê?

— Ajudá-la a se livrar das rainhas mortas que habitam nela desde a noite da Cerimônia da Aceleração. Quando ela caiu na Fenda de Mármore. Os rumores são verdadeiros, vejam bem. "Morta-viva" não é só um epíteto honorário.

Rainhas mortas. Katharine está possuída por rainhas mortas. Em favor dos que estavam reunidos em volta da carroça de madeira, ninguém grita ou desaba na neve. Elas só ficam muito quietas. O choque e descrença são tão claros no rosto delas quanto o prazer de Pietyr em observá-las.

— É por isso que ela parece tão forte — diz Mathilde. — E em alguns momentos tão monstruosa. É assim que ela sobreviveu.

— Sim — diz Pietyr. — E eu estava tentando expulsá-las. Usando magia baixa que me foi ensinada por Madrigal Milone.

— Foi por isso que Katharine a matou? — pergunta Jules. — Porque ela estava te ajudando?

— Não. Katharine não sabia.

— Mas não funcionou, você disse. — O rosto de Emilia é impassível como uma pedra. — Você não conseguiu tirá-las dela.

— Ela não queria que elas saíssem. Ela disse que sim, ela pensou que sim, mas no final, ela as usou para… Bem, vocês viram o estado em que eu estava. Ela não estava tentando me matar, mas…

Jules desdenha.

— Você acha que ela não queria te matar?

— Se ela quisesse, ou elas quisessem, eu estaria morto. O menino assassinado nas docas, sua mãe… isso não foi Katharine. Foram elas. Elas tomaram cada vez mais o controle. Eu pensei que se elas fossem embora, ela voltaria a ser minha Katharine. Eu fui um tolo.

Apesar do esforço que Pietyr faz para permanecer frio, ele parece acabado. E ainda apaixonado. Até mesmo Emilia parece amolecer, como se ela pudesse lhe dar um tapinha reconfortante no ombro. A simpatia delas faz Arsinoe querer gritar.

— Quem se importa com os seus problemas românticos? A Rainha Coroada está cheia de mortas! É por isso que a névoa está se erguendo! Por isso que tudo está dando errado! E Mirabella não sabe!

— Ela não sabe? — Pietyr sorri. — Eu achei que talvez fosse o motivo para ela ter ido. Abandonar a rainha mais fraca pela mais forte.

— Como você sabe que ela está lá? — pergunta Mathilde. — Se você estava dormindo esse tempo todo?

— Eu não estive dormindo no último dia. E ninguém na casa dos Lermont parece preocupado com o que eu posso ouvir.

Mathilde parece envergonhada. Mas ela não é responsável pelas vozes de todos os oráculos. E os oráculos também não podem ser culpados, quando eles não estão acostumados a terem prisioneiros.

— Pode ter sido por isso que ela foi? — pergunta Emilia. — Ela correu para a rainha mais forte?

— Não — diz Arsinoe. — Ela não faria isso.

— Não importa — diz Jules. — Tudo que importa agora é o que faremos a respeito. — Ela olha em volta do círculo. Nem mesmo Emilia tem uma resposta pronta. Como se ataca uma rainha que não é apenas uma, mas dezenas?

— Eu já lidei com rainhas mortas antes — resmunga Arsinoe. — Acreditem em mim, elas são ainda mais perigosas que as vivas.

— Ótimo Conselho Negro você reuniu — diz Pietyr depois de observar o silêncio delas. — Uma oráculo, uma guerreira e uma rainha exilada, todas a serviço de uma naturalista com a maldição da legião. — Ele olha para cada uma delas e até Arsinoe estremece sob o peso dos seus olhos azuis-gelo. — Mas vocês precisam de mais uma coisa. — Elas erguem os olhos e ele sorri. — Um envenenador.

Arsinoe fica boquiaberta.

— O quê? Você?

— Eu seria a adição perfeita. Katharine pode dizer a vocês que sou um excelente conselheiro. Ela teria me tornado líder um dia.

— Se ela não tivesse quase te matado.

— É por isso que você nos deu essa informação tão facilmente? — pergunta Jules. — Porque você espera trocá-la por uma posição na Rebelião?

— Não — diz ele e a olha diretamente. — Eu estou te contando porque eu não quero voltar.

Jules baixa os olhos, observando o rabo pensativo e inquieto de Camden.

— Não se preocupe, então. Não temos planos de te mandar de volta tão cedo.

— Do que você está falando? — Arsinoe puxa a manga dela. — Nós precisamos trocá-lo! Por Billy!

Antes que Jules possa responder, um falcão desce com força pelo meio das árvores. Ele mergulha até Jules com um grito agudo, assustando os cavalos e Pietyr. Jules faz uma careta quando ele aterrissa no seu lado ruim, colocando o peso dela na perna que foi machucada. Ela rapidamente lê a mensagem que ele traz, e seu rosto fica branco.

— O quê? — pergunta Arsinoe. — O que foi?

— Bastian City foi atacada. A guarda real marchou para lá.

Emilia salta para cima do seu cavalo.

— Espere! — Jules pega as rédeas da montaria de Mathilde das mãos dela e salta sobre a sela. — Eu vou com você. Vamos precisar de mantimentos.

— Vamos pegá-los no caminho — Emilia ruge, e antes que Arsinoe consiga dizer outra palavra, ela e Jules colocam os calcanhares em seus cavalos e correm para fora da clareira com Camden atrás delas.

O Volroy

Bree e Elizabeth estão sentadas enquanto Mirabella escreve uma carta para Arsinoe. Normalmente, ela ficaria feliz pela companhia delas. Mas hoje ela deseja silêncio. Ela precisa acertar suas palavras. E a forma como Bree e Elizabeth a encaram… começa a deixá-la desconfortável.

— Pare de encarar minha barriga, Bree. Não há trigêmeas aqui ainda. Talvez nunca.

Culpada, Bree sorri, e Elizabeth cora do queixo até as sobrancelhas. Mas as duas ainda parecem que querem se aproximar e apertar as mãos contra a barriga.

Não foi Mirabella que contou a elas esse plano secreto. Foi Katharine. Talvez para apressar a decisão de Mirabella. Para mostrar que ela não estaria sozinha. Ou talvez sem as rainhas mortas tampando sua boca, Katharine era simplesmente uma menina ansiosa para confidenciar a suas novas amigas.

— Nos perdoe — diz Bree depois de um momento. — É só que estamos animadas.

— Pode nunca acontecer. A Deusa pode escolher nunca mandar as trigêmeas para mim, uma rainha que não foi coroada. Além do que, podem se passar vinte anos antes de sabermos ou começarmos a duvidar. Vinte anos é muito tempo para guardar essa animação.

— Ela vai mandá-las — diz Elizabeth. — Ela precisa. E então a Deusa terá o que ela sempre quis: trigêmeas da sua favorita.

A boca de Mirabella se torce seca e ela volta a escrever.

— E a Deusa sempre tem o que ela quer — murmura.

— A Rainha Katharine tem estado de bom humor ultimamente — diz Bree, espiando a carta por cima do ombro de Mirabella. — Mas eu ainda não consigo acreditar que ela concordou em fazer uma aliança com Arsinoe.

— Ela concordou porque ela confia em mim. E porque ela sabe que eu posso uni-las.

— Você tem certeza? — pergunta Elizabeth. — Há tanto ódio entre elas.

— Não mais do que havia entre Katharine e eu quando cheguei. — Mirabella as vê olhando uma para outra; elas não parecem ter tanta certeza. — Katharine sabe que precisamos de Arsinoe. Precisamos da sua magia baixa.

O rosto de Elizabeth se contrai. A sacerdotisa não aprova e Mirabella queria poder contar tudo a ela, sobre as rainhas mortas e o que Arsinoe pode fazer. Mas esses segredos não são dela para contar.

— Eu vou entender, Elizabeth, se você não quiser que eu envie a carta por Pepper.

Do outro lado da sala, empoleirado na pedra áspera da lareira, o pica-pau inclina sua cabecinha topetuda. Então ele voa até Mirabella e pousa em seu ombro.

— Pepper está sempre feliz de servir sua rainha. — Elizabeth sorri. — Mas ele vai ficar ainda mais feliz se ganhar uma minhoca e bolinho de sementes na volta.

— Uma minhoca e um bolinho de sementes. Vou ver o que posso fazer.

Mirabella lê o que escreveu. Então ela lê de novo. Ela não sabe por que está com medo de mandar. Respirando fundo, ela enrola a carta e a sela, e o pequeno Pepper estica sua perna para receber a mensagem.

— Voe rápido, bom passarinho — sussurra ela, e o pica-pau esvoaça até Elizabeth e então sai pela janela aberta de Mirabella, a caminho de Sunpool.

Sunpool

Arsinoe está no apotecário, reestocando estantes, quando Pietyr Renard a encontra.

— Onde está sua guarda? — pergunta ela, vendo-o caminhar pela loja, tocando um vidro atrás do outro, ora impressionado, ora com desdém.

— Lá fora.

Ela olha pela janela. Uma guerreira, armada com uma espada, parada na entrada.

— Apenas uma guarda. Essa é mesmo uma rebelião maltrapilha.

— Você não está errada — diz Pietyr. — Afinal, sua Rainha da Legião e a comandante saem correndo sozinhas, sem o conselho de ninguém ou qualquer preparo. É a dádiva da guerra. Tão impulsiva.

— Eles se preocupam uma com a outra, se é isso que você considera impulsivo — dispara Arsinoe, na defensiva, embora se ele fosse qualquer pessoa que não Pietyr Renard, ela teria concordado. — E elas vão voltar logo. Então não vá tendo ideias.

— Logo. Se é que elas vão voltar. — Ele puxa um vidro de cicuta de uma prateleira, remove a tampa e inspira profundamente. Então ele recoloca a tampa e Arsinoe observa o vidro desaparecer na manga dele como se nunca tivesse estado ali.

— Normalmente você não espera até ninguém estar olhando?

— Achei que você poderia liberar essa para mim. Sabe, de envenenador para envenenador?

Arsinoe aperta os olhos. Ele recuperou a cor, ou a cor que um Arron possa ter. E ele está bonito como sempre, do seu jeito esnobe, enganador e assassino.

— A guarda lá fora pensa que sou frouxo — diz ele e aponta com a cabeça. — Que eu não duraria muito nessas florestas se tentasse fugir. Ela acha que não preciso ser muito vigiado.

— E ela está certa?

— Que eu não preciso ser muito vigiado, sim.

— Ah, mesmo? — Arsinoe termina de amarrar um maço de ervas e o coloca em uma gaveta. — Então você não pretende voltar correndo para Katharine assim que tiver a chance?

— Eu não vou negar que eu quero muito ver Katharine. Quase tanto quanto eu *não* quero vê-la.

Há mais do que medo na voz dele. Há horror. Arsinoe fica surpresa ao ver que acredita nele.

— O que ela é? O que ela pode fazer?

— Eu não sei. Talvez nem ela saiba. Quando ela mandou as rainhas mortas para mim, eu acho que foi por acidente. Um reflexo. — Ele dá um sorriso fraco. — Ou talvez eu não queira admitir que ela tentaria me matar.

— Ela mandou as rainhas mortas para você, então ela pode mandá-las para qualquer um?

— Eu não sei.

— Você não sabe ou não quer dizer?

Ele se vira para ela com os olhos em chamas.

— Eu não sei. Mas eu acho que você deveria partir do princípio de que ela pode.

Ele se apoia nas estantes. Ele está acordado, mas não completamente recuperado. Talvez nunca se recupere.

— É estranho te ver tão abalado — diz Arsinoe, e ele ergue a cabeça. — Eu sempre pensei nos Arron como pessoas tão duras. Determinadas, ainda que um pouco sem paixão. E aqui está você. E seu coração partido é evidente para qualquer um que estiver olhando.

— De coração partido e tolo. Eu deveria ter visto o que ela estava se tornando. Eu sempre devia ter tido medo dela. Mas como eu poderia, quando ela não era um monstro comigo? Tome cuidado, Rainha Arsinoe. Eu achei que estava a salvo. Mas ninguém está.

Bastian City

Jules e Emilia cavalgam até Sunpool, levando seus cavalos até o limite com a dádiva naturalista de Jules e os trocando por novos quando não podiam continuar. Quando elas param à noite, Camden caça para elas e Emilia faz uma fogueira. Elas falam pouco e seguem em frente. É quando elas viram para o sul, passando pela capital, que sabem que é tarde demais.

É impossível não ver a rota do exército. Um enorme número de soldados montados cavalgou com pressa para Bastian City. E um bom número já voltou.

Emilia estuda as marcas. Ela olha em frente, para o leste. Não há fumaça subindo de onde fica Bastian. Pelo menos não suficiente para se ver a essa distância.

— Os cavalos estão cansados — diz Jules.

— Force-os de novo. Mais uma vez. Por favor, Jules.

Elas seguem. Quanto mais perto chegam, mais inquieta Jules fica. Elas não passaram por grupos de feridos. Nenhum sobrevivente fugindo.

— Talvez a muralha tenha resistido e o exército não tenha conseguido entrar.

Emilia não diz nada. Ela bate os calcanhares em seu cavalo.

Bastian City fica visível por um bom tempo enquanto elas cavalgam, e elas a encaram, procurando por movimento. Enquanto se aproximam da muralha, elas veem os buracos, onde foi quebrada por catapultas. Ainda não há fumaça e tudo está quieto. Como se a cidade tivesse sido abandonada.

Elas amarram os cavalos do lado de fora da muralha e Emilia corre para dentro com a espada em punho.

— Emilia, espere!

Mas ela não precisava ter se preocupado. É tarde demais. Dentro da cidade, Emilia se vê no meio de um tapete de cabeças balançantes e asas batendo. Aves de carniça e gaivotas brigando pelo banquete dos mortos. Há tantos deles que o chão parece sangrar.

— Emilia…

— Tire-os daqui.

Jules hesita. Os pássaros são terríveis, mas a visão que eles escondem pode ser muito pior.

— Tire-os daqui! — Emilia chuta as gaivotas e as penas pretas dos rabos de corvos.

Jules respira fundo.

— Saiam.

Os pássaros erguem a cabeça como se acordando de um sonho. De uma vez só, eles levantam voo, movimentando o ar viciado e revelando os mortos dos quais se alimentavam.

— Devemos ser rápidas — diz Jules, vendo-os voar para o alto, acima da cidade. — Alguém pode ter visto isso.

Emilia não responde. Ela fica parada com seus braços ao lado do corpo, observando os mortos. Há tantos deles. Pilhas em frente aos buracos da muralha, guerreiros que pisotearam as costas dos amigos para lutar. Essa não é a cidade da qual Jules se lembra, das pessoas que a esconderam e protegeram. Bastian era cheia de azulejos vermelhos e bandeiras limpas e brilhantes. Era a brisa quente do mar. Não era pedras molhadas de sangue apodrecido. Nem essas ruas congestionadas com corpos inchados.

— Não há soldadas da guarda real.

Jules ergue a cabeça. Emilia secou os olhos e está abrindo caminho pelo campo de batalha, ajoelhando-se para estudar feridas e examinar as lâminas de espadas na mão dos mortos.

Não há soldadas da guarda real. Nenhuma entre os caídos perto da muralha. Nem entre os espalhados mais longe, pelas ruas.

— É impossível — diz Emilia. — Eles são guerreiros!

— Talvez elas tenham recolhido seus mortos — Jules sugere. — Deve ter sido isso.

Ao seu lado, Camden grunhe. A puma é acostumada com mortes, mas não gosta disso. Suas orelhas se movem nervosas e quando Jules não oferece conforto, ela salta para a frente, para longe do pior da carnificina. Jules se ajoelha ao lado de uma mulher cujas pernas foram arrancadas. E não apenas arrancadas, mas mutiladas, como se por um único golpe.

— Essas feridas — murmura Jules. — Eu não sei o que pode tê-las causado.

Todas as feridas são terríveis. Cada golpe de espada parece profundo e brutal, quase suficiente para partir um torso em dois. Outros guerreiros estão quebrados ao lado de prédios, como se tivessem sido atirados como bonecas. Quando Jules vê uma cabeça afundada, achatada como se pelo peso de uma bota, ela se levanta e respira fundo.

— A guarda real não poderia ter feito isso. Emilia, você viu…? — Ela vira em uma rua. Elas andaram entre a carnificina por tanto tempo que estão quase nos degraus do templo. Quando Emilia vê o que está acima deles, ela grita.

— Margaret!

Margaret Beaulin está esquartejada pelos degraus do templo. Emilia sobe tropeçando, quase caindo. Ela se arrasta até ela e cai sobre o seu peito.

— Emilia! — Jules a segue, mas até mesmo seu estômago se revira ao ver o que foi feito. Ela não consegue se convencer a chegar mais perto enquanto Emilia junta as partes cortadas.

— Ela era a mulher-adaga da minha mãe — grita a guerreira. — Ela não teria caído assim! O que pode ter feito isso com ela?

— Eu não sei.

A mão de Margaret ainda segura a espada. E eco de uma careta ainda contorce seu rosto. Margaret Beaulin era feroz. Uma das mais fortes dádivas da guerra da Ilha. Ela não teria caído facilmente. Ainda assim, a lâmina da sua espada está limpa.

Jules olha de volta para as ruas. Bastian City é uma cidade de mortos.

— O que poderia ter feito tudo isso?

A uma certa distância, Camden grunhe.

— Camden!

A gata não se feriu; Jules consegue sentir isso. Mas ela está agitada. Com medo. Elas a encontram em um beco, arranhando a porta que leva ao Apito de Bronze, o pub clandestino onde Emilia levantou a Rebelião. Emilia rapidamente chuta a porta e corre para dentro. Jules range os dentes; a guerreira é tão imprudente e impulsiva quanto Arsinoe às vezes. Mas antes que ela possa alcançá-la, a espada de Emilia cai no chão com um estrondo.

— Emilia!

Jules corre e a encontra de joelhos, abraçando dois meninos pequenos. Jules rapidamente baixa sua espada e faz Camden recuar quando as crianças se afastam dela. Há pelo menos vinte crianças reunidas no Apito de Bronze. Sobreviventes. Pequenos guerreiros com adagas curtas nas mãos e olhos arregalados e alertas.

— Certo, certo, está tudo bem agora — diz Emilia, e puxa o máximo de crianças que pode para perto. — Agora vocês estão seguros.

Elas não perdem tempo em tirar as crianças da cidade. Elas acham mais cavalos nos estábulos e colocam os pequenos em carroças, os mais velhos cavalgando.

— Vamos passar por Indrid Down à noite — diz Jules. — Não seremos vistos. E vamos levá-los conosco para casa, em Sunpool.

— Não. Não Sunpool. — Emilia olha para o rosto das crianças. — A cidade rebelde não é segura e eles já viram o suficiente. Vamos levá-los para Wolf Spring. — É uma ordem, mas dada com esperança.

— Sim — diz Jules. — Wolf Spring. Elas serão cuidadas lá.

Quando elas montam nos cavalos, Jules olha para trás, para a cidade partida. Bastian caiu completamente. Todo um braço da Rebelião apagado como uma vela. E era o lar de Emilia. Jules não consegue começar a imaginar o que ela sentiria chegando a Wolf Spring e encontrando o mesmo.

— Você vai ficar bem?

— Sim. — Emilia seca os olhos. Ela olha para as crianças e as lágrimas voltam, então ela as seca de novo. — Por baixo da minha tristeza, eu estou com raiva. E logo a raiva vai vir à tona. — Ela pega as rédeas. — Você está bem? Você também deve estar com raiva. A… amarra está segurando?

Jules assente. Ela, na verdade, não sente raiva. Tudo que ela sente é pesar. E terror.

O primeiro templo

Mirabella e Katharine cavalgam pelos penhascos da costa noroeste do Porto de Bardon, seus capuzes escuros puxados contra o vento. A Alta Sacerdotisa Luca segue atrás em uma firme égua branca.

— Você não pode diminuir o vento? — grita ela.

— Eu poderia — responde Mirabella. — Mas ele aumenta a sensação de aventura!

Em frente, cavalgando em seu garanhão preto, Katharine se vira e sorri. O caminho pelo penhasco não é tão íngreme, mas é estreito em alguns lugares. O cavalo de Mirabella é o mesmo cinza que ela cavalgou no desfile. Apesar de sua elegância e passada alta, ele se mostrou doce e confiável, mesmo para uma cavaleira ruim como ela.

Elas chegam à praia, e os cavalos dançam na areia, tão felizes quanto Mirabella de estarem de volta ao chão regular. O dia é frio e cinzento, e a praia está deserta exceto por alguns pássaros pequenos correndo para a frente e para trás na espuma das ondas.

— Os penhascos norte são selvagens — diz Katharine. — Mesmo antes de a névoa se erguer, eles com frequência estavam vazios. Você provavelmente não precisava se disfarçar com essa capa marrom, Alta Sacerdotisa.

— Talvez não, Rainha Katharine. — Luca desmonta e puxa a capa com mais firmeza em volta de si. — Mas excesso de cuidado já salvou minha pele mais de uma vez. — Ela aponta com a cabeça em frente. — Ali está.

Mirabella segue o olhar dela. A abertura da caverna não é larga, embora talvez fosse mais antigamente. Quando Luca disse que havia descoberto a localização do primeiro templo, Mirabella não tinha imaginado uma caverna. Ela pensou que elas seguiriam o rio, talvez, e encontrariam um antigo círculo e pedras, ou uma fundação em ruínas. Um lugar para cavar. Não para descer.

— E exatamente o que você espera encontrar aqui, irmã? — pergunta Katharine, sua voz erguida contra o vento e as ondas que lambem as rochas.

— Eu não sei.

— Talvez nada — diz Luca. — Talvez eu esteja errada e seja só uma caverna.

Mas olhando a escuridão, o sangue de rainha de Mirabella começa a cantar. O que quer que tenha restado do primeiro templo, elas vão encontrar lá dentro.

— Se você não quer aliviar o vento, você podia pelo menos acender uma tocha — diz Luca e estende três. Mirabella as acende com sua mão em concha enquanto Katharine observa encantada.

— Você com certeza já viu Bree acender tochas antes.

— Sim — diz Katharine. — Mas nem ela faz parecer tão fácil.

Cada uma delas pega uma e segue, Luca na frente.

— Olhem por onde andam — avisa a Alta Sacerdotisa. — Não escorreguem.

— Ela diz isso como se fôssemos nós as com joelhos inchados — sussurra Katharine, e Mirabella sorri, calando-a com um olhar. Dentro da caverna, o cheiro é de sal e outros minerais. E levemente de vida marinha. Ela fica acima das marés, mas a maré alta deve tocá-la, deixando para trás pequenas piscinas e pedras molhadas. Passando pela entrada, o chão se ergue e fica mais seco e o teto se abre em um pequeno domo. As paredes são lisas, gastas pelas correntes antigas e talvez por mãos.

— Você sente isso? — pergunta Katharine.

— Sinto o quê? — pergunta Mirabella, embora o ruído do seu sangue seja quase tão alto quanto o do mar.

— Essa sensação. Parece que eu já estive aqui muitas vezes. Muitas vezes… e ainda assim…

Ela não termina a frase, mas Mirabella sabe o que ela quer dizer. Enquanto elas seguem Luca, seus olhos estudam cada rachadura, cada curva da pedra preta e molhada. Logo, o caminho reto dá lugar a degraus de pedra, descendo e se curvando nas profundezas do penhasco.

— Luca, como você encontrou esse lugar?

— Referências vagas em escritos antigos.

— Escritos antigos?

Luca acena com a mão para acabar com as perguntas, embora isso nunca a tenha impedido antes. Mas elas chegam ao fim do caminho, e Mirabella esquece todas as palavras.

O interior do primeiro templo é magnífico. O domo foi entalhado em esculturas, marcado por histórias antigas. No coração dele há um altar trabalhado a ouro.

— Olhe isso — diz Katharine sem fôlego e corre para as paredes, sua tocha próxima enquanto ela toca os entalhes. Algumas das figuras e cenas já foram reduzidas a formas vagas pela água que pinga. Outras estão tão bem-preservadas que podiam facilmente ter sido feitas ontem. Até alguns dos antigos pigmentos sobreviveram, em azul, vermelho e amarelo.

— Como esse lugar deve ter sido quando era novo? — pergunta Luca, seus olhos arregalados. — Quantos vieram aqui rezar? E quanto tempo faz desde que alguém andou aqui pela última vez? Respirou esse ar?

Mirabella carrega sua tocha acima da cabeça, mandando a chama aumentar um pouco para ver melhor o teto. Ela vê representações do sol e das estrelas, água e ondas. Cachorros e cervos. Ela vê figuras correndo por florestas de árvores, contando histórias que ela nunca ouviu. Ela vê o altar.

O ouro é tão brilhante sob a luz da tocha que fere seus olhos. No chão, ainda há pratos antigos de bronze, corroídos de verde pelos minerais. Um dia eles devem ter carregado

oferendas das pessoas, ou as ervas que as sacerdotisas queimavam. Ela ergue os olhos para a imagem além do altar, feita de joias e azulejos pretos.

A primeira rainha de Fennbirn.

— Katharine, venha aqui.

Katharine vai ao lado dela e elas a olham, sua ancestral. A origem da linhagem. Acima da cabeça dela está uma coroa dourada e, abaixo dos seus pés, três estrelas escuras: as primeiras trigêmeas.

— Você a vê? — pergunta Mirabella quando Katharine pega sua mão.

— Eu a vejo.

A primeira rainha de Fennbirn é representada com cinco braços. Em cada uma de suas mãos está uma dádiva. Fogo em um punho fechado. Uma maçã em uma palma aberta. Uma adaga empunhada. Um olho aberto, olhando para fora. E uma cobra serpenteando pelos seus dedos. A primeira rainha era uma Rainha da Legião.

Mirabella estende a mão em direção à imagem e toca muito levemente em sua face antiga. Quando as pontas de seus dedos a tocam, a imagem vem rápido para sua mente. Forte suficiente para empurrá-la para trás e passar para Katharine por suas mãos unidas.

Jules Milone. Ela sabe pela expressão chocada no rosto de Katharine que ela também a viu. Foi inconfundível.

— O quê? — pergunta Luca. — O que vocês viram? — A Alta Sacerdotisa se aproxima.

Mirabella se vira para a irmã. Ela a puxa para perto e esfrega suavemente a tatuagem da coroa de Katharine com seu dedão.

— O começo da linhagem — sussurra Mirabella. — E o fim. As rainhas mortas se erguem e a Deusa escolheu sua campeã.

— Mas por que ela? — pergunta Katharine. — Por que não nós? Nós somos dela. Descendentes dela!

— Eu não sei, Kat. Talvez *porque* nós somos dessa linhagem. E essa linhagem foi em uma direção errada. — Ela baixa a cabeça. — Talvez não exista motivo. Mas você a viu. Nós não podemos negar.

— Então o que faremos? Não somos mais rainhas?

— Nós sempre seremos rainhas — diz Mirabella, suas mãos nos ombros da irmã menor. — Então nós vamos lutar contra as mortas. E vamos lutar contra a névoa. Nós vamos ajudá-la.

Ela se vira de costas para o altar e sente os olhos cravejados e pintados da primeira rainha sobre si.

— Vamos voltar para os cavalos, Luca. Nós temos muito a considerar.

Mirabella recolhe sua saia e se prepara para a longa subida para fora do templo. Mas antes que ela possa sair, um vento forte entra no espaço e todas as tochas se apagam.

— Vento forte — diz a Alta Sacerdotisa. — A maré deve estar entrando. Mira, acenda-as de volta.

Ela o faz, primeiro a sua e então a de Luca, e a caverna se ilumina de novo. Katharine está caída no chão.

— Rainha Katharine!

Elas correm para ela e se ajoelham. Ela está fria. E, tarde demais, Mirabella descobre por quê.

— As rainhas mortas — sussurra Mirabella quando a adaga entra na sua barriga.

Ela empurra Katharine para longe e cambaleia para trás, suas mãos apertando o sangue que

molha o vestido.

— O que você fez? — grita Luca.

— Não, não fui eu! — Katharine segura sua cabeça com as duas mãos, a lâmina sangrenta se arrastando pela sua face. — Foram elas!

As rainhas mortas a encontraram no templo. Elas voltaram de alguma forma e a encontraram nesse lugar sagrado.

— Elas querem usar sua pele — grita Katharine. — Corra, Mira. Você precisa correr!

Mirabella se vira e corre pelos degraus úmidos de pedra, pela passagem estreita, com a tocha diante de si. Ela ignora a umidade quente que gruda em seu vestido e nas suas pernas, sua respiração alta na caverna enquanto seus passos ressoam nas rochas. Quando ela ouve as rainhas mortas gritarem com a voz de Katharine, ela sente vontade de chorar.

Ela sai correndo pela boca da caverna e tropeça na areia. De alguma forma, alcança seu cavalo e monta sobre ele.

— Vá, vá — ela geme, e ele obedece, galopando pela trilha do penhasco. Ela consegue ver o topo. Ela consegue ver o caminho para Sunpool. Para os rebeldes e Arsinoe. O cavalo é bom, forte e firme. Ele pode correr por metade de um dia, bem além da sombra de Indrid Down. Ele pode levá-la para um lugar seguro. Ele salta os últimos degraus para os penhascos.

E Mirabella solta as rédeas e cai da sela.

Tonta, ela rola de barriga para baixo com uma careta, seu punho pressionado contra a barriga. Ela está sangrando muito. Enfraquecendo. Mas o que ela vê quando olha para trás a faz se arrastar pelo chão para fugir. Katharine está subindo a trilha. Só que não é Katharine. Era isso que ela queria dizer quando falou que as rainhas mortas a vestem como uma roupa. A pele apodrecida em suas bochechas. Os olhos leitosos. A sombra escorrendo dela e subindo como fumaça.

— Katharine!

As rainhas mortas sacodem a cabeça. Quando elas sorriem, uma umidade escura aparece entre seus dentes, como se a boca delas estivesse salivando.

Mirabella chama sua tempestade: ela não tem escolha. Ela coleta seu raio quando as rainhas a erguem nos braços, mas a dádiva escorre pelos dedos como todo esse sangue. Elas conseguiram. A enfraqueceram e a tornaram um hospedeiro pronto.

— Katharine — ela grita e toca o rosto da irmã. — Você não pode deixar elas me pegarem!

As rainhas mortas recuam. Os olhos se fecham e quando eles se abrem, são os de Katharine outra vez, escuros e sofredores. Com medo.

— Minha irmã. — Mirabella sorri. — Não deixe elas me pegarem.

— Eu sinto muito, Mira.

Katharine começa a chorar e Mirabella exala. A lâmina em sua garganta é só uma picada, e então Katharine a atira com tudo, por cima do penhasco. O vento em suas costas enquanto cai é como o vento no topo de Shannon's Blackway. Quando ela cai sobre as rochas lá embaixo, só dói por um momento.

Katharine volta para o Volroy sozinha. Ela não podia ficar na praia, assistindo Luca chorar e soluçar sobre o corpo de Mirabella, olhando para um lado e para o outro, de volta para a

caverna, para os penhascos acima, como se houvesse algo a ser feito. Ela também não podia ficar e ouvir as rainhas mortas estalando seus maxilares, murmurando bobagens amargas enquanto encaravam sua hospedeira quebrada nas rochas.

Quando ela entra correndo no Volroy, uma das guardas se curva e corre para alcançá-la.

— Rainha Katharine. Nós encontramos a comandante esta tarde, inconsciente…

— Fique longe de mim! — grita Katharine. — Me deixe em paz!

Exceto que ela nunca está em paz. Não nos corredores vazios, não quando aperta os lados da cabeça com as mãos com tanta força que ela acha que vai partir o próprio crânio. Nem quando ela bate a porta do seu quarto atrás de si e ouve sua respiração no silêncio.

Ela tentou se livrar das rainhas mortas. Se distanciar delas. Acalmá-las. Ela tentou controlá-las e mantê-las em silêncio. Elas lhe conquistaram a coroa. Mas elas lhe custaram Pietyr. E elas a fizeram assassinar sua irmã.

Nós somos você agora, elas sussurram enquanto se giram de volta para as veias dela.

Não resista mais.

Nas sombras quietas da sala do trono, Billy está deitado de barriga para baixo, suas mãos atadas nas costas. Seus pés estão amarrados em suas mãos. Ele não consegue mais sentir nenhum membro há horas.

Ele vira a cabeça para o lado, o que torna mais fácil respirar. Ele não sabe qual veneno lhe deram hoje. Talvez não tenham lhe dado nenhum. Mas cada vez que comida ou bebida tocam seus lábios, ele passa horas imaginando que pode sentir os efeitos: sua garganta se fechando, seu estômago e peito apertando. De noite, ele chora em um pânico silencioso, sozinho e amarrado e odiando que seja só sua imaginação lhe fazendo sofrer.

Mas não está tudo na cabeça dele. O Conselho Negro é criativo em sua tortura. Renata Hargrove é mestre em nós e continua achando novas formas de contorcê-lo e imobilizá-lo. Paola Vend prefere mandá-lo fazer tarefas impossíveis e rir e chutar quando ele falha. Ela o desafiou a achar uma agulha em uma tigela de grãos usando apenas a língua. Ela o fez passar um dia inteiro tentando. Quando ele falhou, Antonin Arron mergulhou a agulha em veneno de vespa, enfiando-a em cada um de seus dedos, e o inchaço tornou muito mais difícil servir chá aos imbecis.

Mirabella não o visitou desde a primeira noite. E ele precisa admitir que Arsinoe também não vai vir. Ele fica feliz por isso. Ele não gostaria que ela se arriscasse. Mas à noite, no escuro, temendo que sua língua esteja começando a aumentar, ele encara a tapeçaria atrás do trono e deseja que ela saia de trás dela.

Quando ele ouve passos perto da porta, ele acha que é apenas a troca da guarda. Ele não presta nenhuma atenção até que alguém dá um grito abafado e um corpo cai no chão.

Ele gira a cabeça. Tudo que ele consegue distinguir são vestes brancas farfalhantes. Imediatamente, ele se vê cercada por elas, e suas mãos e pés são liberados.

— Luca? — Ele abre e fecha os dedos e tenta se levantar.

— Ajude-o — sussurra a Alta Sacerdotisa, e ele é erguido pelos braços.

— O que está acontecendo?

— O que você acha que está acontecendo? — Luca coloca sua faca de volta na bainha da cintura. — Eu estou te libertando. Você prefere ficar?

Ele não discute. Ele manca silenciosamente ao lado das sacerdotisas, para fora da sala do trono, e pelo castelo escuro até a entrada da cozinha. Lá fora, uma sacerdotisa segura um cavalo selado, com algo grande e escuro jogado por cima da frente da sela.

— Rápido, rápido. — Luca pega o braço dele e o ajuda a montar. Ele imediatamente sente o que é a forma e fica tenso.

— O que é isso? — ele pergunta. — Quem?

— É… — A boca dela se aperta. — É a Rainha Mirabella.

O coração de Billy parece parar. Não pode ser Mirabella, essa forma escura e dura enrolada em um cobertor. Mas pela expressão no rosto da Alta Sacerdotisa, ele sabe que é.

— Eu a estou mandando para casa com você. Eu não pude protegê-la. Diga à irmã dela que foram Katharine e as rainhas mortas que fizeram isso. Diga a elas para virem e lutar. O templo e a Alta Sacerdotisa não ficarão no caminho.

Billy ajusta Mirabella cuidadosamente em seus braços.

— Eu não consigo acreditar…

— Nem eu. Mas não há tempo. O caminho pelo portão dos fundos está livre. Eu sei que você é um continental, mas você vai ter que achar seu caminho. Nós não podemos oferecer mais ajuda.

Ele pega as rédeas. O sangue voltou para os dedos e extremidades, mas ainda estão doloridos e desajeitados.

— Por que você está fazendo isso? — ele pergunta.

— Por Mira — diz ela. — E talvez por mim. Agora vá!

Billy vira o cavalo e sai correndo pelo portão. Quando sai em segurança, ele se vira e vê Luca com sua mão erguida em um adeus. Ele ergue a sua de volta. Afinal, Katharine vai saber que foi ela que o libertou, e ele duvida que um dia irá vê-la viva novamente.

Sunpool

Para Jules e Emilia, a volta para Sunpool é pesada e repleta de silêncio. Depois de levar as crianças sobreviventes de Bastian City para Wolf Spring em segurança, onde elas foram recebidas com abraços contidos, como Jules sabiam que seriam, elas trocam seus cavalos por novos e, depois de um breve encontro com Matthew e o pequeno Fenn, voltam para a estrada. Emilia não queria falar sobre Margaret. Nenhuma delas queria falar sobre o que viram em Bastian City e o que poderia ter causado. Mas com Sunpool chegando mais perto, elas terão que fazer isso logo.

A estrada vinda do sul serpenteia perto do mar, e quando a cidade rebelde surge no horizonte, a costa norte surge com ela. Apenas uma estação atrás, Arsinoe e Mirabella chegaram aqui. Jules quase pode vê-las, maltrapilhas e com frio, tropeçando nas dunas.

Em frente, na cidade, sentinelas as verão chegar. Os portões irão se abrir. Arsinoe irá sair correndo. Ela vai saltar em volta dos cavalos, aliviada por elas terem voltado. Ela vai dizer a elas quão estúpidas foram por terem ido em primeiro lugar.

Mas ela vai entender, Jules pensa. *Depois que ela ouvir o que temos a dizer.*

— Estão abrindo os portões — diz Emilia. — E há um cavaleiro ali.

Jules olha. Ela não vê ninguém vindo da cidade.

— Não. Na estrada. Ali. — Emilia projeta seu queixo para a frente. Uma figura solitária a cavalo aparece de onde elas estavam se escondendo, atrás da encosta de uma colina.

Camden levanta a cabeça e com um grunhido salta para fora do cavalo de Jules, correndo na frente delas.

— Quem poderia ser? — pergunta Emilia.

Jules observa o rabo feliz e agitado da gata. Ela leva seu cavalo a um trote.

— Eu não acredito. É Billy!

Juntas, ela e Emilia correm para encontrá-lo. Ela fica chocada por ele estar vivo, ainda mais livre. Mas quando Camden recua, agachando-se, ela e Emilia freiam seus cavalos.

— Como ele se libertou? — Emilia se pergunta. — E o que ele está carregando?

Ele encosta quando as vê, um pouco antes do portão aberto e das pessoas reunidas observando. Ele parece pálido e doente. E imundo.

— Billy Chatworth — diz Jules quando elas o alcançam. Então ela para. Ela não sabe o que mais dizer.

— Me soltaram — diz ele, baixo. — Luca me soltou. Ela me mandou para cá, com uma mensagem para Arsinoe.

— Que tipo de mensagem? — pergunta Emilia, seus olhos no cobertor enrolado.

O rosto de Billy se contrai. Ele solta as rédeas do cavalo e ajusta o cobertor nos braços. Então ele descobre o rosto de Mirabella.

Jules não pode acreditar no que está vendo. Não parece possível.

— Jules!

Arsinoe passa correndo pelo portão, voando até elas como Jules sabia que ela faria. O coração de Jules salta. Ela manobra seu cavalo para a frente do de Billy.

— Não a deixe ver isso, você me ouviu?

Ela sabe que é uma ordem ridícula. Algo assim não pode ser escondido.

Arsinoe as alcança e segura sua perna.

— Vocês ficaram fora tempo demais — diz ela. — Eu não sabia… Billy?

Jules olha entre eles enquanto Arsinoe dá um meio sorriso.

— Mas como você… como você o trouxe? — Ela passa pelos cavalos e seu sorriso desaparece.

— Arsinoe — diz ele suavemente. — Eu sinto muito.

— Não. — Ela agarra o corpo de Mirabella, tentando puxá-la para o chão. — Não. O que aconteceu com ela? O que aconteceu com a minha irmã?

— Arsinoe… — Billy se inclina para trás, lutando para controlar seu cavalo, e Jules desmonta rapidamente. Ela agarra Arsinoe pela cintura.

— Me solte! — ela grita e acerta Jules na cabeça. — Como você os encontrou? Você devia estar em Bastian City! Eu não entendo! — A voz dela é aguda. Estrangulada, com Jules a segurando forte. Ela não sabe o que aconteceu, apenas que Mirabella está morta. E, que pelo resto da vida, ela nunca vai se esquecer do som de Arsinoe gritando que não entende.

No quarto que eles dividem no castelo, Arsinoe observa Billy colocar uma camisa limpa. Está tudo quieto ali; toda a cidade está silenciosa com a notícia da morte de Mirabella. Quase como se eles se importassem.

— Aqui, deixe que eu faça isso. — Ela se levanta e o ajuda com os botões. Há tantas bolhas nos dedos dele que mais uma estoura cada vez que ele fecha o punho. Ela levou um bom tempo o limpando, gentilmente, com água morna e ervas calmantes. Saber que elas vieram de veneno a enche de nojo. Mas mesmo enquanto ela olhava as verrugas e cortes e as marcas de algemas nos pulsos e tornozelos dele, a raiva que ela sente empalidecia comparada ao que ela sente quando pensa em Mirabella.

Eles a assassinaram. Por mais impossível que pareça, quando a dádiva dela era tão poderosa. Quando era ela quem podia lutar com a névoa e ganhar. E ainda assim ela está morta.

Antes de Jules arrastar Arsinoe para longe, ela havia visto o corte na garganta de Mirabella, como um segundo sorriso. Ela tinha visto a sujeira na parte de trás do seu crânio quando a jogaram contra algo sólido.

— O cavalo está bem? — Billy pergunta baixo. — Eu o forcei muito de Indrid Down. Eu deveria ter parado, mas estava com medo.

— Ele está bem — diz Arsinoe. Ela não sabe, na verdade. Mas há vários naturalistas na Rebelião para cuidar dele.

Billy se vira para ela e desliza as mãos feridas pelo pescoço dela. Ele esfrega o polegar pelo seu rosto e ela deixa que ele pressione a testa contra a sua por um momento. O toque de Billy vai amolecê-la. Ela quer se enroscar nele e chorar, usá-lo para esquecer quem eles são e o que aconteceu.

— Você deveria comer alguma coisa. — Ela se vira e aponta para um prato intocado. Um pouco de pão e queijo e um dos bolos que Luke começou a assar depois de tomar o comando dos fornos.

— Nós deveríamos comer alguma coisa — Billy a corrige. — E nós deveríamos dormir. Mas eu não quero fazer nenhum dos dois.

Ela ficaria surpresa se ele conseguisse dormir, considerando a dor que ele deve estar sentindo. Seu olho direito está tão inchado que quase se fecha, toda a órbita em um roxo profundo e sinistro. Alguém sem a dádiva envenenadora presumiria que ele levou um soco. Mas ela sabe que ele foi picado por algo. Injetado com algum veneno.

— Eu vou fazer um pouco de chá de casca de salgueiro para você — diz ela. — Fazer um bálsamo. — Ela fecha suas mãos em punhos raivosos. Mas Billy as pega e as abre.

— Ela não te traiu — diz ele. — Eu a acusei disso, mas eu acreditava nela. Ela te amava, Arsinoe. Talvez ela amasse vocês duas e só não conseguia ver o que Katharine era.

— Eles vão dizer que ela era estúpida. Ou uma traidora. Uma tola idiota e inocente ou uma vira-casaca. E é só isso que eles vão dizer. Ninguém aqui a conhecia de verdade. Só eu e você.

— Então vamos corrigi-los.

— Ela teria sido uma Rainha Coroada melhor do que qualquer uma de nós que estamos vivas — sussurra Arsinoe. Ela solta suas mãos. — Eu devia tê-la impedido. Eu devia ter me impedido.

— Se impedido?

— Cada corte que eu fiz no meu braço. Cada favor que eu pedi para o que quer que a magia baixa seja. Eu sabia esse tempo todo que não era de graça. E eu fiz mesmo assim!

— Arsinoe…

— Você me avisou. Você me mandou parar. Você disse que eram as pessoas a minha volta que pagariam o preço.

— Não foi isso que eu quis dizer. Isso… absolutamente não foi o que eu quis dizer.

Ele desvia os olhos, e um silêncio cresce entre eles. Ali no quarto com Billy algo está se perdendo. E se ela só esticasse a mão e pegasse a dele, ela poderia agarrar a coisa e impedi-la de desaparecer.

— Meu pai está morto — diz ele simplesmente. — Elas o assassinaram também. Punição por ter assassinado Natalia Arron.

Arsinoe ergue os olhos.

— Eu vou ter que ir para casa e cuidar de mamãe e de Jane. Elas merecem saber o que aconteceu.

— Você vai agora?

— Não. Eu não vou agora. — Ele para. — Talvez eu venha e te encontre quando elas estiverem estabelecidas. Nós podemos ir embora juntos, como falamos.

Não foi há muito tempo que eles fizeram esse pacto, começar de novo juntos em algum lugar novo.

— As pessoas que falaram isso eram de um outro mundo — ela sussurra. — Agora só existe esse. — *Esse*, ela pensa, e fecha os olhos com amargor. Onde a guerra se aproxima das muralhas e vai forçá-los a ir ao campo de batalha em breve. Onde de manhã ela terá que queimar o corpo da sua irmã.

— Eu acho que já tivemos nossa chance, Junior. E eu acho que a perdemos.

— Eu acho também — diz ele com dentes apertados. Ele anda até a porta e para com sua mão nela. — Luca me passou uma mensagem para você. Ela disse para você ir e lutar. Que o templo não ficará no caminho.

Arsinoe concorda com a cabeça.

— Bom. É exatamente o que vou fazer.

Indrid Down

Depois que Mirabella foi morta, Luca não tentou esconder o que havia feito. Ela confessou ter libertado o pretendente e mandado o corpo de Mirabella com ele para a Rebelião. Ela deixou Katharine sem alternativa além de convocar as guardas para levarem a Alta Sacerdotisa para seus aposentos no Templo de Indrid Down para esperar sua sentença.

Rho, enquanto isso, se recuperou do abandono repentino das rainhas mortas e recobrou a consciência depois de um dia e uma noite. Mas ela não é totalmente a mesma pessoa. Seus olhos, às vezes, parecem estar perdendo algo. Mas só a própria Katharine sabe o que poderia ser.

Com Genevieve em sua sombra, Katharine anda no topo das muralhas entre as indomáveis torres do Volroy, onde o vento é forte suficiente para derrubá-la. O Conselho Negro se recusa a se reunir. Depois da prisão de Luca, Bree está temendo ser a próxima, e quanto a Antonin, Primo Lucian e o resto… Se no início eles estavam relutantes em ter Mirabella na capital, eles agora estão mais do que prontos para culpar Katharine pela perda da melhor protetora contra a névoa.

Katharine olha para o porto, para o lugar abaixo dos penhascos onde sua irmã morreu. A presença das rainhas mortas é pesada e fria em seu ventre, como se ela tivesse engolido uma esfera de gelo. Depois que ela roubou Mirabella delas, elas estouraram em seu sangue, cortando como lâminas, apodrecendo sua pele de dentro para fora. Mas ela é tudo que elas têm, e logo elas se aquietam.

Katharine não consegue ficar quieta. Ela só sente ódio. Ódio e uma raiva impotente. Mas pelo menos ela poupou sua irmã de compartilhar a pele com as mortas.

— A névoa ainda está lá — diz Genevieve, se inclinando contra a pedra da muralha e olhando para a baía. — Como se estivesse esperando por algo. Mas pelo quê? — Ela estremece e então arqueia uma sobrancelha. — Lá se vai a promessa do rei consorte morto.

— Você contou para mais alguém o que encontrou naquelas páginas? Que a morte de Mirabella poderia vencer a névoa?

— Não. Só para você. Embora talvez devêssemos. Nós poderíamos dizer que tivemos que tentar, com base no que descobrimos. Que você a sacrificou em uma tentativa de salvar a Ilha.

Mesmo que tenha falhado, ninguém pode te culpar por isso.

— Não. Eu não quero arranjar desculpas. — Katharine olha com ódio para a névoa. — Mirabella queria trazer Arsinoe para cá. Ela teria trazido Jules Milone. Ela queria que lutássemos ao lado delas, que eu ficasse de lado e colocasse a coroa na cabeça da Rainha da Legião. Talvez isso ainda seja o que eu devo fazer.

Genevieve a estuda cuidadosamente.

— Não se preocupe — diz Katharine. — Eu só seria tão corajosa se ela ainda estivesse aqui. Agora eu serei uma covarde e vou deixá-las morder, arranhar e rasgar até não haver mais nada.

— Kat — diz Genevieve, mas Katharine se vira de costas. — Muito bem. O que faremos com a Alta Sacerdotisa, então? Eu nunca achei que pediria misericórdia, mas… ver os olhos de Luca quando ela confessou… O coração dela se partiu e a influência dela se dissipa. Eu acho que essa foi a última decepção que aquele velho coração aguenta.

— Deixe que a Alta Sacerdotisa fique nos seus aposentos sob guarda. Deixe-a ficar lá até que isso acabe.

— Acabe?

— Se você acha que Arsinoe não virá atrás de mim agora, você é uma tola. A névoa vai vir. E a Rainha da Legião vai vir. E então haverá um fim.

Sunpool

Jules e Billy tentam evitar que Arsinoe prepare o corpo de Mirabella ela mesma. Mas o que mais ela poderia fazer? Quem mais sabe a forma de como ela gostava de usar o cabelo ou quais óleos aromáticos ela preferia? Apenas Arsinoe. Então, na manhã do funeral, ela está de pé diante do corpo quebrado da sua irmã e tenta juntar a coragem para dar o primeiro toque.

Ela estará fria. Uma concha. E os pedaços de rosa seco em seu cabelo embrulham o estômago de Arsinoe. Ninguém mais deveria vê-la assim.

Ela coloca as mãos nos ombros de Mirabella.

— Pronto — sussurra ela, como se estivesse feito, mas contra sua vontade. Ela fica decepcionada por Mirabella não se sentar e lhe dizer que foi tudo uma farsa.

— Você vai fazer isso sozinha? — Pietyr Renard sai das sombras atrás dela.

— Saia daqui.

— Eu só pensei em dividir o fardo.

— Não me importa o que você pensou. Ninguém mais pode vê-la assim. Especialmente você.

— Eu posso te ajudar a rearrumar os ossos. Ajudar a restaurá-la.

— Não há como restaurá-la — Arsinoe quase grita, e Pietyr, com a típica ousadia dos Arron, se aproxima sem ser convidado. Enquanto ele olha as feridas de Mirabella, tudo que Arsinoe quer fazer é lhe dar feridas iguais. Afundar seu crânio. Quebrar suas costelas e pernas. Cortar sua garganta e mandá-lo de volta para Katharine embrulhado em um cobertor. E então ele toca o rosto de Mirabella com tanta ternura que as lágrimas de Arsinoe se interrompem surpresas.

— Ela era tão linda — diz ele. — E tão forte. Como tínhamos medo dela.

— Então como isso foi acontecer?

Os dedos de Pietyr flutuam acima do corte vermelho escuro na garganta dela.

— Talvez da mesma forma que quase aconteceu comigo. — Ele olha para Arsinoe como se estivesse envergonhado. — Ou talvez não, eu não posso fingir que tenho qualquer resposta ou sei a verdade. — Com mãos lentas, ele move o braço de Mirabella para que fique dobrado, sua mão acima do estômago. Ele move sua perna despedaçada embaixo do vestido, para que ela pareça reta e forte de novo.

Sem dizer uma palavra, Arsinoe se junta a ele e os dois recolocam cada osso quebrado no lugar. Limpam cada mancha vermelha do cabelo dela. Ela envolve a ferida na garganta de Mirabella com um lenço de seda azul e Pietyr e a cobre com um cobertor preto ricamente bordado. Quando eles terminam, Mirabella está linda de novo.

— Eu não vou dizer que parece que ela está dormindo — sussurra Pietyr. — Eu sempre detestei essa mentira.

— Não dormindo — concorda Arsinoe. — Mas melhor. Quase como eu me lembrava dela.

Ele assente e se vira para ir embora.

— Renard.

— Sim?

— Você sabe que nós vamos matar sua rainha.

— Sim.

— E você não vai tentar salvá-la?

— Eu já tentei — diz ele em voz baixa. — E eu falhei.

Depois que o corpo queima, Jules e Emilia ficam nas dunas de grama amarronzada do inverno e olham para a praia embaixo e para os restos do funeral de Mirabella. Ele não foi, talvez, digno de uma rainha, mas as pessoas da Rebelião vestiram o carmim que tinham, mesmo que fosse só um lenço vermelho vivo molhado para ficar mais escuro. Eles deixaram oferendas para Mirabella nas ondas: lanternas de papel pintadas com nuvens de trovão, fitas trançadas molhadas em óleo aromático. Os elementais chamaram o vento e moveram as correntes para carregá-las para o mar. Depois que Arsinoe acendeu o fogo, Camden andou até a beira do mar, pausando de vez em quando para chamar através da fumaça, fazendo o som que pumas mães fazem quando chamam seus filhotes escondidos. Até o corvo de Cait, Eva, voou para o mar, seus grasnados estranhos e altos, como os gritos de uma ave marinha.

— Você deveria descer até ela — diz Emilia, apoiando-se no ombro de Jules. Mas Jules esteve lá durante toda a queima e o envio das oferendas. Ela esteve lá, com Billy, Cait e Ellis. Tia Caragh e Luke. Emilia e Mathilde. Até mesmo Pietyr Renard, embora ele não tenha ousado falar com nenhum deles.

Quando a multidão diminuiu com o pôr do sol e o dia ficou mais frio, Jules se afastou da praia esperando que Arsinoe a seguisse. Mas Arsinoe ficou com as cinzas. Os únicos que estão com ela agora são Camden, sentada na areia, e Billy. Luke ficou a alguns passos de distância, tremendo e segurando seu galo.

— Eu não sou bem-vinda — diz Jules. — Mirabella e eu… nós nunca…

— Isso não importa agora. — Emilia lhe dá um empurrão de leve. — Vá. Ajude-a no luto.

Jules arrasta os pés.

— Eu não vou ser útil. Eu sei como enfiar uma flecha num olho. Eu sei lutar. Eu não sei fazer isso. Além do que, ela precisa de tempo. Distância.

— E ela terá, até que a neve derreta.

A neve vai derreter em algumas semanas. E então a Rebelião vai marchar para Indrid Down. Dessa vez com Arsinoe ao lado dela, como líder.

Jules respira fundo e volta para a praia, seus pés frios da água do mar que entrou pelo couro, seu cabelo castanho e curto chicoteando em seus olhos. Ela acena com a cabeça para Billy e Luke, que abaixam as suas em retorno, tremendo, voltando para a cidade. Arsinoe não se move. Ela ergue sua tocha enfraquecida e encara o mar escurecendo.

— Arsinoe. Você deveria voltar.

Jules estica o braço para puxar a manga dela. Ela espera ser afastada ou ouvir um grito. Mas Arsinoe só cambaleia para trás com o puxão e então para a frente de novo.

— Eu não sei o que dizer — diz Jules.

— Você não precisa dizer nada. — A voz de Arsinoe é pesada. — Eu te deixei aqui com isso. Eu te deixei sozinha na mesma situação quando Joseph morreu.

— Foi diferente. Joseph foi diferente.

Joseph foi morto em uma fuga, por algum soldado cumprindo seu papel. Olhando para trás, ela não sente ódio, quase como se ele tivesse morrido em um acidente.

— Além do mais, fui eu que te deixei, lembra? — Ela cutuca Arsinoe suavemente. — Eu sei que não sou sua irmã de verdade, mas…

— Fique feliz com isso. — Arsinoe range os dentes e olha para ela com olhos escuros e mortos. — Só me resta uma. E não por muito tempo. — Ela se volta para a água e Jules olha para o mar também. Quando a névoa aparece, flutuando à distância como uma cortina branca esvoaçante, ela agarra o braço de Arsinoe. Mas Arsinoe sorri.

— Não tenha medo. Ela não vai nos machucar.

— Como você sabe?

— Porque ela é parte da névoa agora — sussurra Arsinoe. — E ela só veio se despedir.

A Guerra das Rainhas

Templo de Indrid Down

Bree e Elizabeth sobem as muitas escadas que levam aos aposentos de Luca no topo do Templo de Indrid Down. Elizabeth entra primeiro, carregando tigelas e uma panela de sopa quente. Bree a segue com um pedaço de pão e quase o derruba quando Elizabeth tropeça.

— Cuidado, os degraus são íngremes. — Ela faz uma careta quando Elizabeth baixa a panela e sacode sopa derramada de suas mãos queimadas. — Você está bem?

— Estou bem. — A sacerdotisa suga seu polegar avermelhado. — O calor é bom, na verdade.

Bree sorri.

— Nossa Elizabeth. Capaz de achar um lado bom em quase tudo. Até em um dedo queimado.

— Quase tudo — diz Elizabeth suavemente.

Elas chegam à porta do quarto de Luca, e Bree ordena para as guardas que as deixem entrar. As guardas não têm sido um problema. Pelo menos algumas a serviço da rainha ainda reverenciam o templo e a Alta Sacerdotisa, apesar de sua tarefa.

— Vocês garotas precisam parar de vir aqui — diz Luca quando elas entram. Ela abraça as duas e aperta Bree com tanta força que quase esmaga o pão.

— Você diz isso toda vez. — Elizabeth pega o pão de Bree e imediatamente arruma a mesa, limpando a superfície com a manga das suas vestes e puxando a cadeira da Alta Sacerdotisa.

— Eu sei — diz Luca se sentando. — Mas eu não espero que vocês escutem. Quando foi que vocês fizeram alguma coisa que eu pedi?

— Aqui. — Elizabeth serve uma tigela de sopa e parte um pedaço do pão. — É de frango e cenoura, com um pouco de creme. Eu fiz hoje de manhã.

— Eu fiz o pão — diz Bree, se sentando e cortando o próprio pedaço.

Luca desdenha.

— Você não fez.

Bree sorri para ela.

— Claro que não fez — diz Elizabeth. — Bree é inútil na cozinha.

— Eu sou inútil em qualquer lugar — diz ela. — Exceto como companheira de uma rainha. Foi para isso que fui educada. E agora…

Luca afunda sua colher na sopa.

— Sopre primeiro — avisa Elizabeth. — Precisamos mantê-la fervendo para que fique quente nesse quarto. Eu não sei por que você gosta daqui. Tão alto e frio.

— Eu gostava porque conseguia ver — diz Luca. — Mas eu não pude ver o suficiente.

Bree observa a Alta Sacerdotisa em silêncio. Bree ficou com tanta raiva quando Luca coroou Katharine. Quando ela anunciou a execução de Mirabella. Mas esses sentimentos parecem distantes. Ela, Luca e Elizabeth são as únicas que restam, as únicas que podem se lembrar da Mirabella de um tempo anterior à Ascensão.

Bree mergulha seu pão na tigela e dá uma mordida. A primavera chegou na capital. As passagens pelas montanhas estão se abrindo. Novos brotos de grama começaram a surgir. O ar aqui em cima só está levando um tempo para perceber isso.

— Quais as notícias do Conselho Negro? — pergunta Luca, e Bree estala a língua.

— Você sabe que não posso contar. As guardas ali fora podem ser gentis, mas ainda estão escutando.

Luca ri. Ela parece a mesma, mas se Bree olhar de perto, ela consegue notar que as bordas de suas vestes brancas impecáveis estão empoeiradas. Seu cabelo grisalho está limpo e penteado, mas ele afinou, e o rosa do seu couro cabeludo começou a aparecer. Antigamente, Bree e Mirabella podiam jurar que Luca já tinha nascido velha e, portanto, nunca ficaria mais velha.

— Ela vai me manter aqui até a minha morte — diz Luca, e Bree se assusta, preocupada que seu rosto tenha expressado demais. — Ou eles vão me executar. Essas são as alternativas e a única coisa a ser determinada é o método da minha derrota. Envergonhada em praça pública? Ou morta em silêncio e meu corpo queimado entre as sacerdotisas do Templo de Indrid Down?

— Não são as únicas alternativas — diz Elizabeth, mas sua voz alegre é pouco convincente. Ela enfia a mão em seu capuz em busca de Pepper, como sempre faz quando tem medo ou está desconfortável. Mas Pepper não está lá. Ele está em algum lugar entre a capital e Sunpool, em uma tarefa sem sentido para uma rainha derrotada. Talvez ele seja mais rápido que o cavalo de Billy e entregue a mensagem antes que Arsinoe saiba que Mirabella está morta. Bree espera que sim. Entregá-la depois parece cruel demais.

— Talvez a Rebelião ganhe — diz Bree. — Talvez a Rainha da Legião governe e te liberte.

— Katharine vai mandar alguém vir aqui me matar se parecer que as coisas vão mal. Eu te garanto isso. — Luca pega a mão de Bree e baixa sua voz até um sussurro. — E não fale isso a menos que você queira parar nas celas do Volroy!

Os olhos de Bree queimam. Ela põe todo seu foco em evitar que sua dádiva afete as tochas e queime as paredes.

— Eu acreditei quando ela falou da trégua. Eu até cheguei a gostar dela.

— Mirabella também — diz Luca. — Todas nós.

— Ela assassinou minha melhor amiga!

— Bree. — Elizabeth olha a porta fechada.

— Eu não me importo. — Bree acena com a mão acendendo todas as velas da sala, todas as lâmpadas. Ela quer que Katharine apareça na sua frente para queimá-la viva. Exceto que, mesmo com a raiva que sente, não teria coragem. Ninguém tem a coragem de enfrentar a Rainha Coroada. Não importa que tipo de problemas ela causou a eles.

— Logo a Rebelião vai chegar. Eles marcharão com seus exércitos pelas montanhas, descendo pelos vales e campos de Prynn. — Luca olha pela janela, para as enormes torres do Volroy. — Eles virão com o apoio de Rolanth e do templo.

— E eles ainda vão perder! Você sabe o que Katharine é. Você sabe que há alguma coisa nela… algum poder.

— Arsinoe também vai saber. Ela vai receber a carta de Mirabella.

Bree baixa os olhos.

— Como chegamos a este ponto? Aceitando a Rebelião e o fim das rainhas?

— Eu não sei — diz Luca e limpa sua boca com um pano. — Mas é melhor vocês garotas não se demorarem. — Ela se levanta, e Elizabeth recolhe as tigelas e panela com relutância. Antes que ela possa sair, Luca pega Bree pelo braço.

— Nós chegamos muito longe, você e eu — diz Luca. — Uma enorme distância e muitos anos desde Rolanth. Quando você me amava. O que quer que aconteça no fim da minha vida, eu fico feliz que vou deixá-la com você me amando de novo.

Bree franze a testa. Seus sentimentos pela Alta Sacerdotisa não são tão claros quanto amor e ódio. Mas é verdade que ela nunca deixou de se importar com ela.

— Mira te amou de novo, no fim?

— Eu acho que sim — responde Luca. — Mas eu não merecia.

— Ela não está certa, está, Bree? — pergunta Elizabeth quando elas voltam para o Volroy. — Quando ela disse que morreria ali ou eles a matariam? Deve ter algum jeito de Luca sobreviver.

— Ela normalmente consegue encontrar um — diz Bree. — Mas desta vez eu não tenho certeza.

Sunpool

Não há espaço suficiente em volta da mesa no quarto de Jules para que todos se sentem. Mathilde, Billy e Gilbert Lermont estão em um semicírculo que começa atrás do ombro esquerdo de Arsinoe, uma extensão imaginária do "novo Conselho". Porque é assim que será se a Rebelião for bem-sucedida e derrubar a Coroa. Jules e Emilia sentadas na cabeceira da mesa com Caragh entre elas. Pietyr Renard de alguma forma sentado em frente a elas.

— Não se preocupem — diz Emilia enquanto eles se arranjam. — A câmara do Conselho Negro vai ser muito maior.

Alguns riem. Mas não Arsinoe.

— Não estamos nos antecipando?

— Até mesmo nós precisamos de um Conselho — diz Mathilde.

— Mas serão essas as pessoas nele? Que tal alguém de Rolanth? Ou do templo? Talvez até Renata Hargrove, para unir o velho e o novo. Ou vocês pretendem passar com o exército por cima de todo mundo em Indrid Down?

O novo Conselho troca olhares.

— Talvez a Rainha Arsinoe esteja certa — diz Jules. — Talvez possamos até ficar com a Alta Sacerdotisa, se ela sobreviver. Ela certamente mereceu.

— Alguém quer me dizer o que ele está fazendo aqui? — pergunta Billy, apontando seu queixo na direção de Pietyr.

— Talvez seja melhor perguntarmos por que você está aqui — responde Emilia. — Essa luta não é sua, continental.

— O pai dele foi morto por Rho Murtra — diz Arsinoe. — E ele foi feito prisioneiro e torturado.

— Ele está nessa desde o momento em que pulou entre Arsinoe e um urso — concorda Jules. — Isso custou a ele tanto quanto a todos nós.

Emilia suspira.

— Pietyr Renard está aqui porque ele conhece a capital e os hábitos da Rainha Morta-viva melhor do que qualquer um.

— Então vocês lhe dão um lugar à mesa? — pergunta Billy. — Ele não é um prisioneiro? Ele não poderia fornecer essas informações de dentro de uma cela?

— Eu nunca estive em uma cela — diz Pietyr. — Eu estava em um quarto espaçoso e confortável na casa dos Lermont.

Billy tensiona o maxilar, e Arsinoe coloca um braço na sua frente antes que ele possa se lançar do outro lado da mesa.

— Eu também não confio nele, mas ele é o motivo de sabermos o que Katharine é.

— Ela está cheia de mortas — diz Billy. — Esse era o segredo que Mirabella estava buscando.

— Ela nunca teria descoberto. Katharine as esconde bem. — Mesmo depois de ela ter quase o matado, a voz de Pietyr ainda é cheia de orgulho. Ele é um Arron, afinal, e eles são um bando perverso e mórbido. Arsinoe tira o braço do caminho de Billy. Deixe ele se lançar ao outro lado da mesa. Deixe que ele derrube Pietyr no chão e tire esse sorrisinho de Arron do rosto dele. A verdade é que ela não se importaria de vê-los rolando no chão um pouco.

— Mas o que isso significa? — Gilbert Lermont se inclina para a frente, suas mãos de dedos longos dobradas uma sobre a outra. — "Ela está cheia de mortas." O que, exatamente, estamos encarando?

— Algo pior do que você pensa — diz Jules em um tom obscuro. — Depois do que vimos em Bastian City.

— Você disse que ela passou as rainhas mortas para você — diz Mathilde para Pietyr. — Ela pode fazer isso sempre? É tudo que ela pode fazer?

— Eu acho que ela está o tempo todo aprendendo novas formas de usá-las. — Seus olhos azuis baixam para o seu colo. — Ou que elas podem usá-la.

Jules se afasta da mesa para andar de um lado pro outro.

— Jules — diz Emilia. — Não se preocupe. Nossos números igualam os deles.

— Números iguais. Mas isso não é suficiente.

— Cada soldado com a dádiva da guerra vale por cinco soldados normais. Os que têm uma dádiva forte, como eu e você, valem vinte.

— E os guerreiros que lutaram para defender Bastian? E Margaret Beaulin? Ela também tinha uma dádiva forte e ela foi… — Jules para. Ela e Emilia não contaram a muitos ali sobre a carnificina que encontraram em uma tentativa de não apavorar os soldados. Mas até Emilia está com medo. Arsinoe viu quando Jules mencionou Margaret.

— O que quer que ela tenha mandado, nenhum exército poderia vencer — diz Jules, baixo.

— Então o que fazemos? — sussurra Emilia por entre os dentes, seus olhos brilhando. — Nós a deixamos sair impune?

— Não, nós não a deixamos sair impune. — Arsinoe grita e se levanta. Pensar em Katharine continuando a reinar, continuando a existir enquanto Mirabella é cinzas sobre o mar faz o coração de Arsinoe se dobrar sobre si mesmo. — A Rainha Morta-viva não pode permanecer. Ela e suas rainhas mortas… — Arsinoe fecha o punho. Ela sente cada marca e cada cicatriz de magia baixa se esticar e arder. — E nós teremos a nossa.

A boca de Billy se abre.

— O que você está dizendo?

— Eu estou dizendo para usarmos Daphne. Eu sei onde encontrá-la. — Pelas janelas, o pico do Monte Horn surge por entre as nuvens. — E pode-se dizer que, depois de tudo, ela me deve um favor.

— Arsinoe, é perigoso demais.

— Eu não tenho medo.

— Eu não disse que você tinha.

Ela espera que ele lhe diga que ela está sendo inconsequente. Ou que ele tente fazê-la mudar de ideia. Em vez disso, ele não diz mais nada.

— Mas mesmo com uma rainha morta — Caragh diz. — Que diferença isso faz? Se eles são tão mais poderosas, como vocês dizem, então o que é uma contra dezenas? — Ela olha para Jules, que olha para Emilia e Mathilde. Elas olham para Pietyr, mas ele não tem mais respostas do que elas mesmas.

— Daphne é mais forte — diz Arsinoe. — Ela não é como elas.

— O que você quer dizer? — pergunta Jules. — Ela foi uma rainha como elas foram. Ela está morta como elas estão.

— Não como elas foram. Ela governou. Ela não foi morta. Ela não *perdeu*.

As palavras dela ecoam pela sala. É a melhor chance que eles têm. Sua única aposta. Arsinoe sente os olhos que pousam nela com uma esperança cuidadosa.

— Se você acha que ela vai lutar conosco, então vá buscá-la. — diz Jules.

— Quando o exército marchar, eu vou me separar e seguir para a montanha. Eu alcanço vocês depois.

— Então vamos marchar.

Eles partem rapidamente, falando em vozes baixas, Emilia mais uma vez à frente para mobilizar os rebeldes. Antes que Billy saia, Arsinoe pega o braço dele.

— Eu sei que você não quer que eu faça isso. Mas eu preciso.

— Eu sei. Assim como você sabe que eu preciso lutar. — Ele toca o rosto dela. — Mirabella estaria orgulhosa de você. Eu estou orgulhoso de você. E espero que você saiba no que estamos nos metendo.

Quando Pepper chega, Arsinoe está sozinha em seu quarto, observando os rebeldes que se preparam na cidade lá embaixo. De sua janela, ela tem uma boa visão dos arqueiros praticando nas colinas, onde os alvos usados pelos que têm a dádiva da guerra estão cheios de flechas partidas por outras flechas que caem por cima. Os outros têm flechas enterradas em todas as direções, como almofadas de alfinetes, ou lançadas neles para formar padrões elaborados. Ela olha para a praça lá embaixo, onde carroças estão sendo carregadas com armas e grãos amadurecidos por naturalistas.

Toda a Rebelião dobrou esforços após a morte de Mirabella. Como se eles soubessem que ela seria o motivo, finalmente, para eles marcharem.

O pequeno pássaro entra pela sua janela. Ela o reconhece imediatamente e é quase como se Mirabella tivesse voltado para visitá-la quando Arsinoe se lembra que Mirabella não era uma naturalista. Só amiga de uma.

Ela estende a mão e o pica-pau preto e branco e topetudo pula para sua palma. Ele está cansado e agitado, o pobrezinho. Suas asas caem longe do corpo e seu pequeno bico pontudo se abre ofegante.

Arsinoe também não é uma naturalista, mas no momento em que o pé dele toca sua pele, ele se acomoda e ajeita as penas. Ela o leva para dentro enquanto seus pequenos olhos escuros se fecham e se senta em sua cadeira junto ao fogo.

— Sem dormir ainda, amiguinho — sussurra ela e coça a barriga dele.

Irritado, Pepper abre um olho. Então ele estica a perna com o bilhete amarrado, sacudindo-o de leve, como se a apressando para que ele possa descansar.

Arsinoe pega o bilhete e o desenrola. Sua respiração falha quando ela reconhece a letra de Mirabella. Ela o coloca no colo e acaricia o pássaro por um momento. Ela pensou que seria da naturalista dele, Elizabeth. Ou talvez de Bree Westwood. Quando Mirabella o escreveu? Quando ela o enviou? Ela aperta os lábios e olha para o pica-pau. Ele já dormiu.

Ela desenrola e lê.

Por favor, venha para a capital. Katharine não é o que você ouviu. Nem o que você viu. Algo tomou conta dela e só você pode resolver. Nós, as três rainhas, fomos trazidas até aqui pela Deusa por um motivo. Eu para enfrentar a névoa. Katharine para ser uma hospedeira. E você para bani-las com magia baixa. Eu sinto muito por ter ido embora, mas por favor, venha. Suas irmãs precisam de você. Suas duas irmãs. Com amor, M.

Arsinoe se senta em silêncio por um momento. Então ela amassa o pergaminho e o joga no fogo.

Na manhã em que devem partir – o exército rebelde para Indrid Down, Arsinoe para a montanha –, Arsinoe e Billy acompanham Luke na prova da sua armadura. É apenas um capacete e um peitoral. A Rebelião não teve tempo para armar seus soldados com mais. Mas Luke está animado mesmo assim. Ele fica em pé, com seus braços abertos, e se vira de um lado para o outro enquanto Hank, o galo, bica o metal para testar sua dureza.

Luke deveria estar atrás do caixa na livraria. Ele deveria estar pondo sua mesa com biscoitos e bolos ou costurando belos painéis de bordado em um vestido. Luke é um criador, não um destruidor, e é difícil para Arsinoe sorrir e assentir quando ele lhe mostra sua besta e sua lança.

— É uma pena você não poder levar Braddock — diz Billy, observando Hank enfiar suas esporas no capacete de Luke. — Que histórias contariam da batalha depois, da Rainha Arsinoe e cavalgando para a guerra sobre seu grande urso pardo. Nós poderíamos ter mandado fazer uma armadura para ele.

— Eles vão contar essas histórias de qualquer forma — diz Arsinoe. — Metade de toda lenda é baboseira inventada. Eles vão falar de vocês dois também… correndo para a batalha com um par de galinhas de armadura.

Os olhos de Luke se arregalam.

— Harriet ficaria linda de armadura! Mas ela não é um Familiar. Mesmo Hank, que é dos mais ferozes deles, deve ficar para trás durante a luta. — Ele olha para o galo, que inclina a

cabeça desafiadoramente. — Só os cachorros e pássaros voadores estarão a salvo. Os Familiares maiores. Como Camden.

— Ninguém estará a salvo — sussurra Billy, mas Luke não parece ouvir.

— Falando em Familiares, ou falsos Familiares, é melhor eu ir achar o meu. Eu vou levá-lo para montanha comigo antes de deixá-lo de volta no Chalé Negro.

Na confusão de se viajar com um exército, no caos da batalha, ela e Luke podem nunca mais se ver de novo. O bom Luke, que sempre acreditou nela, que chora com qualquer coisa. Mas dessa vez são os olhos dela que estão marejando.

— Eu vou te encontrar antes de marcharmos — ela promete, e ele aperta sua mão.

Quando ela e Billy saem da cidade em busca do urso, a Rebelião já começou a se alinhar e a praça está lotada com fileiras e mais fileiras de cavalos selados. Todas as ruas que saem dali também estão lotadas, com soldados esperando as ordens de ir. Eles se sentam em barris ou em seus próprios fardos de mantimentos, todos eles com tanto medo quanto determinação.

Arsinoe passa seus dedos pelos pulsos de Billy para ver se ele faz uma careta.

— Como estão os ferimentos? Eu preciso trocar as bandagens?

— Não. Eu não sei o que você colocou naquele bálsamo, mas…

— Mágica — provoca ela. — Um pouco do meu sangue.

— Arsinoe. — Ele meio sorri ao mesmo tempo em que faz uma careta de novo.

— Você não devia ir — diz ela finalmente. — Você não é um soldado. Você deveria ficar atrás das linhas e comandar a batalha. Ou achar um navio e sair logo daqui.

— Eu tenho treinado com o exército. E eu sou razoável com um arco, você sabe. Arco e flecha. Meu pai insistiu.

— Fique. Mais. Para. Trás.

— Eu aprendo rápido. Eu sou tão bom agora quanto metade desses caras.

— Mas nem metade tão bom quanto essas moças — diz Arsinoe e dá um tapa atrás da cabeça dele. — Continental.

— Arsinoe!

Eles se viram com o som do grito de Jules. Ela e Camden estão vindo atrás, o rabo da gata ondulando preguiçosamente para a frente e para trás. Billy aperta suavemente a mão de Arsinoe.

— Vá com Jules — diz ele. — Ela vai ser melhor para achar Braddock, de qualquer forma. Me encontre antes de marcharmos.

— Certo — diz ela, e ele a beija. Então ele corre de volta na direção dos portões da cidade e ergue um chapéu imaginário para Jules e Camden.

— Procurando um urso? — pergunta Jules. — Acho que o vi mais cedo, procurando as primeiras frutinhas nos arbustos.

— Cedo demais para isso.

— Talvez eu tenha amadurecido algumas para ele — diz Jules. Ela aponta e elas andam pela muralha na direção do mais farto dos arbustos. Não demora muito para encontrarem Braddock; seu lombo marrom e largo é fácil de notar.

— Nós acabamos de ver Luke. Ele ganhou uma amadura. Ele não parece saber que é real. Hank parecia mais preocupado do que ele. Eu queria agarrá-lo pelo pescoço e gritar com ele.

— Gritar o quê?

— Que o lugar dele não é numa armadura. Que o lugar dele não é numa batalha.

— Nem o seu — diz Jules. — De todas as rainhas, você é a com menos chances de sair

inteira disso. Katharine se tornou uma guerreira graças às dádivas emprestadas das mortas. E Mirabella era…

— Uma tempestade de raios. Um incêndio selvagem.

— Sim. Mas você? Apesar do seu pendor para atacar as pessoas, você não é uma lutadora. Sua luta é com seu cérebro. Com subterfúgio. E magia.

— Como uma envenenadora — diz Arsinoe. — Eu acho que sempre fui como uma, lá no fundo. Que safra horrível de rainhas, todas nós. Nenhuma de nós é o que deveria ser.

— Não — diz Jules. — Nós todas somos mais. E não nos chame de safra. Você não é um vegetal.

Arsinoe ri suavemente.

— Não diga "safra"; não diga "parir"… Você tem muitas regras, Jules.

— Eu nunca disse que você não podia falar "parir".

O sorriso de Arsinoe some.

— Certo. Isso foi Mirabella.

Elas observam Camden brincar de atacar as costas de Braddock. É um milagre como eles brincam bem juntos. Camden morde a perna de Braddock e ele a faz rolar pelo musgo úmido. Ela volta sacudindo a cabeça, sua pele manchada e grudada em alguns lugares, e volta imediatamente a mordê-lo.

— Ela precisava disso — diz Jules, com os olhos na gata. — Melhorou seu humor.

— O de Braddock também. — Mas não o delas. Elas se demoram no conforto da companhia uma da outra, mas isso não pode durar.

— Às vezes eu só quero correr para a vó Cait e pedir para ela me levar para casa.

— Eu também — diz Arsinoe. — E eu fico surpresa por ela mandar Caragh para as reuniões. Eu meio que esperava que ela nos aconselhasse.

— Ela me aconselha. Mas não na frente do Conselho.

— O que ela diz?

— Que não temos como ganhar. Mas precisamos tentar.

— Ela não é boa em melhorar nenhum humor também — diz Arsinoe, e Jules coloca uma mão no ombro dela.

— Meu humor vai melhorar quando a batalha acabar. E quando eu te vir viva do outro lado. — Ela puxa Arsinoe para um abraço. — Fique viva do outro lado.

Indrid Down

— O exército rebelde está marchando.

Genevieve para atrás dos ombros de Katharine enquanto ela olha pela janela, para a cidade lá embaixo. Há dias os habitantes de Indrid Down vêm fortificando suas casas, bloqueando as janelas e trazendo barris de mantimentos para dentro.

— Rainha Katharine. Você me ouviu?

— Eu ouvi — diz Katharine. Ela e Genevieve observam um velho cavalo, puro osso, sendo puxado rapidamente pela rua, talvez para ser mantido em segurança em alguma fazenda no campo.

— Deveríamos fazer uma busca nas fazendas? Confiscar mais mantimentos para o cerco antes de os rebeldes chegarem?

— Não será um cerco. Será uma batalha. E a última.

— Devemos realocar quem não for lutar?

Katharine aponta com a cabeça para as janelas bloqueadas.

— Eles sabem o que está vindo. Eles escolheram ficar. Metade deles provavelmente vai pegar em armas contra mim.

Genevieve se põe ao lado dela, suas mãos brancas tremendo na pedra do peitoril da janela. Ela está com medo. Todos eles estão com medo. Apesar de toda força e arrogância do Conselho Negro, nenhum deles viu uma guerra antes.

— Kat, não desista! — Ela fixa seus olhos lilases em Katharine. — Minha irmã não te criou para desistir!

— Sua irmã me criou para fazer o que mandam. Ela me criou para servir. Para agradar. — Katharine abre e fecha a mão e sente as rainhas mortas ali, logo abaixo da superfície, ocupando cada vez mais espaço conforme os dias passam. Ela certamente as serviu bem. — Eu amava Natalia. E ela me amava, do jeito dela. Mas ela nunca acreditou. E agora você também não acredita. Você acha que Arsinoe e Jules Milone marcham até nós com um exército de elementais, naturalistas e guerreiros, com oráculos para mostrar a eles nossas armadilhas e os sem dádiva para atormentar nossa cavalaria. Você acha que eles vão nos vencer com uma nuvem de falcões e raios. Você não tem ideia do que meu exército pode fazer.

— Então você não está com medo? — pergunta Genevieve. — Você não teme que vamos perder?

Katharine baixa seus olhos com tristeza.

— Não. Nós não vamos perder.

Monte Horn

O sol da tarde bate quente nas suas costas quando Arsinoe sobe a trilha pela encosta do Monte Horn com seu urso. Embora a maior parte da neve já tenha derretido nos prados baixos, a trilha em si ainda está coberta de branco.

Atrás dela, em Sunpool, o exército rebelde escoa pelo portão da cidade em um fluxo contínuo. Ela vai alcançá-los quando terminar. Eles não terão chegado muito longe, um exército desse tamanho e desacostumado a marchar. Na primeira noite em que acamparem, Emilia vai ficar rouca de tanto gritar para eles se organizarem. Mas Arsinoe precisa admitir que é impressionante quão rápido eles se movem depois que Jules deu a ordem.

Arsinoe mantém seu passo firme e se inclina sobre seu urso. Ela aperta os olhos e tenta ver Jules cavalgando seu cavalo preto na frente ou Emilia em seu brilhante cavalo colorado, mas não as encontra. Billy está lá também, em algum lugar, em um cavalo emprestado. Carregando armas emprestadas. Para lutar em uma guerra emprestada.

Antes de ela partir para a montanha, Billy perguntou se ele podia acompanhá-la.

— É assunto para rainhas — ela havia dito.

— Como o que você tem com Katharine.

— Sim. Como o que eu tenho com Katharine.

Ele não discutiu, como se perguntar tivesse sido apenas encenação, uma fala que ele deveria dizer. De noite, ele ainda a abraçou como se nunca fosse soltá-la. Mas algo havia mudado. Desde que ele foi prisioneiro de Katharine, Billy não é mais o mesmo.

— Não há futuro para as rainhas — ela murmura, e Braddock a cutuca suavemente com a cabeça.

Quando eles entram na caverna, o ar tem cheiro de pedra da montanha e de terra em degelo. Ela pega lenha na sua bolsa, para começar uma fogueira e aquecer suas mãos geladas, e um pedaço de peixe seco para agradecer ao urso pela companhia. Leva algum tempo para que a madeira acenda; seus dedos se atrapalham com os fósforos e ela nunca foi boa em juntar lenha como Jules. Mas logo a caverna se acende com uma luz laranja e ela se senta ao lado de Braddock, seus olhos nas sombras no fundo, onde a caverna afunda para o centro da montanha.

Ela não está com medo desta vez. Nem preocupada ou mesmo apreensiva. Desta vez, ela sabe por que veio.

— Não fique tímida, Daphne — sussurra Arsinoe. — Você me deve uma.

Ela encara o preto da forma das pedras. Finalmente, ela se levanta e anda para o escuro.

— Eu não vim até aqui para falar com um buraco no chão.

Ela espera. A qualquer momento, Daphne vai aparecer: sua forma molhada, com dedos pontiagudos e pernas que são longas demais e se curvam em direções estranhas.

Exceto que ela não aparece. Arsinoe se apoia na lateral das pedras, suspendendo seu corpo sobre o abismo. Uma vez, em seus sonhos, ela tinha pensado em Daphne como uma amiga. Talvez ela tenha até a visto como parte dela. Ela não pensa mais assim.

— Venha aqui! — ela grita e ouve sua própria voz ecoar nas profundezas. — Mirabella está morta! E a névoa continua! Você realmente achou que ela podia ser apaziguada? Ou você só queria ver outra rainha elemental morta? — As perguntas flutuam no ar e ecoam de volta para ela sem respostas. Ela não vê nenhum movimento nas sombras, nenhum punhado de fumaça subindo. Ela também não a sente escondida atrás das pedras.

Arsinoe pega sua pequena faca afiada. Ela faz um corte raso na lateral da sua mão e a esfrega na parede da caverna. Ela fecha um punho e deixa seu sangue de rainha pingar lá embaixo, bem lá embaixo, no coração da Ilha. Mas a montanha está vazia. Daphne se foi, e a força que uma vez a acordou está novamente silenciosa. Ela não vai ajudá-los.

Eles estão sozinhos.

O acampamento rebelde

— Não foi fácil — diz Jules quando ela e Caragh olham o exército lá embaixo, a partir da tenda de Jules no morro. — Mas conseguimos. — Elas moveram todo um exército pelas montanhas. Lá embaixo, rebeldes montam suas tendas e constroem baias temporárias para os cavalos. Graças aos naturalistas, quase nenhum se perdeu, apesar do terreno incerto e pedregoso.

— Os rebeldes não são mais rebeldes — diz Caragh. — Eles são soldados. — Ela inclina a cabeça na direção de Jules. — Arsinoe já deveria ter nos alcançado a essa altura. Talvez ela esteja se demorando com Braddock.

— Talvez você devesse voltar e ver. — Jules olha com o canto do olho para a tia.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que eu quero que você volte.

— De jeito nenhum. — Caragh balança a cabeça. — Sua mãe se foi. Eu não sou uma guerreira, mas não vou deixar você ir sozinha.

— Não estou sozinha.

— Mas eu sou tudo que… — Caragh para.

Jules olha para ela. Caragh a criou quando Madrigal foi embora. Ela a ensinou a usar sua dádiva. E os anos que ela passou no Chalé Negro foram por ela. Por Jules. Ninguém faz Jules se sentir segura como Caragh faz. Mesmo agora, quando ela não pediria mais nada, tudo que Jules quer é que Caragh fique.

— Eu preciso que você volte. Por Fenn.

— Fenn tem Matthew — diz Caragh, mas seu rosto se fecha.

— Eu preciso que você volte pelos outros, para levá-los para um lugar seguro se falharmos. A vida de todos os Milone estará em perigo se perdermos, e eu não posso deixar isso acontecer com a vó Cait e Ellis. Eu preciso de você em Sunpool para ajudar os outros a voltarem a Wolf Spring. E que de lá você desapareça. Pegue meu irmãozinho. Pegue Matthew. E não deixe Katharine te encontrar.

— Jules — diz Caragh. Ela a abraça com força, de um jeito que ela não fazia desde que Jules era pequena. Cedo demais, ela se vira e vai embora. — Eu vou — diz ela por cima do ombro. — E se eu vir Arsinoe, vou mandá-la na direção certa.

Caragh desce rapidamente a colina e passa por Emilia subindo.

— Caragh? — chama Emilia. — Caragh, aonde você vai? — Ela se junta a Jules no acampamento. — Para onde Caragh foi?

— Eu a mandei de volta.

Emilia a encara indo, como quem considera a perda de mais um soldado. Mas então ela assente.

— Bom. Fico feliz.

— Arsinoe já deveria ter nos alcançado.

— Ela vai chegar — diz Emilia, despreocupada.

— Nós deveríamos mandar alguém procurar por ela.

— Humpf — Emilia resmunga.

— Isso é um sim? Eu ainda não sei interpretar todos os seus grunhidos. — Ela cutuca a guerreira no ombro. Emilia a afasta.

— Não tente me desarmar. — Ela olha para Jules, irritada. — E foi um não. Não vamos desperdiçar soldados. A batalha está na frente, não atrás.

— Você sabe que precisamos dela e de Daphne para enfrentar Katharine e o que quer que Katharine controle. O que ela fez em Bastian…

— Nós só precisamos de você — dispara Emilia. — Nossa Rainha da Legião. Eu espero que Arsinoe caia naquele buraco dentro da caverna. Eu espero que ela e sua rainha morta nos deixem em paz.

— Você não quis dizer isso e não acredita nisso. Você é corajosa, mas não é estúpida. — Jules olha o exército lá embaixo e fica tensa. Ela não consegue esquecer do que viu na cidade dos guerreiros. A brutalidade da coisa. E a completa unilateralidade.

— Você está com medo? — pergunta Emilia.

— Claro que sim. Você não?

— Sim. — Ela sorri. — Mas a dádiva da guerra… Eu gosto do medo. Eu o bebo como cerveja. Você não sente isso? — Ela se vira para Jules e corre um dedo pelo queixo dela. O toque e o olhar disparam algo nas profundezas do estômago de Jules. Algo que é ao mesmo tempo familiar e completamente novo. — Você não gosta? Nem um pouquinho? — Jules respira trêmula e Emilia se aproxima para pegar o rosto dela nas mãos.

— Não vai demorar muito para lutarmos. Para isso acabar, de um jeito ou de outro. A luta vai ser… caótica. Cheia de sangue e acaso. Vamos perder amigos.

Ela está tão perto. Seus olhos escuros brilham.

Jules dá uma risada desconfortável.

— É isso que os guerreiros acham que é flertar? — Emilia ri e Jules pega a mão dela. — Toda essa conversa sobre perder uns aos outros…

— Eu não vou te perder — diz Emilia.

— Você não sabe disso. A menos… — Jules dá um passo para trás. — Você pretende me manter longe da luta? Tão cercada por soldados que estarei completamente fora de perigo? Eu não vim até aqui para fazer isso, Emilia. Esse não é o tipo de rainha guerreira que você criou.

— E não é o tipo de rainha que eu quero — diz Emilia. Ela puxa Jules para perto. Quando os lábios delas se tocam, Jules sacode a cabeça e Emilia recua.

— Desculpe — diz Jules.

— Você está com medo?

— Não.

— Você não sente o mesmo, então?

— Não, eu… eu não sei. E eu sei que isso soa idiota. Eu sei que Joseph está morto. Eu sei que ele não vai voltar e que ele não se importaria. Eu sei que vamos lutar logo e talvez não tenhamos muito tempo. Mas eu… eu só não sei.

Emilia baixa os olhos, claramente decepcionada.

— Você está com raiva de mim?

— Pelo seu coração leal? — Emilia estende a mão e coloca o cabelo de Jules atrás da orelha. — Eu nunca ficaria com raiva por isso.

Arsinoe volta para o acampamento no meio da noite. As fogueiras estão baixas, mas ainda é impossível não vê-lo. Mesmo viajando no escuro ela consegue sentir os rastros dos cavalos e carroças através das solas das botas. A Rainha da Legião não esconde suas intenções. Qualquer um que acompanhe o progresso da fumaça do acampamento sabe que a Rebelião está marchando para Indrid Down.

— Rainha Arsinoe. — Uma das vigias se curva quando a vê.

— Voltando a se curvar, hein? — diz Arsinoe. Tão perto da batalha, todos ficaram supersticiosos. Eles buscam bênçãos e barganham com suas consciências. Eles imploram aos oráculos por sinais de que vão sobreviver e que estão lutando pelo lado certo. — Não ligue. Eu não quis descontar em você. Você sabe onde posso encontrar Billy Chatworth?

— Acampado na ponta norte. — Ela aponta. O acampamento é tão grande que ela precisa parar mais duas vezes para pedir informações, mas finalmente o encontra, parado fora de sua tenda, ao lado de uma pequena fogueira.

— Arsinoe. — Ele a alcança em três passos e a toma nos braços. — Você demorou tanto, eu fiquei preocupado.

— Desculpe. Levou mais tempo do que eu pensei deixar Braddock com Willa no Chalé Negro.

— Ele não queria ser deixado?

— Ela não queria aceitá-lo.

— Ela não é uma naturalista — diz Billy —, então acho que não posso culpá-la.

— É, ela não é. Mas ela o conhece. Eu a deixei com um saco de peixe defumado para mantê-lo na linha. Ele provavelmente vai ficar vagando pela floresta de qualquer forma quando vir que Caragh não está lá.

Billy concorda. Ele não parece o mesmo sem o sorriso e sem aquele brilho continental nos olhos.

— Você mudou tanto — diz ela suavemente. — Desde que você apareceu na Ilha e disse à Jules que tinha uma gata surda com olhos de duas cores como os dela.

Ele ri.

— Meu Deus. Eu disse mesmo isso? Como você me aguentou?

— Com a paciência de uma rainha — diz ela, e eles riem até que algo se move dentro da tenda de Billy e começa a resmungar.

— Fiquem quietos aí fora, vocês! Tem gente querendo dormir antes de cometer traição.

Arsinoe pisca.

— Quem está na sua tenda?

— Pietyr Renard. — Billy franze a testa. — Tirei o palitinho menor.

Arsinoe espia pela entrada da tenda e vê um relance dele, deitado de lado, seus braços cruzados nervosos sobre o peito.

— Eu fiquei surpreso por o terem trazido — diz Billy. — Ele não é confiável.

— Confiável, não. Mas Katharine tentou matá-lo. Ela o deixou inconsciente por meses. Eu acredito que ele tem medo dela, se eu não acreditar em mais nada.

— Humpf. Ele pode ser um envenenador, mas seu verdadeiro poder é persuasão. Ah! — Billy arqueia as sobrancelhas. — Eu guardei um pouco de comida para você. — Ele enrola o cabo de uma panela em um pano e vira o conteúdo em um prato. Ela sente o cheiro de cenouras, cebolas e molho de carne.

Claro que ele ia pensar em guardar uma panela de comida para ela. Ele a conhece tão bem. Mas quando ela pega o prato, ela nota que não está com fome. Pelo menos não por comida.

— Você está me dizendo que precisamos dividir a tenda com um Arron a noite toda? — Ela pega a mão dele e passa seu dedão pela palma dele.

— Seria mal-educado expulsá-lo. — Ele a puxa para perto. — Mas tenho certeza de que podemos encontrar um lugar aconchegante.

Nenhum dos dois precisa ser convencido. Eles saem apressados do acampamento, abraçados.

— Está tão escuro — diz ele. — Tome cuidado. Eu acho que passamos por uma pequena cabana logo atrás. Parecia vazia, exceto por algumas cabras.

— Um abrigo, um celeiro, uma boa árvore, tanto faz — diz ela, e Billy ri.

De alguma forma, eles acham o caminho até lá e pulam a cerca. Eles deitam em uma camada de palha nova e um cobertor, e Billy enxota algumas cabras curiosas.

— Uma pena essa cabana não ter portas — diz ele, e ela o puxa para si.

— Venha aqui e fique quieto.

— Quieto?

— Pelo menos tente não assustar as cabras.

Ela o ouve rindo. Eles não conseguem se ver no escuro, mas suas mãos têm muita prática. Não demora muito para que os dois esqueçam as cabras e o frio da noite e não pensem em mais nada além do outro.

Depois, eles ficam deitados em silêncio.

— Eu não quero voltar — ela sussurra.

— Talvez possamos evitar que o sol nasça por um ou dois dias…

— Por que não um mês?

— Um mês dormindo no chão duro e frio. Você foi mesmo criada por naturalistas. — Billy a aperta nos braços com mais força e se acomoda no cobertor. — Eu estou feliz que Renard ficou com a tenda. Eu gosto de estar aqui fora com você, longe de tudo.

— Eu também. — Ela apoia a cabeça no peito dele. — Mas pobre Pietyr Renard. Conhecendo Emilia, ela com certeza vai arranjar um uso para ele.

— Eu acho que ela só quer que ele seja visto. Para abalar Katharine e levá-la a fazer alguma tolice.

— Não vai funcionar. Katharine pode ser muitas coisas, mas tola não é uma delas.

Billy suspira.

— Eu acho que não tenho inveja de Renard. Eles em lados opostos de um campo de

batalha. Eu não consigo imaginar como seria se fosse você. Mas bom, nunca seria você.

— Não deveria ser nenhum de nós. Não é assim que deveria ser. Todas as pessoas que vão morrer, nenhuma delas morreria se suas rainhas tivessem feito o que deveriam ter feito.

— Você não pode pensar dessa forma. *Precisa* ser assim. Acabou o antigo modo para Fennbirn. Emilia pode soar como uma charlatã, mas ela está certa. Todas as pessoas que passamos na marcha. Todos os soldados da Rebelião. Eles estão prontos para que algo mude.

— Eu espero que tenham falado a verdade — diz Arsinoe. — Porque depois disso, tudo vai mesmo mudar.

As mãos dele ficam quietas sobre a pele dela. O tempo deles está quase acabando.

— Durante a batalha, não vamos estar juntos — diz ele. — Jules vai comandar o ataque da guarda real…

— E eu vou atrás de Katharine.

— O que você vai fazer? — ele pergunta. — Você vai realmente matá-la?

— Eu vou fazer o que Mira me pediu para fazer — responde Arsinoe, esfregando as cicatrizes na palma da sua mão. — Eu vou banir as rainhas mortas. E então sim, vou matá-la.

Ela espera. Ela não consegue ver a expressão dele no escuro.

— Depois que a batalha acabar, eu não vou ficar em Fennbirn — diz Billy.

— Por causa disso? — Ela se senta.

— Não. É uma guerra, Arsinoe. Quando acabar, nenhum de nós terá as mãos limpas. Mas… eu preciso ir para casa. Eu preciso cuidar das coisas lá.

— Então eu vou com você.

— Seu lugar não é lá. Eles precisam de você aqui. Eu só queria que meu lugar também fosse aqui.

— E é — ela diz com a voz fraca. Mas ela não insiste muito. Ele está certo e ela não consegue afastar a sensação de que depois da batalha acabar, nenhuma das rainhas permanecerá, viva ou morta. — Você sabe o quanto eu tentei não ser o que sou.

Ele se apoia sobre o cotovelo e agora ela fica feliz por ele não poder ver seu rosto.

— E você sabe que eu te amei, não sabe, Junior? Sabe que sempre vou amar.

Indrid Down

— Os rebeldes chegaram.

Katharine se vira. A mensagem que Rho traz não é inesperada.

— Quais são os números? — pergunta Katharine, sem muito interesse.

— Altos — responde Rho. — A estimativa inicial dada pelos seus espiões foi traiçoeiramente baixa.

— O que isso quer dizer? — pergunta Genevieve. Apenas ela, Rho e Renata Hargrove vieram para os seus aposentos. O resto do Conselho Negro se esconde das convocações de Katharine. Ela não está surpresa. Eles são covardes. E além do mais, ela não precisa deles.

Durante os últimos dois dias, Katharine sentiu a Rainha da Legião se aproximando. Ela sentiu na conversa animada das rainhas mortas no seu sangue, sentiu o gosto no desejo delas por carne entre seus dentes. Essas rainhas mortas, perturbadas e corrompidas, cujos nomes foram esquecidos.

— Nós temos mais cavalos — diz Renata. — Soldados treinados com armaduras completas e armas feitas de aço em vez de madeira.

Rho abre a boca para discutir, mas Katharine a cala com um olhar. Ela sabe muito bem que eles estarem em desvantagem numérica não vai importar.

— E as pessoas? Quantas fugiram?

— Os que puderam fugiram para o interior… Procuraram refúgio no oeste, em Highgate.

Katharine assente. Os que não puderam ficar e se acovardaram, ficarão presos entre a batalha e a névoa.

— Nós temos mantimentos — diz Genevieve. — Eles estarão seguros enquanto conseguirmos manter controle da cidade.

Katharine olha para o mar de telhados. O que as pessoas tinham a temer? A Rainha da Legião chegou para libertá-los, ou é o que ela diz. Mas Katharine vai protegê-los de qualquer forma. Ela vai protegê-los, os que ficaram, mesmo que eles não tenham fé nela. Mesmo que eles tenham virado as costas para a Coroa como se fosse nada, como se não fosse toda a história da Ilha. Centenas de batalhas lutadas e vencidas. Rainhas ilustres, fortes e honradas, cujas dádivas transformaram a Ilha em uma lenda.

— Rainha Katharine — pergunta Renata. — O que devemos fazer?

Katharine se afasta da janela e suspira, as mãos cruzadas sobre a saia.

— Nós pretendemos deixar a Rainha da Legião simplesmente marchar pelas nossas ruas? Convoquem a guarda real. Façam barricadas nas entradas principais e nos mercados. Fortifiquem o Volroy e armem os sentinelas. E, quanto a mim, irei encontrá-los no campo de batalha.

Renata e Genevieve esperam, olhando para Rho.

— Eu quero ter um palavra com a minha comandante. Vocês duas cuidem disso. E passem a mensagem para o resto do Conselho, que não se deu ao trabalho de vir.

Elas saem rapidamente e Rho fecha a porta.

— Elas querem fugir — diz Rho. — E Bree Westwood está cheia de olhares furtivos. Ela deveria ser vigiada.

— Deixe-a ir. Deixe todos eles irem. Se a Rebelião ultrapassar as muralhas do Volroy, eles não receberão misericórdia no calor da conquista. Eles temem a multidão de soldados. Eles temem serem esquartejados. E estão certos. — Katharine olha para o oeste, na direção de Greavesdrake, embora ela não possa vê-la através das muralhas, tão orgulhosa e solitária nas colinas. Pela primeira vez, ela está feliz por Natalia não estar ali, assim ela não precisa imaginá-la quando os rebeldes chegarem à mansão com espadas e tochas.

Rho vai até a mesa e se serve de um copo de vinho. Que estranho é ter encontrado nela uma aliada assim. Katharine costumava odiar a simples visão de Rho, sua trança vermelha apertada, seu maxilar sempre parecendo ter sido entalhado em granito. Mas esse ódio não era realmente ódio. Era ressentimento, que uma mulher assim ficasse contra ela e não ao seu lado. E agora, quando ela olha para Rho, tudo o que ela sente é remorso pelo que precisa fazer.

Rho vai até a janela, para olhar o pátio interno e para as guardas começando a se reunir.

— É difícil olhar nos olhos delas — diz Katharine. — Sabendo que eu preciso mandá-las para a batalha para morrer. É por mim, afinal, que elas estão lutando? Elas acreditam ou só não têm escolha?

— Você nunca vai saber — responde Rho. — E é isso o que significa ser uma comandante. Mas você deve olhar nos olhos delas de qualquer forma.

Katharine dá um passo para o lado de Rho. A sacerdotisa é tão mais alta do que ela, e de ombros tão largos. Ela é a personificação da dádiva da guerra.

— Qual a sensação? — pergunta Katharine. — Quando eu passo as rainhas mortas para você?

Rho inspira.

— De que é sagrado. E é uma honra lutar contra a Rainha da Legião. Esses rebeldes se escondem atrás do apoio à Arsinoe, mas eles não amam a Ilha ou a Deusa. Não como nós. Eu fico grata pela aliança com as rainhas mortas. É como se a Deusa as tivesse mandado como ajuda.

Katharine range os dentes. Nem mesmo Rho, uma das melhores servas da Deusa, entende a vontade dela. Não como as suas filhas.

— Então se aproxime, Rho.

As irmãs mortas deslizam pelas veias de Katharine. Elas correm para a superfície com tanta força que ela faz uma careta com a sensação de corte e estiramento que causam. As mãos de Katharine passam por trás da cabeça da sacerdotisa. Ela sela seus lábios sobre a boca de Rho. Depois, Rho se ajoelha, ofegante sobre o tapete.

Katharine observa suas veias escurecerem. Ela mandou mais rainhas mortas para Rho do que em todas as vezes anteriores. Elas incham por baixo da pele dela. Tornam seus olhos escuros.

— Vá — diz ela, e Rho se levanta. — Vá até a Rainha da Legião. Não há uma morte melhor. Nenhuma batalha maior do que essa.

O acampamento rebelde

O aviso de que o exército da Rainha Coroada começou a marchar ecoa pelo campo como um arrepio. Não importa se os rebeldes sabiam que isso ia acontecer e se os soldados estavam de prontidão desde o amanhecer. Não importa se foram eles que marcharam por toda a Ilha para comprar essa briga. Agora é real, e cada mulher e homem está com medo.

Billy e Pietyr se armam juntos no silêncio tenso da tenda. Arsinoe saiu de fininho para a de Jules um pouco antes do amanhecer. Antes de partir ela comeu o que restou do jantar, e Billy toma isso como um bom sinal.

— Quer comer alguma coisa antes de irmos? — ele pergunta, observando Pietyr se debatendo com sua armadura mal-ajustada. Eles não lhe deram muito: um par de perneiras de couro e armadura para os ombros, além de uma espada e um escudo. — Apesar de que Arsinoe não deixou muito.

Pietyr ergue o nariz.

— Como ela consegue engolir essa comida sem veneno? Só de sentir o cheiro dessa coisa sem graça meu estômago revira. Ela não é uma envenenadora. — Ele se atrapalha com os fechos e xinga. — Essa armadura não vale o animal morto para fazê-la!

Billy suspira e baixa sua colher de mingau e um pouco de queijo. Ele quer mostrar que sua armadura não é muito melhor, mas ele vê as mãos trêmulas de Pietyr e vai ajudá-lo em vez disso.

— Se eu estivesse lutando ao lado da minha Katharine, eu estaria em uma armadura da guarda real. Prata brilhante dos pés à cabeça.

— Você preferia estar lá então? Lutando com sua Katharine?

Pietyr franze a testa enquanto Billy prende um fecho.

— Claro que sim. Eu ficaria ao lado dela até o fim, não importa o que estivesse acontecendo. Mas minha Katharine não existe mais.

— Mas ela existe, não existe? Ao menos o corpo dela. O rosto dela. Talvez você mude de ideia quando a vir e tente mudar de lado.

— Aonde você quer chegar? — pergunta Pietyr com os olhos apertados.

— Só que eu vou enfiar uma faca em você, se você tentar. — Ele termina com os ombros e dá um passo para trás. Então ele dá um tapa na frente do peito de Pietyr. — Ou talvez eu esteja dizendo que você é um homem corajoso por lutar apesar disso.

Pietyr puxa a armadura, testando o caimento.

— Você parece estar tagarelando mais esta manhã. Mais que o normal. Está com medo?

Billy dá de ombros. Ele consegue sentir cada gota de sangue que corre dentro da sua pele e cada batida do seu coração tentando acompanhar. Ele está com medo. E ele sabe que Pietyr também está, não importa o quanto ele tente esconder com desdém.

— Eu acho que estou — ele diz e sente um pouco do medo desaparecer com a confissão. — Mas não tanto quanto estou com raiva. Hoje eu vingo o assassinato do meu pai e dos meus amigos. Hoje, meu estranho período em Fennbirn termina.

— Você quer enfrentar Rho Murtra — diz Pietyr. — Você é um tolo.

— Talvez. Ou talvez ela esteja pesada com toda aquela armadura chique da guarda real e eu consiga um golpe de sorte.

Pietyr não diz nada. Ele sacode a cabeça e pega sua espada, e Billy o segue até os cavalos.

Quando Arsinoe chega à tenda de Jules, ela pigarreia alto e dá bastante tempo antes de entrar, para evitar interromper algo íntimo. Mas lá dentro, Jules e Emilia já estão acordadas, sentadas no chão com Camden deitada entre elas. Por todo o acampamento, a manhã começou a ficar azul, mostrando a capital ao sul e as torres do Volroy, que Arsinoe conseguia sentir a encarando mesmo na escuridão.

— Graças à Deusa — diz Jules sorrindo. — Eu achei que você não fosse conseguir.

— Você me conhece. — Arsinoe se enfia para dentro. — Sempre atrasada. Sempre uma grande chegada.

— Então você conseguiu — diz Emilia. — Você a tem? — Ela espia em volta de Arsinoe na penumbra.

— Mesmo se tivesse, ela não estaria *comigo*. Por que todo mundo sempre acha que tenho de tudo nos bolsos? — Ela franze a testa. — Mas não consegui. Ela não estava lá. A caverna estava vazia.

— Mas era nossa maior esperança — diz Jules.

— Não, não era. — Emilia se levanta. — Era desespero. Uma escolha feita por medo. Mas nós nunca precisamos da ajuda de uma rainha morta. Nós não somos iguais à Katharine.

Ela soa segura. Ela soa como um líder. Não pela primeira vez, Arsinoe se pergunta como eles foram parar ali, cercando Indrid Down. Não faz muito tempo que ela e Mirabella estavam na casa de Billy no continente, ou que ela estava em Wolf Spring, bebendo cerveja no Lion's Head.

A porta da tenda se abre de novo e é Mathilde, vindo acordá-las.

— O exército de Katharine está se movendo.

— Você teve uma visão? — pergunta Jules.

— Vi com meus próprios olhos — responde Mathilde.

— Dê o chamado — ordena Emilia. — Forme as linhas. Nós nos juntaremos a você no front.

Mathilde desaparece por trás do tecido da tenda que cai. O som das cornetas baixas e a correria e o movimento em resposta fazem um arrepio descer pelas costas de Arsinoe.

Jules se levanta e se alonga ao lado de sua puma e Emilia recolhe as armas delas. Ambas já estão de armadura. Camden vai usar uma armadura também, feita especialmente para ela. Arsinoe quer se jogar por cima do corpo esguio e peludo da gata só de pensar em flechas e lâminas afiadas.

— Você acha que eu devia ter trazido Braddock?

— Eu acho que um urso-pardo enorme vale por um regimento de cavalaria — diz Emilia. — Ele teria derrubado dezenas de guardas da rainha e interceptado o fogo deles. E eu acho que ele é seu animal de estimação e seu amigo. E você fez a coisa certa em o deixar para trás.

Arsinoe pisca surpresa.

— Foco. — Ela dá um tapinha no ombro de Arsinoe enquanto a ajuda a vestir sua leve armadura prateada. — Toda sua mente precisa estar na luta se você quiser sobreviver.

— Toda minha mente está em Katharine — diz Arsinoe. — Onde ela está e onde eu estarei.

— Ela pode começar a batalha na frente. Mas não fique surpresa se eles a mantiverem para trás. Pode ser difícil alcançá-la.

— Eu não me importo. — Ela sente a armadura se apertando, os fechos presos. Parte dela quer tirá-la. Aquilo só vai deixá-la mais lenta.

Jules coloca facas em suas botas e cinto. Ela prende uma espada em diagonal no peito. Observando-a, Arsinoe não consegue deixar de notar como ela e Katharine são tão pequenas, e ainda assim tão ferozes. Quando ela encara Arsinoe, os olhos azuis e verdes de Jules flamejam.

Emilia checa uma lâmina e a guarda com força na bainha.

— Eu preciso conferir os soldados. Encontro vocês nos cavalos.

Depois que ela se vai, Jules pega a armadura de Camden.

— Sério, como eu vou colocar isso nela? — ela pergunta, e Camden bate o rabo contra o chão. — Arsinoe, pode segurá-la?

— Ah, não. — Arsinoe recua. — Ela é sua Familiar, você ponha essa armadura nela.

Jules ri.

— Eu te ajudei com seu urso.

— Isso foi há séculos. Meu urso não está aqui agora. E além disso, eu realmente preciso ir atrás de Emilia. Preciso falar com ela sobre uma coisa.

— Emilia? O que você e ela poderiam ter para conversar?

Arsinoe dá de ombros e passa pela saída da tenda.

— Uma coisa. Só uma coisa.

Lá fora, o acampamento ganhou vida, todo mundo se movendo com pressa. Do alto, onde fica a tenda de Jules, tudo é visível e os rebeldes parecem um enxame multicolorido, desorganizado, discutindo entre si, mas no geral se movendo na direção da capital. Em contraste, o pouco do exército de Katharine que é visível é todo uniforme em preto e prateado, até mesmo os cavalos. E eles se movem juntos como um cardume de peixes.

Por alguns momentos, Arsinoe vaga, sem saber em que direção Emilia foi. Mas então ela ouve um grito conhecido. Emilia está no pé da montanha, brigando com um grupo de soldados em volta de uma fogueira apagada.

Quando Arsinoe os alcança, os soldados se espalham, aparentemente preferindo enfrentar toda a guarda real do que Emilia.

— Isso é prudente? — pergunta Arsinoe. — Gritar com eles tão perto da luta?

— A batalha estar chegando é o único motivo para eu não chicoteá-los. — Emilia ergue uma lança com o que parecem ser os restos de um cordeiro assado já bem comido. — Eles roubaram isso de uma fazenda pela qual passamos. Quando eu avisei a todos para pagarem pelo que pegarmos. Nós marchamos como libertadores, não ladrões! — Ela joga o espeto nas cinzas. — Eles vão criar inimigos para a nova Coroa mesmo antes de estar na testa de Jules.

— Na testa de Jules? Então você pretende tatuá-la, como Katharine?

Emilia inclina a cabeça.

— Eu nem sempre concordo com envenenadores, mas eu gosto disso. Uma coroa traçada com sangue. Uma marca permanente. E menos volumosa que um aro ou um chapéu com joias. O que você está fazendo aqui? Por que não está com Jules?

— Eu precisava te pedir uma coisa. Eu preciso te pedir uma coisa.

— O quê?

— Você se lembra de quando disse que achava que Billy não devia lutar?

Emilia desvia os olhos.

— Eu não deveria ter dito isso. E eu não quis dizer o que você pensou. Não é que eu não ache que a luta dele é justificada. Mas eu vi o que os envenenadores fizeram com ele. Eu o observei treinando e vi como seu braço direito não para de tremer. Você quer que eu o deixe para trás? Você devia ter pedido mais cedo. Agora estamos nos preparando para marchar, não vai ser fácil…

— Eu não quero que você o deixe para trás. — Arsinoe morde o lábio. — Eu quero que você cuide dele.

Emilia pisca como se não tivesse ouvido certo.

— Por favor, Emilia. Estou te pedindo.

— Eu não posso. Eu estarei ao lado da minha rainha.

— Jules não precisa de você. Você queria que ela fosse uma guerreira… e agora ela é. Mas Billy não. E se ele enfrentar Rho sozinho, ele vai conseguir se matar.

Emilia suspira.

— Você sabe que provavelmente nós todos vamos morrer. Mas você quer que eu me preocupe com um pobre coitado de um continental.

— É exatamente o que eu quero. Por favor.

— Certo! — Emilia joga as mãos para o alto. — Vou tentar. Mas nunca há garantias numa batalha.

— Obrigada.

Para a surpresa das duas, Arsinoe salta para a frente e dá um abraço nela. Breve.

— Ah, bem — diz Emilia. — Era de se esperar, acho. Garotos, sempre precisando de proteção.

O CAMPO DE BATALHA

Katharine está montada em seu garanhão quando Genevieve a alcança com seu capão preto, tanto Genevieve quanto o cavalo vestidos com o roxo dos envenenadores e caveiras em uma armadura de prata.

— Nós conseguimos atrair os rebeldes para baixo e para oeste — diz Genevieve. — Eles abriram mão do bom ponto ao norte.

— Não foi difícil — diz Paola Vend enquanto seu cavalo trota ao lado. — Eles não são treinados. São fazendeiros e trabalhadores. Estalajadeiros. É um grande número, mas eles vão se provar inúteis sem alguém capaz de liderá-los.

Katharine olha para o seu exército. Eles estão em formação e posição perfeita. Do outro lado do campo de batalha, a força que enfrentarão não é tão impressionante. A armadura deles é pouca e desconjuntada. Alguns têm apenas um peitoral e nada nos braços. Muitos não têm capacetes. As pontas de suas lanças ondulam no ar em vez de ficarem retas e altas. Mas nesse exército há naturalistas e elementais, oráculos e guerreiros. Acima de suas cabeças, falcões e corvos circulam e grasnam. Cachorros rosnam ao lado e seus cavalos pisam com raiva, sem necessidade de serem impelidos para a frente. Chamas se acendem em nós de dedos e nuvens se reúnem acima. As flechas dos guerreiros nunca vão errar e os oráculos saberão os movimentos dos seus oponentes antes que eles mesmos saibam.

— Há soldados de todas as dádivas.

— Um exército com a maldição da legião para uma rainha com a maldição da legião — diz Genevieve.

Katharine engole em seco. Em algum lugar ali está Juillenne Milone, a Rainha da Legião que retornou, enviada pela Deusa para cumprir sua vingança e ao lado de quem Mirabella teria lutado. Mas Mirabella está morta. Se ela não estivesse, tudo poderia ser diferente.

Dentro de Katharine, a única coisa acelerada é seu pulso. Ela mandou tantas rainhas mortas para Rho que está quase vazia, então ela sabe que o suor covarde surgindo na testa é só seu. Ela aperta as rédeas com força.

— Sua irmã Arsinoe estará lá em algum lugar — diz Paola. — Ela virou as costas para a Coroa durante a Ascensão, quando tinha direito a ela. Isso para ficar do lado da Rebelião e

tentar roubá-la da sua cabeça.

— Se ela conseguir tomá-la, ela pode tê-la — diz Katharine, e Genevieve e Paola a olham surpresas.

Longe, à direita, a guarda real se divide diante de uma figura em um grande cavalo preto. De onde elas estão, o rosto de Rho não é visível, nem seus olhos escuros ou as veias escuras espalhadas por ela como teias de aranha. Apenas sua trança vermelha e as ondas de algo escuro que emana dela quase como a névoa.

— O que é aquilo? — pergunta Genevieve.

Katharine aperta os lábios sombriamente.

— Aquilo é Rho.

Arsinoe se abaixa e acaricia o pescoço do seu cavalo com uma mão trêmula.

— Você é um cavalo bonzinho? — pergunta. Ele parece dos bons, alto e com pernas compridas, olhos brilhantes e um rosto inteligente. Seu pelo é castanho da cabeça ao rabo, exceto por duas manchas brancas nas patas da frente. Foi por isso que ela o escolheu. As manchas a fazem lembrar das meias de Billy e seus muitos pares lá no continente.

Ela desliza a mão pelo dorso e traça as linhas de sua armadura. Parece haver tanta carne vulnerável exposta. Em todos eles. Ela olha a sua esquerda, para o outro lado da colina, onde Jules e Emilia esperam o ataque. Ela queria estar lá. Mas ela tem uma única tarefa, que é chegar até Katharine.

Ainda assim, ela não está sozinha. Mathilde está com ela, e Gilbert Lermont e as tropas atrás deles são vastas. Ela espera que vastas o suficiente para fazer um buraco na guarda real quando eles atacarem. Arsinoe vai ficar para trás para ver aonde Katharine vai.

— Teremos que ser rápidos — Arsinoe sussurra para o cavalo. — E eu vou fazer meu melhor para que você não morra se você fizer o mesmo. Você provavelmente não faz ideia do que estou dizendo. Mas todos esses anos de treinamento naturalista têm que servir para alguma coisa.

Há um movimento entre os soldados perto dela e Billy aparece, cavalgando com ninguém menos que Pietyr Renard atrás dele na sela. A visão a faz rir, mesmo agora.

— Vocês não deveriam estar no flanco esquerdo? — pergunta Arsinoe.

— Estamos indo para lá… — Ele sorri um pouco e o peito dela aperta. É surreal vê-lo de armadura com uma espada e uma besta. — Bem, Renard queria fazer um último apelo à liderança.

— Eu deveria pelo menos ter um cavalo — resmunga Pietyr. — E um capacete.

— Um cavalo para que você possa correr para o inimigo? — pergunta Mathilde. — E também nada de capacete. Você não serve para nada se Katharine não puder ver seu cabelo claro. Todos os soldados da guarda real precisam saber que você é um Arron. Eles precisam te ver com as cores da Rainha da Legião.

— Vamos ver. — Pietyr cutuca Billy no ombro. — Leve-me até a comandante.

Billy olha com pesar para Arsinoe.

— Meu último dia em Fennbirn e eu preciso passá-lo servindo esse boçal.

Ela sorri. Ela quer tocá-lo. Mantê-lo ali para que eles fiquem um ao lado do outro.

— Te vejo depois.

— Você está bem? — Mathilde pergunta depois que Billy e Pietyr vão embora.

Arsinoe assente. A oráculo não parece assustada ou sequer nervosa. Sua mecha de cabelo branco está trançada e enrolada em volta do coque dourado na parte de trás da sua cabeça e ela tem uma capa amarela e limpa em volta dos ombros. Com isso e sua égua branca é quase como se ela estivesse tentando se tornar um alvo.

— O que vocês viram? — pergunta Arsinoe e olha além dela para Gilbert Lermont, ele também em uma capa amarela. — Gilbert? O que vocês conseguiram prever?

— Quando eu olho, o vinho parece nublado — responde Gilbert.

— É o mesmo comigo — diz Mathilde. — A fumaça é só fumaça.

Quando Arsinoe fecha os olhos, frustrada, Gilbert franze a testa.

— Vocês deixaram a dádiva da visão definhar por centenas de anos e quando decidem que precisam dela, esperam que ela volte com um estalar dos dedos.

— Desculpe — diz Arsinoe. — Não foi o que eu quis dizer. É só que parece que todas as dádivas se fortaleceram nessa geração de rainhas. Não só a dádiva da irmã dominante ou da vitoriosa. Vocês acham que isso é um presságio? Um sinal para a Rainha da Legião? Ou para Katharine e suas muitas dádivas das mortas?

— Esse é o problema de presságios — diz Gilbert. — Eles com frequência servem para os dois lados.

Arsinoe tensiona o maxilar. Ela consegue sentir Mirabella com tanta força que não ficaria surpresa de virar a cabeça e a encontrar montada em sua sela. Mirabella, a grande protetora. Ela tinha tentado evitar isso até o fim. Suas palavras finais para Arsinoe, escritas naquele pergaminho, eram palavras de paz. E ela tinha morrido por isso.

— Você está mesmo pronta? — pergunta Mathilde.

— Estou.

— Mais uma vez com as antigas tradições então. Uma *última* vez de rainhas matando rainhas. — Ela olha para o outro lado do campo de batalha e sua expressão serena some. — O que é aquilo?

Arsinoe se vira na sua sela quando uma cavaleira imensa emerge das fileiras da guarda real. Ondas sombrias irradiam da armadura dela como se estivesse muito, muito frio. Ondas pretas como tinta flutuando.

— Ah, Deusa — sussurra ela, entendendo quem é e o que foi feito com ela. Billy não pode enfrentar Rho Murtra. Não assim. Talvez ninguém possa.

Ela quer avisá-lo, mas não há tempo. No momento em que a cavaleira chega às linhas de frente, ela ruge e dá o sinal do ataque. Todos os cavalos e soldados rebeldes em volta de Arsinoe e Mathilde estremecem quando a guarda real chove para cima deles.

— A cavaleira! — grita Mathilde por cima do barulho repentino. — Quem é?

— É Rho Murtra! — Arsinoe grita de volta. — Ou pelo menos costumava ser.

No campo de batalha, Rho deixa um rastro de rebeldes agonizantes atrás de si como quem desenrola um carpete. Sua espada os corta com tanta facilidade que é difícil acreditar que eles têm ossos dentro do corpo. A escuridão irrompe da sua boca e olhos e desce pelas gargantas dos

rebeldes. Nem mesmo Katharine quer pensar no que está acontecendo – antes que haja uma explosão e as soldadas caiam.

— O que aconteceu com ela? — sussurra Genevieve. — O que você fez com ela?

— Quase a mesma coisa que foi feita comigo — diz Katharine, e Genevieve recua. — As rainhas mortas. Elas estão comigo desde a noite da Aceleração, quando eu caí na Fenda de Mármore. — Ou melhor, desde quando ela foi empurrada. Mas nem isso parece mais importar. No campo, as soldadas da guarda real seguem Rho. Elas a seguem porque ela será vitoriosa. Porque ela vai mantê-las vivas.

— O rei consorte — diz Genevieve, seus olhos procurando por algum sinal na pele de Katharine, alguma mancha de cinza ou podridão. — E Pietyr. Natalia sabia?

— Que eu realmente era Katharine, a Morta-viva? — Ela sacode a cabeça, embora se pergunte se Natalia não havia suspeitado. Ela deve ter sentido que algo estava errado. Que ela não era a mesma menina para quem ela tinha precisado fingir todo um banquete envenenado.

Katharine olha de novo para a luta, onde os rebeldes agrupados não são páreos para as flechas certeiras da guarda real, sua formação de lanças. Os soldados dela param os ataques aleatórios de fogo elemental lançando flechas no peito dos elementais. Eles desmontam as fileiras de naturalistas derrubando os seus pássaros no céu. O exército dela já curvou as linhas rebeldes. Rho avistou Jules Milone e estará em cima dela em minutos.

— Que ruína é essa a que estou assistindo? — murmura Katharine, séria.

— Nós precisamos dar a ordem para reforçarem o flanco — diz Paola Vend.

— Não. — Katharine desembainha sua espada. — Mantenha o resto na reserva. Eu mesma vou.

— Katharine — diz Genevieve. — Você não deveria.

— Se eu não for, como minha irmã vai me achar? — Ela olha Genevieve nos olhos e bate os calcanhares no garanhão, sabendo que nem Genevieve, nem Paola irão com ela. Quando ela olhar para trás de novo, elas terão ido embora, recuado para a fortaleza do Volroy. É o último lugar para onde elas deveriam ir. Porque é para onde ela pretende levar Arsinoe.

Seu garanhão corre colina abaixo, um verdadeiro cavalo de guerra, feliz com os sons de gritos e aço batendo. Mas o coração de Katharine está acelerado. A batalha é vasta. Ela mal sabe por onde começar. E então ela o vê do outro lado do campo, ao norte. Pietyr, em pé e respirando. Consciente.

A espada e o escudo de Pietyr estão manchados de vermelho. Até mesmo seu cabelo claro está tingido de rosa e pingando pela lateral do seu rosto. Ele não é um grande guerreiro, como seu rei consorte Nicolas era. Mas ele está fazendo o melhor que pode.

— Pietyr! — ela grita e de alguma forma ele a escuta. Ele se vira e por um momento os olhos dele se acendem, e eles dois são as únicas pessoas na Ilha. Mas então a expressão dele fica sombria e endurece. Ele ergue sua espada e volta a lutar.

— Dê o sinal para o flanco leste!

Cavalos e soldados passam voando quando Emilia brada as ordens e o cavalo de Jules cava um buraco na lama e grama nova. Ela sente cada grito da batalha e cada batida de cada pata no chão recém-degelado. Emilia não parou de gritar desde que o exército da rainha atacou por trás

daquele monstro coberto de névoa escura no uniforme de comandante da guarda. Jules não se lembra de Rho Murtra ser tão grande. Mas talvez fossem só as vestes brancas de sacerdotisa que a fizessem parecer menor.

O encontro dos exércitos não foi nada como Jules esperava; um estrondo terrível e então um momento ainda pior de silêncio antes dos gritos e encontros metálicos de espadas.

— Vá! — Emilia arranca uma bandeira de um soldado assustado e a balança para a frente e para trás, sinalizando para os dois lados da força rebelde antes de largá-la e levar seu cavalo para o lado de Jules. — Precisamos ir! Mais um momento e seremos pisoteadas. — Ela agarra o braço de Jules. Pela primeira vez desde que elas se conheceram, Jules vê medo em seus olhos.

Camden salta na parte de trás da sela para evitar os pés descuidados de pessoas e cavalos. Ela está desajeitada com sua armadura, e Jules queria não tê-la colocado nisso. Melhor para a gata ser rápida e leve do que constrita e distraída.

— Para onde devemos ir? — pergunta Jules com raiva.

Rho Murtra, ou a coisa que costumava ser ela, passa pela fileira como um rolo compressor. Um golpe da espada dela corta três rebeldes ao meio e os deixa em pedaços em um rastro de entranhas cor-de-rosa.

— Nós vamos deixar nosso povo sozinho para enfrentar isso?

— Eu estava errada — grita Emilia. — Não podemos enfrentá-la. Nenhuma rainha é forte suficiente. Nem mesmo Mirabella.

— Eu não vou fugir!

— Você precisa!

— E a Rebelião?

Emilia olha de volta para a luta.

— Não há Rebelião. Assim como não há Bastian City. E eu não vou deixar o que aconteceu com Margaret Beaulin acontecer com você. Eu não vou te perder!

Jules olha para o outro lado do campo de batalha, onde as pessoas estão pelo chão morrendo. Ela observa Rho enquanto ela abre caminho na direção delas em uma chuva de sangue. Nenhuma das dádivas de Jules se iguala a de Rho. Ela só duraria em pé na frente de Rho tempo suficiente para que a sacerdotisa a partisse em duas. Ela estende a mão e puxa Emilia para si. Ela corre seus dedos pela palma dela e sente as linhas das cicatrizes de magia baixa. As linhas da amarra. Ela ouve sua mãe sussurrando sobre destino. Ela e Arsinoe. E ela sabe o que tem que fazer.

— Por favor, Jules — implora Emilia. — Você precisa fugir.

Jules pega a faca em seu cinto. Ela estende a mão para trás e passa seus dedos pela pele de Camden para ter um momento de conforto. Então ela agarra a mão de Emilia e a vira para cima.

Ela rasga o tecido da manga de Emilia e trabalha em volta dos protetores dos braços, usando sua lâmina para reabrir as cicatrizes em seu braço e mão. Então ela faz o mesmo consigo mesma, pressiona seus braços juntos e deixa o sangue se misturar de novo. Libertando-a.

— O que você está fazendo? — Emilia tenta se afastar, mas é tarde demais. — Não, Jules! Você não pode fazer isso!

— Desculpe — diz Jules com tristeza enquanto a maldição a domina. — Mas é para isso que eu fui feita.

Ela empurra Emilia, derrubando-a como uma boneca e Camden salta da sela, rugindo. Cada gota de raiva engarrafada é solta no seu sangue em um único instante e ela bate os calcanhares

nos flancos de seu cavalo, com o olhar fixo em Rho.

Quando Jules desce correndo a colina, de início Arsinoe pensa que ela está caindo. Tão rápido que ela voa. Mais tarde, na memória de Arsinoe, só vai parecer que Jules cobriu a distância entre ela e Rho em um longo salto, as ferraduras do seu cavalo nem sequer tocando a relva. As duas comandantes se encontram com seus braços erguidos, dentes expostos e tanta velocidade que parece que elas vão se partir com o impacto. Em vez disso, quando suas espadas se cruzam, uma força tão grande é liberada que causa uma onda de choque pelo campo de batalha e derruba toda a linha nas duas direções. Incluindo Arsinoe.

Ela volta a respirar depois, seus ouvidos zunindo. De alguma forma ela conseguiu se manter na sela enquanto seu cavalo se esforça para levantar novamente. Por um momento, ela não se lembra onde está ou entende as imagens e cheiros em volta de si. Sangue e sujeira de feridas abertas. Corajosos cavalos impulsionados pelos naturalistas caindo com lanças em seus peitos, ainda movimentando as patas para lutar mesmo quando seus cavaleiros naturalistas se foram.

Aquela colisão. Aquela explosão. Deve ter sido Jules e Rho. Mas como Jules pode…?

A amarra.

Ela a cortou. Ela libertou a maldição da legião.

Arsinoe faz uma varredura com o olhar pela batalha e rapidamente as encontra, circulando uma a outra com suas espadas empunhadas, seus cavalos caídos e inconscientes ou talvez até mortos e deitados de lado como se tivessem sido atirados. O coração dela dói por um momento pelo bom cavalo preto de Katharine que as levou pelas montanhas depois da Caçada das Rainhas. Jules não deveria tê-lo levado para a guerra. A Deusa sabe que ele já fez muito por elas.

A visão de Arsinoe oscila e ela pisca com força; ela range os dentes para evitar a vibração em seus ouvidos. Por todo o campo de batalha, soldados aparentam estar atordoados. Não parece possível. Jules é tão pequena e Rho uma fera gigante, Jules deveria ter sido lançada de volta para o acampamento. Pietyr Renard disse que Katharine mandou as rainhas mortas em cima dele e Arsinoe sabe que Katharine fez o mesmo com sua comandante.

É quase monstruoso demais para se pensar.

Arsinoe afasta os olhos de Jules em busca de Katharine. Seu olhar passa por Billy e ela se permite uma respiração aliviada. Ele está vivo. Um pouco de sangue no queixo, mas não parece feio e talvez nem seja dele. Mas Emilia não está perto dele. Talvez, sendo uma guerreira, Emilia possa cuidar dele a distância, confiando na certeza de suas flechas para mantê-lo fora de perigo. Ou talvez ela nunca tenha pretendido manter sua promessa.

— Arsinoe! Você está bem? — pergunta Mathilde. A vidente está desmontada, sangue vermelho vivo pingando por sua face de um corte acima do olho.

— Estou bem. Onde está Gilbert?

Mathilde sacode a cabeça e Arsinoe vê um corpo deitado não muito longe, com uma capa amarela.

— Você viu minha irmã? Você viu Katharine?

Mathilde aponta.

Katharine galopa em meio a uma dezena de guardas reais, com seu estandarte hasteado e bandeiras presas nas rédeas de seu cavalo.

— Eu vou atrás dela. Fique aqui!

— Espere! — Mathilde agarra a perna dela e um súbito toque das trombetas vem da parte de trás da guarda real.

Arsinoe não precisa olhar para saber o que é. Ela não precisa ver os soldados frenéticos, se afastando da direção do mar.

— A névoa — sussurra ela. — Finalmente veio se juntar a nós.

Quando os olhos de Pietyr encontraram os de Katharine do outro lado do campo de batalha, ele pensou que fosse congelar. Que ele seria morto pela espada e algum guarda real enquanto ficava ali, paralisado. Mas ele seguiu lutando. Ela chamou o nome dele. Ele pôde ler nos lábios dela. E a expressão nos olhos dela não era de confusão, ou ódio ao vê-lo com as cores rebeldes. Foi só felicidade. Alívio. Mesmo assim, Pietyr seguiu lutando.

Enquanto ele abre caminho pelo caos, é esse pensamento que mantém sua espada e braço fortes e suas pernas avançando. Ele passou no teste. Cara a cara com sua Katharine, ele continuou.

Porque ela realmente é sua Katharine. No momento em que ele viu Rho cavalgando pelo campo, ele sabia que as irmãs mortas não estavam mais dentro da pele de Katharine. Pobre Rho. Ele é a única outra pessoa que sabe a sensação de ter essas rainhas mortas entornadas em você e ele não deseja isso para ninguém, nem mesmo para ela.

Pietyr pisa em uma soldada caída e engasga; ela se parece tanto com aquela pequena sacerdotisa com quem Bree Westwood sempre está junto que ele quase se engana. É difícil ouvir e manter o controle. Tudo ao redor são gritos e metal sobre metal. E além disso, os ouvidos dele ainda estão zumbindo por ter sido jogado no chão com tanta força que ele quicou quando a rainha com a maldição da legião e Rho colidiram.

— Ei!

Pietyr se vira enquanto Billy abre caminho na direção dele pelos corpos em luta.

— Por que você não está lutando? — grita Pietyr. — Em vez de me seguir como um cachorro perdido? Elas não disseram que precisávamos ficar juntos!

Ele mergulha quando Billy ataca com força em direção à cabeça dele.

— Você está louco? — Pietyr pergunta antes de olhar atrás de si e ver o soldado da guarda real cair.

— Não, não estou louco. — Billy puxa sua espada. — Aliás, de nada. Para onde você está fugindo com tanta pressa?

— Eu estou "fugindo" para algum lugar em que eu tenha menos chance de morrer.

— Vamos lá. — Billy inclina a cabeça. — Volte para o outro lado.

— Você viu o que está acontecendo do outro lado?

— Você precisa servir seu propósito.

— E o que você vai fazer para isso?

Para sua surpresa, o continental avança, espada em punho. É uma imagem desconjuntada – forma ruim, punho fraco, com menos chance de cortá-lo do que se ele estivesse usando uma

faca de manteiga –, mas Pietyr cambaleia para trás.

— Seu idiota! — grita Pietyr e, então, eles se agacham quando uma flecha cai perto dos pés deles. Eles esperam o ataque juntos, escudos sobre as cabeças enquanto as flechas afundam na terra como chuva.

Apesar de toda sua conversa sobre a glória envenenadora, Pietyr nunca imaginou que estaria em uma luta assim. As imagens e os cheiros dos mortos não o incomodam. Mas o caos – o pânico e a desordem – faz a respiração dele ficar mais rápida e suor brotar em sua nuca.

— Que maldição esses ataques aleatórios! Me dê uma flecha dos guerreiros. Pelo menos elas sempre acertam o alvo.

— Você prefere ser atingido?

— Eu preferia ser atingido de uma vez do que ficar preso no chão por uma perna e um braço — ele desdenha e sente um momento de empatia pelos escorpiões que ele prende em sua lapela.

Billy sai de trás do seu escudo. A borda de madeira tem uma flecha presa. Ele a quebra com o pé.

— Você diz que está se esgueirando para ficar em segurança, mas você está indo na direção de Arsinoe. Me diga por quê.

Pietyr aperta os olhos. Talvez o continental não seja tão burro afinal. Ele está indo até Arsinoe. Mas não pelo motivo que o garoto acha. Arsinoe é sua melhor chance de chegar até Katharine. Ele não sabe o que vai acontecer com ela hoje. Ele só sabe que precisa estar lá quando acontecer.

Billy entende errado seus olhos apertados e corre para ele de novo. Seus escudos se chocam e Pietyr segura seu punho para que ele pare de vibrar.

— Você não está esquecendo seu alvo? — pergunta Pietyr. — Caso você não tenha notado, Rho Murtra está bem ali. — Do outro lado do campo de batalha, as linhas rebeldes já começam a se dissipar, com os gritos dos capitães guerreiros sendo ignorados e as formações se espalhando. Ele está ficando sem tempo.

A pequena adaga de Pietyr sai de sua manga e se afunda na lateral de Billy com tanta rapidez que até ele fica impressionado consigo mesmo. A boca de Billy se abre em surpresa.

— Desculpe, Chatworth — ele diz quando solta o cabo, deixando a adaga presa em Billy. — Mas eu preciso vê-la.

Ele se vira e corre pela batalha, deixando que o continental caia no chão. Ele espera que Billy não leve para o lado pessoal. Ele não vê por que, uma vez que a lâmina nem estava envenenada.

Não é difícil encontrar Arsinoe. Ela se destaca do resto com suas roupas pretas e armadura prateada, as cicatrizes profundas cortando seu rosto. Ela está a cavalo no meio de um grupo de soldados que aparentemente estão lá para lutar por ela. Ele não consegue saber se eles estão tentando abrir caminho para ela pela guarda real ou só mantendo-a a salvo, e Arsinoe não parece se importar. Todo seu foco está campo abaixo, em Katharine.

Do outro lado, os cavaleiros em torno de Katharine se fecham. Eles formam uma muralha e pegam as rédeas do cavalo dela, puxando de tal forma que o pescoço dele deve se torcer quase até o ombro. Rapidamente eles a alcançam e voltam para o Volroy bem a tempo de evitar a névoa, que desliza pelo campo de batalha de leste para oeste.

Indrid Down

A Alta Sacerdotisa Luca ouve os gritos da batalha quando ela começa. Os passos e embates, como um zumbido constante. De sua janela alta no templo de Indrid Down, ela vê relances dos falcões e águias circulando: Familiares lutando ao lado de seus naturalistas.

Do lado de fora da sua porta, as guardas fogem para os andares de baixo para esperarem notícias, ou talvez para abandonarem o posto completamente. Ela não se importa. De uma forma ou de outra, a batalha será decidida. Uma rainha tomará o trono, ou as rainhas mortas o manterão. E o tempo de Luca nesse conflito acabou.

Ela se serve de uma xícara de chá, porque ainda está frio no andar de cima, e quase o derruba quando todo o templo treme até suas fundações. Um elemental é o que lhe vem primeiro à mente. Um causador de terremotos. Mas nem mesmo Mirabella poderia ter produzido esse tipo de choque à distância que está o campo de batalha.

Quando ela ouve os passos apressados que se aproximam, ela se vira, pensando que vai ser uma guarda com notícias. Em vez disso, Bree e Elizabeth voam porta adentro.

— Luca, você está bem? — pergunta Bree. — O que foi isso?

— Vocês devem saber melhor do que eu.

— O que quer que tenha sido, quase me derrubou escada abaixo. — Elizabeth corre até a Alta Sacerdotisa e joga seus braços em volta dela. Seu pequeno e altivo pica-pau voa direto para o capuz de Luca.

— Ele voltou — diz Luca e se remexe enquanto Pepper se empoleira em sua nuca.

— Pepper, saia daí! — Elizabeth chama o pássaro de volta para sua manga; e ele emerge em cima da cabeça dela. — Sim, ele voltou.

— E ele entregou a mensagem?

Elizabeth olha para Bree; elas assentem.

— Mas não houve uma resposta?

Bree sacode a cabeça e Luca suspira.

— Bem — diz Luca. — Eu imagino que Arsinoe queira dá-la pessoalmente.

Talvez sem querer pensar em qual seria essa resposta, Bree anda pelo quarto e começa a colocar as coisas de Luca em uma sacola.

— O que você está fazendo?

— O que deveríamos ter feito há muito tempo. Vamos te tirar daqui.

— Não. Vocês não podem se arriscar por mim. Se a Rainha Katharine ganhar hoje, ela vai saber quem fez isso.

A expressão de Bree é o puro fogo elemental.

— Nós sabemos do risco. Não somos mais crianças.

— E se alguém perguntar, vamos dizer que te tiramos da cidade para sua segurança. — Elizabeth acrescenta. Ela ajuda Bree a recolher as coisas, enchendo outra sacola com joias, roupas e bugigangas. Luca pega seu diário pessoal. Não importa o que sobrar, ela precisa confiar que as sacerdotisas do templo irão preservá-lo por ela.

— A fofoca no Volroy está uma loucura — diz Bree. — Parte de mim crê que Lucian vai mandar uma das criadas esfaqueá-lo no coração em vez de ser capturado pelo inimigo.

Elas jogam as sacolas nos ombros e cada uma pega um dos cotovelos de Luca. Mas ela quase não precisa de ajuda. Suas pernas estão subitamente anos mais jovens.

— Eu não me preocuparia com Lucian — Luca diz e ri. — Os envenenadores têm um gosto pelo dramático, mas poucos Arron são corajosos o suficiente para isso. Natalia era a única deles que valia algo.

— Parece que você sente falta dela — diz Elizabeth.

— Eu sinto falta dela. Minha velha adversária. Se ela não tivesse sido morta, isso não teria chegado tão longe, vou dizer a vocês.

Ela vê as garotas trocarem um olhar de humor. Ela pode ser a Alta Sacerdotisa, mas elas são de outra época. E talvez elas estejam certas. São as jovens mulheres que agora sangram no campo de batalha. Jovens mulheres que vão liderar, não importa qual lado ganhe. Não haverá mais rainhas fantoches.

— Por que vocês se deram ao trabalho de me salvar? Por que não deixaram essa velha relíquia à sua própria sorte?

— Certamente é possível dizer que você merece esse destino — diz Bree com as sobrancelhas arqueadas. — Mas nós te amamos, Luca. E ainda precisamos de você se vamos passar por essa loucura. Você pode ser velha, mas não é uma relíquia.

Luca pega a mão de Bree e aperta. Ainda há sangue vivo nas veias dela. A Deusa talvez ainda tenha um papel para ela no futuro da Ilha. Ou elas podem a estar levando por túneis e becos escuros, para fora do templo, para fora da capital e para fora da história de Fennbirn. Depois da vida que ela viveu e de tudo que ela perdeu, Luca fica surpresa ao descobrir que ficará feliz com qualquer das duas opções.

Quando Genevieve cavalga com seu cavalo espumando direto para o castelo, ela quase passa por cima do seu irmão e seu primo.

— Antonin! Lucian! — Ela olha de um rosto apavorado e exasperado para o outro e nota que os dois carregam bolsas de veludo. — O que é isso? Vocês pretendem roubar do Volroy e seguir pela estrada como ladrões comuns?

— Sim — responde Antonin. — E você também deveria. Vá e pegue o que puder. Graças ao pensamento estratégico de Rho Murtra, o caminho de volta para Greavesdrake está bloqueado.

Teremos sorte se conseguirmos sair da cidade e pegar o caminho para Prynn.

— Vocês pretendem abandonar Greavesdrake? É a nossa casa!

— Greavesdrake será queimada antes do fim do dia — Lucian dispara. — Você viu os números dos rebeldes?

— Você viu nossa comandante? — Genevieve contra-argumenta. — E nossa Rainha Coroada? Não importa o que aconteça, devemos ficar com ela.

— Você prefere aconselhar ou prefere sobreviver? — pergunta Antonin.

Ela tensiona o queixo teimosamente, e ele aproxima seu cavalo para colocar as mãos sobre as dela nas rédeas.

— Irmã. Eu sei que você quer fazer o que Natalia faria. E se Natalia estivesse aqui, ela ficaria com Katharine. Mas ela estava cega por aquela garota. Cega para os seus defeitos. O que ela *deveria* querer era viver para continuar lutando. Vamos lá, temos que correr.

Genevieve permanece anestesiada em sua sela.

— Vocês já estão atrasados. A névoa chegou ao campo de batalha. A Rainha Katharine está recuando para cá. Ela chegará em instantes.

— Mais um motivo para irmos logo.

Por um momento, Genevieve considera ajudá-lo a montar em seu cavalo. Galopar para longe sem nunca olhar para trás.

— Lá fora, nossos soldados estão lutando contra feras naturalistas e facas guiadas pela dádiva da guerra — ela diz. — Eles ainda serem engolidos e esquartejados pela névoa é…

— Terrível — Antonin sussurra. — Mas não há nada que possamos fazer.

Genevieve balança a cabeça. Ela puxa sua mão suavemente.

— Genevieve…

— Não. Eu não posso ir. Você está certo, Antonin. Os Arron precisam sobreviver. Mas pelo menos um Arron precisa ficar com a rainha.

— Genevieve! — Lucian toca na perna dela. — Se a rainha sobreviver, nós voltaremos! Mas se a Rebelião vencê-la… talvez eles poupem Bree Westwood e até a velha Luca, pelo amor da elemental. Mas nós três, nós vamos queimar em praça pública!

— Então eu vou queimar. — Genevieve desce do cavalo, suas mãos tremendo. Ela não é corajosa por natureza. Não como sua irmã. Ela entrega as rédeas a Antonin. — Pegue minha égua. Você vai ter mais chance se estiver a cavalo.

O CAMPO DE BATALHA

— Rainha Arsinoe!

Ela olha por cima do ombro. Pietyr Renard está abrindo caminho até ela. Há sangue nas mãos dele e um pouco no seu ombro, mas fora isso ele parece ileso.

— Você — diz ela. — O que está fazendo aqui? — Ela espicha o pescoço para olhar em volta dele, mas Billy não está à vista.

— Ele ficou para trás — diz Pietyr, lendo a expressão dela. — Ele disse que tinha seus próprios assuntos para cuidar.

— Não com Rho. Não com *essa* Rho.

— Ele sabe. Ele sabe; não se preocupe. Ele disse que ficaria, para ajudar.

— Mas não você.

Pietyr sorri.

— Não eu.

Arsinoe o estuda por um momento. Ele está ofegante e suado. Vestido com as roupas da Rebelião. Ela o acordou de seu desmaio e provavelmente o salvou de uma morte lenta e inconsciente. Mas ele ainda é um Arron e ela meio que espera que o próximo movimento dele seja saltar sobre ela e tentar cortar sua garganta.

— Eles levaram Katharine para trás das linhas — diz ela.

— Provavelmente de volta para o Volroy, para escapar daquilo. — Pietyr aponta com a cabeça a sudoeste, onde a névoa se arrasta através dos soldados, engolindo-os inteiros e os cuspindo em pedaços. — O que isso quer? — pergunta Pietyr com nojo.

Arsinoe observa soldados da guarda real em retirada correrem direto para a névoa, em pânico. Nem todos saem do outro lado. Depois que a batalha terminar, ela se pergunta se eles serão capazes de dizer quais soldados caíram por uma espada e quais pela névoa.

— Você não achou que ela ia perder essa — diz Arsinoe.

— Você não achou que eu ia.

Arsinoe olha para a frente com preocupação. A névoa está bem no seu caminho, uma mortalha branca mordendo as bordas da batalha como um cachorro puxando a ponta de uma toalha de mesa.

— Jules e Emilia esperavam que a névoa estivesse atrás de Katharine. Mas se isso é verdade, ela não parece ser contra fazer um lanche no caminho. — Ela olha para ele. — Você não parece com medo.

— Nem você.

— Eu acho que Mirabella está lá. Eu acho que ela vai me proteger. Você sabe o que eu quero fazer, Renard.

— Eu sei.

— E você não vai tentar me impedir?

— Eu quero ir com você. O que quer que aconteça, eu preciso estar lá.

Ela sorri sem mostrar os dentes.

— Pronto para pular para o lado vencedor, é claro.

— Acredite no que quiser.

Arsinoe hesita, sua mão sobre a espada.

— Por favor — diz ele suavemente. — Eu mereci isso. Não haverá paz para mim se eu não estiver lá.

Ela aponta para a parte de trás do cavalo dela.

— Suba, já que você vem.

Depois de um segundo de descrença, ele estende a mão e ela o ajuda a montar. A névoa se espalhou no espaço entre eles e no Volroy como uma manta. Não há outro caminho além daquele.

— Nós podemos ser esquartejados no momento em que entrarmos nela — diz Arsinoe. — Ou pelo menos você pode. Mirabella gostava de você?

— Sua irmã não está na névoa. — Pietyr diz no ouvido dela. Ele se segura em torno da cintura dela. — Mas não. Embora nós nunca tenhamos nos falado.

— Eu não acho que isso teria feito muita diferença. — Arsinoe bate os calcanhares em seu cavalo para avançar e deseja ter a dádiva naturalista para torná-lo corajoso.

Mirabella, se você estiver aí, cuide de mim uma última vez.

Emilia mal consegue respirar. O sangue escorrendo de seu antebraço e a dor no peito não são nada.

Jules libertou a maldição da legião.

Ela se arrasta pelo chão, levantando-se o mais rápido que pode depois que Jules a derruba. Jules e Camden já desceram metade da colina.

— Jules. Jules, olhe para mim!

Mas ela realmente não quer isso. A espinha e os ombros de Jules se contorcem com a maldição, e quando sua cabeça vira, Emilia vê lábios tão abertos por sobre os dentes que parece que vão rasgar.

Se Jules e Camden voltassem, elas a rasgariam em pedaços, enfiariam aço e garras no fundo do seu peito. Mas ela não é o alvo mais atraente no campo. É só graças a Rho Murtra que Emilia ainda está viva.

— Jules! — ela grita, fraca. — Jules, não!

Embaixo da colina, Camden salta sobre a primeira pessoa que alcança. A pobre soldada da guarda real nem tem tempo de gritar. Jules puxa sua espada, mas não parece ansiosa para usá-la. Em vez disso, ela parece estar guiando seu cavalo direto para Rho, e entre seu terror e a dádiva naturalista, o cavalo vai obedecer.

Há algo terrível e belo em observar Jules correndo na direção de todo aquele sangue e dor, tão destemida e cheia de ódio. E sem um plano, igualzinha a sua amiga Arsinoe. Emilia não sabe como as duas sobreviveram juntas por tanto tempo.

Quando Jules e Rho se encontram, Jules força seu cavalo a dar um último salto e Emilia abre sua boca para gritar.

Ela acorda no chão. E ela não está sozinha – o choque derrubou todos os soldados em um largo círculo. Sangue quente escorre do seu nariz sobre seus lábios. Depois de um momento, ela consegue escutar de novo, sons abafados por baixo do zumbido, e ela se levanta sobre pernas que dão a sensação de que ela bebeu um barril de cerveja. A breve pausa na batalha acabou e espadas atordoadas voltam a golpear. Ela precisa chegar até Jules. Ela precisa achar sua rainha.

Ela desvia e a vê, já de pé, se é que em algum momento ela não esteve. O pobre capão e o gigante de Rho estão imóveis, seus corpos formando uma barreira como uma arena enquanto as duas guerreiras circulam uma a outra no centro. Ondas de escuridão emanam de Rho como uma neblina. A pele de seus antebraços é verde e apodrecida. Embora Emilia nunca tenha sido particularmente religiosa, as vestes brancas de sacerdotisa em algo assim parece pura blasfêmia. Nenhum guerreiro de Bastian City poderia enfrentar um monstro desses. Nem Emilia. Nem mesmo sua mãe. Apenas Jules.

O Volroy

Arsinoe prende a respiração quando ela e Pietyr mergulham na névoa. Ela fecha os olhos e os braços de Pietyr a apertam com força na cintura. Mas depois de alguns passos, parece que eles não serão partidos ao meio.

— Como você vai saber em que direção ir?

— Eu não sei — ela responde. É uma pergunta idiota, de qualquer forma. Todo mundo em Fennbirn sabe que a névoa te leva para onde ela quer. Ou para onde você deve ir.

— É sempre tão fria?

— Sim — diz ela, embora essa névoa não pareça nada familiar. Não como era quando ela era criança, no barco com Jules e Joseph. Não como quando eles a atravessaram a caminho do continente. Essa névoa parece um punho esperando para se fechar, tão grossa que ela mal consegue ver o pelo castanho de seu cavalo.

— Onde está todo mundo? Não podemos estar sozinhos — diz Pietyr, e imediatamente o cavalo tropeça. Ele cai sobre os joelhos dianteiros, atirando Arsinoe e Pietyr sobre sua cabeça.

Arsinoe corre para pegar as rédeas e Pietyr a agarra pela cintura.

— Não! Eu não posso perder o cavalo! Não posso perdê-lo! — Ela se arrasta para cima e toca o nariz dele. O pobre cavalo assustado está respirando com força. Ela dá um tapinha no seu pescoço, que está molhado de suor. Mas ele não se assusta. — Bom menino, menino esperto — ela sussurra.

— Boa Deusa — diz Pietyr atrás dela. Ele encara o chão, a coisa em que o cavalo tropeçou. É um corpo. Ou pelo menos era. Torcido, rasgado, curvado, é difícil dizer se costumava ser uma mulher ou um animal.

Arsinoe dá um passo para trás e tropeça. Quando ela tenta levantar, suas mãos se enfiam em uma coisa molhada e quente.

— Outro corpo.

Pietyr a ajuda a se levantar.

— Ou o resto do mesmo.

Ela puxa o cavalo para perto. Seus dedos estão melados, pintados de vermelho e de entranhas até o pulso.

Para onde quer que olhem, por todo espaço que conseguem ver, estão corpos ou pedaços de corpos. Além deles, várias guardas reais estão empilhadas e cobertas de sangue, como se houvessem sido servidas num prato. E à sua direita, um braço esfolado, os músculos e tendões expostos até o ombro desconectado.

— Precisamos sair daqui — diz Pietyr.

— Não entre em pânico — ela dispara. Ela sabe melhor que qualquer um que a névoa pode te enrolar em suas garras por muito tempo. Eles podem andar ao léu para sempre. Até morrerem de fome ou ficarem loucos. No final, eles podem acabar implorando para que a névoa os parta em pedaços. Mas não há por que dizer isso a Pietyr. — Pegue a minha mão.

Ele a pega sem hesitar, apesar do sangue, e eles começam a avançar. Ela conta cem passos na mesma direção antes de começar a suspeitar de que eles chegaram aos portões externos do Volroy. Então ela conta mais cem, passando por cadáveres de soldados e cavalos. A respiração de Pietyr é rápida no ouvido dela.

— Eu não me lembro dos portões do Volroy serem tão longe.

— Não são. Algo está errado.

— Por que você precisa dizer isso? — ele sussurra.

— Você preferia que nós ignorássemos? — ela rosna de volta.

Ela inspira e a névoa cobre sua garganta e afunda para seus pulmões. Ela gira em volta deles em padrões curiosos.

— Oi! Alguém aí?

Ela e Pietyr se viram. A voz pode ter vindo de qualquer lugar.

— Sim! Estamos aqui! — grita Arsinoe. — Bem aqui!

A jovem soldada da guarda real surge diante deles. Seus olhos estão atordoados e ela ainda carrega sua espada, a ponta se arrastando pelo chão.

— Vocês são reais? — ela pergunta. — Eu não consigo encontrar… não consigo encontrar… ninguém…

— Você nos encontrou — diz Pietyr. — Está tudo bem agora.

A menina não parece convencida. Mas ela solta a espada. E quando ela o faz, a névoa a circula e a parte em pedaços.

Arsinoe grita. O cavalo puxa as rédeas da mão dela e sai galopando, o som das suas ferraduras desaparecendo em um instante.

Metade da garota sumiu, incluindo sua cabeça. Sua outra metade, com um braço e uma perna ainda presos, tem espasmos no chão.

— Você ainda acha que Mirabella está nessa névoa? — pergunta Pietyr. Ele a agarra pelo ombro e a empurra na direção do corpo da menina. — Isso é o que se espalhou pelo campo de batalha. É isso que vai cobrir toda a Ilha! Nesse momento, em algum lugar atrás de nós, ou em frente, ou em volta, todo mundo que você conhece… pode estar acontecendo com eles!

— Com quem você acha que está falando? — Ela se solta e bate nele com força, o punho dela contra o peito dele. — Eu sei disso!

— Então faça algo a respeito! Nos tire daqui! Mas não me solte. — Ele segura a mão dela com mais força. — Eu acho que você é o único motivo para eu não estar… em pedaços. — Ele aponta com a cabeça para o corpo aos pés deles.

— O que você quer que eu faça? — Arsinoe pergunta. — Mirabella era quem conseguia encarar a névoa. Ela era a elemental; eu sou só uma envenenadora como você. Então por que você não faz alguma coisa?

Os olhos gélidos dele correm para os dela.

— Você não é só uma envenenadora, Arsinoe. Nem uma mera naturalista. Você é uma rainha.

Ela respira fundo. Ela pode ser uma rainha, e ainda assim a névoa a pressiona como um peso. A qualquer momento, Pietyr vai ser arrancado dela e levado para o branco, e ela estará sozinha.

— Eu conheço a névoa — diz ela, baixo. — E conheço quem a criou. Eu sou uma rainha, embora seja diferente de todas as que essa Ilha já viu. Todas nós fomos. — Ela pega sua pequena faca afiada. Ela se lembra da última carta de Mirabella.

Eu para enfrentar a névoa. Katharine para ser a hospedeira. E você para bani-las com magia baixa.

— Esse tempo todo, eu só fui boa em uma coisa. — Ela entrelaça seu braço no de Pietyr e passa a lâmina por sua palma. — E eu não vou ter mais vergonha disso. — Ela ergue sua mão diante do rosto e deixa que seu sangue pingue pelo seu pulso enquanto sua voz fica mais alta. — As rainhas mortas começaram essa briga. Mas são as vivas que vão terminá-la. — Ela mostra os dentes e bate sua palma no solo.

Um forte vento bate e Pietyr se aproxima, tentando cobri-la. A névoa vira um redemoinho e vozes e gritos ecoam dentro dela. Talvez seja Illiann. Talvez seja Daphne. Mas embora ela se esforce, ela não ouve Mirabella.

Ela fecha os olhos e aperta sua mão com mais força no chão e subitamente o ar fica leve. Ela abre os olhos. Eles estão no pátio, diante dos portões da frente do Volroy.

— Como? — pergunta Pietyr, se erguendo lentamente.

— Não faça perguntas. É onde deveríamos estar. — Arsinoe se levanta e corre para a frente, para a fortaleza.

Katharine está em seu quarto, ao lado do fogo, quando ela ouve Arsinoe chamar seu nome. Faz tanto tempo que não ouve essa voz e ela fica surpresa ao notar que o som lhe traz alívio.

O castelo está quase vazio; nenhum membro do Conselho Negro ou soldado vai impedi-la. Tudo que resta é escolher o lugar.

Katharine toca as facas na sua cintura, suas queridas facas envenenadas. Embora contra Arsinoe o veneno não importe.

As rainhas mortas que ficaram com ela deslizam furtivamente para o seu sangue. Elas cutucam, suaves, mansas, sem a força que ganham quando estão em maior número.

— Quietas — sussurra Katharine para elas. — Está quase na hora de vocês enfrentarem minha irmã.

O CAMPO DE BATALHA

Emilia fica congelada no lugar enquanto observa Jules e Rho Murtra circularem uma a outra. Arsinoe estava certa. Jules está fora de controle. Não há nada que ela possa fazer para ajudar, para proteger ou para impedir o que está por vir.

— Emilia!

Ela olha à sua direita e vê Mathilde. A oráculo levou uma flechada no ombro, mas segue lutando com bravura, empurrando soldados para trás e sinalizando tropas rebeldes com sua espada. Com sua ordem, a tropa reserva vem, enchendo a colina noroeste como formigas. Observando-os, Emilia sente um aperto em sua garganta. Eles são tão corajosos. Apesar da névoa e apesar do monstro que a Rainha Morta-viva mandou em cima deles, eles não fogem.

— Mathilde! — Emilia se esforça para se levantar. Mathilde está desmontada e sua capa amarela, manchada de lama escura. Muitos dos oráculos caíram, suas cores fáceis de ver na terra. Mas alguns seguem lutando.

— Precisamos segurar a linha — grita Mathilde. — Encurralar o flanco oeste da guarda real!

Emilia concorda. Ela remonta seu cavalo e pega uma égua que passa para Mathilde.

— Espere — diz Mathilde quando está na sela. — Olhe.

Embaixo do campo, Billy tropeça pela batalha, uma mão pressionada contra o lado do corpo e a outra mal desviando dos ataques. Sua armadura e roupas estão ensopadas de vermelho.

— Continental idiota — diz Mathilde. — Ele devia ter ficado perto. Se você liderar o ataque com a tropa reserva agora, talvez consiga fechar o flanco.

Emilia olha da guarda real, sedutoramente diminuída, para Billy, ajoelhado e sangrando muito. Abaixo do campo, à esquerda, Jules e Rho começam a trocar golpes. Há vários lugares em que ela queria estar e não há por que deixar esse momento de glória passar quando o garoto já está quase morto mesmo.

Ela ergue seu braço com a espada e a dádiva da guerra canta em suas veias como a própria Deusa. Ela sabe como vai ser, correr pelas fileiras. Ela consegue sentir os golpes em seus joelhos e os gemidos na ponta da sua espada.

Ela fecha os olhos com força e grita.

— Maldita seja, Arsinoe!

— O que você está fazendo? — pergunta Mathilde.

— Ataque o flanco sem mim. Vá! — Ela vira seu cavalo e eles correm para Billy em passadas largas, sua espada para baixo para cortar a guarda real no lugar vulnerável perto do cotovelo. Ela aproveita a luta que tem por todo o caminho até o continental.

— Billy!

— Emilia, graças a Deus — diz ele quando ela o puxa para sua sela. — Foi Renard. O imbecil me esfaqueou quando eu tentei impedi-lo de ir atrás de Arsinoe.

— Agradeça seu deus no seu país — diz ela, seu coração ficando na luta mesmo enquanto eles galopam para fora dela. — Hoje você deveria agradecer à minha Deusa.

Eles olham para trás juntos enquanto o cavalo os leva para fora do campo. Na confusão da névoa, os soldados se espalharam. Eles se viraram uns contra os outros, derrubando amigos e aliados na esperança de ganhar tempo. Em todo lugar que o branco toca, eles gritam, caem no chão com as costas cheias de sangue.

— A névoa — diz Billy horrorizado. — O que fazemos com a névoa?

Emilia olha para a frente e bate os calcanhares com força em seu cavalo.

— Isso agora é um problema para a sua Arsinoe.

Camden percorre a fronteira do espaço delimitado pelo conflito entre Jules e Rho, marcado pelos corpos caídos de seus cavalos, mortos quando elas colidiram pela primeira vez. Mas, mesmo sem a puma, ninguém teria incomodado. Quem ousaria?

Elas golpeiam e desviam, golpeiam e desviam, a velocidade que mostram é sobrenatural. O estrondo de suas armas cruzando faria qualquer outro soldado cair de joelhos com a vibração.

Os únicos sons são grunhidos e gritos ferozes, a maldição da legião crescendo e as rainhas mortas empurrando-a para trás, cada impacto forte o suficiente para partir ossos. Repetidas vezes elas se juntam e são separadas, mas as únicas feridas que têm foram causadas antes do encontro começar: fitas de sangue descendo por um braço amaldiçoado, um ponto de podridão em uma face morta-viva.

A clareira em volta delas cresce quando os que estão lutando perto param para observar. Mas até mesmo os espectadores fogem quando a névoa vem.

As rainhas mortas acertam um golpe aterrorizante e fazem sua oponente rolar. Ao ver a névoa, elas guincham e usam a dádiva da guerra da sacerdotisa para arrancar o machado do chão. Com duas armas, elas recepcionam suas duas inimigas.

A maldição da legião ataca, cortando com a espada e a adaga, usando a dádiva da guerra como escudo, mas as rainhas mortas não têm medo. Elas disparam, sua raiva é sua força, cortando, socando, pisando até ouvirem ossos se quebrando.

Quando a névoa se enrola em volta das pernas delas, as rainhas mortas sentem seu frio. Mas ainda não estão com medo. Elas golpeiam com seu machado através da névoa como se pudessem parti-la em duas.

Elas estão distraídas. Não a veem se levantar e apoiar em uma única perna. Não a veem saltar, fazendo o osso quebrado estilhaçar.

A espada e a adaga se enterram na carne delas e furam buracos grandes que derramam o sangue preto e morto, e as rainhas mortas soltam o machado e tentam se segurar do lado de

dentro.

Elas vazam para o ar fresco, sentindo Katharine ali perto, e voam para ela, escorrendo para fora de Rho enquanto o corpo da sacerdotisa cai na terra. Elas deixam ela e a detestada Rainha da Legião para trás. Não olham para trás quando a névoa desliza para fazer em pedaços o saco vazio que é Rho Murtra.

O Volroy

Arsinoe sacode a mão cortada, fazendo gotículas de sangue molharem o chão de pedra do Volroy.

— Aqui — diz Pietyr e dá a ela seu lenço.

— Essas boas maneiras de envenenador. — Ela enrola o corte. — Ainda bem que nunca aprendi.

Eles andam juntos, mais para dentro do Volroy, e Pietyr a mantém a par dos arredores. Ele sussurra o que os cômodos são e diz a ela onde podem tentar. Ela o deixa fazer isso para se sentir útil. Ele não sabe que ela viveu uma vida através dos olhos de Daphne e conhece caminhos pelo castelo dos quais ele não faz ideia.

Eles viram uma esquina e dão de cara com um pequeno espaço verde, um jardim murado do qual Arsinoe se lembra bem.

— O que foi? — pergunta Pietyr quando ela se demora.

— Era o jardim favorito da Rainha Azul Illiann, ela costumava passar horas sentada ali.

— Como você sabe?

— Eu sei de muitas coisas que eu não deveria saber.

Ela olha para ele de lado. Ela não deveria estar indo até Katharine com ele. Não importa que ele tenha dito que não ia interferir ou que ele tenha jurado derrubar a Coroa. Corações apaixonados são imprevisíveis, e quando ele vir Katharine, todas as suas promessas podem ser esquecidas.

— Você vai me causar problemas?

— Eu já disse que não.

— A palavra de um Arron?

— Significa mais que a palavra de um Milone.

— Eu duvido disso — diz Arsinoe, desdenhando. Mas os Milone têm sua parcela de erros e mantiveram seus segredos. Assim como os Arron. E assim como o templo.

— Você deveria estar mais preocupada com Katharine, de toda forma. Você sabe o que ela é. Quão forte ela é, graças às dádivas emprestadas, e como ela é boa com armas. Você sabe que ela provavelmente vai te matar.

— É provável que matemos uma a outra — diz Arsinoe com uma voz dura. — Sim, eu sei.

Ela respira fundo. Escuta Mirabella e Jules dizendo quão teimosa ela é. Como nunca pensa direito nas coisas. Mas elas só diriam isso porque a amam. No fundo, elas sabem tão bem quanto ela que essa tarefa não poderia ser de mais ninguém.

Rápida como um gato, ela puxa a faca e empurra Pietyr contra a parede, pressionando a lâmina contra o pescoço dele.

— Se eu fosse esperta — diz ela —, eu te matava. Então me diga por que não deveria fazer isso agora.

— Porque eu sou um aliado. Porque eu jurei que não te impediria.

Ela pressiona a lâmina contra a pele dele com mais força.

— Mentiroso.

Pietyr faz uma careta com a pressão da faca, mas ele não está realmente com medo. Ele a olha com sua quantidade normal de desdém.

— Então eu vou te contar toda a verdade para provar que não sou o que você diz.

— Toda a verdade?

— Para chegar até você no campo de batalha, eu precisei esfaquear seu garoto, Billy.

Por um momento, ela não consegue acreditar no que ouviu. Então ela o puxa para a frente e o empurra de volta contra a parede, com força suficiente para fazê-lo acreditar que ela tem a dádiva da guerra.

— Você o quê?

— Eu não o matei. Mas ele se recusou a me deixar passar. Ele parecia pensar que eu tinha planos nefastos para você. Ele é bem galante para um idiota do continente.

— Você o esfaqueou?

— Sim. Mas eu não o matei.

— Como você sabe? Como você sabe com certeza?

— Um envenenador conhece um corpo — diz ele. — Nós sabemos onde cortar para que a pessoa sinta. Nós sabemos quanto sangue derramar. E nós também sabemos como manter alguém vivo, para prolongar o sofrimento.

— Se tinha veneno na sua faca, eu juro…

Ele sacode a cabeça, o tanto que consegue sem ser cortado.

— Não havia. Me deram as armas durante a marcha e eu estava sendo observado e revistado o tempo todo. Quando eu teria tido a chance?

Arsinoe o segura por mais um longo momento. Então ela dá um passo para trás e Pietyr esfrega o pescoço.

— Eu não precisava ter te dito isso — diz ele. — Mas estou sendo honesto. Então, por favor, acredite em mim quando digo que não vou interferir entre você e Katharine. Eu só preciso estar lá.

Honesto. A palavra sequer cabe direito na boca dele. Mas Arsinoe guarda sua faca.

— Você não pode me impedir, Renard. Tentar seria desperdiçar a sua vida.

Ele assente, e ela passa pelo jardim, pressionando seu dedo contra os lábios quando passadas soam em um corredor. Ela se encosta na parede e agarra o servo pela gola assim que ele faz a curva.

— Onde está a rainha?

— Ele é um menino da cozinha — diz Pietyr. — Ele pode não saber.

— Ela… ela está nos seus aposentos. — O menino aponta para cima e para oeste. Arsinoe o

solta.

— Bom. Isso pode acabar como nos velhos dias. Com rainhas em uma torre.

Arsinoe está quase lá. Katharine pode senti-la se aproximando. Sua raivosa irmã do meio. Arsinoe está chegando e ela tem um propósito: fazer o que Mirabella prometeu que ela faria.

Ela não vai querer te matar, algumas rainhas mortas sussurram. *Ela está fraca*.

— Ela vai — sussurra Katharine de volta. — Pelo o que eu fiz. Por ter mandado as outras para Rho Murtra para que ela moesse os ossos de Jules Milone na lama.

A única coisa que resta a ser decidido é o lugar.

Não deve ser ali, nesses quartos de seda listrada e brocado, mobília pesada e jogos de chá. Quartos que fedem a conforto e assuntos civilizados da capital.

Deve ser algum lugar duro e selvagem. Onde Mirabella possa ver.

Katharine vai até a porta. Ela chama Arsinoe. E então ela corre escada acima até a porta que leva para cima das muralhas.

Quando Arsinoe irrompe na muralha, ela não está preparada para a altura vertiginosa, pior até do que quando ela se agarrou à lateral do Monte Horn. Ela fecha os olhos com força. Quando ela os abre, vê Katharine, parada em cima do telhado. Os braços da Rainha Morta-viva estão nus e cheios de cicatrizes de veneno. Ela usa um vestido preto com espartilho. E ela parece quase feliz em vê-la.

Arsinoe não tem certeza do que esperava, mas vê-la é um choque. Depois das descrições que Pietyr fez das rainhas mortas, ela imaginava Katharine meio apodrecida, sua pele escurecida e mostrando pedaços de osso exposto. Ela pensou que Katharine iria simplesmente atacar – que elas iam atacar uma a outra – e isso seria o fim. Agora, apesar da sua raiva e de suas mãos fechadas em punhos, ela não consegue simplesmente cruzar o telhado e estrangular sua irmãzinha até a morte.

— Você veio — diz Katharine. — Eu sabia que viria. Ela disse que você viria.

— Não fale dela.

— Mas você recebeu? A carta que ela mandou? — Os olhos de Katharine focam com esperança a faca pequena e afiada de Arsinoe. — Você sabe o que tem que fazer.

— É — ruge Arsinoe. — Eu sei o que tenho que fazer. — Ela fecha os punhos. — Venha me enfrentar!

Ela aperta o cabo da faca e espera, sua respiração densa, seu pulso em seus ouvidos. Mas Katharine não se move. O que só deixa Arsinoe com mais raiva, essa calma exterior, essa encenação. Ela não veio até aqui para assassinar um cervo adormecido. Ela queria uma luta. Precisa haver uma luta.

— Venha! — ela grita. — Você é uma piada nessa coroa. Uma rainha sem dádiva. Quando você descobriu que eu era uma envenenadora, você não pensou em perguntar à velha Willa? Você não quis saber que não era nada mais que uma naturalista de dádiva fraca? Uma

naturalista fraca e patética e quase sem dádiva, como eu sempre pensei que era. Nós deveríamos ter tido infâncias trocadas, Katharine. Embora eu goste de pensar que teria aguentado a sua melhor do que você.

— Não importa o que eu era — diz Katharine, franzindo a testa. — Eu sou algo diferente agora. Eu sei que você está com raiva…

— Raiva? Eu estou com mais do que raiva!

Não está funcionando. No campo de batalha, pessoas estão morrendo. Os amigos dela estão morrendo. Arsinoe ergue a faca. E Pietyr sai de trás dela.

Katharine dá dois passos para a frente.

— Você é algo diferente agora, Kat — diz ele. — Você está certa nisso.

— Você está bem. — Katharine sorri e seus olhos brilham. — Você está bem de novo.

Arsinoe ferve com a felicidade no rosto de Katharine. Ela não merece isso. Ela merece crueldade. Dor. Ela não deveria poder sentir nada além de arrependimento. Arsinoe se vira para Pietyr e põe uma mão no peito dele.

— Ele está bem de novo — diz ela. — Você tentou matá-lo e eu o acordei. — Ela dá a volta nele. Quando ela desce a mão pelas costas dele, Pietyr quase morre de medo, mas para crédito dele, ele fica quieto.

— Ele não está aqui para voltar para você, Katharine. Ele está aqui para declarar que está conosco. Comigo. — Ela se prepara e agarra o rosto de Pietyr, beijando-o com força. Então ela o empurra para longe e corre para sua irmã.

Katharine sabe que o beijo não foi real. Mas deu a sua irmã a coragem de que ela precisava. Enquanto Arsinoe corre para ela, Katharine ergue uma mão. A faca de Arsinoe desce em um arco cortante. Ela se enfia na mão de Katharine, se alojando entre seus dedos anelar e mindinho.

Ela grita quando as rainhas mortas rugem. Elas querem girar a cabeça de Arsinoe em seu pescoço. Mas Katharine as engole.

— Você a matou! — grita Arsinoe com dentes rangendo. Sua faca se sacode na carne de Katharine e afunda mais. — Quando ela nos amava mais que a Coroa. Mais do que a Ilha!

Com o canto do olho, Katharine vê Pietyr assistindo e sofrendo.

— Rainhas não têm permissão para amores assim — grita Katharine.

Enquanto elas lutam, ela sente a dor nos olhos de Arsinoe como se fosse sua. Ela quer contar o que aconteceu com Mirabella. Que Mirabella tinha pedido a Katharine para matá-la, para protegê-la da invasão das rainhas mortas. Ela quer dizer que ainda assim é culpa dela porque ela não pôde protegê-la. Mas se ela o fizer, Arsinoe vai perder a coragem. Nisso, ela é mais parecida com a irmã mais velha delas. E além do que, apesar da faca em sua mão, Katharine quase gosta da briga. É isso que ela e Arsinoe fazem, sem Mirabella para mediá-las. É o que elas sempre fizeram, mesmo quando ainda estavam no Chalé Negro.

Arsinoe empurra Katharine para trás e solta a faca.

— Por que você está me olhando assim? — ofega Arsinoe. — Qual o seu problema?

— Me corte — grita Katharine. — Me mate ou as corte para fora de mim. Isso precisa ter fim. Um fim para a linhagem das rainhas.

Ela segura sua mão enquanto o sangue escorre livremente pelo braço. Arsinoe a encara exasperada, já exausta das escadas e do que ela encarou no campo de batalha. Abaixo delas, e por toda volta, a névoa cobre construções inteiras como neve. Chegando ainda mais perto de devorá-las.

— Você causou isso para você mesma, Katharine. Tudo isso.

O rosto de Katharine se fecha. Nem tudo. Ela começou o jogo como um peão, como todas as outras. Mas a culpa dela é suficiente para o resto não importar.

— Eu queria que não tivéssemos nascido aqui, Arsinoe. Eu queria que as coisas pudessem ser diferentes. Mas eu acho que Mirabella estava certa. E fomos colocadas aqui por um motivo.

— Por que você não disse isso antes? — pergunta Arsinoe. Ela empunha a faca. — Por que não quando ela ainda estava viva e nós poderíamos ter feito alguma coisa?

— Eu não sentia isso antes. Eu sou uma rainha. Não é da minha natureza admitir derrota. Não é da sua também.

Antes que ela possa dizer mais alguma coisa, sai um grito do campo de batalha, e ela e Arsinoe se viram. Katharine sabe o que foi esse som. Assim como as irmãs mortas, que incham no seu sangue, se preparando para receber suas parentas. Katharine se vira para Arsinoe com olhos arregalados.

— Você precisa fazer agora! Não temos tempo!

— Do que você está falando?

— Se elas voltarem para mim, eu não vou conseguir controlá-las!

— Escute ela, Arsinoe! — grita Pietyr. — As expulse, agora!

Arsinoe desenrola o curativo em volta da sua palma quando as irmãs mortas chegam em um redemoinho. A fúria sombria delas gira em volta de Katharine como uma horda de insetos ferozes. Katharine fecha sua mão com a boca e aperta os olhos. Mas elas sempre acham uma forma de entrar.

Katharine cai de joelhos. As rainhas mortas estão com muita raiva. Elas rasgam seu rosto e braços, tentando abrir caminho para dentro. Elas vão lotar sua mente e controlar o corpo dela de vez.

— Fiquem longe dela.

A dor diminui. Desaparece de seu pescoço e peito, trazendo alívio como uma brisa fresca. Katharine abre os olhos. Arsinoe está indo na direção dela por cima do telhado, sua mão estendida e sangrando, abrindo a nuvem de rainhas mortas como fumaça. Ela abriu em sua mão a mesma runa que Pietyr abriu na dele quando tentou expulsar as rainhas mortas de volta para as pedras.

— Isso não vai funcionar — diz ela enquanto Arsinoe ajoelha ao seu lado.

— Vai quando eu fizer. — Arsinoe pega a mão de Katharine. Ela trabalha rápido com sua faca, cortando a runa de ponta-cabeça, para que as duas se selem juntas. Ela estica sua palma.

Katharine pega a mão da sua irmã. A sensação dos sangues de rainha se misturando é diferente de tudo que ela já sentiu. Mais do que as dádivas das rainhas mortas. Mais do que o prazer da coroa marcada na sua testa. Seu corpo convulsiona quando as últimas mortas passam por seus lábios e fluem para o telhado. Elas deslizam como tinta para se juntar às outras e Arsinoe e Katharine se levantam.

As rainhas mortas não são fortes o suficiente para tomarem uma forma. Elas ficam no ar, fervendo como água, e pela primeira vez, Katharine consegue ter uma ideia de quem elas foram. Rostos e mãos lutam para permanecer, se espremendo para fora da nuvem. Ecos de cabelos

pretos flutuam como algas. Ela vê tranças e relances de vestidos, roupas de muito tempo atrás. Elas não eram diferente de Katharine e Arsinoe. Seu fim não foi menos injusto que o de Mirabella.

— Elas não podem mais ser salvas — murmura Arsinoe, lendo os pensamentos de Katharine através do sangue conjunto delas. — Nós precisamos bani-las. Para sempre.

— Cuidado! — grita Pietyr quando o corpo de Rho Murtra escala as muralhas.

Nem todas as rainhas desistiram dela depois que a névoa fez sua parte. Depois que ela a deixou rasgada e despedaçada por centenas de cortes. Depois que ela esvaziou seus olhos. Algumas delas foram espertas e desconfiadas. E depois que a névoa arrefeceu, escalaram de volta para dentro da sacerdotisa morta, como quem veste uma armadura.

Arsinoe recua quando a coisa que costumava ser Rho ergue um machado e o baixa com força nas pedras. Katharine tira sua irmã do caminho e elas caem sobre o telhado, se arrastando para trás enquanto as rainhas mortas avançam tortas, desajeitadas dentro da pele morta.

— O que em nome da Deusa é isso? — pergunta Arsinoe.

Katharine se agarra a ela enquanto elas encaram de olhos arregalados o horror que o corpo de Rho se tornou.

— Ela precisa ser parada — sussurra Katharine, e Arsinoe a solta para cortar outra runa em sua outra mão.

Antes que Katharine possa protestar, ela salta para a frente, rápida como um gato.

— Não! — Katharine se esforça para levantar e avança para ajudar, mas Pietyr puxa seu ombro.

— Por favor, Kat — diz ele. — Deixe que eu faça isso. — Ele passa por ela e se joga sobre o cadáver de Rho. Um som vem do fundo da pele apodrecida e verde, quase como um espirro, um grito de pulmões cheios de buracos.

Congelada, Katharine observa Arsinoe desviar do ataque do braço morto-vivo, tentando apertar sua mão contra a testa do cadáver. Pietyr segura o braço para trás, mas ele não vê o outro braço de Rho atacando com o machado.

— Pare! — grita Katharine quando ele pega Arsinoe em um golpe de raspão, a lâmina cortando o quadril dela. Isso a faz voar e aterrissar sobre as pedras, e rolar até a muralha.

Katharine corre até ela.

— Você está sangrando.

— Sim — diz Arsinoe e faz uma careta quando Katharine a ajuda a se levantar. Ela abre e fecha a mão, espremendo mais sangue para fora das runas. — Mas eu ainda tenho o suficiente. — Ela respira fundo e desvia da muralha, saltando de novo sobre o cadáver de Rho enquanto Pietyr luta com as rainhas mortas que ainda se seguram lá dentro. Elas arranham o rosto perfeito dele com seus dedos mortos, e ele ruge e grita de dor.

— Arsinoe, o machado! — Pietyr passa seu braço em volta de Rho, em um abraço esmagador, e Arsinoe chuta com força a mão que o segura. Ela precisa chutar mais duas vezes antes do machado cair sobre as pedras.

— Eu preciso da cabeça! — Arsinoe expõe os dentes. Mas quando ela se arrisca a alcançá-la, tentando escalar o enorme braço de Rho como se fosse um galho de árvore, o cadáver se contorce e se conecta, cabeça com cabeça, com Pietyr, mandando-o para o chão. Katharine prende a respiração quando as mãos escurecidas e quebradas de Rho se enrolam em volta da garganta de Arsinoe. Ela vai ver as vias respiratórias de sua irmã sendo esmagadas. A vida arrancada para fora dela.

Katharine corre para a frente. Em um movimento rápido e suave, ela pega o machado e golpeia com força, enquanto solta um grito gutural. Então ela pisca. A lâmina está enterrada no peito do cadáver. Enquanto as rainhas mortas a encaram chocadas, Arsinoe se levanta e bate com a runa na testa morta de Rho.

As últimas mortas deslizam para fora, o queixo do cadáver pendurado como se deslocado. É preciso só um momento e então ele desmonta, uma pilha de carne e olhos vazios. Katharine, Arsinoe e Pietyr ficam em pé sobre ele, sem fôlego.

— Nunca, nunca mais faça uma coisa assim! — Arsinoe grita para Katharine e começa a rir, dobrada ao meio com uma mão sobre o joelho, a outra pressionada contra o corte profundo em seu quadril. Pietyr também começa a rir. Diante da comandante da guarda real ressuscitada, eles por um momento esqueceram a nuvem de mortas penduradas sobre eles.

Mas Katharine não. Seus olhos correm para elas quando as rainhas mortas se contraem desesperadamente, tentando se manter unidas. Elas precisam de uma rainha para continuar. Elas precisam de um corpo. E elas sentem que Arsinoe foi enfraquecida o suficiente.

Katharine não tem tempo de avisá-la. Ela se levanta em um salto e se joga na frente de Arsinoe quando as rainhas mortas mergulham para a garganta dela. O impacto a derruba. É surreal sentir a muralha roçar seu ombro quando Katharine passa por cima dela, ouvindo Arsinoe gritar quando ela também mergulha pela borda. Mas Katharine, sempre a menor delas, é também a mais rápida, e chuta Arsinoe contra a muralha. A última coisa que ela vê antes de mergulhar na névoa é Arsinoe, segurando-se nas pedras do Volroy. Segura.

Arsinoe se agarra à lateral do Volroy, suas pernas penduradas, seu pescoço curvado enquanto ela observa Katharine e as rainhas mortas caírem no nada. Katharine a salvou. Ela a salvou. E ela caiu.

— Kat — sussurra ela e então grita: — Katharine!

— Me dê sua mão!

Ela ergue os olhos. Pietyr está inclinado sobre a borda. Com um grunhido, ela se estica para cima e se segura nele, fazendo uma careta com o ardor da runa na sua mão.

E atrás dela, as rainhas mortas gritam.

— Pietyr! Me puxe para cima.

Ele tenta, mas não é rápido o suficiente. Ela sabe disso pelo terror nos olhos dele.

Arsinoe chuta; seus pés raspam as pedras, sem saber se ela está tentando escalar ou manter as rainhas mortas longe. Ela ousa olhar por cima do ombro e as vê vindo, sua forma esticada em braços escuros e pernas alongadas.

— Eu não vou conseguir — ela guincha. — Solte!

Ela puxa contra o puxão dele, o sangue tornando mais fácil deslizar.

— Espere!

Arsinoe olha por cima do seu ombro de novo.

A névoa está se erguendo, se esticando para o lado das rainhas mortas. Ela passa por cima delas e desce de volta, engolindo-as inteiras e as rasgando, cuspindo fagulhas de preto para o céu. Arsinoe e Pietyr congelam enquanto encaram a batalha, as rainhas mortas guinchando,

tornando-se um redemoinho de braços e dentes expostos enquanto a névoa as envolve cada vez mais.

As rainhas mortas não têm chance. A névoa devora. A névoa protege. Arsinoe vê as rainhas antigas, escondidas em suas profundezas. Ela vê Illiann e até Daphne. Ela sente o poder de Mirabella quando a névoa se choca contra o Volroy como uma tempestade. Ela reconhece Katharine na rapidez precisa e torcida com que ela corta faixas de escuridão e as afasta como fitas. Ela as vê lutando, por ela e pela Ilha, até que tudo que resta das rainhas mortas são farrapos e cinzas flutuando no ar.

Quando acaba, a névoa desaparece. Ela não volta para o mar. Ela não recua. Ela simplesmente evapora e some até que não exista mais nada ali a ser visto.

— Arsinoe — diz Pietyr com uma careta. — Me dê sua outra mão.

Ela o faz e ele a puxa para cima e para o lado, até o telhado, onde eles desmontam juntos.

— Foram elas — diz Arsinoe, ofegante. — Mirabella e Katharine.

— Foram elas — Pietyr concorda e bate sua cabeça na pedra. — E agora acabou.

O CAMPO DE BATALHA

Em um momento a névoa está por toda parte. No seguinte, ela recua, sumindo como se nunca tivesse existido, e Emilia vira seu cavalo e corre em busca de Jules.

Por todo o campo de batalha, soldados estão acordando. Eles se juntam, ajudando os feridos, lançando olhares temerosos para o caos que ainda permanece. Tantos estão mortos, retorcidos ou partidos em pedaços que é um alívio ver alguns que foram derrubados por uma flecha ou lança, porque pelo menos isso é compreensível.

Emilia faz seu cavalo passar por todos eles, saltando sobre os mortos e desviando dos vivos a caminho da clareira onde Jules está. Quando ela a alcança, ela puxa as rédeas com tanta força que a pobre égua escorrega.

— Jules! — Emilia pega o rosto de Jules nas mãos enquanto ela vira olhos vermelhos de sangue na sua direção. Emilia não precisa olhar a perna de Jules para saber que está arruinada. Suas calças estão ensopadas de sangue e retas demais no calcanhar. A perna está virada para o lado errado abaixo do joelho. — Jules, sua idiota. O que você fez?

— Eu fiz o que precisava fazer — diz Jules com seu queixo tenso. Ela estica a mão e toca o rosto de Emilia. — E eu estou bem. — Ela sorri. — Estou bem. A maldição, ela… — Seus olhos perdem o foco e ela perde a consciência.

Emilia a puxa para seu colo.

— Ajuda! Preciso de ajuda para a rainha!

Rebeldes vêm. Eles amarram bem as feridas de Jules e colocam ela e a puma sobre cavalos com gentileza. Enquanto Emilia chora, Mathilde vem mancando para o seu lado.

— O que nós fizemos? — pergunta Emilia. — O que a fizemos fazer?

Mathilde olha com tristeza para Jules e Camden, levadas embora nos lombos de cavalos. Seus olhos marejam. E então, ela sorri.

— Só o que ela precisava fazer.

Os curandeiros cortam a perna de Jules enquanto ela dorme. Emilia estava certa: não havia como salvá-la. E Emilia fica com Jules até ela acordar.

— O que aconteceu? — pergunta Jules quando seus olhos se abrem.

— Você salvou tanta gente — responde Emilia. — Você se tornou uma lenda. Uma lenda e uma rainha.

Jules volta a dormir e Emilia se inclina para beijá-la na testa.

— Não se preocupe, Jules. Eu estarei aqui quando você acordar. E para sempre depois disso.

Arsinoe e Pietyr emergem do Volroy atordoados. Lá dentro, o castelo ainda está quieto, quase deserto. Mas do lado de fora é carnificina para onde quer que eles olhem. Enquanto eles ficam ali, piscando em frente aos portões externos, Arsinoe fica surpresa ao sentir o toque quente de um focinho em seu braço. É seu bom cavalo castanho que voltou, suas meias brancas manchadas de vermelho.

— Ei, garoto. — Ela passa o braço por baixo da sua crina para acariciar a testa dele enquanto Pietyr chama um soldado rebelde ali perto.

— Onde estão as comandantes? Para onde levaram a Rainha da Legião?

— Eles a levaram para a cidade. Curandeiros se reuniram na praça para ajudar os feridos.

Arsinoe assente para Pietyr e eles rapidamente montam no cavalo e trotam para a Praça de Indrid Down. Enquanto vão, eles passam por reuniões de todos os tipos. Algumas felizes. Muitas com lágrimas quando notícias dos caídos se espalham pelos sobreviventes.

— Onde ela está? — pergunta Arsinoe, virando seu cavalo em todas as direções. — Onde…?

Alguns acenam para ela da multidão. Luke. O bom Luke, com seu rosto sangrento e um curativo no ombro. Ele sorri quando ela olha para ele e aponta para o outro lado da praça, para uma tenda feita às pressas.

Eles correm para ela e Arsinoe salta para fora do cavalo. Jules e Camden ficam do lado de dentro, com Emilia sentada entre elas.

— Ela está…? — pergunta Arsinoe, e Camden ronrona suavemente. Os olhos de Arsinoe notam a perna que falta em Jules e ela engole em seco.

— Ela vai ficar bem — diz Emilia. — Ela conseguiu. E você conseguiu.

Arsinoe se curva e pega a mão de Jules.

— Como? Como ela enfrentou Rho?

— Ela libertou a maldição da legião — diz Emilia. — Mas ela está bem. A maldição se foi.

— Se foi?

Emilia dá de ombros.

— Talvez a maldição nunca tenha sido uma maldição. Pergunte à Mathilde. Ela tem várias ideias estranhas de vidente sobre isso. Mas olhe ali. — Emilia aponta por cima do ombro de Arsinoe.

Billy está nas bordas do acampamento improvisado, sua camisa em farrapos e um grande curativo em volta do seu abdômen. Mas ele está vivo.

E Arsinoe também. Ela vê o alívio e a felicidade tomarem conta do rosto dele enquanto ela segura Jules com força. Mas quando ela se levanta para ir até ele, ele dá um passo para trás.

Ele está indo embora, como disse que faria. E se ele a tocar de novo, ele não vai ter forças para ir. Então ela sorri, olhos molhados de lágrimas exaustas. Ele sorri também e ergue uma

mão.

— Até mais, Junior — sussurra ela.

A rainha da Legião

Nos dias e semanas que se seguem ao fim da Guerra das Rainhas, como ela viria a ser chamada, muitas mudanças acontecem na capital e por toda a Ilha. Jules se recuperou, com a ajuda de Arsinoe e Emilia, e aprendeu a andar com uma muleta. A maldição da legião de fato desapareceu e ela é a mesma de novo, e suas duas dádivas puderam florescer. Ela ainda não usa uma coroa, mas todos a chamam de Rainha da Legião.

Nem ela, nem seu Conselho se mudaram imediatamente para o Volroy. As grandes torres parecem representativas das rainhas que passaram, e Jules e a Rebelião não têm interesse em repetir os erros e a corrupção do passado. A linhagem das rainhas saiu demais de seu curso e agora o tempo das rainhas trigêmeas chegou ao fim.

Logo depois da batalha, Paola Vend e Renata Hargrove foram encontradas e colocadas em uma prisão temporária, junto de Genevieve Arron. De Antonin e Lucian Arron não houve rastros. Os rumores dizem que eles estão se escondendo em algum lugar de Prynn ou que eles fugiram totalmente da Ilha, agora que a névoa se dissipou e o caminho está livre.

Lentamente, a Rebelião se dissolveu. Soldados voltaram para suas casas para reconstruí-las. Os naturalistas e Cait e Ellis Milone deixaram a fortaleza de Sunpool para Wolf Spring enquanto os elementais voltaram para Rolanth. Mas nem todos abandonaram a cidade que eles ajudaram a construir e, atualmente, Sunpool é um local vibrante e de muitas dádivas.

Quanto à névoa, ela não está apenas em paz, mas se foi completamente. Ela não vai mais proteger a Ilha do mundo exterior. Fennbirn não ficará mais escondida dos viajantes do continente, e o verdadeiro teste da Rainha da Legião e seus conselheiros será navegar essa mudança.

Nas ruas silenciosas de uma manhã na capital, Arsinoe e Jules andam juntas como fazem com frequência, escapando da confusão. Elas precisam ir cedo, antes que alguém esteja lá para dividir as calçadas. Desde que Jules perdeu sua perna, Camden se recusa a andar na frente ou atrás. Ela insiste em ir apertada à lateral de Jules.

— Você está ficando muito boa com essa muleta — diz Arsinoe.

— Eu estava usando menos essa perna de qualquer forma. Ela nunca ficou igual depois de eu ter comido todo aquele veneno.

Elas descem até o porto e seguem para o norte ao longo das docas cheias de navios. Os barcos ainda ficam perto, não se arriscam a perder a ilha de vista, mas logo, logo os pescadores enfrentarão as águas profundas e mercadores vão ousar encontrar o continente.

Enquanto andam, elas erguem os olhos para os penhascos ao norte, onde uma chama alta queima, cercada por pedras pretas lisas e flores frescas. Um memorial para Mirabella. No telhado da Torre Oeste uma chama similar queima por Katharine.

Arsinoe se abaixa e coça entre as orelhas de Camden. Ela sente falta de Braddock. Ela não o vê desde que foi ao Chalé Negro logo depois da batalha. Ele ainda estava lá, com Willa, e lá ele vai ficar até que Willa acredite no que elas contaram sobre as rainhas e formalmente abandone seu posto.

— Quem você vai deixar encarregada enquanto estiver fora? — pergunta Arsinoe. — Luca?

— Por quê? Porque ela é a mais velha?

Arsinoe ri. As amigas de Mirabella, Bree e Elizabeth, voltaram para a capital com a Alta Sacerdotisa uma semana atrás.

— Não. Porque ela é mais amplamente popular.

— Ela tentou te matar, lembra? — diz Jules. — Com aquela trama durante a Aceleração.

— Mas não matou.

Jules franze a testa. Então sua expressão se abre e ela dá de ombros.

— Bem, de qualquer forma, eu pedi o conselho dela e ela não quis dar. Ela quer ficar com o templo. Quer ficar perto de Bree e Elizabeth. Eu acho que isso é tudo que ela quer.

— Tantas mudanças.

— E mais a caminho. Emilia quer viajar por todas as cidades com Mathilde para ouvir o que as pessoas estão dizendo. Ou talvez ela só mande Mathilde.

— Ela não quer te deixar.

Jules dá de ombros mais uma vez e cora.

— Como vocês duas estão? — pergunta Arsinoe. — As coisas estão…?

— Eu não vou me casar com nenhum continental, se é o que você está dizendo. — Jules respira fundo e para de andar, dando um leve salto para reajustar a muleta. — Eu não vou ser realmente uma rainha, sabe. Tudo vai ser diferente. Você vai ver.

— Você vai morar na capital quando voltarmos?

— Eu não sei. Eu queria ir para casa, para Wolf Spring. Emilia não quer abandonar Indrid Down tão rápido, mas ela ou Mathilde estarão sempre aqui. E eu quero estar perto de Fenn e Luke. Matthew e Caragh.

— Talvez você pudesse atrair Braddock para que ele more no campo perto da casa? — pergunta Arsinoe.

Elas chegam ao fim das docas e voltam. Elas podem dar uma passada na hospedaria da esquina para alguns ovos cozidos e pão fresco, como às vezes fazem. Ou caminhar pelo mercado e observar os comerciantes arrumando suas mercadorias. Acima delas, as torres altas e negras do Volroy se esticam para o céu, não mais um monstro projetando uma sombra cruel, mas apenas uma construção, e Indrid Down é só uma cidade, em vez de um ninho de inimigos.

— Você vem comigo até a praça? — pergunta Jules.

— Não esta manhã. Eu disse a alguém que ia ajudar com uma coisa.

— A Rainha Arsinoe ainda tem seus segredos.

Arsinoe ri. Ela dá um tapinha no dorso de Camden e sai, descendo por ruas e becos até estar de volta aos portões do Volroy. O garoto esperando por ela nos degraus sai das sombras.

Ele não ergue a mão para cumprimentá-la. Ele sequer tira suas mãos dos bolsos.

Ela se junta a ele sem dizer uma palavra e eles seguem pelo castelo silencioso, subindo as escadas para a Torre Oeste.

— Você tem certeza de que está pronto para isso? — Arsinoe pergunta, e como resposta, Pietyr respira fundo e sobe os últimos degraus de dois em dois, até sair para o telhado.

É sua primeira visita ao memorial de Katharine. As sacerdotisas que cuidam dele foram prestativas, o anel de pedras pretas foi arrumado com cuidado e as guirlandas de frutinhas e flores envenenadas estão frescas. Alguém até deixou um escorpião vivo em um vidro.

— A chama dela é alta — diz Pietyr, e Arsinoe olha para o norte.

Ali do alto, tão acima da cidade, as chamas de Mirabella e Katharine não parecem tão distantes, como se as irmãs estivessem juntas durante a queima.

— Nós lutamos tanto — diz ela. — E ainda assim, duas de nós estão mortas. Qual o objetivo?

— A luta — responde Pietyr com simplicidade. — A luta foi o objetivo. — Ele se abaixa, cotovelo apoiado em um dos joelhos enquanto observa a chama de Katharine. — Eu queria que queimasse para sempre.

— Eu também.

Mas nada é para sempre, é claro. Nem mesmo em Fennbirn, onde por uma era a névoa fez de refém o próprio tempo. Algum dia, as sacerdotisas deixarão os fogos se apagarem. Eles serão acesos de novo em dias de festivais ou em dias relembrando a batalha. E um dia não haverá mais chamas.

— Eu devia ter… — diz Pietyr e sua voz se perde. Arsinoe coloca a mão no ombro dele. Depois de alguns momentos, ele para de tremer e seca os olhos. — Eu devia ir para a praça. — Ele se levanta e respira lentamente. — Alguém precisa advogar pela soltura de Genevieve.

— Isso vai te tornar um pouco impopular com o novo Conselho.

Ele ri.

— Eu não acho que tinha outra chance de qualquer forma. — Ele se vira para ir e seus olhos marejam quando param no ponto em que Katharine caiu por cima da borda. Arsinoe sabe que ele está vendo aqueles últimos momentos em sua mente. Desejando que a tivesse agarrado, só por um segundo.

Então ele pisca e eles descem juntos as escadas.

— Você vem para a praça, Rainha Arsinoe? — pergunta ele quando chegam ao fim.

Ela geme.

— Pare de me chamar assim.

— Mas é o que você é. O que você vai sempre ser. Rainha Arsinoe. A última das verdadeiras rainhas de Fennbirn. Sua lenda e sua popularidade vão crescer. Talvez até superando a lenda da Rainha da Legião.

Ela não diz nada, e ele suspira, olhando de volta para as escadas.

— Eu queria poder fazer mais alguma coisa por ela — diz ele. — Algo além de cuidar da cobra dela. Eu odeio que ninguém sabia de verdade quem ela era, quão boa e surpreendentemente gentil. Quão esperta. Tudo que ela sempre quis era nos deixar orgulhosos. E a Ilha vai lembrar do reinado dela como o de um monstro.

— Não, não vão. Você está aqui. Você os fará lembrar.

— Como você pode dizer isso? Como alguém vai acreditar em mim depois do que ela fez?

— Eu não sei o que Katharine era depois que ela voltou da noite da Aceleração. Eu só sei

que, no fim, ela era minha irmã.

Pietyr enfia as mãos nos bolsos e se afasta.

— Ei — ela o chama por trás. — Desculpe ter te beijado.

Ele vira a cabeça, só o suficiente para que ela veja quão bem-definido é o maxilar dele.

— Não tanto quanto eu! — ele grita, e Arsinoe ri.

Epílogo

O navio balança suavemente sobre a água quando o resto dos mantimentos é trazido a bordo. Arsinoe passa seu peso de um pé para o outro, se equilibrando enquanto encara o horizonte. Pela primeira vez a ideia de deixar Fennbirn não a assusta. Navios foram e voltaram por semanas sem incidentes. E ela sente o laço entre ela e a Ilha, rompido e frouxo, bem dentro do seu peito.

— Talvez eu não devesse ir — diz Arsinoe quando Jules se junta a ela no parapeito. — Talvez seja cedo demais.

— Cedo demais para quê? O novo Conselho Negro está quase formado. As cartas que Mathilde manda da estrada são boas e tranquilas, bem a cara de Mathilde. Até Braddock está acomodado com vó Cait e Ellis. Você não tem mais desculpas. Você não tem mais desculpas há semanas.

— Você realmente me quer longe.

Jules ri.

— Se eu achasse que você está indo para sempre, eu estaria te trancando numa cela do Volroy em vez de me preparando para ir com você.

Camden se ergue para colocar as patas no parapeito e Arsinoe enterra o rosto no pelo da puma.

— E se ele não me quiser lá?

— Não consigo te ouvir quando você fala com o rosto na minha gata.

Arsinoe ergue a cabeça.

— E se eu detestar? É verdade, eu odeio lá.

Jules faz uma cara impaciente. Seus olhos se apertam ao ver movimento dentro do bolso de Arsinoe.

— O que é isso? — Ela olha dentro, e um pequenino pintinho manchado põe a cabeça para fora e pia.

— Netinho — responde Arsinoe. Ela acaricia as plumas macias. — Harriet chocou uns ovos um tempo atrás. Achei que Billy devia saber que é avô.

Jules ri.

— Para uma envenenadora, você é uma bela naturalista. — Ela se abaixa e o pintinho esfrega a cabeça no dedo dela. — A casa dele é em Fennbirn, você sabe. Então é melhor Billy aceitar a oferta para ser nosso embaixador. Nós vamos precisar dele se queremos reapresentar a Ilha para o mundo sem uma guerra.

Arsinoe arqueia a sobrancelha.

— Ele pode recusar se suspeitar que o único motivo para oferecermos é porque assim a família dele fica bem e nós podemos ficar juntos.

— Nós estamos pedindo a ele porque ele é o melhor. Nosso mais confiável aliado no continente.

— Nosso único aliado no continente.

Jules dá de ombros como se isso não fizesse qualquer diferença. E Arsinoe supõe que não faça mesmo. Se Billy concordar, eles podem ter tudo que quiseram. E ela não parece merecer isso.

— Como eu posso estar viva quando elas estão mortas, Jules?

— Como você pode perguntar isso? — Jules se apoia no parapeito e cutuca Arsinoe com a ponta da muleta. — Se Mirabella estivesse aqui, seu colete estaria pegando fogo agora.

— E Katharine?

— Ela te salvou. Não foi um acidente. Então, sim. Se ela estivesse aqui, ela não te faria pegar fogo, mas também não apagaria.

Arsinoe ri suavemente. É uma sensação estranha não ser mais necessária. Poder ir e estar certa de que Fennbirn nunca mais vai chamá-la de volta.

— A Ilha é meu lar, sabe, Jules? Eu não quero perder isso. Eu não quero perder você.

— Você nunca vai me perder. Mas você está livre. Você não é mais uma rainha; você pode ir e vir quando quiser. A Ilha sempre estará aqui. — Ela aperta o ombro de Arsinoe e ela e sua puma olham para o mar aberto. — Agora vamos buscar o seu garoto.

Agradecimentos

Obrigada a todos que vieram comigo para Fennbirn, que fizeram essa jornada com as rainhas ao longo de quatro romances e as acompanharam até o fim. Eu não consigo expressar a honra que foi ter vocês comigo e quão grata eu estou por ainda estarem aqui. Significa tanto para mim vocês terem vivido (e morrido), amado (e odiado) e ganhado e perdido com essas rainhas. Obrigada.

Caso você não tenha me ouvido gritando isso, minha agente, Adriann Ranta Zurhellen e minha editora, Alexandra Cooper, são as mais incríveis agentes e editoras que existem e eu vou brigar com você caso discorde. Aliás, Adriann e Alexandra, eu não sei como agradecer adequadamente. Eu vou tentar, mas que tal se eu comprar pôneis para cada uma? Eu acho que ficariam muito chiques neles e talvez fossem úteis para se locomover. Vocês duas são brilhantes. Eu estaria perdida sem seus sábios conselhos e capacidade impossível de tornar melhores minhas palavras terríveis sem me fazer chorar porque minhas palavras são terríveis.

Foram muitas, muitas pessoas que ajudaram esse último livro a tomar forma: Jon Howard, Robin Roy, Gweneth Morton, obrigada por seus olhos de águia, bom senso de trama e domínio da língua inglesa. Audrey Diestelkamp, Jane Lee, Tyler Breitfeller e Jace Molan, obrigada por serem profissionais de marketing incríveis, gigantes das redes sociais e também ótimas pessoas no geral. Alyssa Miele (parabéns, editora!), o que vamos fazer sem você? Olivia Russo, você é a relações públicas dos sonhos e eu estou tão feliz por ter podido me apoiar em você e te ligar tarde da noite quando tenho questões de viagem (embora eu tenha pedido desculpas por aquela ligação!). Sari Murray: obrigada por me aguentar enquanto Olivia está fora. ☺ Bess Braswell: você arrasa. É só tipo um fato. Aurora Parlagreco, Erin Fitzsimmons, Cat SanJuan, John Dismukes e Virginia Allyn: vocês tornaram essa série tão incrivelmente linda! Amy Landon, sua voz fez os audiolivros brilharem. Obrigada. Um enorme agradecimento para Rosemary Brosnan e toda a equipe da HarperTeen pelo apoio inacreditável.

Obrigada a todos na Foundry Literary + Media e a Kirsten Wolff e Allison Devereux, na Mackenzie Wolf.

Obrigada a Crystal Patriarche e Keely Platte, na BookSparks PR! Vocês são incríveis.

Obrigada a April Genevieve Tucholke por encorajar mensagens e sempre estar disposta a ir até um local para escape.

Obrigada a Susan Murray por se lembrar das minhas personagens quando você não se lembra de nenhuma outra, exceto as de *Viva! A babá morreu*.

Obrigada aos meus pais, por me criarem e garantirem que eu não morresse e essa coisa toda. E também pelos cozidos deliciosos.

E, como sempre, obrigada a Dylan Zoerb, pela sorte.

Não perca os outros
livros da série
Três coroas Negras

@editoraAlt

@editoraalt

www.facebook.com/globoalt

Copyright do texto © 2019 by Kendare Blake
Copyright da tradução © 2020 by Editora Globo S.A.

Publicado originalmente pela HarperTeen, uma marca da HarperCollins Publishers
Direitos de tradução negociados por Foundry Literary + Media Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação *etc*. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Five Dark Fates*

Editora responsável **Veronica Gonzalez**
Assistente editorial **Lara Berruezo**
Diagramação **Douglas Kenji Watanabe**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Revisão **Vanessa Sawada e Marcela Isensee**
Capa **Catherine San Juan**
Arte da capa **John Dismukes**
Produção do e-book **Ranna Studio**
Revisão do e-book **Marina Pastore**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B568c
Blake, Kendare
Cinco destinos sombrios / Kendare Blake; tradução Isadora Sinay. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Globo Alt, 2020.
23 cm. (Três coroas negras; 4)

Tradução de: Five dark fates Sequência de: Dois reinos sombrios
ISBN 978-65-88131-00-8

1. Ficção. I. Sinay, Isadora. II. Título. III. Série.

20-65720 CDD: 895.73
CDU: 82-3(519) Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

1ª edição, 2020

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
R. Marquês de Pombal, 25
20.230—240 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil
www.globolivros.com.br